John Carter Brown
Library
Brown University

VIEIRA
ABBREVIADO
TOMO II.

VIEIRA ABBREVIADO

EM CEM DISCURSOS

MORAES, E POLITICOS,

DIVIDIDOS EM DOUS TOMOS.

AUCTOR

ANSELMO CAETANO MUNHOZ
DE AVREU GUSMAM E CASTELLOBRANCO,
Doutor pela Univerſidade de Coimbra, e Familiar do ſanto Officio.

OFFERECIDO

AO SENHOR

FRANCISCO DE ALMEIDA JORDAM,

Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, Doutor pela Univerſidade de Coimbra &c.

POR

MANOEL DA CONCEIC,AM.

TOMO II.

LISBOA.
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impreſsor do Eminentiſſimo Senhor Cardeal Patriarca.

M. DCC. XLVI.

Com as licenças neceſſarias, e privilegio Real

A' cuſta de Manoel da Conceiçaõ, Livreiro do Eminentiſſimo Senhor Cardeal Patriarca: vendeſe na ſua logea na rua direita do Loreto.

AO SENHOR

FRANCISCO DE ALMEIDA JORDAM

Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, Doutor pela Univerſidade de Coimbra &c.

O P. *Antonio Vieira abbreviado vay procurar na peſſoa de v. m. hum dos ſeus gran-*

grandes apaixonados, e defensores. Naõ merece menos por abbreviado, porque soube o seu compilador reduzir todo aquelle superior espirito a pequeno volume. Este foy o milagre da arte fazer hum compendio de huma obra immensa pela sua qualidade. V. m. como taõ venerador daquelle fecundissimo engenho, naõ ha de estranhar esta minha offerta, porque sei qual he a veneraçaõ, e o respeito, que tem a este Auctor, pois naõ contente de ter todas as suas obras impressas, só das manuscritas

tem

tem ſeis volumes, que a ſua curioſidade ſoube ajuntar com igual diſpendio. Neſta douti ſſima collecçaõ moſtra v. m. o quanto he amigo de theſouros literarios, de que lhe tem dado a poſſe aperfeita intelligencia da lingua Franceza, e a inclinaçaõ, que lhe devem os fructos daquelle elevadiſſimo entendimento. A verdade he, que quem naõ ſabe a arte, naõ a eſtima, e que v. m. naõ julga pelo que ouve, ſenaõ pelo que entende. Eſtudou v. m. na Univerſidade de Coimbra, e fez os ſeus Actos literarios

com

com tanto magiſterio, como ſe houveſſe de ſer Meſtre. Fortuna grande ſeria dos diſcipulos, porque teriaõ na excellencia do Meſtre o primeiro, e o mais nobre motivo para eſtudarem; mas ſe na Univerſidade podia ſervir a alguns com o ſeu trabalho, traduzio para utilidade de todo Portugal a Arte Legal, a que fez excellentes addiçoens, dando huma breve, mas importante noticia das noſſas Ordenaçoens. Agora offereço a v. m. em Vieira abbreviado mais huma occaſiaõ, em que lhe liſonjee o goſto,

goſto , e para que veja que póde o engenho humano comprehender em huma pequena concha hum mar profundiſſimo de erudiçaõ. Deos guarde a v. m.

Mayor venerador de v. m.

Manoel da Conceiçaõ.

IN-

INDICE
DOS DISCURSOS,

Que contém este segundo tomo.

Comer, pag. 155.

M.

Mandar, e servir, Discurso LIII. *pag.* 1.
Merecimentos, Discurso LIV. *pag.* 16.
Mentira, Discurso LV. *pag.* 17.
Morte, Discurso LVI. *pag.* 24.
Morte, Discurso LVII. *pag.* 41.
Mortos, Discurso LVIII. *pag.* 55.
Mundo, Discurso LIX. *pag.* 64.

N.

Nascimento, Discurso LX. *pag.* 68.
Nascimento, Discurso LXI. *pag.* 71.
Nada, Discurso LXII. *pag.* 75.
Necessidade, Discurso LXIII. *pag.* 85.

O.

Obras, Discurso LXIV. *pag.* 96.
Olhos, Discurso LXV. *pag.* 97.
Opprimaõ, Discurso LXVI. *pag.* 100.
Ouro, Discurso LXVII. *pag.* 101.

P.

Paõ, Discurso LXVIII. *pag.* 112.
Passamento, Discurso LXIX. *pag.* 119.
Paz, Discurso LXX. *pag.* 140.
Paz, Discurso LXXI. *pag.* 140.
Peccado, Discurso LXXII. *pag.* 147.
Peixes, Discurso LXXIII. *pag.* 148.

Per-

Pertendentes, Discurso LXXIV. pag. 167.
Pertençoens, Discurso LXXV. pag. 188.
Pertendentes consolados, Discurso LXXVI. p. 195.
Pedir, Discurso LXXVII. pag. 211.
Peregrinaçaõ, Discurso LXXVIII. pag. 212.
Presença, Discurso LXXIX. pag. 213.
Primazia, Discurso LXXX. pag. 214.
Profetas, Discurso LXXXI. pag. 215.
Prégadores, Discurso LXXXII. pag. 220.

Q.

Querer, e poder, Discurso LXXXIII. pag. 250.

R.

Recreaçaõ, Discurso LXXXIV. pag. 265.
Religiaõ, Discurso LXXXV. pag. 266.
Religiosos, Discurso LXXXVI. pag. 287.
Resoluçaõ, Discurso LXXXVII. pag. 293.

S.

Sabios, Discurso LXXXIX. pag. 295.
Sacerdotes, Discurso XC. pag. 307.
Segredo, Discurso XCI. pag. 317.
Soldados, Discurso XCII. pag. 321.
Soledade, Discurso XCIII. pag. 330.
Sonho, Discurso XCIV. pag. 348.

T.

Tributos, Discurso XCV. pag. 351.
Tristeza, Discurso XCVI. pag. 356.

V.

Validos, Discurso XCVII. pag. 374.
Validos, Discurso XCVIII. pag. 387.
Uniaõ, Discurso XCIX. pag. 396.
Velhice, Discurso C. pag. 401.

VIEIRA
ABBREVIADO
TOMO II.

DISCURSO LIII.

Tirado de hum ſermaõ de S. Roque prégado na Capella Real, elogiando nelle ao meſmo Santo por naõ querer mandar, nem ſervir aos homens.

MANDAR, E SERVIR.

531 AO homem felo Deos para mandar, aos brutos para ſervir. E ſe os brutos ſe rebellaraõ contra Adaõ, e naõ quizeraõ ſervir ao homem, ſendo taõ inferiores, triſte, e miſeravel condiçaõ he haver hum homem de ſervir a outro, ſendo todos iguaes. A primeira vez, que ſe profetizou neſte mundo haver hum homem de ſervir a outros, foy com o nome de maldiçaõ. Aſſim fadou Noe a ſeu neto Canaan em caſtigo do pay, e mais do filho. Ainda entaõ ſe naõ ſabia Part. 4. Num. 496.

no mundo, que couſa era ſervir, entaõ ſe começou a entender a maldiçaõ pelo delicto, e a miſeria pelo caſtigo. Meyos homens chamou depois o Poeta Lyrico aos que ſervem, e diſſe bem. Toda a nobreza, e excellencia do homem conſiſte no livre alvedrio, e o ſervir, ſe naõ he perder o alvedrio, he cativallo.

Num. 497. 532 A mayor prova, a mayor experiencia, o mayor exame, e o mayor encarecimento da paciencia, e ſoffrimento humano he pôr Deos huns homens ſobre a cabeça de outros: *Impoſuiſti homines ſuper capita noſtra*; porque os que eſtaõ de cima, ſaõ os que mandaõ; os que eſtaõ debaixo, ſaõ os que ſervem, e ſendo os que ſervem iguaes aos outros por natureza, que eſtes os tragaõ ſobre a cabeça, e que elles os metaõ debaixo dos pés: *Homines ſuper capita noſtra*, nem toda a penitencia dos Confeſſores iguala eſta dor, nem todos os tormentos dos Martyres eſte martyrio. Onde a noſſa Vulgata lê: *Impoſuiſti homines ſuper capita noſtra*, no original Hebreo eſtá: *Equitare feciſti homines ſuper capita noſtra*: Fizeſtes, Senhor, para provar a noſſa paciencia, que os homens andaſſem a cavallo ſobre as noſſas cabeças. Vede, ſe vay muito de huma couſa a outra. De ſorte que aos miſeraveis, que ſervem debaixo, naõ ſe contentaõ os que ſerraõ de cima de os pizar com ſeus pés, ſenaõ tambem com os dos cavallos: *Equitare feciſti homines ſuper capita noſtra.* Se me perguntarem porém, onde podem ſucceder taes caſos, que homens tratem aſſim a homens, e a homens, que os ſervem, reſpondo, que nas Cortes.

Pſ. 65. 12.

Num. 498.

533 Para intelligencia deſta verdade (de que baſtava por prova a experiencia) havemos de ſuppor, que nas Cortes, por chriſtaõs, e chriſtianiſſimas

que

que sejaõ, naõ basta só ter a graça do Principe supremo, senaõ se alcança tambem a dos que lhe assistem. Esta he a primeira suppoſiçaõ da guerra, que padecem, ou podem padecer nas Cortes ainda os homens, que melhor servem, se tem outros sobre si: *Imposuisti homines super capita nostra.*

534 Mas quaes saõ os que os pizaõ naõ só com os seus pés, senaõ com os de seus cavallos: *Equitare feciſti?* He certo, que naõ saõ os Reys; porque os pés Reaes naõ pizaõ, nem magoaõ; honraõ, e authorizaõ. Por isso se lançaõ a seus pés os vassallos, e quanto mayores, e mais dignos, mais lhe metem debaixo dos pés as cabeças. Lá disse Tertulliano, que Minerva calçava na cabeça o capacete: *Minerva calceans galeam.* Assim he o calçado dos Reys. Os seus çapatos naõ pizaõ, coroaõ. Quaes saõ logo os que pizaõ taõ honradas cabeças, como aquellas, entre as quaes se contava a de David, e naõ só com os seus pés, senaõ com os dos seus cavallos: *Equitare feciſti homines ſuper capita noſtra?* Num. 499.

535 Aqui entra agora a segunda, e mais lastimosa suppoſiçaõ, e menos digna de se crer, senaõ dissera Salamaõ, que a vio com seus olhos: *Vidi ſervos in equis, & Principes ambulantes ſuper terram:* Vi os servos a cavallo, e os Principes a pé. Sem duvida, que isto vio Salamaõ profeticamente, quando vio apeado a Roboaõ seu filho, e a Jeroboaõ seu servo entronizado. E em outros Reynos quando acontece isto mesmo? Bem he que o perguntemos, pois naõ vemos no nosso esta desgraça, que bastara a corromper todas as suas felicidades. Acontece isto, quando o Principe, a quem toca ter as redeas na maõ, por desidia, e negligencia as larga, e entrega ao ser- Eccl. 10. 7.

vo. Entaõ he, que o ſervo montado a cavallo, vendoſe impoſto ſobre as cabeças dos homens, naõ ſó as piza a dous pés, ſenaõ a quatro. Diga-o Mardocheo debaixo de Aman no Reyno de Aſſuero, e Daniel com os Satrapas no de Nabuco, e Dario. Em taes tempos em vez de os homens ſervirem glorioſamente aos Reys, ſaõ ignominioſamente ſervos dos ſervos, e padecem ſem lhe valer a cor do roſto (onde ſó lhe faltaõ os ferretes) a maldiçaõ de Canaan, que hoje ſe cumpre nos Cafres, e nos Ethiopes: *Maledictus Chanaan, ſervus ſervorum erit fratribus ſuis.* Veja hum eſpirito generoſo ſe ha de ſujeitar a ſua cabeça, ou expôlla por nenhum preço a ſemelhantes abatimentos.

Num. 502. 536 Grandes razoens para naõ ſervir a homens, e muito mayores para naõ mandar homens. E porque? Porque mayor ſervidaõ he mandallos, que ſervillos. Fallando ElRey Antigono com o Principe ſeu filho ſobre a adminiſtraçaõ, e governo do Reyno, de que o havia de deixar por herdeiro, admirado o generoſo moço de tamanhas obrigaçoens, e encargos, refere Eliano, que lhe diſſe o pay: *An non noviſti, fili mi, Regnum noſtrum eſſe nobilem ſervitutem?* Ainda naõ ſabias, filho meu, que o noſſo reynar naõ he outra couſa, ſenaõ huma ſervidaõ honrada? Honrada diſſe, e com grande juizo; porque a ſervidaõ dos ſervos he ſervidaõ ſem honra, e por iſſo menor, e menos pezada; mas ſobre o pezo da ſervidaõ haver de ſuſtentar tambem o da honra, he muito mayor ſujeiçaõ, e muito mais pezada carga. He ſervir á fama, e ás bocas dos homens, cujos goſtos ſaõ taõ varios, e taõ eſtragados, que até o meſmo maná os enfaſtia. Se hum homem naõ póde ſervir

Num. 503.

vir a dous, como poderá servir a tantos mil? A cada homem deo Deos hum Anjo da guarda, e naõ mais que hum homem a cada Anjo: e se hum Anjo, que move, e governa com tanto concerto, e ordem todo o Ceo das estrellas, naõ basta para guardar hum homem de si mesmo, e governar ordenada, e concertadamente a hum homem entre os outros; como bastará hum só homem para conter dentro das leys, e manter em justiça a tantos homens? Naõ sabe o que saõ homens quem isto naõ considera, e penetra.

537 Os Filosofos antigos chamaraõ ao homem mundo pequeno; porém S. Gregorio Nazianzeno melhor Filosofo, que todos elles, e por excellencia o Theologo, disse que o mundo comparado com o homem he o pequeno, e o homem em comparaçaõ do mundo o mundo grande: *Mundum in parvo magnum.* Naõ he o homem hum mundo pequeno, que está dentro do mundo grande; mas he hum mundo, e saõ muitos mundos grandes, que estaõ dentro do pequeno. Num. 504.

538 Baste por prova o coraçaõ humano, que sendo huma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza, e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem póde ser capaz de governar toda esta machina do mundo; que difficuldade será haver de governar tantos homens, cada hum mayor, que o mesmo mundo, e mais difficultoso de temperar, que todo elle? A demonstraçaõ he manifesta; porque nesta machina do mundo, entrando tambem nella o Ceo, as estrellas tem seu curso ordenado, que naõ pervertem já mais, o Sol tem seus limites, e tropicos, fóra dos quaes naõ passa: o mar, com ser hum monstro indomito, em chegando ás areas pára:

as arvores, onde as poem, naõ ſe mudaõ: os peixes contentaõſe com o mar: as aves com o ar: os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monſtro, ou chimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna ſe contenta, nenhuma ambiçaõ, ou appetite o farta, tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde, e como he mayor, que o mundo, naõ cabe nelle.

539 Grande exemplo no meſmo mundo, naõ cheyo, como hoje eſtá, mas vazio, e deſpovoado, com os filhos de Adaõ, e Noé. A Adaõ deolhe Deos o imperio ſobre todo o mundo, ſobre os peixes, ſobre as aves, ſobre os animaes da terra, e naõ pode governar em paz dous homens, e eſſes irmaõs, ſem que hum mataſſe ao outro. Noé governou todos os animaes, e conſervou-os pacificamente dentro em huma arca, e fóra della naõ pode governar tres homens, ſem que hum o naõ deſcompuzeſſe, e affrontaſſe, ſendo todos tres ſeus filhos. Vede ſe he mais pezada ſervidaõ, e mais difficultoſa a de governar, e mandar homens, que a de ſervir? Quem ſerve, como naõ póde ſervir mais que a hum, ſujeitaſe a huma ſó vontade; mas quem manda, como ha de governar a todos, ha de ſujeitar a ſi as vontades de todos, e eſſas naõ de filhos, em que he natural a obediencia, e o amor, nem de irmaõs entre ſi, em que as qualidades ſaõ iguaes, e as naturezas ſemelhantes; mas de tantas, e taõ diverſas condiçoens, como ſaõ nelles os roſtos, e os intentos.

540 Daqui ſe ſegue, que o que ſerve, por dura que ſeja a ſua ſervidaõ, ſempre tem horas de alivio, e de deſcanſo; o que manda, nenhuma: *Ut Sol ſtare neſcit, ita tu Imperator*, diſſe Pacato em hum panegy-

negyrico ao Imperador Theodosio Magno: Assim como o Sol nunca pára, assim vós, ó grande Imperador, e por isso grande. Fez Deos ao Sol Principe do mundo: *Luminare maius, ut præesset diei*: e desde o dia, em que lhe deo este officio até hoje, naõ descansou hum momento. Taõ grande trabalho he ser Sol, e taõ grande a sua sujeiçaõ, posto que em lugar taõ alto: huma inquietaçaõ perpetua, hum movimento continuo, hum correr, e rodear sempre, e dar mil voltas ao mundo sem descansar, nem parar já mais. Quando dizemos, que o Sol se poem, he engano; porque entaõ se parte a governar os antipodas. Gen. 1. 16.

541 Naõ vamos buscar a prova da semelhança mais longe, pois a temos de casa, e nos nossos Reys mais propria, que em nenhum outro do mundo. Quando os vassallos dormem, e descansaõ, parece que hum Rey de Portugal faz o mesmo depois do governo, e trabalho de todo o dia, e naõ, he senaõ, que passou aos antipodas. Lá anda com o pensamento, e com o cuidado pela China, pelo Japaõ, pelos Reynos do Idalcaõ, do Samori, do Mogor, pelo Cabo de Boa Esperança, pelo de Comori, pelos Javas, pelos mares, e costas da Africa, da Asia, e da America, visitando armadas, e fortalezas, compondo pazes, abrindo cõmercios, e meditando sempre augmentos do Reyno de Deos, e do seu, sem outra quietaçaõ, ou descanso mais, que apparente aos olhos; porque o Sol naõ tem verdadeiro occaso. O relogio, que he o substituto do Sol na terra, naõ soa, nem se ouve por fóra, senaõ a certos tempos; mas nem por isso está ocioso, ou quieto, sempre os pezos estaõ a carregar, sempre as rodas estaõ a moer: e taes saõ os cuidados do Principe de dia, e

de noite. Para os ſubditos, que obedecem, e ſervem, ha differença de dias, e noites, para o Principe, que governa, e manda, ſempre he de dia. Aſſim o dizia hum Rey dos ſeus cuidados: *Noctem verterunt in diem.*

542 Entre o ſenhor, que manda, e os ſubditos, que ſervem, ha a meſma differença, que entre o coraçaõ, e os ſentidos. Dorme o homem, e todos os ſentidos deſcanſaõ: os olhos naõ vem, os ouvidos naõ ouvem, a lingua naõ falla, e aſſim os demais; mas ſe neſſe meſmo tempo a eſſe meſmo homem lhe puzerdes a maõ ſobre o peito, vereis como eſtá batendo nelle, e palpitando o coraçaõ: e ſe tornardes depois huma, e muitas vezes, e a qualquer hora, ſempre o haveis de achar no meſmo movimento. Pois os ſentidos iguaes na baixeza aos dos brutos, dormindo a ſono ſolto, e o coraçaõ principio da vida, e nobiliſſima parte do homem, ſempre velando ſem deſcanſar já mais? Sim; que iſſo he ſer coraçaõ. O coraçaõ da Republica he quem a manda, e governa, e quando a meſma Republica lhe deo a ſoberania deſſe cuidado, depoſitou nelle todos os ſeus cuidados. Elle ha de cuidar ſem deſcanſo, para que todos deſcanſem, e vigiar, para que todos durmaõ: *Ego dormio, & cor meum vigilat*, dizia Salamaõ: e o leaõ Rey dos animaes dorme com os olhos abertos. Vigiar, quando todo o corpo dorme, he ſer coraçaõ entre os ſentidos, e ſer leaõ entre os animaes: vigiar como o coraçaõ, quando todo o corpo dorme, he ſer leaõ entre os animaes, e Salamaõ entre os homens. Eſta differença faz o ſono dos Principes ao dos outros homens, que os Reys cuidaõ dormindo, e dormem cuidando.

Cant. 5. 2.

Part. 7. Num. 552.

543 O ſono dos Reys he hum ſono deſvelado, he

he hum dormir cuidadoſo, hum deſcanſar inquieto, hum deſattender advertido, hum deſcuidarſe vigiando. Nos outros homens o ſono he prizaõ dos ſentidos: nos Reys he diſſimulaçaõ ſómente. Por iſſo ao leaõ lhe deraõ o imperio dos animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe naõ fizeſſe ſentinella o coraçaõ: *Ego dormio, & cor meum vigilat*, dizia o Rey mais ſabio.

544 Dormindo eſtava Faraó, quando vio aquelle ſonho admiravel das ſete vacas fracas, que comiaõ as ſete robuſtas, em que ſe ſignificavaõ os ſete annos de fartura, e os outros ſete de fome, que haviaõ de ſucceder no Egypto. Era Rey, por iſſo lhe inquietavaõ o ſono eſtes cuidados. Quatorze annos antes levava Faraó adiantado o governo de ſeus vaſſallos, e já entaõ ſonhava com ſeus bens, e o deſvelavaõ ſeus males. Iſto he dormir como Rey. Cant. 5. 2. Gen. 41.

545 Nos outros homens o ſono he huma morte: nos Principes o ſono ſaõ duas vidas. Faraó acordado vivia no tempo preſente; dormindo vivia no preſente, e mais no futuro: no preſente por duraçaõ, no futuro por cuidado. Mais vivia Faraó dormindo com os olhos fechados, que acordado com os olhos abertos: acordado com os olhos abertos via o que já era; dormindo com os olhos fechados via o que ainda naõ era, ſó porque havia de ſer. Fechou os olhos para dobrar a eſfera da viſta. Com os olhos abertos via poucos eſpaços de lugar, com os olhos fechados alcançava grandes diſtancias de tempo. Aſſim dormia o Rey do Egypto Faraó. E o Rey dos Aſſyrios Nabuco como dormia? Dormia ſonhando com o ſeu Reyno, e com os eſtranhos.

546 Vio Nabucodonoſor aquella prodigioſa eſtatua, Num. 554. Dan. 2.

tatua, que repreſentava os quatro Imperios dos Aſſyrios, dos Perſas, dos Gregos, e dos Romanos: o corpo eſtava deſcuidado com os ſentidos prezos, e a alma andava cuidadoſa levantando, e derrubando eſtatuas, fantaſiando Reynos, e Monarchias. Mais fazia Nabucodonoſor dormindo, que acordado; porque acordado cuidava no governo de hum Reyno, e dormindo imaginava na ſucceſſaõ de quatro. Pois ſe Nabuco era Rey dos Aſſyrios, quem o metia com o Imperio dos Perſas, com o dos Gregos, com o dos Romanos? Quem? A obrigaçaõ do officio, que tinha. Era Rey, e quem quer conſervar o Reyno proprio, ha de ſonhar com os eſtranhos. Do Reyno proprio ha de ter cuidado, e os Reynos alheyos lhe haõ de dar cuidado. Ninguem governou bem o ſeu Reyno, que naõ attendeſſe ao governo de todos. O bom Rey tem por eſfera o mundo: he Rey do ſeu Reyno pelo dominio, e Rey de todos os Reynos pelo cuidado. Muito me admirou ſempre na fabrica do leito de Salamaõ, que os traveſſeiros, em que havia de inclinar a cabeça, os fizeſſe de ouro: *Reclinatorium aureum, aſcenſum purpureum*: A ſubida de purpura, mas a cabeceira de ouro. Pareceme iſto com o que cuidaõ os ruſticos, que os Reys dormem em lançoes de brocado. Traveſſeiros de ouro ſaõ ricos, e precioſos, ſim; mas muito duros, muito frios, e muito deſagaſalhados. Quanto melhor he huma manta no Buffaco, ou huma cortiça na Arrabida? Porém Salamaõ com toda a ſua ſabedoria naõ ſoube traçar á cama dos Reys outra cabeceira mais branda; porque naõ era feita para conciliar o ſono, ſenaõ para o inquietar. Aſſim dormia inquieto Faraó, ſonhando nos ſete annos de fartura do ſeu Reyno,

Part. 4. Num. 507.

Cant. 3. 10.

Reyno, e nos fete da fome. Affim dormia inquieto Nabucodonofor, fonhando na duraçaõ de fua Monarchia, e das tres, que lhe haviaõ de fucceder. E até Joſeph, a quem Deos hia creando para mandar, e fer Principe, em quanto os lavradores feus irmaõs repouſavaõ, elle fendo de menos annos, naõ podia dormir quieto: lá andava fonhando com as paveyas, e com as eſtrellas, revolvendo no penſamento o Ceo, e mais a terra. A purpura podemna deſpir os Principes, quando ſe deitaõ; mas os cuidados, que os deſvelaõ, naõ podem. Quando a Chriſto no Pretorio de Pilatos o fizeraõ repreſentar a figura de Rey, coroaraõno de eſpinhos; e veſtiraõno de purpura. E notou advertidamente S. Paſchaſio, que a purpura tornaraõlha a deſpir, mas a coroa de eſpinhos nunca a largou da cabeça: *Porro ſpinas, quas capite geſtavit, non mutavit, nec alicubi tranſpoſuit.* As eſpinhas ſaõ os cuidados, como lhe chamou o meſmo Chriſto, e a quem he Rey, ou o repreſenta no mando, ſempre eſtas eſpinhas lhe eſtaõ picando a cabeça, ſempre lhe eſtaõ roendo os penſamentos, ſempre lhe eſtaõ inquietando os ſentidos, ſem o deixar deſcanſar, nem dormir.

547 Aos que ſervem naõ ha ſenhor taõ tyranno, que lhes naõ permitta horas de deſcanſo: aos que mandaõ, he tal a tyrannia do meſmo mandar, que ſe naõ tomaõ por alivio os meſmos cuidados, (como diz Tacito de Tiberio) nem hora, nem momento lhe conſentem de quietaçaõ, e repouſo. Só poderá replicar contra o encarecimento deſtes dictames, poſto que verdadeiros, o deſuſo, e deſprezo delles, e o ſer ordinario no mundo tomarſe do mando a parte ſó do poder, da mageſtade, e da grandeza, e deixarſe a do Num. 508.

do pezo, e a dos cuidados com pouca, ou nenhuma attençaõ mais que ao deſcanſo, á delicia, ao regalo, e a todos os antojos do appetite livre, e poderoſo: em fim a igualar as indulgencias da ſuprema fortuna com os goſtos, e prazeres da vida; porque ſe os que tem o mando, fazem, e padecem quanto o meſmo mando os obriga, dura, e triſte ſervidaõ he a ſua; e ſe o naõ fazem, nem o querem padecer, ainda hé mais triſte, e mais dura.

548 Eſta foy a conſideraçaõ, com que Pipino em França, Rachiſio em Italia, Sigiberto em Inglaterra, Trebellio em Bulgaria, Henrique em Chipre, Joaõ em Armenia, Ludovico em Sicilia, Ramiro em Aragaõ, Veremundo em Caſtella, eſta foy, digo, a conſideraçaõ, da qual fortiſſimamente convencidos eſtes, e outros Principes, ou ſendo Reys, renunciaraõ as coroas, ou ſendo filhos de Reys, as heranças, elegendo antes ſer ſubditos, e ſervir em huma Religiaõ, que mandar, e ſer ſenhores do mundo.

Num. 513. Num. 514. 549 Vede, ſe ſaõ loucos todos, os que querem mandar homens, ou ſervir a homens. O ſervir, e o mandar ambos começaraõ juntamente no dominio de Membroth. Nelle começou o imperio, e com elle a ſervidaõ. Aſſim o nota S. Jeronymo: *Quia hic primus fuit, qui alios ſibi ſervire coegit.* E eſte dominio de Membroth quando começou? Segundo a mais certa chronologia começou no anno de 1932. da creaçaõ do mundo, que foy o meſmo anno, em que naſceo Abrahaõ. Agora noto eu, e he couſa muito digna de ſe advertir, que quando começou o mandar, e o ſervir, entaõ ſe encurtaraõ as vidas dos homens, porque dalli por diante, como conſta da ſagrada Eſcritura, raros foraõ os que chegaraõ a cem annos,

annos, e rariſſimos os que os excederaõ. De ſorte que antes de haver no mundo ſervir, nem mandar, viviaõ os homens oito centos, nove centos, e mais annos; porém depois que eſtas duas peſtes entraraõ no mundo, depois que os homens começaraõ huns a mandar, e outros a ſervir, nenhum houve, a quem a morte naõ tiraſſe as ſete, ou as oito partes da vida. E verdadeiramente, que ſe os trabalhos, e os deſgoſtos mataõ, naõ he muito, que o ſervir, e o mandar ſejaõ enfermidades mortaes.

550 Mas porque o ſervir a Deos, e o ſervir aos homens tudo tem nome de ſervir, vejamos quanta he a differença, que ha entre hum ſervir, e outro ſervir, para que todos os que ſervem, e os que mandaõ, queiraõ antes ſervir a Deos, e ſó a Deos. Os homens quando mandaõ, (e mais ſe tem o mando ſupremo) ou ſeja ingratidaõ natural, ou ſoberania, nem eſtimaõ, nem pagaõ os ſerviços, que ſe lhe fazem, como deveraõ; porque cuidaõ, que tudo ſe lhe deve. Pelo contrario Deos, a quem devemos tudo o que temos, e tudo o que ſomos, nenhuma couſa manda, a cuja remuneraçaõ ſe naõ obrigue como devedor. Os homens nas ſuas leys, ſe mataſtes, ou furtaſtes, caſtigaõvos; mas ſe naõ matais, nem furtais, naõ vos daõ por iſſo nada. Naõ aſſim Deos. Naõ ſó vos remunera, quando fazeis o que vos manda fazer, ſenaõ tambem quando naõ fazeis o que vos manda que naõ façais. Os homens, quando pagaõ, ou cuidaõ que pagaõ os ſerviços, que lhes fizeſtes, elles ſaõ os que os avaliaõ. O eſtylo de Deos em remunerar a quem o ſerve, vede quaõ differente he. Nós ſomos os que avaliamos, e elle o que paga. Os homens para fazer as merces olhaõ para o naſcimento de quem

Num. 515.

Num. 516.

Num. 517.

Num. 518.

quem os ſervio: Deos ſó reſpeita, e faz caſo do ſeu merecimento, e das acçoens de cada hum, e nenhum do naſcimento. Os naſcimentos levaraõ as cõmendas dos homens, as de Deos ſó para o merecimento as tem guardadas.

Num. 519. 551 Os homens, a quem os ſerve, medemlhe os merecimentos pelos annos: Deos mede-os pelos coraçoens. Os homens medindo os merecimentos ſó pelos annos, fazem huma grande injuſtiça; porém Deos, que he juſtiſſimo, mede-os ſó pelos coraçoens; porque elle ſó os vê. Oh ſe os homens viſſem os coraçoens, quaõ individados ſe acharíaõ os de muitos, que cuidaõ, que os ſervem pouco! Por iſſo ſó

Num. 520. ſe póde ſervir a quem vê o coraçaõ. Os homens, a quem ſervis, podem pouco, e querem menos: ſe quizeſſem dar muito, naõ podem, e eſſe pouco, que podem, naõ querem. Deos pelo contrario póde tudo, e ſempre quer. Quando os homens pedem aos homens, ainda que ſejaõ Reys, pedem huns pobres a outros: ſó quando pedem a Deos, pedem a quem verdadeiramente he rico. Os Reys quando muito ſaõ ricos para alguns, Deos he rico para todos.

Num. 521. 552 Os homens (já que fallamos nos ſeus poderes) ſe deres por elles a vida, ainda que ſejaõ Reys, e Monarcas, aſſim como elles vo la naõ deraõ, aſſim vo la naõ podem reſtituir; e Deos, ſendo elle o que vos deo a vida, ainda que vós a naõ deis por elle, ſe a empregardes em ſeu ſerviço, davos pela temporal a eterna. Os Reys chamaõſe ſenhores da vida; porque com juſtiça, ou ſem ella a podem tirar; mas dalla nem a ſeus filhos, nem a ſi meſmos podem. Só Deos he verdadeiro ſenhor da vida, porque a dá no naſcimento, porque a conſerva na duraçaõ, porque a reſuſcita

ſuſcita depois da morte, e a eterniza na patria. Vede a differença da voſſa meſma vida ſantificada a Deos, ou aos homens: ſe a dais por amor de Deos, ficais bemaventurado: ſe a dais por amor dos homens, ficais morto. Os que a déraõ por amor de Deos, ſaõ os que adoramos naquelles altares: os que a déraõ por amor dos homens, os que pizamos neſſas ſepulturas.

353 Os homens (para que fallemos tambem pela ſua boca, e naõ ſó pela divina) quando vos haõ miſter, ſois ſeu; quando os haveis miſter, ſois voſſo. Aſſim o cantou ao ſom do Lima aquelle grande, e deſenganado eſpirito, que por naõ ver as ribeiras do Tejo fugio dellas para taõ longe. Quando te haõ miſter, es ſeu, quando os has miſter, es teu, que naõ tens donos entaõ. E Deos pelo contrario he taõ bom Senhor, e taõ bom dono, que naõ havendo miſter a ninguem, quando nos faz merce de ſe querer ſervir de nós, ſomos com grande honra ſeus: e quando nós o havemos miſter (que ſempre havemos) nunca deixa de ſer noſſo. Num. 522.

554 Finalmente os homens, a quem ſervimos, poſto que ſejaõ Reys, ſaõ mortaes, e lhe ſuccedem outros; porém Deos, quando naõ tiveramos outras obrigaçoens de o ſervir, ſó por ſer immortal, e ſempre o meſmo ſem outro, que lhe haja de ſucceder, o deveramos ſervir ſó a elle. Entenderaõ iſto tanto aſſim muitas naçoens, que na morte dos Reys ſe ſepultavaõ com elles os ſeus criados, naõ ſó por fineza do muito, que os amavaõ, mas por naõ viverem em tempo de outros Principes, que naõ conheceſſem ſeus ſerviços, e merecimentos. Num. 523.

DIS-

DISCURSO LIV.

Tirado de hum ſermaõ da ſegunda Dominga do Advento em que o Auctor moſtra, que o juizo dos homens he mais temeroſo, que o juizo de Deos.

MERECIMENTOS.

Part. 5. Num. 62. 555 NAõ ha mayor delicto no mundo, que o ſer melhor. Ao menos eu a quem amara das telhas abaixo, antes lhe deſejara hum grande delicto, que hum grande merecimento. Hum grande delicto muitas vezes achou piedade: hum grande merecimento nunca lhe faltou a inveja. Bem ſe vê hoje no mundo: os delictos com carta de ſeguro, e os merecimentos homiziados. Saul condemnou tantas vezes á morte a David, e chegou a lhe atirar elle meſmo ás lançadas: e porque crimes? Porque ſe cantava pelas ruas de Jeruſalem, que David era mais valente, que Saul: *Percuſſit Saul mille, David autem decem millia.* Eſte premio tirou David de matar hum gigante com huma funda. Mais venturoſos haviaõ de ſer os tiros, ſe naõ deraõ tamanho eſtalo. Ao gigante derrubou-o a pedra, e a David o ſonido. Eis-aqui porque David queria que o julgaſſe Deos, e naõ os homens. No juizo de Deos perdoaõſe os peccados como fraquezas; no juizo dos homens caſtigaõſe as valentias como peccados. Graças a Deos, que já nos imos emendando deſte.

1. Reg. 18. 7.

DIS-

DISCURSO LV.

Tirado de hum sermaõ da quinta Dominga da Quaresma.

MENTIRA.

556 A Mentira he filha primogenita do ocio. Vede como se fórma dentro em vós mesmos este monstruoso parto. Quem está ocioso, naõ tem mais que fazer, que porse a imaginar: da ociosidade nasce a imaginaçaõ, da imaginaçaõ a suspeita, da suspeita a mentira. Quem trabalha, trata da sua vida, quem está ocioso trata das alheyas. Quem trabalha, como cuida no que faz, falla verdade; porque diz as cousas como saõ. O ocioso como naõ tem que fazer, mente; porque diz o que imagina. He a imaginaçaõ no ocioso como a serpente de Heva. Estava ociosa Heva no Paraiso: entrou a serpente colleandose mansamente sem pés, mas com cabeça: começou pela especulaçaõ, e acabou pela mentira. Começou pela especulaçaõ: *Cur præcepit vobis Deus*: e acabou pela mentira, e duas mentiras: *Nequaquam moriemini*: *Eritis sicut Dii.* Consentio Heva na mentira peçonhenta: de Heva passou a Adaõ, de Adaõ ao genero humano. Part. 4. Num. 322. Num. 321. Num. 322. Gen. 3. 1. Ib. 4. 5.

557 Naõ succede assim ás mentiras imaginadas, que vós como bicho da seda geraste dentro em vós mesmos, fabricando de vossas entranhas a mortalha para vós, e o vestido para os outros? Meterá a lingua a tesoura, e sem tomar as medidas á verdade, vós lhe cortareis de vestir. Porque cuidais que se di-

zem tantas couſas mal feitas? Porque ſe fizeraõ? Naõ; que a mim me conſta do contrario. He porque ſe imaginaraõ: e tanto que vieraõ á imaginaçaõ, já
Num. 323. eſtaõ na prancha da lingua. Quantas vezes ſe diz do honrado, e da honrada, do innocente, e da innocente o que nunca lhe paſſou pela imaginaçaõ? Mas baſta que o maldizente o imagine, ou o queira imaginar, para o pôr na converſaçaõ, e na praça, e o affirmar com tanta certeza, como ſe o lera em hum Euangelho. Deos vos livre de taes linguas, e muito mais de taes imaginaçoens; porque ſe a voſſa honra lhe entrou na imaginaçaõ, nenhum remedio tendes,
Num. 325. naõ ha de parar ahi, ha de paſſar á lingua. Diz o Apoſtolo Santiago, que naõ ha fera mais difficultoſa de enfrear, que a lingua. Para ſe pôr o freyo na lingua, haõſe de meter as cabeçadas na imaginaçaõ. Concertaivos com os voſſos penſamentos, ſe quereis eſtar ſeguros das voſſas linguas. Mas porque dais entrada a quanto quereis no penſamento, por iſſo dizeis tantas couſas, que nunca paſſaraõ pelo penſamento.

Num. 526. 558 Vejo, que eſtaõ agora alguns no auditorio mui contentes, dizendo comſigo, que iſto naõ falla com elles; porque he verdade, que naõ ſaõ mudos, e que quando ſe achaõ em converſaçaõ, tambem fallaõ nas vidas alheyas; mas que naõ ſaõ homens que digaõ o que imaginaõ: dizem o que ouvem, e quem diz o que ouve, naõ mente. Se vós ſoubereis quantas voltas daõ as palavras deſde a boca até os ouvidos, naõ houvereis de dizer iſſo, ainda que foreis mui verdadeiros. Quantas vezes vos differaõ huma couſa, e percebeſtes outra? Quantas vezes ouvis o que naõ ouvis? Quantas vezes entre a boca do outro,

tro, e os vossos ouvidos ficou a honra alheya pendurada por hum fio? E queira Deos naõ ficasse enforcada. Isto acontece quando os homens ouvem com os ouvidos; mas quando ouvem com os coraçoens, ainda he muito peyor. E os coraçoens tambem ouvem? Nunca vistes coraçoens? Os coraçoens tambem tem orelhas: estay certos, que cada hum ouve, naõ conforme tem os ouvidos, senaõ conforme tem o coraçaõ, e inclinaçaõ.

559 Em quanto Moysés estava no monte Sinai recebendo a ley Deos, pediraõ os Judeos a Araõ, que lhe fundisse hum bezerro de ouro, e como era o primeiro dia da dedicaçaõ daquella imagem, celebraraõno elles com grandes festas. Desce do monte Moysés com Josué, ouviraõ as vozes ao longe: disse Moysés. Eu ouço cantar a coros: disse Josué: Naõ he senaõ tumulto de guerra. Aqui temos *choros castrorum*. Se as vozes eraõ as mesmas, como a hum parecem musicas, e a outro parecem trombetas? A razaõ he clara. Moysés era religioso, Josué era soldado: ao religioso pareceraõlhe as vozes de coro, ao soldado de guerra. Os que ouvem saõ os ouvidos; mas os que ouvem bem, ou mal, saõ os coraçoens. Tudo o que entra pelo ouvido, faz eco no coraçaõ, e conforme está disposto o coraçaõ, assim se formaõ os ecos. Cada hum ouve conforme o seu coraçaõ, e a sua inclinaçaõ. Deos nos livre de hum coraçaõ mal inclinado, se ouvir hum *Te Deum laudamus*, ha de dizer, que ouvio huma carta de excõmunhaõ. Num. 32.

560 Mais succede nesta passagem dos ouvidos á boca. Como os ouvidos saõ dous, e a boca huma, succede, que entrando pelos ouvidos duas verdades, Num. 33.

ſahe pela boca huma mentira. Parece couſa de tregeito; mas he certa. Querovos moſtrar como iſto póde ſer. Quando quereis dizer, que fulano he grande mentiroſo, dizeis, que he huma chimera. Mas que couſa he chimera? Chimera he hum animal fingido, compoſto de dous animaes verdadeiros: hum monſtro meyo homem, meyo cavallo he chimera: hum monſtro meyo aguia, meyo ſerpente he chimera: hum monſtro meyo leaõ, meyo peixe he chimera; mas naõ ha taes monſtros, nem taes chimeras no mundo. De maneira, que as ametades ſaõ verdadeiras, os todos, ou monſtros, que dellas ſe compoem, ſaõ fingidos. As ametades ſaõ verdadeiras; porque ha homem, e cavallo, ha aguia, e ſerpente, ha leaõ, e ha peixe: os monſtros, que ſe compoem deſtas ametades, ſaõ fingidos; porque naõ ha tal couſa no mundo. Iſto meſmo fazem os mentiroſos: partem duas verdades pelo meyo, e ſem mudar, nem accreſcentar nada ao que diſſeſtes, de duas verdades partidas fazem huma mentira inteira. Defendeivos lá agora das voſſas mentiras com dizer, que diſſeſtes as meſmas palavras, que ouviſtes, e que naõ accreſcentaſtes nada. Que importa, que naõ accreſcenteis, ſe diminuiſtes? Peyor he huma verdade diminuida, que huma mentira mui declarada; porque a verdade diminuida na eſſencia he mentira, e tem apparencias de verdade; e mentiras, que parecem verdades, ſaõ as peyores mentiras de todas.

Num. 332. 561 Mas porque acabemos de huma vez com as mentiras de ouvidas: para que ſeja mentira o que dizeis, naõ he neceſſario, que ouçais mal, nem que diminuais, ou accreſcenteis o que ouviſtes: póde hum homem dizer pontualmente o que ouvio, e ouvir

vir pontualmente o que differaõ, e com tudo isso mentir. Quantas vezes se dizem as palavras sinceramente com huma tençaõ muito sã, e vós as interpretais, e corrompeis de maneira, que de hum louvor fazeis hum aggravo, de huma confiança huma injuria, de huma galantaria huma blasfemia, e de huma graça levantais huma tal labareda, que se originaraõ della muitas desgraças. E se isto succede, quando os homens dizem o que ouviraõ, e só o que ouviraõ, que será quando dizem o que imaginaraõ, e o que sonharaõ, ou o que ninguem imaginou, nem sonhou?

562 Dizem alguns, ou diz algum: Naõ sou eu daquelles, porque a mim nunca me sahio pela boca cousa, que me entrasse pelos ouvidos: para affirmar hei de ver com os olhos primeiro, e se para isso for necessario, que os olhos naõ durmaõ quarenta noites, estando vigiando a huma esquina, hei-o de fazer sem descansar até ter averiguada a minha suspeita. Ah ronda do inferno! Ah sentinela de Satanás! Este mesmo, se lhe mandar o Confessor, que faça exame da consciencia meyo quarto de hora antes de se deitar, naõ o ha de poder fazer com o sono; mas para destruir honras, para abrazar casas estará feito hum Argos quarenta noites inteiras. Num. 333.

563 Naõ cuidem porém estes malignos vigiadores, que por ahi se livraõ de mentirosos. Fostes, vigiastes, observastes, vistes, dissestes, e tendes para vós, que fallastes verdade? Pois mentistes muito grande mentira. Os olhos mentem de dia, quanto mais de noite. Grande caso! No livro quarto dos Reys cap. 3. Sahiraõ em campanha contra os Moabitas ElRey de Israel, ElRey de Juda, e ElRey de Edon. 4. Reg. 3. 22.

Edon. Eſtavaõ ainda os exercitos para dar a batalha na manhã ſeguinte: eis que ao romper do Sol olharaõ os Moabitas para os arrayaes dos inimigos, e viraõ que pelo meyo delles corria hum rio de ſangue. Começaraõ a clamar com grande alegria, ſangue, ſangue, ſem duvida que os tres Reys peleijaraõ eſta noite entre ſi, e mataraõſe huns aos outros: vamos a recolher os deſpojos. Sahiraõ os Moabitas correndo tumultuariamente; mas elles foraõ os deſpojados, e os vencidos; porque o ſangue, que viraõ, ou ſe lhes affigurou, que viraõ, naõ era ſangue. Foy o caſo, que paſſava hum rio por meyo dos arrayaes dos tres Reys, e como ao ſahir do Sol feriraõ os rayos na agua, que hia correndo, fez taes reflexos a luz, que parecia ſangue. E eſta apparencia de ſangue taõ enganoſamente viſto, e taõ falſa, e taõ facilmente crido, foy o que precipitou os Moabitas, e os levou a meteremſe nas maõs de ſeus inimigos. Se reparais no caſo, as duas couſas mais claras, que ha no mundo, he o Sol, e a agua. Os noſſos Proverbios o dizem: Claro como a agua: Claro como a luz do Sol. E quaes foraõ as couſas, de que ſe formou aquelle engano nos olhos dos Moabitas, com que cuidaraõ, que o rio era ſangue? Huma couſa foy o Sol, e outra couſa foy a agua: o Sol, porque ferio com ſeus rayos as aguas, e as aguas, porque feridas deraõ com os reflexos apparencias de ſangue: de ſorte que ſe enganaraõ os olhos nas duas couſas mais claras, que ha no mundo. Pois ſe os olhos ſe enganaõ nas couſas mais claras, como ſe naõ enganaráõ nas mais eſcuras, e ás eſcuras? De dia enganavos o Sol, e de noite quereiſvos deſenganar com as trevas?

Num. 334. 564 Dirmeheis, que havia Lua, e eſtrellas quando

do vistes. Essa pequena luz he a que cega mais; porque faz, que humas cousas pareçaõ outras. Trouxeraõ hum cego a Christo, pozlhe o Senhor as maõs nos olhos, e perguntoulhe se via? Respondeo o cego: *Video homines velut arbores ambulantes*: Senhor, vejo os homens como arvores, que andaõ. Mais cego estava agora este cego, que dantes; porque dantes naõ via nada, agora via humas cousas por outras. Os homens, que saõ de taõ differente figura, e estatura, via os como arvores, e as arvores, que estaõ prezas com as raizes na terra, via que andavaõ como homens. Eisaqui o que tem ver com pouca luz. O mesmo acontece a estes cegos vigiadores, que vaõ estudar de noite o que haõ de rezar de dia: *Video homines velut arbores ambulantes.* Marc. 8. 24.

565 O cego de Christo figuravaselhe, que os homens eraõ arvores, e estes cegos do diabo affiguraselhe, que as arvores saõ homens. Poemse a espreitar, vem huma arvore em hum quintal, eis lá vay hum homem. A arvore está taõ pregada pelas raizes, que dous cavadores a naõ arrancaráõ em hum dia, e elle ha de jurar aos santos Euangelhos, que vio entrar, e sahir aquelle vulto: *Arbores ambulantes.* Oh maldito officio! Oh infernal curiosidade! Já se os olhos levarem alguma nuvemzinha, como sempre levaõ, ou de desconfiança, ou de odio, ou de inveja, ou de suspeita, ou de vingança, ou de outra qualquer paixaõ, ahi vos gabo eu. *Tenebrosa aqua in nubibus aeris*: Notou David admiravelmente, que a agua nas nuvens he negra. Vedes lá vir hum aguaceiro escuro mais que a mesma noite: que negrume he aquelle? Naõ he mais que agua, e nuvem: a nuvem he hum volante, e a agua he hum crystal, e destes dous Ps. 17. 12.

ingredientes taõ puros, e taõ diafanos ſe faz huma eſcuridade taõ negra, e taõ eſpeſſa. Se quem vay vigiar, e eſpreitar a voſſa vida, e a voſſa honra, levar alguma nuvem diante dos olhos, ainda que ſeja taõ delgada como hum volante, por mais que a voſſa vida, e a voſſa honra ſeja taõ clara, e taõ pura como hum cryſtal, halhe de parecer eſcura, e tenebroſa: *Tenebroſa aqua in nubibus aeris.* Finalmente reduzindo todo o diſcurſo, ou todos os diſcurſos, mentem as linguas; porque mentem as imaginaçoens: mentem as linguas; porque mentem os ouvidos: mentem as linguas; porque mentem os olhos: e mentem as linguas; porque tudo mente, e todos mentem.

DISCURSO LVI.

Tirado de hum ſermaõ de Cinza para a Capella Real, que ſe naõ prégou por enfermidade do Auctor.

MORTE.

Part. 6. Num. 50.

566 ESta he a ſentença de morte fulminada contra Adaõ, e todos ſeus deſcendentes, a qual ſe tem executado em quantos atégora viveraõ, e ſe ha de executar em nós ſem appellaçaõ de innocencia, ſem reſpeito de eſtado, ſem excepçaõ de peſſoa. A Igreja ſolemnemente hoje naõ ſó no la repete aos ouvidos com a voz, mas no la eſcreve na teſta com a cinza, como ſe diſſera a ſeus filhos huma piedoſa mãy: Filhos, ouvi, e lede a ſentença de voſſo pay, e ſabey, que ſois pó, e vos haveis de converter em pó:

pó: *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* O pó, Gen. 3. 19
que somos, he o de que se compoem os vivos: o pó, que havemos de ser, he o em que se resolvem os mortos. E sendo estes dous extremos taõ opposstos, como o ser, e naõ ser, naõ he muito, que os effeitos, e affectos, que produzem em nós, sejaõ tambem muito diversos; por isso amamos a vida, e tememos a morte.

567 Mas porque eu depois de larga consideraçaõ tenho conhecido, que estes dous effeitos no nosso entendimento, e estes dous affectos na nossa vontade andaõ trocados, o meu intento he polos hoje em seu lugar. O amor está fóra do seu lugar; porque está na vida. O temor tambem está sóra do seu lugar; porque está na morte. O que farei pois, será destrocar estes lugares com tal evidencia, que fiquemos entendendo todos, que a morte, que tanto tememos, deve ser a amada, e a vida, que tanto amamos, deve ser a temida. Mais claro. O pó, que somos, he a vida, o pó, que havemos de ser, he a morte; e o mayor bem da vida he a morte, o mayor mal da morte he a vida.

568 Quem mais que todos quiz, soube, e pode Num. 51.
experimentar os bens desta vida, e com effeito fez de todos elles a mais universal, e exacta experiencia, foy Salamaõ. E que juizo fez Salamaõ com toda a sua sabedoria, e depois de todas as suas experiencias entre a morte, e a vida? Elle mesmo o declarou: *Laudavi magis mortuos, quam viventes.* Como se Eccl. 4. 2.
differa o mais sabio de todos os homens: Se com toda a minha eloquencia houvera de orar pelos mortos, e pelos vivos, aos mortos havia de dar os parabens, e fazer hum largo panegyrico de suas felicidades; e

aos

aos vivos havia de dar os pezames, e fazer huma oraçaõ verdadeiramente funebre, e triſte, em que lamentaſſe ſuas miſerias, e deſgraças.

Num. 52. 569 Chora Chriſto a Lazaro, quando o ha de reſuſcitar, naõ o chorando morto; porque eſtando já livre dos trabalhos, das miſerias, e dos perigos da vida por meyo da morte, agora por meyo da reſurreiçaõ o tornava outra vez a meter nos meſmos trabalhos, nas meſmas miſerias, e nos meſmos perigos. A todos eſteve bem a reſurreiçaõ de Lazaro, e ſó ao meſmo Lazaro eſteve mal; porque a reſurreiçaõ o tirou do deſcanſo para o trabalho, do eſquecimento para a memoria, da quietaçaõ para os cuidados, da paz para a guerra, do porto para a tempeſtade, do ſagrado da inveja para a campanha do odio, da clauſura do ſilencio para a ſoltura das linguas, do eſtado da inviſibilidade para o de ver, e ſer viſto, de entre os oſſos dos pays, e avós para entre os dentes dos emulos, e inimigos, em fim da liberdade, em que o tinha poſto a morte, para o cativeiro, e cativeiros da vida.

Num. 53. 570 Perſuadidos os homens á verdade deſte deſengano, naõ he muito que a morte, lhe começaſſe a parecer menos feya, que a vida, antes que a vida lhe pareceſſe feya, e a morte formoſa. Os Paſſianos, e outras naçoens, que barbaramente ſe chamaõ barbaras, choravaõ, e pranteavaõ os naſcimentos dos filhos, e celebravaõ com feſtas as ſuas mortes; porque entendiaõ, que naſcendo entravaõ aos trabalhos, e morrendo paſſavaõ ao deſcanſo. E certamente, que as lagrimas dos naſcimentos os meſmos naſcidos ſem mais enſino, que o da natureza, as approvaõ, e ajudaõ com as ſuas, e as feſtas, com que ſe celebravaõ

vaõ as mortes, tambem os mortos pela experiencia do seu descanso, se podessem fallar, as louvariaõ. Por isso Samuel obrigado a fallar com Saul depois de morto, e sepultado, o que lhe disse foy: *Quare inquietasti me?* Porque me inquietaste? 1. Reg. 28. 15. Muitos Filosofos, e particularmente os Estoicos, cuja seita pela preferencia da virtude se avizinhava mais ao lume da razaõ, naõ só davaõ licença a seus professores, para que antepuzessem a morte á vida, mas aos que em casos de honra tomavaõ por suas maõs a mesma morte, (a que chamavaõ porta da liberdade) os introduziaõ por ella á immortalidade da gloria. Assim o fez aquelle homem, mayor que todos os Romanos, Cataõ, cujo juizo, e authoridade na opiniaõ da mesma Roma se punha em balança com a dos deoses, como soberbissimamente cantou delle Lucano na demanda imperial de Cesar com Pompeo:

Magno se judice quisque tuetur,
Victrix causa diis placuit, pars victa Catoni.

571 E se alguem me replicar, que estes homens eraõ gentios, eu lhe perguntarei primeiramente, se era gentio Samsaõ, ou Saul, ou Achitofel: e que fizeraõ em semelhantes casos? Samsaõ naõ duvidou matarse a si mesmo por se vingar, como elle disse, dos Filisteos pela injuria, que lhe tinhaõ feito em lhe arrancar os olhos. Saul por naõ vir ás maõs de seus inimigos, vencido em huma batalha, mandou ao seu pagem da lança, que o mataste, e porque naõ foy obedecido, elle pondo a ponta da espada no peito, com todo o pezo do corpo se atravessou nella. Achitofel, que era o Cataõ dos Hebreos, e cujos conselhos por testimunho da Escritura sagrada eraõ como os oraculos do mesmo Deos, porque Absalaõ, cujas Num. 54.

partes

partes ſeguira, os naõ quiz tomar, tomou elle por conſelho anticipar por ſuas proprias maõs a morte, prevendo como ſabio, que naõ podia deixar de ſer vencedor David, a quem a tinha bem merecido.

Num. 56. 572 Mas inventou o amor da vida huma diſtinçaõ fundada no que ella mais aborrece, que ſaõ as miſerias, e no que mais eſtima, que ſaõ as felicidades. Fazendo pois huma grande differença entre os miſeraveis, e os felices, dizem os defenſores da vida, que para os miſeraveis he mayor bem a morte;

Num. 57. mas para os felices naõ; porque aſſim como a morte, e a ſepultura para os contentes da vida he o ſeu mayor temor, aſſim para os deſcontentes della, e miſeraveis he o mayor deſejo. Por iſſo aquelle Filoſofo, que refere Laercio, chamado Secundo, perguntado pelo Imperador Adriano, o que era a morte, reſpondeo, que era o medo dos ricos, e o deſejo dos pobres: *Pavor divitum deſiderium pauperum.* Melhor ainda, e mais nervoſamente o diſſe Seneca o Tragico por boca de Licho. Era Licho hum famoſiſſimo tyranno, o qual na auſencia de Hercules matou a Creonte Rey legitimo de Thebas, e ſe lhe apoderou do Reyno. Eſte pois, como taõ grande meſtre da tyrannia, dizia, que quem matava a todos, naõ ſabia ſer tyranno: *Qui morte cunctos luere ſupplicium jubet, neſcit tyrannus eſſe.* Pois que havia de fazer hum tyranno para ſer verdadeiramente tyranno, e cruel? Diz, que havia de dar a morte a huns, e a vida a outros conforme a fortuna de cada hum: aos felices a morte, aos miſeraveis a vida: *Miſerum vita, perire felicem jube*: Ao felice mandai, que morra, ao miſeravel, que viva; porque tanta pena he condemnar o felice á morte, como o miſeravel á vida.

Seneca in Herc. Furen.

573 Para

573 Para eu refutar os defensores da vida dos felices naõ quero outro argumento, senaõ o seu. Concedem que a morte he mayor bem, que a vida dos miseraveis: logo tambem he mayor bem, que a vida dos que elles chamaõ felices. E se naõ os mesmos felices o digaõ. Pergunto. Ha, ou houve, ou póde haver neste mundo vida alguma taõ mimosa da fortuna, e taõ felice, que careça totalmente de miserias? Ninguem se atreverá a dizer, nem imaginar tal cousa: logo se naõ ha, nem póde haver vida, que careça de miserias, o que se tem dito da vida dos miseraveis, se deve entender de todas, e de todos. Num. 59.

574 Os que vulgarmente se reputaõ, e chamaõ felices, tanto se enganaõ com a sua felicidade, como com a sua vida; por isso amaõ a vida, e temem a morte. Mas este engano lhe descobriremos agora, para que conheçaõ, que em todo o estado, e em toda a fortuna a morte he o mayor bem da vida.

575 Todos os bens, de que he capaz o homem, em quanto vive neste mundo, ou saõ bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da graça; mas nenhum delles he taõ solido, inteiro, e puro bem, que o gose sem tributo de miserias a vida, nem a possa livrar deste tributo, senaõ a morte. Entre os bens da natureza o mais excellente, o mais util, e o mais necessario he aquelle, sem o qual nenhum outro bem se póde gosar, a saude. E só quem comprehender o numero sem numero de enfermidades, e dores, a que está sujeita, e exposta a saude, ou geradas dentro do mesmo homem, ou nascidas, e occasionadas de fóra, poderá conhecer exactamente, quaõ carregado de durissimas pensoens, e quaõ cheyo de miserias ou deo, ou empreſtou a mesma natureza ainda Num. 60.

aos

aos mais saõs, e robustos este calamitoso bem. Pois que remedio?

Herod. lib. 2. 576 Os Egypcios, entre os quaes nasceo a Medicina, para cada enfermidade, como refere Herodoto, tinhaõ hum Medico particular, mas nem por isso saravaõ todos, nem de todas. ElRey Ezechias mandou queimar os livros de Salamaõ, porque o povo recorrendo ás virtudes das hervas em suas enfermidades, deixava de acudir a Deos, que he a verdadeira raiz da saude. Assim o refere Eusebio Cesarience. Mas em quanto duraraõ os mesmos livros, nem aos enfermos particulares, nem ao mesmo Salamaõ aproveitou aquella grande ciencia Medica: até quando? Até que as proprias doenças os sujeitaraõ ao Medico universal, que sem aforismos, nem receitas cura em hum momento a todas, que he a morte: *O mors, veni noſtris certus Medicus malis*! O' morte, vinde, que só vós sois o verdadeiro, e certo Medico para todos os nossos males! He exclamaçaõ proverbial dos Gregos referida por Plutarcho. Morrestes, acabaraõse as enfermidades, acabaraõse as dores, acabaraõse todas as molestias, e affliçoens, que martyrizaõ hum corpo humano, e até o temor da mesma morte se acabou; porque os mortos já naõ podem morrer.

Plutarc. in Conf. ad Apol.

Part. 1. col. 1047. 577 Tudo acaba a morte, e tudo se acaba com a morte, até a mesma morte. Quem morreo, já naõ póde morrer. Só os mortos tem este privilegio contra a jurisdiçaõ, e imperio universal da morte. Saõ sujeitos á morte os Principes, os Reys, os Monarcas, só os mortos depois que huma vez lhe pagaraõ tributo, ficaraõ isentos de sua jurisdiçaõ. Por isso Tertulliano chamou judiciosamente á sepultura *Mor-*

tis

tis asylum: Asylo, e sagrado da morte. Contra a alçada da morte, nem o Vaticano he sagrado, mas a sepultura sim; porque os mortos já naõ podem morrer.

578 Vede a grande differença dos mortos aos vivos. Os vivos sobre a terra temem a morte, os mortos, debaixo da terra esperaõ a resurreiçaõ: e quanto vay do esperar ao temer, e das isençoens da immortalidade ás sujeiçoens de mortal, tanto melhor he o estado dos mortos, que o dos vivos. Os que escaparaõ vivos do incendio de Troya chamavaõ bemaventurados aos que morreraõ peleijando por ella: Part. 6. Num. 61.

O terque, quaterque beati,
Queis ante ora patrum magnæ sub mœnibus urbis
Contigit oppetere!

Sem conhecer a bemaventurança, nem entender o que diziaõ levantaraõ hum admiravel pensamento; porque a felicidade, de que gosaõ os mortos por beneficio da morte, se naõ he como toda a bemaventurança do Ceo, he como ametade della; porque já para elles naõ ha lagrimas, nem gemidos, nem dores, nem enfermidades, nem a mesma morte. As dores, e as enfermidades desta vida tem dous remedios, ou alivios: hum natural, que saõ as lagrimas, e os gemidos, e outro violento, e artificial, que saõ os medicamentos. E a morte naõ só nos livra das miserias da vida, senaõ tambem dos remedios della. Já dissemos que Cataõ se matou a si mesmo, mas naõ se matou de huma vez, senaõ de duas, com modo, e circunstancias notaveis. Estando saõ, e valente, meteo hum punhal pelos peitos: acudiraõ logo, e curáraõlhe a ferida; mas elle depois de curado, metendo as maõs na mesma ferida, a fez muito mayor, e se acabou de matar. De sorte que começou a se matar Senec.

saõ,

saõ, e acabou de se matar curado. Saõ para se livrar da vida, curado para se livrar da vida, e mais dos remedios. Por isso disse Santo Agostinho, que quantas saõ as medicinas, tantos saõ os tormentos. E taes saõ as dobradas miserias, a que está sujeita a mayor felicidade da natureza, que he a saude, bastando para a tirar padecidas, e naõ bastando para a conservar remediadas.

Num. 62. 579 Passemos aos bens da fortuna: e subindo ao mais alto ponto, aonde ella póde chegar, preguemos hum cravo na sua roda, para que concedendo ás suas felicidades a constancia, que naõ tem, vejamos se se podem jactar, ou presumir de que carecem de miserias. Os cetros, e as coroas saõ as que postas no cume da magestade, levaõ a poz si com o imperio os applausos, e adoraçoens do mundo, e ao mesmo mundo, o qual cego com os reflexos daquelle esplendor os acclama felices, e felicissimos, naõ penetrando o interior, e solido da felicidade, mas olhando só, e parando no sobredourado das apparencias: Senec. epist. 115. *Omnium istorum, quos incedere altos vides, bracteata felicitas est*, disse sabia, e elegantemente Seneca. Assim como os tectos sobredourados dos templos, e dos palacios o que mostraõ por fóra he ouro, e o que escondem, e encobrem por dentro, saõ madeiros comidos do caruncho, prégos ferrugentos, teas de aranha, e outras sevandijas, assim debaixo da pompa, e apparatos, com que costumamos admirar os que vemos levantados ao zenith da fortuna, se viramos juntamente os cuidados, os temores, os desgostos, e tristezas, que os comem, e roem por dentro, antes haviamos de ter compaixaõ das suas verdadeiras miserias, que inveja á falsa repreſen-

preſentaçaõ, e engano do que nelles ſe chama felicidade. Quem duvidou já mais de reputar a Carlos V. por feliciſſimo com tantas victorias, tanta fama, tantos augmentos da Monarchia? E com tudo no dia, em que renunciou o governo, confeſſou, que em todo o tempo delle nem hum ſó quarto de hora tivera livre de affliçoens, e moleſtias: *Se toto Regni tempore nec ad unum quidem horæ quadrantem puram habuiſſe, meramque lætitiam, ſed multis illam curis, angoribus, doloribuſque permiſtam.*

580 O diadema antigo, inſignia dos Reys, e Imperadores, era huma faxa atada na cabeça. E dizia Seleuco Rey da Aſia, que ſe os homens ſoubeſſem, quaõ pezada era aquella tira de pano, e quaõ chea de eſpinhas por dentro, nenhum haveria, que a levantaſſe do chaõ para a pôr na cabeça. ElRey Antigono vendo que ſeu filho pelo ſer ſe enſoberbecia, com que lhe abateria os fumos? *An ignoras, o fili, Regnum noſtrum non eſſe aliud, niſi ſplendidam ſervitutem?* Naõ ſabes, filho, (lhe diſſe) que o noſſo Reyno, e o reynar naõ he outra couſa, que hum cativeiro honrado? Os Reys ſaõ ſenhores de todos, mas ſaõ tambem cativos de todos. A todos mandaõ como Reys, e de todos ſaõ julgados como reos.

581 Como o Rey he a alma do Reyno, tem obrigaçaõ de viver em todos os ſeus vaſſallos, e padecer nelles, e com elles quanto elles padecerem. Se naõ padece aſſim, naõ he Rey; e ſe padece, que mayor martyrio? Haſe de matar, e morrer, para que elles vivaõ: haſe de canſar, para que elles deſcanſem, e ha de velar, para que elles durmaõ, ſendo mais quieto, e ſocegado o ſono do cavador ſobre huma cortiça, que o do Rey debaixo de ceos de brocado. Alli deſ-

velado marcha pelas campanhas com ſeus exercitos, alli navega os mares com as ſuas armadas, e a qualquer bandeira, que tremóla com o vento, lhe palpita o coraçaõ na contingencia dos ſucceſſos. Taes ſaõ as miſeraveis felicidades, ou as adoradas miſerias dos que poſtos na regiaõ dos rayos, dos trovoens, e das tempeſtades a dignidade com razaõ, e a liſonja ſem ella chama Sereniſſimos.

Num. 63. 582 Que ſeria, ſe eu aqui ajuntaſſe agora os cataſtrofes, e fins tragicos dos Xerxes, dos Creſſos, dos Darios, e infinitos outros? Mas o meu intento ſó he deſcobrir as miſerias dos felices. A eſte propoſito ha muito que tenho notado huma couſa para mim admiravel, e he que ſendo Valerio Maximo taõ univerſal nas hiſtorias, e noticias do mundo, e trazendo tantos exemplos aſſim domeſticos, como eſtrangeiros em todas as materias, quando veyo a tratar da felicidade, ſó achou entre os Romanos a Metello homem particular, e entre os Reys de todas as naçoens a Gyges Rey de Lidia. Eſta he a meſma ſalva, com que elle começa dizendo: *Volubilis fortunæ cumplura exempla retulimus, conſtanter propitiæ admodum pauca narrari poſſunt.* Inchado pois Gyges com a ſingular, e continua proſperidade de ſua fortuna, quizſe canonizar pelo mais felice homem do mundo, e a eſte fim conſultou peſſoalmente o Oraculo de Apollo, para que a repoſta, de que naõ duvidava, foſſe huma prova authentica, e divina de ſua felicidade: enganouſe porém, ou acabou de ſe enganar o já enganado Rey; porque reſpondeo o Oraculo, que Aglao Sofidio era mais felice, que elle. E quem era Aglao Sofidio? Era hum lavradorzinho velho, o mais pobre de toda a Arcadia, ao qual

Valer. Maxim. lib. 7. cap. 1.

hum

hum pequeno enxido, que tinha junto á sua choupana, cultivado por suas proprias maõs, sem inveja sua, ou alheya, lhe dava o que era bastante para sustentar a vida.

583 Pois este Aglaõ assim pobre era mais felice que Gyges com todas as suas fortunas? Sim; porque essas mesmas fortunas, ainda que grandes, e continuas, naõ o livravaõ do temor da sua inconstancia, o qual só bastava ao fazer infelice. Debaixo deste temor se comprehendiaõ os cuidados, as suspeitas, as duvidas, as imaginaçoens, os indicios falsos, ou verdadeiros da ruina, que se lhe maquinasse, ou podia maquinar, e todos os infortunios possiveis no mar, e na terra, na guerra, e na paz, na inveja dos emulos, no odio, e potencia dos inimigos, no descontentamento, e rebeliaõ dos vassallos: em fim as violencias secretas, os roubos, os subornos, as traiçoẽs, os venenos, com que nem o sustento necessario á vida, nem a mesma respiraçaõ he segura. Para que se veja se era felice quem todo este tumulto de inquietaçoens, que só conhecia o Oraculo, trazia dentro no peito. E como os bens da fortuna, ainda os mayores, quaes saõ os dos Reys, e ainda nos singular, e unicamente felices estaõ sujeitos a tantas miserias ou padecidas em si mesmas, ou no temor, e receyo, que naõ he tormento menor, nenhum outro remedio tem para escapar, e se livrar dellas a vida, senaõ o da morte. Taõ certo he ainda no mayor auge dos bens da fortuna, qual he a dos Reys, ser o mayor bem da vida a morte.

584 E para que em huma só demonstraçaõ vejamos inteira, e naõ por partes, esta mesma prerogativa da morte, naõ inculcada de novo, mas crida, ap-

provada, e impreſſa no juizo dos homens, ouçamos huma notavel antiguidade.

Num. 70. 585 Houve entre os ſabios da gentilidade hum homem chamado Sileno, ſemelhante na opiniaõ aos noſſos Profetas, cujas repoſtas, como inſpiradas por inſtinto mais que natural, eraõ recebidas, e cridas como oraculos. A eſte Sileno pois conſultou ElRey Midas ſobre qual foſſe o mayor bem deſta vida, e depois de muitos rogos, e inſtancias a repoſta, que delle alcançou, foy eſta: *Non naſci omnium eſt optimum, mortuum autem eſſe longe eſt melius, quam vivere*: O melhor de tudo he naõ naſcer; mas no caſo de haver naſcido, muito melhor he ao homem o morrer, que o viver. Aſſim o diſſe Sileno, e naõ ſó do vulgo foy recebido, como proverbio eſte dito, mas o approvaraõ, e celebraraõ ſempre os dous mayores lumes da Filoſofia racional Plataõ, e Ariſtoteles. Pindaro Principe dos Poetas Lyricos da Grecia parece, que duvidoſo ainda deſta verdade quiz fazer mayor exame della, e como pelo Oraculo de Delfos lhe foſſe reſpondido o meſmo; que faria? Fez o que devera fazer com ſemelhante deſengano todo o Chriſtaõ. Deixou as Muſas, e em vez de compor verſos, tratou de compor a vida: *His auditis, ad mortem ſe comparaſſe, & paulo poſt vivendi finem feciſſe*, diz Plutarcho.

Plutarc. Cicero, Plato, Ariſtot. & alii.

Num 71. 586 Naõ parou aqui a providencia divina, mas para mayor prova deſte deſengano obrigou ao pay da mentira, que fallava, e obrava nos idolos, a que muito a ſeu pezar o confirmaſſe com dous notaveis prodigios. Agria era ſacerdotiza da deoſa Juno; e como na meſma hora, em que havia de fazer o ſacrificio, tardaſſem os cavallos, que a coſtumavaõ levar em carro-

carroça, dous filhos, que tinha, chamados Biton, e Cleobo, se meteraõ no lugar dos cavallos, e com tanta força, e pressa tiráraõ a carroça, que nem hum momento de tempo faltou a mãy á pontualidade do sacrificio. Foy taõ admirado, e estimado este acto verdadeiramente heroico, de piedade para com a mãy, e de religiaõ para com a deosa, que deo confiança a Agria para pedir a Juno em premio della, que désse áquelles seus dous filhos naõ menos, que a melhor cousa, que os deoses nesta vida podiaõ dar aos homens. Concedeo a deosa, como tambem servida, o que a mãy pedia; e qual seria o despacho da petiçaõ? No mesmo ponto cahiraõ mortos diante de seus olhos os mesmos filhos, confirmando a falsa deidade com verdadeiro documento, que entre os bens, e felicidades naturaes, que ao homem podem succeder nesta vida, o mayor, e mais seguro he a morte. A este famosissimo par Bithon, e Cleobo ajunta Plataõ outro naõ menos famoso, Agamedes, e Trofonio. Edificaraõ estes dous hum templo a Apollo Pithio, e no dia da dedicaçaõ oraraõ a Deos desta maneira: Que se aquella obra lhe agradava, o seu intento era pedirem lhes concedesse o que melhor podia estar a hum homem nesta vida; e porque elles naõ sabiaõ, que cousa fosse esta melhor, elle, de quem esperavaõ a merce, o resolvesse. Respondeo Apollo, que dalli a sete dias lhes concederia o que pediaõ; e o que succedeo ao setimo dia, foy, que deitandose a dormir Agamedes, e Trofonio, nunca mais acordaraõ: *Cumque obdormissent, nunquam deinde surrexisse.* E esta verdade entaõ admirada, e antes, e depois taõ mal entendida quiz a mesma providencia, Num. 72. para que acabassemos de entender, que ficasse esta-

belecida, e perpetuada, como em quatro eſtatuas, naõ levantadas, mas cahidas, em Bithon, e Cleobo mortos, e em Agamedes, e Trofonio dormindo.

Num. 73. 587 A' viſta pois deſtas quatro eſtatuas, as quaes em quanto vivas, e em pé eraõ o pó, que ſomos, e em quanto cahidas, e jazendo em terra ſaõ o pó, que havemos de ſer, que fará todo o entendimento racional, e chriſtaõ? Se o pó, que havemos de ſer, he o mayor bem do pó, que ſomos, e ſe o mayor bem da vida he a morte; que havemos, ou que devemos fazer os vivos? Se o melhor bem da vida he a morte, paſſemos como mortos á melhor vida. E ſe dos mortos dizemos tambem, que os levou Deos para ſi, deixemonos levar de Deos, e vivamos como mortos.

Num. 75. 588 O meſmo corpo noſſo, que em quanto vivo eſtá ſobre a terra, depois da morte eſtá debaixo da terra. E ſe o corpo, que eſtá ſobre a terra, ſe comparar comſigo meſmo, quando eſtiver debaixo da terra, nenhuma conſideraçaõ póde haver mais efficaz para o perſuadir a que viva como morto. Dizeme, corpo meu, depois que eſtiveres debaixo da terra, q̃ has de fazer? Has de continuar nos meſmos vicios, em que todo te empregavas, quando eſtavas ſobre a terra? Has de continuar nos meſmos vicios, que póde ſer foraõ os que te mataraõ, e te apreſſaraõ a ſepultura? Agora o naõ podes negar com a voz, e depois confeſſarás, que naõ, com o ſilencio. Todo o morto he como aquelle, de quem diſſe Tacito: *Magis ſine vitiis, quam cum virtutibus*: O morto naõ tem virtudes, mas tambem naõ tem vicios. Naõ tem odio, naõ tem inveja, naõ tem cubiça, naõ tem ambiçaõ: naõ ſe queixa, naõ murmura, naõ ſe vinga, naõ mente, naõ adula, naõ rouba, naõ adultera.

Pois

Pois se de tudo isto has de carecer debaixo da terra, porque te naõ abstens disso mesmo em quanto estás sobre ella?

589 O morto, quando o levaõ á sepultura, pelas mesmas ruas, por onde passeava arrogante, taõ contente vai envolto em huma mortalha velha, e rota, como se fora vestido de purpura, ou brocado. Chegado á sepultura, taõ satisfeito está com sete pés de terra, como com os mausoleos de Caria, ou as pyramides do Egypto; e se até essa pouca terra, que o cobre, lhe faltasse, diria, se podesse fallar, que a quem naõ cobre a terra, cobre o Ceo: *Cœlo tegitur qui non habet urnam.* Pois se entaõ taõ pouca differença has de fazer da riqueza, ou pobreza das roupas; porque agora te desvanecem tanto, e gastas o que naõ tens na vaidade das galas? Pois se entaõ has de caber em huma cova taõ estreita; porque agora te naõ metes entre quatro paredes, e procuras a largueza da morada tanto mayor, que a do morador, e invejas a ostentaçaõ, e magnificencia dos palacios? Num. 76.

590 Ainda resta por te dizer o que mais me escandaliza. Se quando estás debaixo da terra, todos passaõ por cima de ti, e te pizaõ, e te naõ alteras por te ver debaixo dos pés de todos, agora que es o mesmo, e naõ outro, só porque estás com os pés sobre menos terra da que entaõ has de occupar; porque te ensoberbeces, porque te iras, porque te inchas, e enches de colera, de raiva, de furor, e a qualquer sombra, ou suspeita de menos veneraçaõ, ou respeito o queres vingar naõ menos que com o sangue, e a morte? Mas he porque a mesma morte te naõ amansa, e emenda. Morreo o leaõ, morreo o tigre, morreo o basilisco, e onde está a braveza do leaõ,

onde eſtá a fereza do tigre, onde eſtá o veneno do baſiliſco? Já o leaõ naõ he bravo, já o tigre naõ he feroz, já o baſiliſco naõ he venenoſo, já todos eſſes brutos, e monſtros indomitos eſtaõ manſos; porque
Pſ. 82. 10. os amanſou a morte: *Quoniam ſupervenit manſuetudo.* E ſe aſſim emenda, e tanta mudança faz a morte nas féras; porque a naõ fará nos homens?

591 Perguntou hum Monge ao Abbade Moyſés, famoſo Padre do ermo, como poderia hum homem, adquirir a mortificaçaõ, que enſina S. Paulo, tal, que eſtando vivo, viveſſe como morto. E reſpondeo o Abbade, que de nenhum outro modo, nem tempo, ſenaõ quando totalmente ſe perſuadiſſe, que havia já hum triennio, que eſtava debaixo da terra: *Niſi quis arbitratus fuerit ſe habere jam triennium in ſepulchro, ad hunc ſermonem pervenire non poteſt.* E quem eſtá certo, que o ſeu corpo ha de eſtar debaixo da terra, naõ tres annos, nem tres ſeculos, ſenaõ em quanto durar o mundo até o fim, como naõ perſuadirá ao meſmo corpo, e o ſujeitará a que viva como morto eſſes quatro dias, e incertos, em que póde tardar a morte? Se eſte corpo, que hoje he pó ſobre a terra, á manhã ha de ſer pó debaixo da terra; porque ſe naõ accommodará, e concordará comſigo meſmo a viver, e morrer de tal modo, que na vida logre o mayor bem da morte, e na morte naõ padeça o mayor mal da vida?

DIS-

DISCURSO LVII.

Tirado do sermaõ prégado nas exequias de D. Maria de Ataide filha dos Condes de Atouguia Dama de Palacio.

MORTE.

592 CAsos succedem no mundo, que parece se descuida Deos do governo delle, e se alguns saõ a nossa admiraçaõ mayores motivos, saõ os da vida, e da morte Esta admiraçaõ introduzio no juizo dos homens o erro de fados, e de fortuna, que se bem entre nós perderaõ a divindade, ainda conservaõ os nomes. Se repararmos bem com attençaõ quem vive neste mundo, e quem morre, he necessaria muita fé para crer, que ha providencia: *Domine non est tibi curæ*? Todo o motivo desta queixa de Martha foy ver, que a deixara Maria, e que estava com Deos. Tal he o motivo, que temos presente, mas com mayores circunstancias de dor, (naõ sei se diga de semrazaõ,) e assim havemos de ouvir hoje mais queixas. Part. 4. Num. 468.

593 Em fim Maria está com Deos: *Sedens secus pedes Domini*: desatouse dos cuidados, e das obrigaçoens do mundo, rompeo os laços da humanidade, deixou em soledade o sangue, o amor, e a mesma vida: *Reliquit me sclam.* Contra este naõ esperado apartamento temos tres queixosas a modo de Martha, e naõ queixosas de Maria, porque o executa, senaõ de Deos porque o permitte: *Domine non est tibi curæ*? E que queixosas saõ estas? A primeira Num. 469.

ra he a idade, a segunda a gentileza, a terceira a discriçaõ. Pararaõ todas (como Martha, *Quæ stetit, & ait.*) E que conformemente se queixaõ! Corpo, alma, e uniaõ he toda a fabrica do composto humano. Por parte da uniaõ queixase a idade cortada: por parte da alma queixase a discriçaõ emmudecida: por parte do corpo queixase a gentileza eclipsada. Chora a idade o golpe, chora a discriçaõ o silencio, chora a gentileza o eclipse; porque lhe naõ valeraõ contra a morte, nem á idade o mais florente, nem á gentileza o mais florido, nem á discriçaõ o mais flórido.

Num. 470. 594 Primeiramente queixase a idade contra a morte, e que justificadamente se queixa! Oh morte cruel, que enganados vivem comtigo os que dizem, Num. 471. que es igual com todos! Temse acreditado a morte com o vulgo de muito igual pelo despeito, com que piza igualmente os palacios dos Reys, e as cabanas dos pastores: *Æquo pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres.* Que os palacios dos Reys, por mais cercados que estejaõ de guardas, naõ possaõ resistir ás execuçoens da morte, bem o experimentou esta vida. Justo era, que aquellas portas, que taõ cerradas costumaõ estar ás verdades, lhe deixe ao menos a natureza aberto este postigo aos desenganos. Mas nesta mesma igualdade cõmette grandes desigualdades a morte He igual; porque naõ faz excepçaõ de pessoas: he desigual; porque naõ faz differença de idades, nem de merecimentos: matar a todos sem perdoar a ninguem igualdade he, mas tirar a vida a huns taõ tarde, e a outros taõ cedo, deixar os que saõ embaraço do mundo, e levar os que eraõ o ornato delle, que desigualgade mayor? Todos se

queixaõ

queixaõ da preſſa, com que corre a vida; eu naõ me queixo ſenaõ da deſigualdade, com que caminha a morte.

595 Appareceo huma vez a morte ao Profeta Habachuc, e vio, que hia andando no triunfo de Chriſto: *Ante faciem ejus ibit mors.* Appareceo outra vez a morte a S. Joaõ no Apocalypſe, e vio, que vinha pizando ſobre hum cavallo: *Et ecce equus, & qui ſedebat ſuper eum, nomen illi mors.* Appareceo terceira vez a morte ao Profeta Zacharias, e vio huma fouce com azas: *Vidi, & ecce falx volans.* De maneira que temos a morte a pé, morte a cavallo, e morte com azas. A vida ſempre caminha ao meſmo paſſo, porque ſegue o curſo do tempo: a morte nenhuma ordem guarda no caminhar, nem ainda no ſer. Humas vezes he huma anatomia de oſſos, que anda, outras hum cavalleiro, que corre, outras huma fouce, que voa. Para eſtes vem andando, para aquelles correndo, para os outros voando. Se a morte ou para todos andara, ou para todos correra, ou para todos voara, era igual a morte. Mas andar para huns, para outros correr, e para mim voar! Oh morte, quem te cortara as azas! Mas bem he, que bata as azas, para que nós abatamos as rodas.

Num. 47x. Habac. 3. 5. Apoc. 6. 8. Zach. 5. 1.

596 Pintaſe a morte com huma fouce ſegadora na maõ direita, e hum relogio com azas na maõ eſquerda: ſe algum dia, ou hora foy aſſim a morte, troqueſe daqui por diante a pintura, que já naõ he aſſim: *Ecce falx volans.* Tirou a morte as azas do relogio da maõ eſquerda, e paſſou-as á fouce da maõ direita; porque he mais apreſſada a fouce da morte em cortar, que o relogio da vida em correr. Ainda quando a morte naõ voa, corre mais que a vida. Aquelle cavallo

cavallo, em que S. Joaõ vio a morte, diz o texto na verſaõ de Tertulliano, que era verde: *Et equus viridis*. Quem vio já mais cavallo verde? Mas era o cavallo da morte. Veſteſe eſte animal indomito da cor dos annos, que corta, arreaſe das eſperanças, que piza, pintaſe das primaveras, que atropella. Todos os annos eſtaõ ſujeitos á morte, mas nenhuns mais, que os que pareciaõ mais ſeguros, os verdes.

Num. 473. 597 Moſtrou Deos huma viſaõ ao Profeta Amos, (que era homem do campo) e perguntoulhe, que via: *Quid vides tu Amos*? Reſpondeo o Profeta: Senhor: *Uncinum pomorum*: o que vejo he huma vara comprida, e farpada, com que os ruſticos alcançamos a fruta, e a colhemos das arvores. Pois eſſa vara, que vês, diz Deos, he a morte. Todo eſte mappa do mundo he hum pomar: as arvores, humas altas, outras baixas, ſaõ as diverſas geraçoens, e familias: os fructos, huns mais maduros, outros menos, ſaõ os homens: a vara, que alcança ainda os ramos mais levantados, he a morte: colhe huns, e deixa outros. Ah Senhor, que eſſa he a morte como havia de ſer, e naõ como he. Quem entra a colher em hum pomar, paſſa pelos pomos verdes, e colhe os maduros; mas a morte naõ faz aſſim: vemos que deixa os maduros, e colhe os verdes. E já ſe colhera ſó os fructos verdes, colhera fructos, mas a queixa minha he. que deixa de colher os fructos, e colhe as flores: *Flores apparuerunt in terra noſtra, tempus putationis advenit*: Appareceraõ as flores na noſſa terra, naõ lhe aguardou mais tempo a morte: appareceraõ, e deſappareceraõ. A'lerta, flores, que a primavera da vida he o outono da morte. A fouce ſegadora, que traz na maõ, inſtrumento he do Agoſto, e naõ do Abril; mas

mas armaſe aſſim com ardiloſa impropriedade a morte, ameaça as eſpigas, para que ſe deſacautelem as flores. Ha tal crueldade! Ha tal engano! Naõ me queixo do golpe, ſenaõ do tempo: *Flores apparuerunt, tempus putationis.* Que haja tempo de florecer, e tempo de cortar, he natureza; mas que o tempo de florecer, e o de cortar ſeja o meſmo! Que a idade mais florida ſeja a mais mortal! Que a vida mais digna de viver ſeja a mais ſujeita á morte! E que haja imperio ſuperior, que domine eſte tyranno! Que haja providencia no mundo, que o governe! *Domine, non eſt tibi curæ?*

598 A eſtas queixas taõ juſtificadas da idade ſe ſeguem as da gentileza, naõ menos laſtimoſa, mas mais para laſtimar. Por iſſo lá Jeremias no pranto de Belém as lagrimas, que houveraõ de ſer de Lia, traſladou-as aos olhos de Rachel, naõ porque houveſſem de ſer mais ſentidamente choradas, mas porque haviaõ de ſer mais laſtimoſamente ouvidas. Queixaſe a gentileza contra a morte por conceder a tanto luzimento taõ breves dias, a tanta repreſentaçaõ taõ pouco theatro. E pois as queixas da boca de Rachel ſaõ melhor ouvidas, ſeja Rachel a primeira allegoria deſtas queixas. Num. 474.

599 Muito tenho reparado em quaõ deſigualmente ſe houveraõ com Rachel quem lhe deo o ſer, e quem lho tirou, Labaõ, e a morte. Pedia Jacob a Labaõ o premio dos primeiros ſete annos, que ſervira, e deolhe Labaõ a Lia em lugar de Rachel, allegando, que Lia era a filha primeira, e que havia de preceder. Teve paciencia Jacob, ſervio outros ſete annos, e em huma jornada, que depois fez de Bethel a Belém, morreo Rachel, e ficou ſepultada no caminho,

nho, e Lia depois deſte ſucceſſo viveo ainda muitos annos. Naõ ſey ſe notais a deſigualdade. De maneira, que Labaõ, quando houve de dar caſa a huma das filhas, reparou na prerogativa dos annos, e precedeo Lia: e a morte quando houve de dar ſepultura a huma das irmans, naõ reparou nos privilegios da idade, e precedeo Rachel. Pois ſe ſe ha de dar primeiro caſa a Lia, que a Rachel, porque tem mais annos Lia; porque ſe ha de dar primeiro ſepultura a Rachel, que a Lia, ſe tem menos annos Rachel? He poſſivel, que para a caſa ha de ſer Rachel a ultima, e para a ſepultura a primeira? Sim, que iſſo he ſer Rachel. Nas leys de Labaõ tem precedencia para a caſa a mayor idade, nas leys da morte tem precedencia para a ſepultura a mayor belleza.

Num. 475. 600 Deſde a terra até o Ceo eſtá eſtabelecida eſta ley. Na terra a roſa Rainha das flores he efimera de hum dia: toda aquella pompa branca, toda aquella ambiçaõ encarnada, de que ſe veſte, pela manhã ſaõ mantilhas, ao meyo dia galas, á noite mortalhas. No Ceo a Lua Rainha das eſtrellas quem a vio cheya retrato da formoſura, que logo a naõ viſſe minguante depois da mudança? Quando reſplandece com toda a roda, entaõ ſe eclipſa: quando faz oppoſiçoens ao Sol, entaõ a encobre a terra. Ajunteſe a formoſura da terra com a formoſura do Ceo, e na uniaõ de ambas veremos o meſmo exemplo.

601 Transfigurouſe Chriſto no Thabor, appareceraõ logo no meſmo monte com o Senhor Moyſés,

Luc. 9. 31. e Elias: *Et loquebantur de exceſſu, quem completurus erat in Jeruſalem.* Ha tal pratica em tal occaſiaõ! Huma vez, que a formoſura de Chriſto quiz fazer oſtentaçaõ de ſuas galas, que logo os Profetas

lhe

lhe hajaõ de cortar os lutos? Sim, e muito a seu tempo; porque a mesma formosura, que viaõ, era profecia da morte, em que fallavaõ: *Loquebantur de excessu*: de hum excesso arguiaõ o outro; que quem excedia tanto na formosura, naõ podia durar muito na vida. Quanto se disse no Thabor, foraõ pregoens deste desengano. No Thabor fallaraõ os dous Profetas, e fallou S. Pedro. S. Pedro fallou como nescio; porque cuidou, que formosura taõ grande podia permanecer muito nesta vida: *Bonum est nos hic esse*, os Profetas fallaraõ como discretos; porque tanto que viraõ o extremo da formosura, logo deraõ por infallivel o excesso da morte: *Loquebantur de excessu.* Antes, se bem repararmos, a mesma formosura de Christo no Thabor foy a mayor confirmaçaõ de sua pouca dura. Dizem os Euangelistas: *Resplenduit facies ejus sicut Sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* Que o rosto de Christo ficou resplandecente como o Sol, e suas vestiduras brancas como a neve: formosura de neve, e Sol he grande; mas de dias breves. Quando o Sol se vê junto com a neve, saõ breves os dias do Sol, quando a neve se vê junta com o Sol, saõ poucas as horas da neve. Bem se vio: tanta neve, e tanto Sol que duraçaõ tiveraõ? Sabese que foy de hum só dia, naõ se sabe de quantas horas. Oh neve derretida a rayos do Sol! Oh Sol sepultado em occasos de neve! que larga materia de affinar a queixa offereceis neste passo á minha oraçaõ; mas obrigame a mim a discriçaõ, a que remetta ao silencio o enternecido destas queixas, para que ouçamos o poderoso das suas. Matth. 17. 2. Num. 476.

602 Queixase finalmente a discriçaõ, (que sempre a discriçaõ he a ultima em queixarse) e tomara Num. 477.

eu,

eu, que ella tivera melhor interprete para declarar com quanto fundamento ſe queixa. O mayor inimigo da vida quem vos parece que ſerá? O mayor inimigo da vida he o entendimento. Taõ madraſta ſe houve com o homem a natureza, que produzindo tantos antidotos nas entranhas dos animaes, dentro na alma do homem lhe creou o mayor veneno. Se buſcarmos a primeira origem da morte, na arvore da ciencia poz Deos o fruto da mortalidade: por onde os homens quizeraõ ſer mais entendidos, por alli começaraõ a ſer mortaes. Até no meſmo Deos teve lugar eſta terrivel conſequencia. Houve de encarnar, e morrer huma das peſſoas divinas, e porque mais o Filho, que alguma das outras? A verdadeira razaõ ſabe-a Deos. Eu ſó ſey, que á peſſoa do Filho ſe atribue o entendimento, e que á peſſoa do Filho ſe unio a mortalidade. Como o Verbo *ab æterno* procedeo por entendimento, *ab æterno* propendeo para mortal. Se iſto foy em Deos, que ſerá nos homens? Todos os homens ſaõ mortaes, mas o mais entendido, mais mortal que todos.

603 Naquella parabola das dez virgens as vodas ſignificavaõ a morte, e he muito de notar, que ſendo cinco as entendidas, e cinco as neſcias, todas as cinco entendidas morreraõ primeiro. Entender muito, e viver muito ou no entendimento he engano, ou na vida he milagre. A razaõ diſto a meu juizo deve ſer; porque cada hum ſente como entende. Quem entende muito, naõ póde ſentir pouco, e quem ſente muito, naõ póde viver muito. O homem he vivente, ſenſitivo, e racional: o racional apura o ſenſitivo, e o ſenſitivo apurado deſtroe o vivente.

Num. 478. 604 Mas como os homens igualmente amaõ a vida,

vida, e se prezaõ do entendimento, daqui vem, que se persuadem difficultosamente a esta triste Filosofia. Dizia David a Deos: *Da mihi intellectum, & vivam*: Senhor, daime entendimento, e vivirei. Ah David, e como naõ sabeis o que pedis! Se quereis morrer, pedi embora a Deos, que vos dê entendimento; mas se quereis viver, pedilhe, que vos tire o entendimento, que tendes. Ps. 118. 144.

605 Naõ havemos de ir buscar a prova a outra parte. Vay depois disto David á Corte d'ElRey Achiz, tem noticia, que o querem matar, e fazse doudo. E bem, David, naõ ereis vós o que dizieis a Deos, que vos désse entendimento para viver? Pois como agora para viver vos desfazeis do entendimento? Dantes governavase David pelo discurso, agora pela experieneia. Pelo discurso parecialhe a David, que naõ havia cousa para viver, como ser entendido; mas a experiencia mostrou depois a David, que era necessario ser desentendido para viver.

606 Já démos a razaõ disto em quanto natureza, demola agora em quanto semrazaõ. Seja por hum exemplo. Entraraõ pelo Horto os soldados, que vinhaõ prender a Christo, mete maõ á espada S. Pedro, enveste a Malcho, e fere-o. Sempre reparei muito nesta envestida, e neste golpe. Se Pedro quer defender a seu Mestre, avance aos esquadroens armados, envista, e matese com elles. Mas a Malcho? A Malcho, que naõ trazia na maõ mais que huma lanterna com que alumiava? Eisahi como trata o mundo as luzes: em apparecendo a luz, todos os golpes a ella. Em vez de arremeter aos que traziaõ as armas, arremete ao que trazia a luz; porque de nenhuma cousa se daõ os homens por mais offendidos, que da luz Num. 479.

alhea. Se vierdes com exercitos armados: *Cum gladiis, & fuſtibus*, tervos haõ quando muito por inimigo, mas naõ vos faraõ mal; porém ſe vos coube em ſorte a lanterna, ſe Deos vos deo huma pouca de luz, (ainda que naõ ſeja para luzir, ſenaõ para
Num. 480. alumiar) foſtes mofino, apparelhai a cabeça. De tudo o dito ſe colhe, que quando vemos faltar ante tempo as luzes ou porque morrem, ou porque as mataõ, ou porque ſe mataõ, naõ temos materia de eſpanto, poſto que a tenhamos grande de queixa: de eſpanto naõ, porque eſte he o mundo: de queixa ſim, porque o governa Deos: *Domine, non eſt tibi curæ?*

607 He poſſivel, Senhor, que tendes providencia, e que haõ de viver as trevas, e morrer as luzes? O neſcio ſepultado nas trevas da ignorancia ha de ter pazes com a morte, e o entendido alumiado com as luzes da razaõ ha de andar em guerra com a vida? Ameaçando David aos poderoſos com o inevitavel da morte, diz, que os neſcios, e os entendidos todos haviaõ de morrer juntamente: *Cum vide-*
Pſ. 48. 11. *rit ſapientes morientes, ſimul inſipiens, & ſtultus peribunt.* Se aſſim fora ainda era deſigualdade; mas que a morte apreſſada ſeja tributo do entendimento, e a vida larga attributo da ignorancia? Naõ lhe baſtava aos neſcios hum attributo, naõ lhe baſtava ſerem infinitos no numero, ſenaõ tambem eternos na duraçaõ? Que no Paraiſo dê fructos de morte a arvore da ciencia, e que no mundo a ignorancia ſeja arvore da vida? Que dentro de nós ſeja enfermidade mortal o entendimento, e que fóra de nós ſeja delicto mortal o uſo da razaõ? Que ſendo o racional natureza, ninguem poſſa ſer racional ſob pena de vida?

vida? E que estas injustiças da morte sejaõ disposiçoens da providencia? *Domine non est tibi curæ?*

608 Mas acudamos já pela providencia divina, Num. 483
e respondamos ás nossas tres queixosas, que he tempo. Naõ se queixe a idade por cortada, nem a discriçaõ por emmudecida, nem a gentileza por eclipsada, que para todos escolheo Maria a melhor parte. He verdade, que morreo, mas por meyo da morte eternizou a idade, melhorou a gentileza, canonizou a discriçaõ. Vede, se tem razaõ de estarem queixosas, ou agradecidas.

609 Primeiramente eternizou a idade; porque Num. 484.
cortalla foy artificio de a eternizar. Dizia Job: *In nidulo meo moriar, & sicut phœnix multiplicabo dies meos.* Morrerei, e multiplicarei meus dias. Notavel modo de fallar! Parece, que havia de dizer Job: Morrerey, e acabarei meus dias; mas morrerei, e multiplicarei meus dias: *Moriar, & multiplicabo dies meos*; como póde ser isso? O mesmo Job disse como: *Sicut phœnix.* Reparo, diz Job, que eu naõ fallo como homem, fallo como fenix: o homem diz: Morrerei, e acabarei meus dias, porque com a morte acaba: a fenix pelo contrario diz: Morrerei, e multiplicarei meus dias, porque na fenix o cortar a vida he artificio de multiplicar a idade. Entre todas as mortes só huma ha no mundo, que naõ seja digna de sentimento, he a da fenix. Se a fenix morrera para acabar, fora a sua morte mais lastimosa, e mais digna de sentimento, que todas, porque he unica; mas como a fenix morre para renascer, como a fenix diminue a vida para multiplicar a idade, naõ he digna de lagrimas a sua morte, senaõ de applausos. Calleſe logo a idade queixosa; que naõ

merece queixas quem morre fenix.

Num. 486. 610 Tambem a gentileza naõ tem razaõ nas ſuas queixas. O morrer naõ foy perder, foy melhorar a formoſura. Oh ſe a cegueira do mundo tivera olhos para ver eſta verdade, que menos idolatradas foraõ ſuas apparencias! Oh que admiraveis transformaçoens de formoſura faz inviſivelmente a morte debaixo da terra! Os Chimicos naõ acharaõ atégora a pedra filoſofal; porque naõ fizeraõ enſayo nas pedras de huma ſepultura. Fallando Deos a Abrahaõ na glorioſa deſcendencia de ſeus filhos, humas vezes comparou-os a pó, e outras a eſtrellas para enſinar (diz Filo) que o caminho de ſe fazerem eſtrellas era desfazeremſe em pó. Que cuidais, que he huma ſepultura, ſenaõ huma officina de eſtrellas? Ainda a meſma natureza produz mayores quilates de formoſura embaixo, que em cima da terra. As flores, formoſura breve, criaõſe na ſuperficie, as pedras precioſas, formoſura permanente, no centro.

611 Julgue agora a enganada gentileza, ſe foy injurioſa a Rachel a ſepultura, ou ſe ſoube eſcolher Maria a melhor parte. Enterrouſe flor para ſe congelar diamante: desfezſe em cinzas para ſe formar em eſtrella.

Num. 487. 612 Mas quando por meyo da morte naõ alcançara a gentileza a melhoria da transformaçaõ, pergunto: E fora pequeno beneficio livrarſe por eſta via dos damnos da mudança? Eſte genero apparente, a que os homens chamaõ formoſura, ainda tem mais inimigos, que a vida, com ſer taõ fragil. A vida tem contra ſi a morte, a formoſura ainda antes da morte tem contra ſi a meſma vida: *Forma bonum fragile eſt, quantumque accedit ad annos, fit minor.* Os primei-

meiros tyrannos da formosura saõ os annos, e a sua primeira morte he o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba; debaixo da tyrannia do tempo mudase.

613 E se alguem perguntara á formosura, qual lhe está melhor, se a morte, ou a mudança, naõ ha duvida, que havia de responder: Antes morta, que mudada. A formosura morta sustentase na memoria do que foy, a formosura mudada afrontase no testimunho do que he. A victoria, que da formosura alcança a morte, he hum rendimento secreto, cobre-o a terra: a victoria, que da formosura alcança o tempo, he hum triunfo publico, todos a vem: e trazer o epitafio no rosto, ou telo na sepultura vay muito a dizer. Parece esta razaõ demasiadamente humana; mas Deos a fez divina.

614 Occultou Deos o sepulchro de Moysés, (a mayor formosura do mundo, sem ser affronta em hum homem) naõ porque os homens o naõ vissem morto, mas porque naõ vissem a sua formosura mudada: *Ne faciem, quæ radiaverat, suppressam videret.* Morta sim, mudada naõ, ninguem a ha de ver. Assim trata Deos a formosura, a que quer fazer o mayor favor: e taõ certo he o juizo do mesmo Deos, que lhe está melhor á formosura a morte, que a mudança. Chegada pois a gentileza humana áquelle termo preciso de sua perfeiçaõ, em que o parar he vedado, o crescer impossivel, e o diminuir forçoso, fazer tregoas com a morte por se naõ sujeitar á tyrannia do tempo, se naõ foy eleger a melhor parte, foy ao menos aceitar o melhor partido: *Maria optimam partem elegit.* Deut. 34. 6.

615 Finalmente a discriçaõ naõ tem razaõ de quei- Num. 488.

queixarſe; porque ſe a morte a emudeceo, a morte a canonizou. A diſcriçaõ verdadeira naõ conſiſte em ſaber dizer, conſiſte em ſaber morrer. Até á morte ninguem ſe póde chamar com certeza neſcio, ou diſcreto. O ultimo acerto, ou ultimo erro he o que dá nome ao juizo de toda a vida. Por iſſo Deos no principio do mundo approvando todas as creaturas, ſó ao homem naõ approvou; porque a approvaçaõ do homem eſtá ſempre dependendo do fim: *Non in exordio, ſed in fine laudatur homo*, diſſe Santo Ambroſio.

616 Naõ ſe póde ſeguramente louvar o homem, nem quando começa, nem quando he, ſenaõ quando acaba de ſer. Em quanto naõ chegou o dia ultimo, eſtava em opiniaõ a prudencia das virgens: aſſentouſe a morte na ſuprema cadeira, definio quaes eraõ as neſcias, e quaes as prudentes.

617 Em nenhuma couſa ſe vê tanto o acerto da eleiçaõ, como naquillo, que acertado huma vez naõ póde ter mudança, ou errado huma vez naõ póde ter emenda. He eleiçaõ, de que depende tudo, e huma parte, que encerra em ſi o todo, e por iſſo a melhor parte: *Optimam partem elegit.*

Num. 491. 618 Tenho acabado, e ſatisfeito, ſe me naõ engano, ás noſſas tres queixoſas. Mas ſe ellas tiveraõ tempo para ſe queixar de novo, e eu forças para dizer, e vós paciencia para ouvir, he certo, que as queixas, que ſe fizeraõ tanto ſem razaõ contra eſta morte, ſe haviaõ de converter todas, e com muita razaõ contra noſſas vidas.

619 Oh idades cegas! Oh gentilezas enganadas! Oh diſcriçoens mal entendidas! Vive a idade, como ſe naõ houvera morte: vive a gentileza, como ſe naõ paſſara o tempo: vive a diſcriçaõ, como ſe naõ temera

mera o juizo. Oh acabemos já algum dia de ser cegos. Ponhamos diante dos olhos estas imagens funestas, retrato de nós mesmos, que naõ sem particular providencia nos mete Deos em casa taõ repetidamente. Apenas ha casa illustre em Portugal, que se naõ visse cuberta de lutos este anno: e ainda naõ he acabado.

620 Já que os parentes morrem para si, e para Deos, morraõ tambem para nós. Consideremos, que foraõ o que somos: que havemos de ser o que faõ: que alli vay a parar tudo: e que tudo, o que alli naõ aproveita, he nada. Se nos dá confianças a idade, reparemos quaõ fragil he, e quaõ sujeita ao menor accidente. Se a gentileza nos engana, desenganenos huma caveira, que he o que só tem duravel a mayor formosura. Se a discriçaõ finalmente nos desvanece, saibamos ser discretos, que he saber salvarnos.

DISCURSO LVIII.

Tirado de hum sermaõ, que o Auctor prégou na Igreja da Misericordia da Bahia ao enterro dos ossos dos enforcados.

MORTOS.

621 HUm dos grandes escandalos, que tenho do mundo, he, porque se naõ ha de testar dos amigos. Na morte testaõ os homens de todos os seus bens, e por essa mesma razaõ parece, que haviaõ de testar dos amigos em primeiro lugar; porque entre todos os bens nenhum bem ha mayor, que os amigos, e entre todas as cousas nossas nenhuma Part. 5. Num. 373.

nhuma he mais noſſa, que os amigos.

622 Pois ſe os amigos ſaõ os noſſos mayores bens, e os bens mais noſſos, porque naõ teſtamos delles? A razaõ he eſta; porque os bens, de que teſtaõ, e podem teſtar os homens, ſaõ aquelles, que permanecem depois da morte: e os amigos, ainda que ſejaõ os noſſos mayores bens, ſaõ bens, que ſe acabaõ com a vida. O mayor amigo permanece até á morte; depois da morte ninguem he amigo.

Part. 2. Num. 450. Num. 449.

623 Para que ſe deſenganem todos os mortaes de quaõ pouco ſe devem fiar os mortos dos vivos, ponhamos o exemplo nos mais reſpeitados, e nos mais reſpeitoſos do mundo, que ſaõ os Reys, e os que andaõ mais chegados a elles.

624 Morreo ElRey Herodes, aquelle, que logo em ſeu naſcimento quiz tirar a vida a Chriſto, e o obrigou a fugir ao Egypto; e tanto que morreo, appareceo o Anjo a S. Joſeph, e diſſelhe, que ſeguramente podia tornar para as terras de Iſrael: *Defuncti ſunt enim, qui quærebant animam pueri*; porque já eraõ mortos os que perſeguiaõ ao minino.

625 Eſte porque do Anjo parece, que foy mais largo do que havia de ſer. O Euangeliſta diz, que ſó morrera Herodes: *Defuncto Herode.* Pois ſe o que morreo foy ſó Herodes perſeguidor de Chriſto, como diz o Anjo, que morreraõ todos os que o perſeguiaõ? Porque com a morte dos Reys morrem todos os reſpeitos, que os acompanhaõ na vida. Herodes perſeguia a Chriſto por reſpeito da coroa, os demais perſeguiaõno por reſpeito de Herodes, e como morreo Herodes, tambem morreraõ com elle to-

Num. 450.

dos eſſes reſpeitos. E diz o Anjo angelicamente, naõ que morreraõ os reſpeitos, ſenaõ que morreraõ os reſpei-

reſpeitoſos, ou reſpectivos, iſto he os familiares de Herodes. Em algumas naçoens da India quando morrem Reys, mataõſe juntamente com elles todos os ſeus criados, e validos. Cá naõ ſe mataõ, mas tambem morrem. Morrem para elles, e vivem (como ſempre viveraõ) ſó para ſi. E ſe iſto ſucede aos Reys, que ſerá dalli abaixo? Deſenganemonos pois, que para os mortos naõ ha vivos. Todos morrem com quem morre: *Defuncto Herode, defuncti ſunt enim.* Atai as palavras do Euangeliſta com as do Anjo, e notai muito aquelle *enim.* Morrem os vivos com os mortos ſem outro achaque, nem porque, ſenaõ porque elles morreraõ. Naõ morreria muito treſvariado, e fóra de ſi quem nomeaſſe por ſeu teſtamenteiro a hum morto? Pois aſſim o fazem os que na morte encommendaõ os deſcargos de ſua alma aos vivos.

627 Até os que na vida morriaõ por vós, na morte morrem comvoſco. Vede o nos filhos para com os pays, e nos irmaõs para com os irmaõs, e o que he mais que tudo nos amigos para com os amigos. O par mayor de amigos, que lemos na Eſcritura, (que os outros ſaõ fabuloſos) foraõ Jonathas, e David. Morreo Jonathas, ficou David vivo, e tudo, o que fez por elle, foy tirar a fazenda a ſeu filho, e compor hum Soneto, ou huma Cançaõ á ſua morte: *Doleo ſuper te, frater mi Jonatha, decore nimis, & amabilis ſuper amorem mulierum. Sicut mater unicum amat filium ſuum, ita ego te diligebam.* Reparay no *diligebam*, amava. Elle meſmo confeſſa, e diz naõ que ama, ſenaõ que amava; porque com a morte de Jonathas morreo tambem o amor de David. Fiaivos lá de amigos, e mais dos mais diſcretos. 2. Reg. 1. 26. & 27.

O que

O que podeis eſperar quando muito da ſua memoria, ou do ſeu entendimento, he huma meya folha de papel com quatorze verſos: melhor fora huma bulla de defuntos.

Num. 451. 628 Mas tornando a Herodes, e á declaraçaõ dos reſpeitos, porque na ſua morte morreraõ com elle todos os ſeus, he de ſaber, que eſte Herodes, por ſobrenome Aſcalonita, foy o homem, que por todas as artes, e manhas ſoube melhor ganhar, ſujeitar, e unir a ſi os animos dos homens. Como era intruſo na coroa, reynou quarenta, e dous annos ſempre com receyo de que o privaſſem do Reyno: a huns grangeava com favores, e merces, como Rey, a outros ſujeitava com rigores, e caſtigos, como tyranno. E por eſte modo dominava de tal ſorte a todos, que naõ havia no ſeu Reyno mais que huma ſó vontade, que era a ſua. Bem ſe vio na entrada dos Magos em Jeruſalem com voz de outro Rey: *Turbatus eſt Herodes*: Turbouſe Herodes: *Et omnis Jeroſolyma cum illo*: E todos por elle, e com elle. E aſſim como todos viviaõ com elle, quando vivo, aſſim todos morreraõ com elle, quando morto. Em quanto vivo, huns viviaõ com elle pelo beneficio, outros pelo medo: tanto que morreo, morreraõ tambem todos com elle; porque nenhuns tinhaõ já que temer, nem outros que eſperar.

Num. 454. 629 Mas muitas vezes ſaõ ſervidos, e honrados os mortos, naõ por ſi, mas por reſpeito dos vivos. Naõ vedes nas mortes, e funeraes, principalmente dos grandes, os concurſos, e aſſiſtencias de todos os eſtados, que ſe fazem áquelles perfumados cadaveres, de cujas almas por ventura ſe naõ tem tanto cuidado? Pois naõ cuideis, que cuidamos, que o fazeis

por

por piedade dos mortos. Todos ſabemos taõ bem como vós, que ſaõ puras ceremonias, e liſonjas, com que incenſais os vivos. Por mais que ſejaõ funeraes os obſequios, aos vivos he que ſe fazem, e naõ aos mortos. Ouvis aquelles reſponſos de corpo preſente taõ concertados, e taõ ſentidos? Pois naõ ſe rezaõ aos defuntos, cantaõſe aos vivos. Por iſſo os de Naim Num. 455. no enterramento do filho da viuva hiaõ com ella, e naõ com elle: *Ecce defunctus efferebatur, filius unicus matris ſuæ, & hæc vidua erat: & multitudo copioſa plebis cum illa*; porque ordinariamente o que parece, que ſe faz aos defuntos, fazſe aos vivos. O filho era defunto, e a mãy a acompanhada. Os da tumba levavaõ o morto, os do acompanhamento levava-os a viva. Elle hia para a ſepultura, e elles naõ hiaõ com quem hia, hiaõ com quem ficava: *Cum illa.* Luc. 7. 12.

630 Se iſto he o que paſſa nas Cidades pequenas, Num. 456. como a de Naim, que ſerá nas grandes Cortes, onde he tamanha a liſonja dos vivos, como o eſquecimento dos mortos? Ponhamonos na de Menfis. Morreo Jacob pay de Joſeph no Egypto, e depois morreo tambem Joſeph na meſma Corte. Mas he digno de admiraçaõ, e de paſmo o modo, com que ſe portaraõ os Egypcios em huma, e outra morte. Na de Jacob duraraõ os prantos, e as exequias ſetenta dias: Geneſ. 50. *Flevit eum populus ſeptuaginta dies.* E porque logo 3. ſe trasladou o ſeu corpo para a terra de Canaan, como tinha mandado, acompanharaõno até lá todos os Principes, e Grandes do paço de Faraó, e todos os Magiſtrados, e ſenhores do Egypto com grandes tropas de cavallaria, e apparato de carroças: *Ierunt* Gen. 50. 7. *cum eo cuncti ſeniores domus Pharaonis, cunctique* & 9. *maio-*

maiores natu Egypti: habuitque in comitatu currus, & equites. Aſſim foraõ caminhando até fóra das rayas do Egypto, e depois que paſſaraõ o Jordaõ, e chegaraõ ao lugar do ſepulchro, renovaraõ outra vez as exequias por eſpaço de ſete dias com tantas lagrimas, e extraordinarios prantos, que admirados os Cananeos pozeraõ por nome áquelle ſitio: *Planctus Egypti*: O pranto do Egypto: *Ubi celebrantes exequias planctu magno, atque vehementi, impleverunt ſeptem dies. Quod cum vidiſſent habitatores terræ Chanaan, vocatum eſt nomen loci illius: Planctus Egypti.* Taõ ſentida, e taõ mageſtoſamente como iſto celebraraõ os Egypcios as exequias de Jacob pay de Joſeph.

Gen. 50. 10. 11.

631 E quaes vos parece agora, que ſeriaõ as do meſmo Joſeph, quando depois morreo no meſmo Egypto? De induſtria referi todas as palavras, com que a Eſcritura deſcreve as do pay, para que a meſma Eſcritura nos diga tambem as do filho. Ouvi com aſſombro o que diz: *Mortuus eſt Joſeph expletis centum, & decem vitæ ſuæ annis, & conditus aromatibus repoſitus eſt in loculo in Egypto*: Morreo Joſeph de idade de cento e dez annos, e ungido, como era coſtume dos Hebreos, o meteraõ em hum lugar do tamanho do ſeu corpo no Egypto. E naõ diz mais a hiſtoria ſagrada, ſendo eſtas as ultimas palavras de toda a que eſcreveo Moyſés. E que he das exequias? Que he das lagrimas, e prantos? Que he da ſolemnidade do enterro? Que he dos apparatos funebres? Que he dos mauſoleos, e pyramides Egypciacas? Que he do concurſo da Corte? Que he do acompanhamento, e aſſiſtencia dos tribunaes, dos Miniſtros, e ſenhores grandes da caſa de Faraó, de que

Num. 457.

Joſeph

Joseph era o mayor, o mais valido, o mais respeitado, e adorado, e sobre tudo o mais benemerito?

632 Nada disto diz Moysés, sendo sem duvida, que o havia de dizer, se o houvera, assim como com tanta especialidade, e miudeza descreveo as honras, e exequias de Jacob. Pois se a Jacob só por ser pay de Joseph sem outro merecimento, ou serviço, com que tivesse obrigado aos Egypcios, lhe fazem na morte taõ magnificas exequias, e taõ exquisitas honras, e o que he mais, acompanhadas de tantas lagrimas, e prantos, como falta tudo isto na morte de Joseph, na morte outra vez daquelle mesmo Joseph, a quem os mesmos Egypcios deraõ nome de Redemptor do mundo, porque ao Rey tinha remido, e conservado ao Reyno, e aos vassallos primeiro tinha dado a vida, depois a fazenda, e ultimamente a liberdade?

633 Aqui vereis quanto vay de mortos a mortos, quando concorre, ou falta o respeito dos vivos. Quando morreo Jacob, era vivo Joseph, e porque era vivo o filho, e tal filho, fizeraõ tantas honras ao pay. Pelo contrario, quando morreo Joseph, naõ deixou vivo depois de si a quem os Egypcios respeitassem, ou de quem dependessem; e como naõ havia vivos para os obsequios, naõ houve exequias para o defunto. Só se podiaõ desculpar os Egypcios com Joseph, dizendo, que lhe faltaraõ com as lagrimas na morte, porque já lhas tinhaõ dado em vida, e assim foy. Nas exequias de Jacob o chorado naõ era o pay, era o filho; porque naõ choravaõ os Egypcios pelo morto, choravaõ para o vivo. Sahiaõ as lagrimas dos seus olhos, para que as vissem os de Joseph: e naõ as exprimia a dor, ou a saudade, senaõ a dependencia, e

lisonja,

liſonja, como lagrimas de figuras pintadas, que aſſim como ſe rim ſem alegria, tambem choraõ ſem triſteza.

Num. 451 634 Eſta he a mayor miſeria dos mortos, ſerem gente, que naõ pódem fazer bem, nem mal. E porque com elles morrem, e ſe acabaõ todos os reſpeitos, e dependencias, porque ſe governaõ os affectos humanos; por iſſo aſſim como nelles aquella he a mayor miſeria, aſſim para com elles eſta he a mayor miſericordia: miſericordia ſem reſpeito, miſericordia ſem dependencia, miſericordia ſem motivo algum, que naõ ſeja pura miſericordia.

Num. 452. 635 Naõ ſou muito amigo de authoridades; porque raramente ſe podem ajuſtar com quem diſſer o que naõ eſtá dito. Ouçamos porém a de Santo Ambroſio, que melhor, e mais altamente tocou eſte ponto. Naquelle ſeu famoſo livro, que intitulou de *Officiis*, fallando da ſepultura dos mortos diz, que entre todos os beneficios, que póde fazer a piedade humana, eſte he o mais excellente: *Nihil hoc officio præſtantius.* Outros diziaõ, que mayor beneficio, e mayor obra de miſericordia he ſuſtentar os pobres, e remir os cativos; porque a huns dáſe a vida, e a outros a liberdade. Com tudo eſte grande Doutor da Igreja, e Meſtre de Santo Agoſtinho diz, que dar ſepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o beneficio, he o mais excellente de todos, e dá a razaõ: *Nihil hoc officio præſtantius, ei conferre, qui tibi jam non poteſt reddere*: He (diz) o mais excellente de todos, porque he beneficio feito a quem o naõ póde pagar: eu accreſcentara, nem dever. He fazer bem a quem vos naõ póde fazer bem: eu accreſcentara, nem mal. He obra, de que ſe naõ eſpera agra-

agradecimento: eu accreſcentara, nem queixa. He finalmente compadecerme eu, e remediar a quem naõ padece a miſeria, nem ſente o beneficio, que iſto he ſer morto. O bem, que ſe faz aos vivos, (como bem ſabem os que o fazem, e naõ ignoraõ os que o recebem) póde-o negociar o intereſſe, póde-o ſolicitar a dependencia, póde-o violentar o reſpeito, e nada diſto ſe póde eſperar de huns oſſos ſecos, nem temer de humas cinzas frias. Lá diſſe com alta Filoſofia Seneca, que a verdade do bem fazer naõ conſiſte em dar o beneficio, e perdello, ſenaõ em o perder, e dallo: *Beneficium eſt non dare, & perdere; ſed perdere, & dare.* Dar o beneficio, e perdello he caſo, que ſuccede muitas vezes ou por imprudencia de quem o dá, ou por impoſſibilidade, ou por avareza, ou por ingratidaõ de quem o recebe, e neſte caſo a boa obra naõ he beneficio, he ignorancia, ou deſgraça: pois quando he verdadeiro beneficio a obra boa? Quando quem a faz, ſabe que a perde, e com tudo a faz: e taes ſaõ os beneficios, que ſe fazem aos mortos. Como os mortos naõ ſentem, nem conhecem o beneficio, que ſe lhe faz, e ainda que o conheceraõ, naõ o podem agradecer, nem pagar, tudo, o que ſe faz aos mortos, he como ſe ſe perdera; e por iſſo a ſepultura ſe chama perdiçaõ: *In ſepulchro, in perditione.* Num. 453. Pſ. 87. 12.

DIS-

DISCURSO LIX.

Tirado de hum ſermaõ do ſantiſſimo Sacramento, e de outro de S. Joaõ Bautiſta prégado na profiſſaõ da ſenhora Madre Soror Maria da Cruz, filha do Excellentiſſimo Duque de Medina Sidonia.

MUNDO.

Part. 3. Num. 543. 637 NA terra poz Deos a meſa aos homens, e he couſa taõ digna de agradecimento, como de admiraçaõ, que de ſeis dias, em que creou o mundo, empregaſſe os tres mayores, e mais fecundos ſó em prover eſta meſa. Tudo quanto nada no mar, tudo quanto voa no ar, tudo quanto naſce, ou paſce na terra, ſaõ os ſimples, que produzio a natureza, para que delles compuzeſſe, e temperaſſe a arte o ſuſtento, e regalo do homem. As eſpecies, que ſe contém debaixo deſtes quatro generos vaſtiſſimos, taõ varias na formoſura, taõ exquiſitas nos ſabores, e infinitas no numero, excedem ſem limite a capacidade do goſto, e dos outros ſentidos. E que diſcurſo ha, que naõ paſme na conſideraçaõ do poder, magnificencia, e grandeza, com que mais parece quiz Deos enfaſtiar o appetite humano com a ſuperfluidade da meſa, que fartar a neceſſidade com a abundancia?

Num. 547. 638 E ſe quizera fabricar outro mundo mais precioſo, em que a terra fora ouro, o mar, e os rios prata, as areas perolas, os penhaſcos diamantes, as plantas eſmeraldas, as flores rubís, e ſafiras, e os fructos,

ctos, e seus sabores proporcionados a esta riqueza, e delicia, com outro aceno da mesma vontade, e sem mais tempo, que hum instante, o podéra crear de nada.

639 E naõ ha duvida, que dos bens temporaes mais liberal he o mundo com suas promessas, que Deos com suas liberalidades. Naõ costuma Deos dar tanto, quanto o mundo costuma prometter. Bem se segue logo, que mais dá a Deos quem lhe dá as promessas do mundo, que quem lhe torna as suas dadivas. Se dais a Deos, o que Deos vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mundo vos promette, dais muito mais. Oh quanto liberal está com Deos quem dandolhe as mayores grandezas, ainda busca artificios de lhas dar accrescentadas! E que artificio póde haver para accrescentar os bens, e grandezas do mundo? Eu o direi. Os bens, e grandezas do mundo falsamente se chamaõ bens, porque saõ males, e sem razaõ se chamaõ grandezas, porque saõ pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquidades grandezas, e dos males bens? O remedio he deixallos, e deixallos em esperanças; porque esses, que o mundo chama grandes bens, só saõ bens quando se deixaõ, só saõ grandes quando se esperaõ. A esperança lhe dá a grandeza, o desprezo lhe dá a bondade: desprezados saõ bens, esperados saõ grandes, e assim mais dá quem despreza o que espera, que quem dá o que possue. Part. 5. Num. 493.

640 Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo, que quem lho offerece em estatua; porque o mundo em estatua he muito mayor, que si mesmo. Para derrubar com huma pedra ao Golias bastou a funda de David: para derrubar com outra pedra a estatua de Num. 492.

Nabuco foraõ neceſſarios impulſos (poſto que inviſiveis) do braço de Deos. O Golias tinha de altura ſeis covados, a eſtatua tinha ſeſſenta, que nas grandezas mais pompoſas do mundo ſempre ſaõ mayores, que os gigantes, as eſtatuas. Nunca as machinas vivas igualaõ a medida das ſonhadas.

641 Sonha a fantaſia, promette a eſperança, profetiza o deſejo, repreſenta á imaginaçaõ, e ainda que a ſoltura deſtes ſonhos, o cumprimento deſtas promeſſas, o prazo deſtas profecias, a verdade deſtas repreſentaçoens nunca chegaõ, mais triunfa o amor divino, quando piza o fantaſtico, que o verdadeiro, o eſperado, que o poſſuido. Deixar antes de poſſuir he uſura de merecer; porque quem mais dá, mais mereee, e quem dá os bens na eſperança, da-os onde ſaõ mayores. A melhor parte dos bens deſta vida he eſperar por elles: logo mais faz quem ſe inhabilita para os eſperar, que quem ſe priva de os poſſuir. Por iſſo Chriſto chamou os Principes dos Apoſtolos, quando lançavaõ as redes, e naõ quando as recolhiaõ: *Mittentes rete in mare.* Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando ſe lançaõ, levaõ em cada malha huma eſperança, os lanços quando ſe recolhem, trazem muita rede vazia.

Part. 12. Num. 69. 642 He eſte mundo como o monte Calvario, em que ſe vem todos os eſtados dos homens, e todos em cruz. Todos os homens do mundo ou ſaõ juſtos, ou peccadores, ou penitentes. Se ſois juſto, haveis de ter cruz; porque Chriſto era juſto, antes a meſma juſtiça, e tinha a ſua. Se ſois peccador, haveis de ter cruz; porque o mao ladraõ era peccador, e eſtava crucificado. E ſe ſois penitente, tambem haveis de

ter

ter cruz; porque o bom ladraõ era penitente, e a cruz era a mayor parte da sua penitencia. Se fores Rey, haveis de ter cruz; porque Christo tinha hum titulo, que dizia *Rex Judæorum*, e o titulo, e mais o Rey ambos estavaõ pregados nella. E se fores dos que estaõ ao lado do Rey, tambem haveis de ter cruz; porque ao lado de Christo estava Dimas, e Gestas, e estava cada hum na sua.

643 Muito em seu lugar, e muito fóra de seu lugar estavaõ estes duos ladroens. Estavaõ muito em seu lugar, porque estavaõ crucificados com as maõs, e pés pregados na cruz, e estavaõ muito fóra de seu lugar, porque estavaõ ao lado do Rey. Se viveres na corte, haveis de ter cruz, que pelas ruas de Jerusalem levou Christo a Cruz ás costas: e se viveres no monte, tambem haveis de ter cruz, que no monte Calvario teve a Cruz a Christo nos braços. Em fim, se tiveres vontade de levar a cruz, levallaheis, que Christo desejou muito levalla, e levou-a: e se naõ tiveres vontade de a levar, tambem a levareis, que o Cyreneo naõ queria levar a cruz, e forçaraõno a que a levasse. De maneira, que ou por acto de virtude, ou por remedio de necessidade naõ ha passar esta vida sem cruz. Antes a mayor felicidade dos vivos he como o enterro dos defuntos: quanto mais pompa, mais cruzes. Num. 70.

DISCURSO LX.

Tirado de hum ſermaõ de S. Joſeph prégado na Capella Real no dia do meſmo Santo, em que fez annos ElRey D. Joaõ IV. e de outro do naſcimento da Mãy de Deos.

NASCIMENTO.

Part. 12. Num. 397. 644 QUeſtaõ foy mui duvidada entre os antigos, qual dia deſta vida era mais felice, ſe o primeiro, ſe o ultimo, ſe o do naſcimento, ſe o da morte. Daqui vẽyo, que ſeguindo varias gentes varias opinioens, humas ſe alegravaõ nos naſcimentos, outras os celebravaõ com lagrimas: humas ſe entriſteciaõ nas mortes, outras a ſolemnizavaõ com feſtas. Chegou finalmente a duvida ao tribunal d'ElRey Salamaõ, o qual inclinandoſe á parte, que parecia menos provavel, reſolveo, que melhor he o dia da morte, que o dia do naſcimento: *Melior eſt dies mortis die nativitatis.*

Part. 7. Num. 136. 645 Os homens (deve ſer porque ſaõ mortaes) o que coſtumaõ feſtejar com mayores demonſtraçoẽs de goſto, parabens, e applauſos aſſim publica, como privadamente, ſaõ os naſcimentos. Mas iſto de naſcer pelo que tem de ſi, nem merece alegria, nem triſteza; antes, ſe bem ſe conſidera, mais digno he de triſteza, que de alegria. Naõ de balde com ſer o riſivel a primeira propriedade de noſſa natureza, a meſma natureza nos enſina a naſcer chorando. Com lagrimas choraraõ muitas naçoens os naſcimentos, que nós ſolemnizamos com feſtas, e naõ ſey ſe nos deve-

deveraõ tornar o nome de barbaros, que lhe damos. Queixamonos da vida, e festejamos os nascimentos, como se o nascer naõ fora principio da mesma vida, que nos traz queixosos. O nascimento he o principio da vida, como a morte o fim: e huma carreira, que tem o fim taõ duvidoso, huma navegaçaõ, que tem o porto taõ pouco seguro; como póde ter o principio alegre? Nascemos sem saber para que nascemos, e bastava só esta ignorancia para fazer a vida pezada, quando naõ tivera tantos encargos sabidos. Os ditosos, e os desgraçados todos nasceraõ, e como saõ mais os que accusaõ a fortuna, que os que lhe daõ graças, mayor materia daõ os nascimentos ao temor, que á esperança. A esperança promette bens, o temor ameaça males, e entre promessas, e ameaças tanto vem a se padecer o que se espera, como o que se teme. A quem começa a vida, tudo fica futuro, e no futuro nenhuma distinçaõ ha de males a bens, todos saõ males, porque todos se padecem. Os males padecemse, porque se temem, os bens padecemse, porque se esperaõ; e para affligir o mal basta ser possivel, para molestar o bem basta ser duvidoso. Se alguma cousa nos podéra segurar os sobresaltos desta contingencia, parece que era o tempo, o lugar, e as pessoas, de que nascemos; mas por mais que destas circunstancias conjecture a vã sabedoria felicidades, o certo he, que nem o tempo as influe, nem a patria as produz, nem dos mesmos pays se herdaõ.

646 Do mesmo pay nasceo Isac, e Ismael, e hum foy o morgado da fé, outro da heresia. Na mesma hora nasceo Jacob, e Esaú, e hum foy amado de Deos, outro aborrecido. Na mesma terra nasceo Caim, e Abel, e hum foy o primeiro tyranno, outro o pri-

o primeiro martyr. Affim que avaliar o naſcimento pelos pays he vaidade, medillo pelo tempo he ſuperſtiçaõ, e eſtimallo pela patria he ignorancia, e ſó julgallo pelo fim he prudencia.

647 Salamaõ, o mais ſabio de todos os que naſcéraõ, faz huma comparaçaõ taõ ſuperior ao noſſo juizo, que ſó podia caber no ſeu. Compara o dia da morte com o dia do naſcimento, e na differença deſtes dous extremos quem naõ imaginará, que ſe compara o dia com a noite, a luz com as trevas, a alegria com a triſteza, a felicidade com a deſgraça, e a couſa mais deſejada com a mais temida, e com a mais terrivel a mais amavel? Sendo porém taõ prenhe de admiraçaõ a propoſta, mais digna de eſpanto he a ſentença. Reſolve Salamaõ, que melhor he o dia da morte, que o dia do naſcimento: *Melior eſt dies mortis die nativitatis.* Ecl. 7. 2. E que tem o dia da morte para ſer melhor, que o do naſcimento? O dia do naſcimento naõ he o mais alegre, e o da morte o mais triſte? O do naſcimento naõ he o que povoa o mundo, o da morte o que abre, e enche as ſepulturas? O do naſcimento o que veſte de gala as familias, e as Cortes, o da morte o que as cobre de lutos? A morte naõ he o mayor inimigo da vida, e o naſcimento naõ he o que, ſendo ella mortal, a immortaliza? Que he o naſcer, ſenaõ o remedio do naõ ſer, e que ſeria do mundo, ſe em lugar dos mortos naõ naſceraõ outros, que lhe ſuccedeſſem?

648 Até em Deos neceſſita de naſcimento a meſma Trindade, porque ſendo ſó a peſſoa do Padre innaſcivel, Deos ſem naſcimento ſeria hum, mas naõ ſeria trino. Pois ſe tantos ſaõ os bens, e felicidades, que traz comſigo o dia do naſcimento, os quaes todos

dos funesta, consume, e acaba o dia da morte, que motivo teve o juizo de Salamaõ, para antepor o dia da morte ao dia do nascimento? Entendeo-o melhor, que todos o mayor interprete das Escrituras. He melhor (diz S. Jeronymo) o dia da morte, que o dia do nascimento; porque no dia do nascimento ninguem póde saber o para que nasce, e só no dia da morte se sabe o fim, para que nasceo: *Certe quod in morte quales simus notum sit, in exordio vero nascendi, qui futuri simus, ignoratur.* Se no nascimento de Judas, e Dimas se levantasse a figura certa ao que cada hum havia de ser em sua vida, a do primeiro diria, que havia de ser Apostolo, a do segundo, que havia de ser ladraõ; e assim foraõ na vida. Mas o verdadeiro juizo do fim, para que cada hum delles nascera, ainda estava incerto: veyo finalmente o dia da morte, que foy o mesmo, em que ambos acabaraõ, e esse dia declarou com assombro do mundo, que Judas nascera para morrer enforcado como ladraõ, e Dimas para confessar, e prégar a Christo como Apostolo. D. Hyer. ibi.

DISCURSO LXI.

Tirado de hum sermaõ da primeira Dominga do Advento, que o Auctor prégou na Capella Real.

NASCIMENTO.

649 BEm me parecia a mim, que naõ podia faltar Deos a dar huma grande satisfaçaõ no dia do juizo á desigualdade, com que nascem os homens, sendo todos da mesma natureza. Naõ se faz Part. 3. Num. 205.

aggravo na desigualdade do nascer a quem se deo a eleiçaõ do resuscitar. E quanta gente bem nascida se verá naquelle dia mal resuscitada! Entre a resurreiçaõ natural, e a sobrenatural ha huma grande differença, que na resurreiçaõ natural cada hum resuscita como nasce: na resurreiçaõ sobrenatural cada hum resuscita como vive. Na resurreiçaõ natural nasce Pedro, e resuscita Pedro: na resurreiçaõ sobrenatural nasce pescador, e resuscita Principe: *Sedebitis in regeneratione judicantes duodecim tribus Israel.* Oh que grande consolaçaõ esta para aquelles, a quem naõ alcançou a fortuna dos altos nascimentos! A resurreiçaõ he hum segundo nascimento com alvedrio.

Matth. 19. 28.

Num. 206. 650 Tanta propriedade considerou Job neste segundo nascimento, que até outro pay, e outra mãy disse, que tinhamos na sepultura: *Putredini dixi: Pater meus es tu: mater mea, & soror mea, vermibus.* Temos outro pay, e outra mãy na sepultura, em que jazem nossos ossos; porque alli somos outra vez gerados, dalli sahimos outra vez nascidos. Notai agora. *Statutum est hominibus semel mori*: Quiz Deos, que morressemos huma só vez, e que nascessemos duas; porque como o morrer bem dependia de nosso alvedrio, bastava huma só morte; mas como o nascer bem naõ estava na nossa maõ, eraõ necessarios dous nascimentos, para que podessemos emendar no segundo tudo, o que nos faltasse no primeiro. Bem podéra Deos fazer, que nascessem os homens todos iguaes, mas ordenou sua providencia, que houvesse no mundo esta mal soffrida desigualdade, para que a mesma dor do primeiro nascimento nos excitasse á melhoria do segundo.

Job. 17. 14.

Heb. 9. 27.

651 Homens humildes, e desprezados do povo, boa

boa nova: se a natureza, ou a fortuna foy escassa comvosco no nascimento, sabey, que ainda haveis de nascer outra vez, e taõ honradamente, como quizerdes: entaõ emendareis a natureza, entaõ vos vingareis da fortuna.

652 Que mayor vingança da fortuna, que as mudanças taõ notaveis, que se veraõ naquelle dia! Viráõ naquelle dia as almas do grande, e do pequeno buscar seus corpos á sepultura, e tal vez á mesma Igreja: e que succederá pela mayor parte? O pequeno achará seus ossos em hum adro sem pedra, nem letreiro, e resuscitará taõ illustre como as estrellas: o grande pelo contrario achará seu corpo embalsamado em caixas de porfido aos hombros de leoens, ou elefantes de marmore com soberbos, e magnificos epitafios, e resuscitará mais vil, que a mesma vileza. Num. 207.

653 Oh que metamorfose taõ triste, mas que verdadeira! Vede se ha de dar Deos boa satisfaçaõ aos homens da desigualdade, com que hoje nascem. O ser bem nascido, que he huma vaidade, que se acaba com a vida, he verdade, que o naõ poz Deos na nossa maõ; mas o ser bem resuscitado, que he aquella nobreza, que ha de durar por toda a eternidade, essa deixou Deos no alvedrio de cada hum. No nascimento somos filhos de nossos pays, na resurreiçaõ seremos filhos de nossas obras. E que seja mal resuscitado por culpa sua quem foy bem nascido sem merecimento seu, lastima grande! Resuscitar bem sobre haver nascido mal he emendar a fortuna; resuscitar mal sobre haver nascido bem he peyor, que degenerar da natureza. Que resuscite bem David sobre nascer de Jessé, grande gloria do filho de hum pastor;

paſtor; mas que reſuſcite mal Abſalaõ ſobre naſcer de David, grande afronta do filho de hum Rey! Se os homens ſe prezaõ tanto de ſer bem naſcidos, como fazem taõ pouco caſo de ſer bem reſuſcitados? Nenhuma couſa trazem na boca os grandes mais ordinariamente, que as obrigaçoens, com que naſceraõ. E apoſto eu, que mui poucos ſabem quaes ſaõ eſtas obrigaçoens? Naſcer bem he obrigaçaõ de reſuſcitar melhor. Eſtas ſaõ as obrigaçoens, com que naſceſtes.

Num. 208. 654 O mais bem naſcido homem, que houve, nem pode haver, foy Chriſto, ninguem teve melhor pay, nem melhor mãy, e foy notar Santo Agoſtinho, que ſe Chriſto naſceo bem, reſuſcitou melhor: *Glorioſior eſt iſta nativitas, quam illa: illa corpus mortale genuit, iſta edidit immortale.* Chriſto, diz Santo Agoſtinho, naſceo mais nobremente no ſegundo naſcimento, que no primeiro: no primeiro naſcimento naſceo mortal, e paſſivel, no ſegundo, que foy a ſua reſurreiçaõ, naſceo impaſſivel, e immortal. Eisaqui as obrigaçoens dos bem naſcidos, naſcerem a ſegunda vez melhor do que naſceraõ a primeira.

655 Se Deos pozera na maõ do homem o naſcer, quem houvera, por bom que foſſe, que naõ ſe fizeſſe muito melhor? Pois eſte he o caſo, em que eſtamos. Se havemos de tornar a naſcer, porque naõ trabalharemos muito por naſcer muito honradamente? Naõ naſcer honrado no primeiro naſcimento tem a deſ-
Pſ. 99. 3. culpa de que Deos nos fez: *Ipſe fecit nos.* Naõ naſcer honrado no ſegundo nenhuma deſculpa tem: tem a gloria de ſermos nós os que nos fizemos: *Ipſi nos.*

656 Que gloria ſerá naquelle dia para hum homem

mem poder tomar para si em melhor sentido o elogio do grande Bautista : *Inter natos mulierum non surrexit maior*: Entre os nascidos das mulheres nenhum resuscitou mayor. Ser o mayor dos nascidos, em quanto nascido, he pequeno louvor, e de pouca dura: ser o mayor dos nascidos, em quanto resuscitado, isso he verdadeiramente o ser mayor. Na nossa mão está, se o quizermos ser. Nesta vida o mais venturoso póde nascer filho do Rey : na outra vida todos,os que quizerem, podem nascer filhos do mesmo Deos : *Dedit eis potestatem filios Dei fieri.* E que não sejaõ isto conssideraçoens, senaõ verdades, e sé catholica? Bemdito seja aquelle Senhor, que he nossa resurreiçaõ, e nossa vida : *Ego sum resurrectio, & vita.* Mat. 11. 11. Joan. 1. 12.

DISCURSO LXII.

Tirado do panegyrico, que fez o Auctor na segunda novena de S. Francisco Xavier intitulada Nada, *que foraõ todas as riquezas, que elle desejou, e possuio, e o mesmo quer persuadirnos.*

NADA.

657 ISto,que a baixo do Ceo chamamos mundo, naõ he outra cousa, que huma maquina natural maravilhosamente composta de mar, e terra, abraçados, e unidos entre si. Donde se segue, que quem debaixo de hum pé tiver a terra, e debaixo do outro o mar, terá sujeito o mundo todo, e será senhor delle. Tal he a dobrada superioridade, que significa aquelle dobrado *super* do nosso thema : *Sinistrum* Part. 8. fol. 173.

niſtrum ſuper terram, dextrum ſuper mare. E houve já mais no meſmo mundo quem foſſe ſenhor de todo elle? Muitos o preſumiraõ como Nabucodonoſor, e Aſſuero: muitos o deſejaraõ como Alexandre Magno, e Julio Ceſar: algum houve, que o poz em praxe como Tiberio: *Ut diſcriberetur univerſus orbis*, e hum ſó, que realmente tiveſſe eſta grande fortuna, que foy o meſmo que a perdeo, Adaõ.

Luc. 2. 1.

658 Deſcrevendo David naõ a grandeza da perda, ſenaõ a do ſenhorio, diſſe: *Conſtituiſti eum ſuper opera manuum tuarum*: Que conſtituira Deos a Adaõ ſobre todas as obras de ſuas maõs, iſto he ſobre tudo o que tinha creado neſte mundo inferior, ſendo o meſmo Adaõ a mayor, e ultima obra ſua. E baſtando, como nota Santo Agoſtinho, eſtas palavras para declaraçaõ do dominio univerſal do primeiro homem, accreſcentá o meſmo Profeta: *Omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus*: Que todas as meſmas creaturas lhe tinha Deos poſto debaixo dos pés com expreſſaõ de humas ſerem as da terra, outras as do mar, como ſe fallara no noſſo caſo: as da terra: *Oves, & boves inſuper, & pecora campi*: as do mar: *Volueres cœli, & piſces maris, qui perambulant ſemitas maris*, entrando neſte ſegundo coro as aves como creadas tambem com os peixes no elemento da agua.

Pſ. 8. 7.

659 De ſorte, que eſte ſenhorio do mundo em Adaõ ſe declarou por dous termos, hum de ſuperioridade nelle, como cabeça, pelo adverbio *ſuper*: *Conſtituiſti eum ſuper opera manuum tuarum*, e outro de ſujeiçaõ nas couſas poſtas a ſeus pés pelo adverbio *ſub*: *Omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus*. E porque, ou com que myſterio? Porque aſſim como a

poſſe

posse corporal, e civil das cousas se toma com as maõs, pondo as maõs nellas, assim a espiritual, e moral se toma com os pés, pizando-as, e metendo-as debaixo delles.

660 Fundase a realidade desta ceremonia naquella promessa de Deos, tantas vezes repetida aos filhos de Israel para quando entrassem na terra de promissaõ: *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit*: Tudo, o que pizarem os vossos pés, será vosso. A terra de promissaõ sempre significa nas divinas letras a bemaventurança ou da outra vida, que consiste em ver a Deos, ou desta, que consiste em o servir, e agradar: e assim como chegou a dizer Origenes, que se elle no Ceo pizasse o lugar de Lucifer, a cadeira de Lucifer seria sua; assim he certo, que tudo, o que pizamos neste mundo, he nosso, e só do que pizamos, somos verdadeiros senhores. Tudo o mais por grande, alto, e sublime que seja, se o naõ metemos debaixo dos pés por desprezo, mas o trazemos ou na cabeça por estimaçaõ, ou no coraçaõ por amor, ou nas palmas por ostentaçaõ, ou no desejo (os que o naõ tem) por ambiçaõ, e cubiça, taõ fóra estamos de ser senhores de qualquer destas cousas, que antes ellas nos dominaõ, senhoreaõ, e possuem a nós, e nós somos seus escravos. De qualquer outro modo, que se tratem as cousas deste mundo, ou saõ pezo, ou saõ embaraço, ou saõ cuidado, ou saõ dor, ou saõ sujeiçaõ, ou saõ cativeiro; só pizadas, e metidas debaixo dos pés saõ dominio.

Deut. 11. 24. Josue 1. 3.

Origen. hom. 1.

661 Supposto pois, que meter tudo debaixo dos pés he o verdadeiro modo de dominar, e possuir tudo; esse mesmo dominar, e possuir, bem apertado, que vem a ser, ou em que consiste? Cousa maravilhosa!

lhoſa! Conſiſte em naõ ter, nem querer nada de quanto ſe poſſue, ou póde poſſuir. Texto expreſſo
2. Cor. 6. 10. de S. Paulo: *Nihil habentes, & omnia poſſidentes*: Nada temos, e tudo poſſuimos. Pois ſe o nada he o contrario do tudo, e o naõ ter he o contrario do poſſuir, como podem poſſuir tudo os que naõ tem nada? S. Joaõ Chryſoſtomo cõmentando o meſmo texto diz aſſim: *Quomodo hoc eſt? Immo quomodo contrarium eſt?* Vós dizeis como póde ſer iſto? Eu pelo contrario digo, como póde naõ ſer? Elle o prova em S. Paulo antes das meſmas palavras: eu o provarei em S. Franciſco Xavier, que o confirmou com as obras: elle, como taõ eloquente, com muitos, e elegantes argumentos: eu com hum ſó argumento, e ſem elegancia. Argumento aſſim. Porque tem Xavier o mar, e a terra debaixo dos pés? Porque ter debaixo dos pés he deſprezar, e ter debaixo dos pés he dominar: logo porque Xavier correndo tantas terras, e navegando tantos mares, nenhuma couſa quiz do mar, nem da terra; por iſſo o nada da terra lhe deo o dominio de toda a terra: *Pedem ſuper terram*, e o nada do mar o dominio de todo o mar: *Pedem ſuper mare*.

Fol. 192. 662 Agora para acabar fallemos hum pouco com noſco. Navegando ao meſmo Oriente os Portuguezes, fizeraõſe ſenhores do mar, e da terra: e como uſaraõ deſte dominio naquelles felices principios taõ abſoluto? Com grande differença. O texto naõ diz, que o Anjo tinha hum pé no mar, e outro na terra, ſenaõ hum pé ſobre a terra: *Siniſtrum ſuper terram*, e outro ſobre o mar: *Dextrum ſuper mare*. Quem tem os pés ſobre o mar, e ſobre a terra, piza o mar, e piza a terra, e ſó quem os piza, os ſenhorea verda-

verdadeiramente: *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit.* E isto he o que fez Xavier.

663 Porém os que navegaraõ, e conquistaraõ o Oriente com outro espirito, naõ meteraõ o mar, e a terra debaixo dos pés; mas meteraõ os pés no mar, e na terra para adquirir o que debaixo de si escondia a terra, e o que debaixo de si escondia o mar. Xavier foy lá levar a bençaõ de Deos, elles foraõ lá buscar a bençaõ de Isachar. E que diz essa bençaõ: *Inundationem maris quasi lac sugent, & thesauros absconditos arenarum.* As tormentas do cabo de Boa Esperança, e os tufoens dos mares da China parecerlhehaõ mar leite: *Inundationem maris quasi lac sugent*; porque vaõ buscar os thesouros, que estaõ escondidos nas areas: *Et thesauros absconditos arenarum.* As perolas buscallashaõ debaixo do mar de mergulho na costa da pescaria: o ambar esperaráõ, que as tempestades, ou as baleas o lancem ás prayas: os diamantes cavalloshaõ debaixo da terra de Colocondâ: os rubís desenterralloshaõ na de Pegu: as safiras hillashaõ buscar mais longe na dos Persas, e Medos. E porque se meteraõ debaixo da terra, e debaixo do mar, e naõ a terra, e o mar debaixo dos pés; por isso os naõ dominaraõ verdadeiramente. Deut. 33. 19.

664 Democrito, por testimunho de Seneca, o mais subtil de todos os Filosofos, teve para si, que todas estas, que chamamos estrellas, saõ outros tantos mundos mayores que este, que habitamos; e posto que naõ se enganou na grandeza, em serem outros mundos disse hum erro, em que outros o seguiraõ. Ouvindo isto Alexandre Magno, saltaraõlhe as lagrimas pelos olhos, e disse chorando: He possivel, que ha tantos mundos, e que eu ainda naõ acabei de conquistar

quiſtar hum! Aſſim diſſe aquelle monſtro de ſoberba, e o meſmo havia de dizer, ſe os conquiſtara todos; porque naõ ſabia em que conſiſte o dominio do mundo. O dominio do mundo naõ conſiſte em o poſſuir, conſiſte em o pizar. Eſſa he a razaõ altiſſima, porque Deos ſendo taõ liberal déo todo o mundo ao primeiro homem, e creando tantos homens, creou hum ſó mundo. Porque para cada homem poſſuir hum mundo, era neceſſario que foſſem tantos mundos, quantos ſaõ os homens; mas para todos os homens, e cada hum homem pizar todo o mundo baſta hum ſó mundo. Deſta ſorte o dominou Xavier, pizando-o, e naõ querendo delle nada: e do meſmo modo o dominaraõ todos, os que o ſouberaõ pizar.

665 Oh ſe os cubiçoſos de riquezas ſouberaõ entender, e penetrar bem eſte ponto! Ouvi huma notavel ponderaçaõ de S. Paulo, naõ ſei ſe bem entendida: *Scitis gratiam Domini noſtri Jeſu Chriſti, quoniam propter vos egenus factus eſt, cum eſſet dives, ut illius inopia vos divites eſſetis*: Bem ſabeis a grande merce, e graça de Deos, com que elle por amor de nós ſendo rico ſe fez pobre para nos enriquecer com a ſua pobreza. Suppoem o Apoſtolo, que todos ſabemos iſto; mas he certo, que muitos o naõ ſabem, antes cuidaõ, que ha couſa, que ſe naõ póde ſaber. Se diſſera, que Deos ſendo rico ſe fez pobre para nos enriquecer com a ſua riqueza, bem ſe entendia; mas para nos enriquecer com a ſua pobreza? Sim. E he laſtima, que naõ entendaõ eſta Filoſofia os Chriſtaõs, entendendo-a os gentios. Quem ſaõ os ricos neſte mundo? Os que tem muito? Naõ. Porque quem tem muito, deſeja mais, e quem deſeja mais, faltalhe o que deſeja, e eſſa falta o faz pobre:

2. Cor. 8. 9.

Inven-

Inventus est qui aliquid concupiscceret post omnia: Houve neste mundo hum homem, diz Seneca, que depois de ter tudo, ainda desejou mais. Este declarou elle, que foy Alexandre; mas com encarecimento falso, porque Alexandre nunca foy senhor de tudo. O senhor de tudo foy só Adaõ. Mas a esse tambem o perdeo a sua pobreza; porque tendo tudo, ainda quiz mais do que tinha. De maneira, que naõ he rico quem tem muito, ainda que seja tudo. Pois quem he o verdadeiro rico? Aquelle que naõ quer nada, porque nenhuma cousa lhe falta. E esta he a verdadeira riqueza, com que Christo nos enriqueceo com a sua pobreza, ensinandonos a naõ querer nada, como elle naõ quiz.

666 Ainda naõ está dito; porque aqui se devem notar duas cousas muito particulares. A primeira dizer S. Paulo, que o Filho de Deos nos enriqueceo com a sua pobreza, e naõ com a sua omnipotencia: *Ut illius inopia vos divites essetis*. E porque? Porque com a sua omnipotencia póde Deos dar muitas riquezas aos homens; mas fazellos ricos naõ póde. Deo muitas riquezas aos Assyrios, aos Persas, aos Gregos, aos Romanos; mas todos elles com estas riquezas sempre ficavaõ pobres; porque lhe faltava o mais, que todos appeteciaõ, e por isso se destruiaõ com guerras. Que remedio logo para Deos poder fazer os homens ricos? O remedio foy o que elle tomou fazendose homem, e pobre, e ensinandonos com a sua pobreza a naõ querer nada. Torno a dizer a naõ querer nada: e esta he a segunda energia das palavras de S. Paulo, em que me admiro naõ reparassem os Interpretes. Se diz, que Christo se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza; por-

que naõ ſignificou eſſa pobreza com a palavra *paupertas*, ſenaõ com a palavra *inopia*? Porque *paupertas*, a qual ſe define *parvi poſſeſſio*, ſignifica a pobreza, que poſſue pouco; porém a palavra *inopia* por aquella negaçaõ *in*, que nega tudo, ſignifica a pobreza, que naõ quer nada, e ſó a *inopia*, e a pobreza, que naõ quer nada, he a que faz o homem verdadeiramente rico: *Ut ejus inopia vos divites eſſetis.* Aſſim o entenderaõ, como dizia, até os meſmos gentios, por onde Atalo famoſo Filoſofo em fraſe tambem gentilica diſſe: *Nihil deſideres oportet, ſi vis Jovem provocare nihil deſiderantem*: Se queres ſer taõ rico, que deſafies ao meſmo Jupiter, naõ deſejes nada, aſſim como elle nada deſeja. A porta certa da riqueza naõ he accreſcentar a fazenda, ſenaõ diminuir a cubiça.

Ita Senec. ep. 88. in fine.

Apud. Senec. ep. 111.

Part. 1. col. 639.

667 Que ricos ſeriaõ os homens, e logo, e neſte meſmo inſtante ſe ſoubeſſem conhecer, e eſtimar os theſouros do naõ querer! Comparemos pois com os olhos bem abertos hum nada com outro nada: o nada do que ſe poſſue com o nada do que ſe naõ quer, e acharemos, que o nada do que ſe poſſue (ainda ſem encargo, ou encargos da conſciencia) he huma carga pezadiſſima, chea de cuidados, de deſgoſtos, de temores, de dependencias, de ſujeiçoens, de cativeiros: huma materia tanto mayor, quanto ellas forem mayores, ſempre aparelhada, e expoſta aos golpes, e vaivens do tempo, e da fortuna, e ſem deſcanſo, ſem quietaçaõ, ſem liberdade: huma riqueza rica de miſerias, e a mais neceſſitada, e extrema pobreza. Pelo contrario o nada do naõ querer he hum theſouro ſó eſcondido aos cegos, no qual ſe encerra a iſençaõ de todos os males, perigos, e pezares

deſta

desta vida, e descanso sem trabalho, a alegria sem tristeza, a liberdade sem sujeiçaõ, e a posse segura, e inalteravel de todos os bens, e do mayor de todos, que he do senhorio de nós mesmos.

668 Se acaso esta riqueza vos naõ parece riqueza, porque os menores a naõ appetecem, nem os iguaes a invejaõ, nem os mayores a perseguem, e carregaõ de pensoens, e tributos: se vos naõ parece riqueza, porque naõ depende no campo do Sol, e da chuva, que a criem, nem do muito Sol, que a seca, nem da muita chuva, que a inunda, e afoga, nem da formiga, da lagarta, do gafanhoto, e das outras pragas, de que nenhuma industria, ou poder humano a póde defender: se vos naõ parece riqueza, porque naõ se fazem sobre ella pleitos, nem está sujeita a affecto, ou odio do Juiz, nem á verdade, ou falsidade das testimunhas, nem a ser citada, e levada a juizo para ouvir, e ser ouvida nos tribunaes: se vos parece, que naõ he riqueza, porque se naõ adquire com trabalho, nem se conserva com cuidado, nem se perde com dor propria, com que ás vezes mais doe com agrado, e triunfo dos inimigos: se vos parece, que naõ he riqueza, porque por ella se naõ entrega a cubiça ás ondas, e tempestades do mar, nem os exercitos se combatem nas campanhas, e se derrama o sangue, e perdem as vidas, para sustentar a mesma vida, e o mesmo sangue: se vos parece, que naõ he riqueza, porque com anticipada crueldade de a possuir vos naõ desejaõ a morte os filhos, os parentes, e quaesquer outros, que a esperaõ herdar: se vos parece, que naõ he riqueza, porque a naõ daõ os Reys, nem a consultaõ os Ministros, nem a solicitaõ os requerimentos, e vós sois o requerente, o Ministro, e

o Rey, que ſó comvoſco vos deſpachais: ſe vos naõ parece riqueza, porque vos naõ tira, nem inquieta o ſono, a vigilancia, e aſtucia do ladraõ, a diligencia, e negociaçaõ do emulo, e a calumnia, e engano do que a quer para ſi. Finalmente, ſe todas eſtas conveniencias naõ baſtaõ, ſendo cada huma dellas riquiſſima, conſiderai, que da riqueza do naõ querer nem vos haõ de pedir conta os homens, nem vós a haveis de dar a Deos; antes o meſmo Deos em premio do voſſo naõ querer vos ha de dar aquella unica bemaventurança, e ſemelhante á ſua, na qual, como diz Santo Agoſtinho, tereis tudo o que quizerdes, e nada do que naõ quizerdes: *Ibi erit quidquid voles, & non erit quidquid noles.*

Part. 8. Fol. 87.

669 Porque naõ ſerá alguma vez a noſſa virtude, como ſaõ os noſſos vicios? Que vicio ha, que naõ deſeje inſaciavelmente ſempre mais, e mais? Salamaõ, que tanto conhecia o bem, e o mal do mundo, diz, que lançando os olhos por todo elle, achou quatro couſas, que nunca ſe fartaõ, e ſempre eſtaõ dizendo *Affer, affer*: mais, mais, mais: *Tria ſunt inſaturabilia, & quartum nunquam dicit: Sufficit.* Que quatro couſas ſejaõ eſtas, explica o meſmo Salamaõ por metaforas, e vem a ſer ſegundo a commua interpretaçaõ dos Padres, e Expoſitores a ira, a ſenſualidade, a cubiça, e a ambiçaõ: a ira, que ſe naõ farta de ſangue, e de vinganças: a ſenſualidade, que ſe naõ farta de deleites, e prazeres: a cubiça, que ſe naõ farta de dinheiro, e riquezas: a ambiçaõ, que ſe naõ farta de honras, e dignidades.

Prov. 30. 15.

670 Iſto diſſe de ſeu tempo o mais ſabio homem de todos os tempos, e ainda mal, porque tanto ſe verifica, e ſe experimenta nos noſſos! Mas o que eu mui-

muito admiro, e reparo, he, que todos estes insaciaveis sejaõ vicios. Naõ haverá tambem huma virtude insaciavel? Insaciavel queria Christo, que fosse a nossa virtude, quando disse: *Beati qui esuriunt, & sitiunt justitiam.* Mas somos nesta passagem da vida, como os filhos de Israel na do deserto, que nos enfastia o manná, e todo o nosso appetite, e a nossa fome he pelas grossarias do Egypto. O manná era do Ceo, nós somos terra: os vicios nunca nos fartaõ, a virtude logo nos enfastia. Matth. 5. 6.

DISCURSO LXIII.

Tirado de hum sermaõ do Rosario.

NECESSIDADE.

671 NO palacio d'ElRey Dario, em quanto elle dormia tres Guardas móres da pessoa Real, que lhe vigiavaõ o sono, filosofando, ao que parece, sobre o socego, com que descansava aquelle grande Monarcha, sem o desvelar o governo de cento, e dezoito Reynos, de que era senhor, excitaraõ entre si aquella famosa questaõ, que refere Esdras: Qual fosse a mais poderosa cousa do mundo. Despertou o Rey, e lendo a questaõ, que os mesmos authores della lhe tinhaõ posto escrita debaixo dos travesseiros, prometteo grandes premios a quem melhor a resolvesse. Hum disse, que a mais poderosa cousa do mundo he o Rey; porque os Reys podem quanto querem, e ainda que queiraõ o que naõ podem, ninguem ha, que lhes resista, tudo executaõ, e conseguem. Outro disse, que mais poderoso he o vinho; Part. 10. Num. 283.

porque á força ſaboroſa deſte licor ſe rendem muitas cabeças coroadas, e o podéra provar com a de Noé, da qual fiou Deos o governo, e reſtauraçaõ do mundo, e naõ arreando na mayor tempeſtade, que foy a do diluvio, o vinho o derrubou. O terceiro finalmente, que era Zorobabel, diſſe, que mais poderoſa he a mulher, e o provou com hum notavel exemplo de certa mulher chamada Apemen, baſtando o primeiro de todos, que foy o de Heva. Mas naõ contente com eſta reſoluçaõ, em que manifeſtamente venceo as dos companheiros, accreſcentou, e concluio, que a mais poderoſa couſa do mundo he a verdade: *Ve-*
Esd. 34. 35. *ritas magna, & fortior præ omnibus.*

Num. 284. 672 Eſta ultima ſentença approvou o Rey: eſta foy applaudida de todos com publicas acclamaçoens:
Ib. 41. *Et omnes populi clamaverunt, & dixerunt: Magna eſt veritas, & prævalet*: E eſta ſegui eu, e tive por certa muitos annos; porque com eſte grande conceito da verdade na cabeça me naſceraõ, e creſceraõ nella as cans em todas as partes da Europa. Porém depois que paſſado a eſte mundo novo vejo de mais longe o velho, tenho achado por experiencia, que muitas vezes mais poderoſa he a mentira, que a verdade. Naõ ſe póde iſto dizer ſem eſcandalo da razaõ, e horror da meſma natureza; mas naõ ſe póde negar. E porque? Porque a mentira he crida, e acreditada, e a verdade naõ tem fé, nem credito: a mentira eſcuſa os culpados, e a verdade naõ póde defender os innocentes: a mentira he abſoluta ſobre ſua palavra, e a verdade condemnada ſem ſer ouvida: a mentira profana ſacrilegamente a religiaõ, e o ſacerdocio, e a verdade naõ lhe val ſagrado: em fim a mentira, que devera ſer pizada, traz debaixo dos pés a ver-

a verdade, e a verdade, de que se diz, que náda sobre tudo, se vê taõ soçobrada, e afogada da violencia, que nem respirar póde.

673 E posto que os juizes sejaõ rectos, ou o queiraõ parecer, he tal o enredo dos testimunhos falsos, induzidos, e sobornados ou com o dinheiro, ou com o odio, ou com o temor, ou com a dependencia, ou com a lisonja, ou com tudo, que a mentira he a que vence, e a falsidade a que triunfa. Assim que muitas vezes a mentira hoje no mundo he mais poderosa, que a verdade: assumpto, que eu podéra provar com exquisitos, e formidaveis exemplos, se naõ fora outro o meu intento.

674 Supposto pois, que na nossa experiencia por abuso seja mais poderosa a mentira, que a verdade, e na sentença de Zorobabel por razaõ seja mais poderosa a verdade, que todo outro poder; segueſe por ventura daqui, que a cousa mais poderosa do mundo ou bem, ou mal governado seja qualquer dellas? Naõ. Porque ainda ha no mundo outra cousa mais poderosa. E qual he? A necessidade: a necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida he o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio, que dispoticamente domina sobre todos os que vivem. Naõ ha cousa taõ difficultosa, taõ ardua, taõ repugnante á natureza, á que a naõ obrigue, a que a naõ renda, a que a naõ sujeite, naõ por vontade, mas por força, e violencia, a duriſſima, e inviolavel ley da necessidade. Num. 285.

675 A necessidade he a que leva o soldado á guerra, e a escalar as muralhas, onde vendo cahir huns a ferro, e voar outros a fogo. avança com tudo, e naõ desmaya. A necessidade he a que engolfa o marinhei-

rinheiro nas ondas do Oceano: ellas com os naufragios á viſta, e elle com tal ouſadia, que metido dentro em quatro taboas ſe atreve a pelejar naõ ſó com os ventos, e tempeſtades, mas com todos os elementos. A neceſſidade he a que mete, ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e ſem temor, que as meſmas montanhas, que tem ſobre ſi, cayaõ, e o ſepultem, elle lhe vay cavando as raizes, e ſangrando as veyas. Finalmente com mais ordinario, e geral deſprezo da vida, e da ſaude quem faz, que o lavrador naõ tema os regelos do inverno, nem o ſegador as calmas ardentes do eſtio, nem o paſtor os dentes do lobo, e do urſo, e em muitas partes as unhas do leaõ, e do tigre, ſenaõ a neceſſidade? E poſto que huns, e outros tantas vezes perecem em taõ conhecidos perigos, a meſma neceſſidade com implicaçaõ manifeſta da própria conſervaçaõ he a que para ſuſtentar a vida os obriga a perder a meſma vida. Até o pobre, e atrevido ladraõ, que deſde o primeiro paſſo, com que ſalteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, ſe ao pé della lhe perguntaõ quem o trouxe a taõ miſerável eſtado, reſponde com o laço na garganta, que a neceſſidade. E para que ninguem ſe admire deſte grande poder da neceſſidade ſobre todos, a razaõ he, diz o proverbio, porque todos os outros poderes ſaõ ſujeitos ás leys, e ſó a neceſſidade naõ tem ley: *Neceſſitas caret lege.*

Num. 286. 677 Aſſim como os ſabios dos Perſas, e Medos deraõ o principado do poder á verdade, aſſim os Gregos, e Latinos, mais ſabios que elles, ſobre a meſma controverſia o deraõ ao amor. Eſtes diſſeraõ: *Omnia vincit amor*, e naõ houve naçaõ taõ dura, e bar-

barbara, que se naõ assinasse, ou alistasse debaixo desta sentença. Mas se no mesmo caso concorrer o amor, e a necessidade, quem vos parece, que ha de vencer? Claudiano disse: *Paupertas me sæva premit, blandusque Cupido: Sed toleranda fames, non tolerandus amor.* Quer dizer, que apertado hum homem por huma parte da fome, e por outra do amor, com a fome ser cruel, e o amor brando, a fome he toleravel, o amor naõ. Eu creyo, que quando este Poeta isto escreveo, devia de ter bem comido, e tambem bebido. Em dizer: *Sed toleranda fames, non tolerandus amor*, naõ soube o que disse. Havia de dizer pelo contrario: *Sed tolerandus amor, non toleranda fames*; porque quando concorrem juntos o amor, e a fome, a fome triunfa do amor, e vence o que tudo vence. E se naõ, ponhamos ambos em campo, e vejamos qual leva a victoria. Claud. de paupert. amant.

678 Padeciase grande fome nas terras de Canaan, quando Jacob para remedio della de onze filhos, que tinha, mandou os dez ao Egypto. Trouxeraõ paõ para alguns dias, mas com obrigaçaõ de levarem tambem o filho undecimo, que era Benjamin, quando fossem buscar mais. Era Benjamin o mimo, e amor de Jacob: e naõ se podem crer os extremos, que elle fez para naõ apartar de si o filho, que unicamente amava. Instavaõ os irmaõs, e a todas as instancias respondia, e satisfazia o pay: até que finalmente o apertaraõ com huma, a que naõ teve soluçaõ, nem reposta, e se deo por vencido. E qual foy esta? A da necessidade. Em quanto durou o paõ, esteve forte Jacob; mas tanto que se foy acabando aquelle fiador da vida, e lhe differaõ os filhos, que elles, e seus netos morreriaõ todos á fome, se naõ levassem Num. 287.

vaſſem a Benjamin, cedeo o amor á neceſſidade, e venceo a neceſſidade o amor. Aſſim o diſſe em proprios termos o meſmo Jacob: *Si ſic neceſſe eſt, facite quod vultis*: Já que aſſim o péde a neceſſidade fazei o que quizerdes. O que quizerdes, diz, e naõ o que eu quero; porque eu naõ quizera apartar de mim o unico filho, que tanto amo; mas a minha vontade, e o meu amor he força, que ſe deixe vencer da neceſſidade. He ponderaçaõ de S. Joaõ Chryſoſtomo, o qual nos encommenda, que reparemos nella: *Vide nunc, quomodo neceſſitas patris amorem vincit*: Reparai neſte caſo, e vede como a neceſſidade vence o amor do pay.

679 O amor dos pays he o mais forte de todos, e nenhum pay amou mais, que Jacob, nem houve filho mais amado, que Benjamim; porém á viſta da neceſſidade, e da fome aparteſe o pay do filho, e o filho do pay, rompaõſe os coraçoens de ambos com dor, chore a auſencia, ſuſpirem as ſaudades, rendaſe violentado o amor, e a neceſſidade triunfe: *Si ſic neceſſe eſt, facite quod vultis*. Mas que muito he, que o amor do pay para dar de comer aos filhos venceſſe a neceſſidade, e fome de Canaan, ſe na fome de Samaria, e de Jeruſalem venceo tanto a neceſſidade o amor das mãys, que chegaraõ a comer ſeus proprios filhos!

Num. 288. 680 Eſtes ultimos exemplos poucas vezes viſtos ſaõ os que com mayor horror da natureza encarecem o poder, e violencia da neceſſidade; mas os que cada dia acontecem, naõ ſaõ menos feyos, menos triſtes, nem menos para temer. O primeiro effeito, ou conſequencia da neceſſidade he o deſprezo da honra, o ſegundo a deſtruiçaõ da virtude, e ponho em

segundo lugar a destruiçaõ da virtude; porque o muro da virtude he a honra, e derrubado este muro, a virtude, que elle defendia, facilmente se rende. Quem se naõ envergonha dos homens, que vê, facilmente perde o respeito a Deos, que naõ vê. Os Romanos para a emulaçaõ de tal sorte edificaraõ os templos da honra, e da virtude, que pelo da virtude se entrava ao da honra; e o demonio para a tentaçaõ primeiro bate o da honra para derrubar o da virtude. Por isso sendo todo o peccado offensa de Deos, e crime de lesa Magestade divina, introduzio o mesmo demonio no mundo, que alguns peccados naõ fossem infames, para que tirado o temor da deshonra, ficasse facilitado o precipicio da culpa.

681 Aberta pois a primeira brecha no muro da honra, a penas se acha virtude taõ constante, que sitiada da necessidade, e apertada da fome pela triste condiçaõ sómente de ter com que sustentar a vida, naõ renda à consciencia, e a alma a taõ infame partido. Esta he a razaõ conhecida até dos gentios; porque Virgilio quando descreveo o portico, e entrada do inferno, adornado feamente daquelles monstros horrendos, collocou tambem entre elles a pobreza, e a fome: *Malesuada fames, & turpis egestas.* A' fome chamou *malesuada*, e á pobreza *turpis*, porque naõ ha vicio, nem maldade, que a fome naõ persuada, nem torpeza, ou infamia, que a necessidade, e pobreza naõ facilite. Virg. 6. Æncid.

682 Vamos á Escritura sagrada, em que no velho, e novo testamento desta mesma fome, e desta mesma pobreza temos dous admiraveis reparos, e ambos em dous descendentes da nossa Ruth, David, e o filho de David, Christo. Jejuou Christo no deserto qua- Num. 289.

to quarenta dias, e em todo este tempo naõ o tentou o demonio. No fim do jejum teve o Senhor fo-
Matth. 4. 2. me: *Postea esuriit*, e no mesmo ponto diz o Euangelista, que o demonio se chegou a elle, e o tentou:
Ib. 3. *Et accedens tentator*. Pois se o tentador, que naõ só era demonio, senaõ o mayor de todos os demonios, em quarenta dias se naõ atreveo a chegar a Christo, antes o temia, e fugia delle, e retirado estava observando sómente a prodigiosa abstinencia daquelle homem; como agora, e logo no mesmo ponto, em que reconheceo, que tinha fome, se atreveo a o acometer, e tentar? Porque he taõ natural effeito da fome o enfraquecer a virtude, que até hum santo taõ forte, taõ constante, e taõ milagroso, que pode passar sem comer quarenta dias, entendeo o demonio, que apertado da fome naõ poderia resistir á tentaçaõ.

683 S. Basilio: *Sentiens diabolus, quia ubi fames, ibi imbecillitas, aggreditur ad tentandum.* Fez o demonio, diz S. Basilio, este discurso: Onde ha fome, ha fraqueza; pois agora he o tempo de tentar este homem, posto que taõ milagroso, porque se a fome o tem meyo rendido, a tentaçaõ o acabará de vencer. Elle bem deve de conhecer, que sou eu o demonio; mas hum homem com fome, e sem remedio, ainda que o comer, que se lhe offerece, seja dado pelo demonio, ha o de aceitar.

Num. 290. 684 Assim animado o tentador, fez descubertamente o tiro, e o que disse a Christo, foy: *Si Filius*
Matth. 4. 3. *Dei es, dic ut lapides isti panes fiant.* Com muita razaõ argue aqui S. Pedro Chrysologo ao demonio
Chrysol. serm. de tent. 11. de que quiz tentar, e naõ soube: *Cupis tentare, sed nescis.* A primeira cousa, que o demonio disse, foy a primeira, que havia de callar. Vem cá, demonio igno-

ignorante, queres render, e derrubar a este mesmo homem, a quem tentas, e trazeslhe á memoria o ser Filho de Deos: *Si Filius Dei es*? Naõ sabes, que o mayor brio, e o mayor empenho de hum homem de alto nascimento para naõ commetter indignidades, nem vilezas, he lembrarse da nobreza de seus pays, e naõ querer pôr mancha na sua geraçaõ? Assim he, diz o demonio, mas isso se entende, quando o filho de bons pays tem que comer; porém quando está com fome, e se vê apertado da necessidade, nem faz caso de pays, nem se lembra de geraçoens, nem olha para as manchas da honra, nem para o credito, e reputaçaõ da pessoa, a tudo fecha os olhos, com tanto que tenha com que sustentar a boca. Assim o cuidou o demonio de Christo, e se nelle se enganou, naõ se enganou em Esaú, nem em Jonathas, nem no Prodigo, e infinitos outros. A regra geral he: *Ubi fames ibi imbecillitas*: e assim como á fome se segue a fraqueza, assim á fome de muitos dias muitas fraquezas.

685 O outro descendente, e mais chegado de Ruth foy David. E que nos dirá de si aquelle valente de Deos, que com as maõs desarmadas espedaçava leoens, e com huma pedra derrubava gigantes? Diz o que ninguem podéra imaginar; porque diz assim: *Infirmata est in paupertate virtus mea, & ossa mea conturbata sunt*: Na minha pobreza enfraqueceose a minha virtude, e chegou a fraqueza a tanto, que até os mesmos ossos me derrocou. Quem podéra imaginar de David duas taes cousas, pobreza, e fraqueza? Nem a pobreza diz bem com hum Rey, nem a fraqueza com hum homem taõ valente. Mas em tudo fallou David como quem bem se conhecia como homem, e muito melhor ainda como Rey. Só

Num. 29 1ª

Psalm. 30. 11.

estra-

eſtranhará o nome de pobreza nos Reys quem naõ ſabe, que os Reys ſaõ mais pobres, que os vaſſallos. Naõ he mais pobre quem tem menos, ſenaõ quem neceſſita de mais. E ninguem tem mais neceſſidade, nem mayores neceſſidades, que os Reys: neceſſidade de fabricar armadas, neceſſidade de fornecer exercitos, neceſſidade de fortificar praças, e preſidiar fortalezas, neceſſidade de ſalarear Miniſtros nos Reynos proprios, neceſſidade de manter, e authorizar Embaixadores nos eſtranhos, neceſſidade de ſuſtentar com decencia, apparato, e magnificencia Real a propria Mageſtade, e mil neceſſidades outras publicas, e occultas, das quaes pedia o meſmo David a
Pſ. 24. 17. Deos o livraſſe: *De neceſſitatibus meis eriue me*; e cercada, antes opprimida de tantas, e taõ forçoſas neceſſidades a falſa potencia, e verdadeira pobreza dos Reys, vede a quantas quebras de conſciencia, e a quantas fraquezas de virtude eſtará expoſta: *Infirmata eſt in paupertate virtus mea*? Fraqueza nos meſmos tributos, e ſubſidios neceſſarios, tolerando que carreguem ſobre os pequenos, e miſeraveis, e fiquem izentos os grandes: fraqueza nas doaçoens inofficeoſas, e indevidas, naõ ſe pagando no meſmo tempo o que ſe deve aos legitimos acredores: fraqueza nas chamadas graças feitas prodigamente aos que a lograõ de perto, eſquecidos os que ſervem, e trabalhaõ ao longe: fraqueza na obſervancia, e diſſimulaçaõ das leys com os poderoſos: fraqueza na igualdade da juſtiça: fraqueza no verdadeiro, e deſintereſſado exame das cauſas: fraqueza na attençaõ ao luxo, e regalo, para que tudo ſobeja: fraqueza no deſcuido da conſervaçaõ do que ſe perde, para que tudo falta, e tantas outras fraquezas de virtude, que

ainda

ainda nos Reys, que parecem timoratos, mais se póde chorar, que dizer.

686 Isto confessava David de si no tempo, em que era Rey. Mas antes de cingir a coroa, e depois que seu proprio filho lha tirou da cabeça, em que a sua pobreza foy mais manifesta, tambem naõ faltaraõ fraquezas á sua virtude. No tempo, em que servia a ElRey Achis faltando á fé da hospitalidade, roubava os vassallos do mesmo Rey, e para que se naõ soubesse, matava a todos, o que naõ podia fazer licitamente, porque a sua authoridade ainda era privada. No tempo, em que andava escondido de Saul, porque Nabal Carmelo lavrador grosso o naõ quiz soccorrer, deliberou, e jurou, que a elle, e a todos os de sua casa havia de tirar a vida, e pôr o fogo a quanto possuia. Num. 292. 1. Reg. 27. 8. & seq. 1. Reg. 25. 22.

687 No tempo, em que fugia de Absalaõ, por hum presente, com que Siba criado do Principe Isbosseth lhe sahio ao caminho, sem mais informaçaõ, que a sua, lhe deo todos os bens de seu senhor: e o peyor, e mais he, que depois de lhe constar da innocencia de Isbosseth, devendo mandar enforcar a Siba como ladraõ, e falsario, para naõ emendar de todo o que tinha feito, mandou, que o ladraõ, e o roubado partissem entre si os bens. Naõ consta das Escrituras a restituiçaõ desta injustiça; mas, como notaõ todos os Theologos, e Expositores, he certo, que depois a fez David; porque doutro modo naõ se salvaria. Tanta razaõ, e tantas razoens teve este heroe, por tantas outras qualidades grande, para dizer, e confessar, que na sua pobreza enfraquecera a sua virtude: *Infirmata est in paupertate virtus mea.* 2. Reg. 16. 1. 2. Reg. 19. 27. & seq.

DIS-

DISCURSO LXIV.

Tirado do diſcurſo primeiro das cinco pedras da funda de David prégadas em Roma.

OBRAS.

Part. 14. Num. 81. 688 AS obras ſaõ filhas dos penſamentos, no penſamento ſe concebem, do penſamento naſcem, com o penſamento ſe criaõ, ſe augmentaõ, e ſe aperfeiçoaõ: e como os filhos recebem dos pays a natureza, o ſangue, e o appellido, aſſim ſe recebe do penſamento todo o bem grande, e louvavel, que reſplandece nas obras. Todos cõmummente cuidaõ, que as obras ſaõ filhas do penſamento, ou ideas, com que ſe concebem, e conhecem as meſmas obras: eu digo, que ſaõ filhas do penſamento, e da idea, com que cada hum ſe concebe, e ſe conhece a ſi meſmo.

Num. 82. 689 A imagem mais perfeita, a proporçaõ mais ajuſtada, e a medida mais igual da obra he o conhecimento de ſi meſmo em quem a faz. Quando Apelles pintava a Alexandre, tinha na mente a Alexandre: quando Alexandre conquiſtava o mundo, tinha na mente a ſi meſmo. Na idea de Apelles cabia Alexandre em hum quadro: na idea de ſi meſmo naõ cabia Alexandre no mundo, e por iſſo o conquiſtou todo.

DIS-

DISCURSO LXV.

Tirado de hum ſermaõ da quinta terça feira da Quareſma prégado em Roma á ſereniſſima Rainha de Suecia Chriſtina Alexandra em obſequio de hum dictame daquelle ſublime eſpirito, que deteſtando as beatarias publicas, ſó reputava por verdadeiras virtudes as que ſe occultavaõ aos olhos do mundo: e de outro da canonizaçaõ de S. Franciſco Xavier.

OLHOS.

690 A Mayor graça da natureza, e o mayor perigo da graça ſaõ os olhos. Saõ duas luzes do corpo, ſaõ dous laços da alma. Mas como os meſmos olhos ou ſaõ os proprios, com que vemos, ou os alheyos, com que ſomos viſtos; queſtaõ póde ſer naõ vulgar, e util curioſidade ſaber, quaes delles ſejaõ o mayor laço, e o mayor perigo. Eu em tanta eſtreiteza de tempo naõ o tenho para diſputar: e aſſim digo reſolutamente, que o mayor perigo, e o mayor laço ſaõ os olhos alheyos. E porque? Porque ſendo taõ natural no homem o deſejo de ver, o appetite de ſer viſto he muito mayor. Conſiderava Job a ſua morte, e vede a eſpinha, que mais lhe picava o coraçaõ: *Nec aſpiciet me viſus hominis*: Morrerei, e naõ me veráõ mais os olhos dos homens. O uſo de ver tem fim com a vida, o appetite de ſer viſto naõ acaba com a morte. Part. 7. Num. 125. Job. 7. 8.

691 Eſta foy a origem das eſtatuas Romanas ſe-

pulchraes. Punhaſe a eſtatua imagem do defunto ſobre o ſepulchro, para que o homem, que dentro delle naõ podia ver, ſobre elle foſſe viſto. Já que me falta a vida propria, ao menos naõ me falte a viſta alheya. De maneira, que devendo os marmores da ſepultura ſer huns eſpelhos, em que ſe viſſem os vivos, ſaõ huma anticipada reſurreiçaõ da arte, em que ſe vem os defuntos. Taõ immortal he nos mortaes o deſejo de ſer viſtos! E ſe eſta ambiçaõ vive nos mortos, nos vivos que ſerá? Será o que diz o texto, que propuz, com mayor erro ainda, e indignidade na vida, que a ambiçaõ, e vaidade depois da morte: *Nemo in occulto quid facit.* Ninguem faz occultamente couſa digna de louvor; porque occulta naõ póde ſer viſta. Tirai do mundo, diz Seneca, os olhos alheyos, e nada ſe fará do que o meſmo mundo admira, e preza: *Nemo oculis ſuis lautus eſt: ubi teſtis, ac ſpectator abſceſſit, ſubſidunt omnia, quorum fructus monſtrari, & conſpici.*

Senec. epiſt. 95.

Part. 8. fol. 403.

692 A inclinaçaõ mais natutal, mais viva, e que mais fortes, e profundas raizes tem lançado na natureza humana, he o deſejo ou appetite da gloria. Ariſtoteles lhe chamou ao homem: *Animal gloriosum.* E Tacito mais verſado nas politicas do mundo, que nas do eſpirito, diſſe, que eſte he o ultimo vicio, de que ſe deſpem os ſabios: *Gloriæ cupiditatem etiam ſapientibus noviſſimam exui.* E já Platão tinha dito pela meſma fraſe, que era a ultima tunica, de que ſe deſpiaõ as almas. Poſto que em dizer, que as almas ſe deſpiaõ, diſſe mais do que devera; porque ſendo ellas immortaes, e os cadaveres mortos, naõ ſó nos gentios, ſenaõ tambem nos Chriſtaõs vaõ com elles amortalhadas á ſepultura. Aſſim o prégou mais ſabia-

Tacit. 4. hiſtor. cit. ibid. a Lypſio.

sabiamente, que todos, S. Joaõ Chrysostomo: *Cum reliqua vitia unà cum morte dissolvantur, superbia post mortem omni conatu in ipso cadavere contendit naturam suam prodere.* Chrysost. serm. de vanagl.

693 E se naõ digaõno tantas testimunhas de marmore, em que o mesmo appetite de fazer immortal a gloria ou fabrîca em vida, ou manda fabricar depois da morte os soberbos sepulchros, e escrever, ou gravar nelles com letras de bronze os glorioſos epitafios. Mas passando dos que servem á vaidade aos que professaõ a virtude; quantos vimos ainda com opiniaõ de santos, que depois de vencerem os outros vicios, se deixaraõ vencer miseravelmente da mesma gloria de os ter vencido? Quantos pizaraõ animosamente o mundo, e depois de o meter debaixo dos pés, os derrubou, e pizou a elles a mesma gloria de o ter pizado? Saõ como os que pizaõ a planta de Noé, e bebendo depois o licor do que pizaraõ, perdem como o mesmo Noé o juizo. Os mais sizudos dizem a Deos: *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam.* Isto he o que fazem os mais timoratos partindo pelo meyo aquelle *Nomini tuo da gloriam*: isto he deixando para Deos a gloria, e tomando para nós o nome. Se prégamos a gloria para Deos, mas para nós o nome de grande Prégador: se ensinamos a gloria para Deos, mas para nós o nome de grande letrado: se fazemos obras de misericordia, a gloria para Deos, mas para nós o nome de caritativo: se nos mortificamos, e jejuamos, a gloria para Deos, mas para nós o nome de abstinente: finalmente se exercitamos quaesquer virtudes, ou todas, a gloria para Deos, mas para nós o nome de virtuoso, e santo. Ps. 113. 11.

Fol 407. 694 Os generoſos, e fieis ſoldados, e Capitaens toda a gloria das ſuas façanhas, e victorias a devem renunciar de ſua parte, e naõ a querer para ſi, e para ſua fama, e honra; ſenaõ inteiramente para o Rey, a quem ſervem. Iſto he o que fez entre os Hebreos Joab no memoravel cerco da inſigne Cidade de Rabbat, que tinha rendida, reſervando o nome da victo-
2 Reg. 12 28. ria para David: *Ne nomini meo adſcribatur victoria.* E iſto entre os Romanos Germanico no trofeo, que levantou ſobre hum monte de armas depois das Germanicas domadas, e ſujeitas ao Imperio dedicando o meſmo trofeo depois dos deoſes a Auguſto ſem menção alguma de ſeu proprio nome, como no-
Tacit. l. 2. annal. tou Tacito: *Congeriem armorum ſtruxit ſuperbo cum titulo, & cum ea monumenta Auguſto ſacraviſſet, de ſe nihil addit.* A acçaõ de Joab ſe naõ foy liſonja, foy cortezia: a de Germanico pareceo modeſtia, e póde ſer demaſiada preſumpçaõ, como naõ deixou de morder o meſmo Tacito; mas ambos elles por eſte rodeyo ſendo publico negociaraõ mayor gloria, porque de homem a homem a gloria mayor he de quem a dá: e que exceſſo de gloria como dar victorias a David, e trofeos, e triunfos a Auguſto?

DISCURSO LXVI.

Tirado de hum ſermaõ, prégado na Capella Real pelo bom ſucceſſo das noſſas armas.

OPINIAM.

Part. 7. Num. 490. 695 AS materias da opiniaõ ſaõ muito delicadas, e a conſciencia da honra naõ admitte

mitte escrupulos. A mais perigosa consequencia da guerra, e o que mais se deve recear nas batalhas, he a opiniaõ. Na perda de huma batalha arrisca-se hum exercito, na perda da opiniaõ arrisca-se hum Reyno. Salamaõ o Rey mais sabio dizia, que melhor era o bom nome, que o oleo, com que se ungiaõ os Reys: *Melius est bonum nomen, quam oleum unctionis, quo ungebantur capita Regum*; porque a unçaõ póde dar Reynos, a opiniaõ póde tiralos. Num. 487. Num. 488. Eccles. 7. 2. ex vers. Chald.

DISCURSO LXVII.

Tirado de hum sermaõ da quinta Dominga da Quaresma, e de outro da primeira oitava de Paschoa prégado no graõ Pará na occasiaõ, em que chegou a nova de se ter desvanecido a esperança das minas, que com grandes empenhos se tinhaõ ido descobrir.

OURO.

696 SE ha cousa no mundo, que podéra competir no senhorio com Deos, he o idolo universal do ouro, e prata. Muitas naçoens ha no mundo, que naõ conhecem a Deos: nenhuma, que naõ adore, e obedeça a este idolo. E ainda dos que professaõ servir a Deos, quem ha, que o naõ sirva? Pois assim como ninguem póde servir a dous senhores, assim diz Christo, que naõ póde servir a Deos, e mais ao dinheiro: *Non potestis Deo servire, & mammonæ.* Servir a Deos com o dinheiro bem póde ser, e he bem que seja; mas servir a Deos, e ao dinheiro juntamente he impossivel. Quando Zacheo se resolveo a Part. 2. Num. 272.

ſervir a Chriſto, logo renunciou o dinheiro: e quando Judas ſe reſolveo a ſervir o dinheiro, logo renunciou a Chriſto. Arrependido o meſmo Judas de ter vendido a ſeu Meſtre, lançou os trinta dinheiros no templo: *Projecit eos in templum*. E os Miniſtros do templo reſolveraõ, que naõ ſe podiaõ meter na bolça: *Non licet mittere eos in córbonam*. Mofino dinheiro, que nem roubado, nem reſtituido, nem no templo, nem na bolça teve lugar com Deos: e aſſim he todo. Se o roubais, perdeis a Deos: ſe o reſtituis, perdeis o dinheiro: ſe quereis ſervir a Deos, Deos, e o dinheiro naõ cabem no meſmo templo: ſe quereis ſervir ao dinheiro, o dinheiro, e Deos naõ cabem na meſma bolça: *Aut unum odio habebit, & alterum diliget: aut unum ſuſtinebit, & alterum contemnet*. Ou haveis de renunciar o dinheiro, ſe amais, e prezais a Chriſto, como fez Zacheo, ou haveis de renunciar a Chriſto ſe amais, e prezais o dinheiro, como fez Judas. Oh quantos Judas, e quaõ poucos Zacheos ha no mundo! Se Deos tivera tantos ſervos, e taõ diligentes como tem o dinheiro, que bem ſervido que fora! Mas quantos deſſerviços ſe fazem a Deos em ſerviço deſte mao idolo? O mayor ſacrilegio de todos he, que em vez de os homens ſe ſervirem do dinheiro para ſervir a Deos, chegaõ a ſe ſervir de Deos para ſervir ao dinheiro: *Servire me feciſti in peccatis tuis*. Quantas vezes os bens Eccleſiaſticos, que ſaõ de Deos, os vemos applicados, e conſumidos em uſos profanos, e os vaſos do templo de Jeruſalem ou levados aos theſouros de Nabuco, ou ſervindo nas meſas de Balthaſar! Quando já mais ſe encontrou Deos com o intereſſe, que o deſprezado naõ foſſe Deos? Ou quem ſeguio os idolos de

Matth. 27. 5.

Matth. 6. 25.

Iſai 43. 24.

de Joroboaõ, que naõ viraſſe as coſtas á arca do teſtamento? O ouro, que os Hebreos roubaraõ no Egypto, adoraraõno no deſerto. E quantos ha, que fazem o meſmo ſó com a figura mudada? Que importa, que naõ adoreis a fórma, ſe adorais a materia? Que importa, que naõ adoreis o bezerro de ouro, ſe adorais o ouro do bezerro? E no meſmo tempo (como os de Azoto) pondes a Deos, e o idolo ſobre o meſmo altar, e credes com affectada hypocreſia, que podeis ſervir juntamente a hum, e a outro?

697 Eſte Eſtado ſem ter minas foy já taõ requeſtado, e perſeguido de armas, e invaſoens eſtrangeiras; que ſeria ſe tiveſſe eſſes theſouros? Lá traz Chriſto Senhor noſſo a comparaçaõ de hum campo, que era cultivado ſómente na ſuperficie da terra, fertil de flores, e fructos; porém ſabendo hum homem acaſo, que no meſmo campo eſtava enterrado, e eſcondido hum theſouro: *Theſauro abſcondito in agro*, o que fez com todo o ſegredo, e diligencia, foy ir logo comprar o campo a todo o cuſto, e deſte modo ficou ſenhor naõ do campo por amor do campo, ſenaõ do campo por amor do theſouro. De ſorte, que toda a deſgraça do campo em mudar de ſenhorio, e paſſar de hum dono a outro dono eſteve em ter theſouro dentro em ſi, e ſaberſe, que o tinha. Contentemonos de que nos dem os noſſos campos pacificamente o que a agricultura colhe da ſuperficie, e naõ lhe deſejemos theſouros eſcondidos nas entranhas, que eſpertem a cubiça alheya, principalmente quando os meſmos campos naõ eſtaõ cercados de taõ fortes muros, que lhe poſſaõ facilmente defender a entrada. E terras, que tem ouro, e prata, e naõ tem muros fortes, que as defendaõ, naturalmente

Part. 4. Num. 427.

Matth. 13. 44.

Num. 428.

mente eſtaõ expoſtas á cubiça, e invaſaõ dos inimigos; porque o ouro, e a prata, que tem, excita a cubiça, e os muros, e fortificaçoens, que naõ tem, facilitaõ a invaſaõ.

Num. 429. 598 A paz das outras naçoens ſegurança he muito enganoſa. Onde ha nova occaſiaõ de intereſſe, naõ ha conſideraçaõ, que dure. Ouvi hum dito notavel de Jeremias: *Numquid fœderabitur ferrum ferro ab Aquilone, & æs?* Cuidais, que o ferro do Norte, (do Norte diz nomeadamente: *Ab Aquilone*) cuidais, que o ferro do Norte ſe póde confederar com outro ferro, e o ſeu bronze com outro bronze? Enganais-vos, diz o Profeta áquelles, com quem fallava: e o meſmo vos certifico eu ſem ſer Profeta. Livrouvos Deos da prata, porque vos quiz livrar do ferro. A arte com a prata liga os outros metaes, e a cubiça com a prata desfaz, e rompe todas as ligas.

Jerem. 15. 12.

Num. 432. 699 Mas dado, que as minas taõ eſperadas, e appetecidas naõ tiveſſem por conſequencia de ſua fama eſtes perigos de fóra, baſtava a conſideraçaõ dos trabalhos, e miſerias domeſticas, que com ellas ſe vos haviaõ de levantar debaixo dos pés, para que o voſſo juizo, ſe o tiveſſeis, trataſſe antes de ſepultar as meſmas minas depois de achadas, que procurar de as deſenterrar, e deſcubrir, ainda que foraõ muito certas. Hum dos mayores caſtigos, que Deos podia dar a eſta Cidade, e a eſte Eſtado, era deſcobriremſe nelle minas; porque eſſas minas, que tanto ſe deſejaõ, e eſtimaõ, ordinariamente naõ as deſcobre, nem as dá Deos por merecimentos, ſenaõ em caſtigo de grandes peccados. Saõ caſtigos eſcondidos debaixo de apparencias contrarias; porque ſe appetecem, eſtimaõ, e feſtejaõ enganoſa, e enganadamente, ſendo

Num. 433.

Num. 434.

do certo, que debaixo do preço, e esplendor do ouro, e prata se occultaõ, e escondem grandes trabalhos, affliçoens, e miserias, com que a Justiça divina por peccados quer castigar, e açoutar as mesmas terras, onde as veyas destes metaes se descobrem. Deos tanto póde açoutar com varas de ferro, como com varas de ouro, e de prata, antes estes açoutes saõ muito mais pezados, quanto a prata, e o ouro pezaõ mais, que o ferro.

700 Aquella ponta de terra montuosa, que hoje chamamos Cabo de S. Vicente, antigamente se chamava Promontorio sagrado por estar alli o sepulchro Num. 435.
de Tubal, primeiro pay da nossa naçaõ, e tambem o de Hercules, hum dos mais famosos, e amados Reys da Lusitania. Havia minas neste promontorio, as quaes por causa da mesma veneraçaõ tambem era vedado cavaremse: e dizem as historias daquelle tempo, que só em hum caso se permittia aos moradores aproveitaremse do ouro, e prata das ditas minas. Mas qual era este caso? Cousa verdadeiramente admiravel, e muito digna de se notar. O caso era, quando cahia do Ceo algum rayo, que penetrasse a terra, e descobrisse ós preciosos metaes, que nella estavaõ escondidos. De sorte, que naquella terra, tambem nossa, o abriremse minas, e o cahirem rayos do Ceo tudo vinha junto, como se o Ceo nos prégara, que o descobrimento de minas na terra naõ saõ felicidades, e boas fortunas, como se imagina, senaõ execuçoens da ira de Deos, e castigos do Ceo.

701 E para que vos naõ pareça, que saõ isto encarecimentos lenitivos, inventados para divertir a Num. 436.
tristeza, e dar especie á consolaçaõ, troquemos este ouro, e prata em miudos, e vejamos os proveitos,

e in-

e intereſſes, que do deſcobrimento de minas haviaõ de reſultar á voſſa terra no caſo, em que ſe tiveſſem achado. Eu nunca fuy ao Potoſi, nem vi minas; porem nos livros, que deſcrevem o que nellas paſſaõ, naõ ſó cauſa eſpanto, mas horror ler a fabrica, e as maquinas, os artificios, e a força, o trabalho, e os perigos, com que as montanhas ſe cavaõ, as betas ſe ſeguem, e perdidas ſe tornaõ a buſcar: os encontros de pedrenaes impenetraveis, ou de aguas ſubterraneas, que arrebentaõ das penhas, as quaes ou ſe haõ de eſgotar com bombas, ou abrirlhe novo caminho, furando por outra parte os meſmos montes: o eſtrondo dos maços, das cunhas, das alavancas, e dos outros inſtrumentos de ferro, alguns dos quaes tem cento e cincoenta libras de pezo, com que ſe batem, cortaõ, e arrancaõ as pedras, ou ſe precipitaõ com mayor perigo do alto: e tudo iſto naquellas profundiſſimas concavidades, ou infernos, onde nunca entrou o rayo do Sol, alumiados malignamente aquelles infelices Cyclopes ſó com a luz eſcaça, e contrafeita de alguns fogos artificiaes, cujo halito, fumo, e vapor ardente lhe toma a reſpiraçaõ, e muitas vezes os afoga.

Num. 437. 702 Faz aqui padecer a cubiça muito mais do que profetiza Iſaias, que fará em algum tempo a penitencia: *Introibunt in ſpeluncas petrarum, & in voragines terræ: projiciet homo idola argenti ſui, & ſimulacra auri ſui, quæ fecerat ſibi ut adoraret, talpas, & veſpertiliones*: Meterſehaõ os homens pelas covas, e pelas concavidades mais profundas da terra naõ para buſcar ouro, ou prata, mas abominando, e lançando de ſi os idolos, que do ouro, e da prata tinhaõ feito, toupeiras, e morcegos. Vede agora

Iſai 2. 19. 20.

ra estas mesmas figuras como as ajunta, e introduz todas a cubiça neste escuro, e horrendo theatro da paciencia sem virtude. Alli os penitentes arrependidos entraõ pelas grutas, e concavidades da terra: aqui os cubiçosos, e enganados tambem se metem naõ pelas covas, que a terra tem aberto, senaõ pelas que elles cavaõ, e rompem á viva força, muito mais penetrantes, e profundas. Alli desprezaõse os idolos de ouro, e prata, conhecida sua mentira, e vaidade: aqui estimase, e adorase tanto a mesma vaidade, que por novos, e occultos caminhos de tantos estadios se vay buscar, e desenterrar o ouro, e prata para se fundirem, e lavrarem idolos. Alli as figuras dos idolos saõ toupeiras, e morcegos: *Talpas, & vespertiliones*: e aqui os homens desfigurados como toupeiras vivem debaixo da terra sem ter olhos para ver a luz, e como morcegos fogem do Sol, e do dia, e se vaõ mais sepultar, que viver naquella escura, e perpetua noite. Ainda tem outra propriedade; porque huns como toupeiras com os pés, e maõs na terra a andaõ cavando, e revolvendo, e mudandõ continuamente, e outros como morcegos suspensos no ar estaõ picando as pedras, e sangrando as suas veyas com o corpo, e com a vida pendente de huma corda. Houve já mais algum Anacoreta dos que habitavaõ as covas, que fizesse tal penitencia? Pois ainda naõ ouvistes o mais temeroso della.

703 Solapadas por baixo aquellas grandes montanhas, todo o pezo immenso dellas se sustenta sobre pilares da mesma materia, que vaõ deixando a espaços, os quaes se se enfraquecem, ou quebraõ como acontece muitas vezes, qual he o effeito? Toda a montanha, ou grande parte della cahe de repente, e a mul- Num. 438.

a multidaõ, que andava defenterrando a prata, fica ſepultada com ella em hum momento ſem outra noticia de tamanho, e taõ miſeravel eſtrago, que a que deo aos de muito longe o eſtrondo da ruina, e o tremor de toda a terra. Iſto he o que ſe eſcreve, e ſe eſcreve muito menos do que verdadeiramente he. Baſte por prova, que a ſevicia, e crueldade dos Neros, e Dioclecianos cõmutavaõ a morte, e os tormentos dos Chriſtaõs em os mandar ſervir, e trabalhar nas minas: e a Igreja, que com tanta difficuldade, e conſideraçaõ examina, e avalia os merecimentos dos ſantos, canonizava, e venerava por martyres aos que nellas acabavaõ a vida. Ainda falta por dizer o que mais vos havia de deſtruir, e aſſolar. Quantos Miniſtros Reaes, e quantos officiaes de juſtiça, de fazenda, de guerra vos parece, que haviaõ de ſer mandados cá para a extraçaõ, ſegurança, e remeſſa deſte ouro, ou prata? Se hum ſó deſtes poderoſos tendes experimentado tantas vezes, que baſtou para aſſolar o Eſtado, que fariaõ tantos? Naõ ſabeis o nome do ſerviço Real (contra a tençaõ dos meſmos Reys) quanto ſe eſtende cá ao longe, e quaõ violento he, e inſupportavel? Quantos Adminiſtradores, quantos Provedores, quantos Theſoureiros, quantos Almoxarifes, quantos Eſcrivaens, quantos Contadores, quantos Guardas no mar, e na terra, e quantos outros officiaes de nomes, e juriſdiçoens novas ſe haviaõ de crear, ou fundir com eſtas minas para vos confundir, e ſepultar nellas? Que tendes, que poſſuis, que lavrais, que trabalhais, que naõ houveſſe de ſer neceſſario para ſerviço d'ElRey, ou dos que ſe fazem mais que Reys com eſte eſpecioſo pertexto? E vós meſmos naõ haveis de ſer voſſos; porque vos

Num. 440.

haviaõ

haviaõ de apenar para o que tiveſſeis, ou naõ tiveſſeis preſtimo, e ſó os voſſos engenhos haviaõ de ter muito que moer, porque vós, e voſſos filhos havieis de ſer moidos.

704 Fique logo por concluſaõ, que muito mayor merce vos fez Deos, e muito mais bemafortunados foſtes em naõ ſe acharem as minas, que ſe o ouro, e prata, que ſe ſuppunha, e eſperava dellas, ſe deſcobriſſe. Ouvi a ſentença de hum gentio fundado ſó na razaõ natural, e experiencia ſem nenhum principio de fé, que a nós nos devia levantar mais da terra: *Aurum irrepertum, & ſic melius ſitum cum terra celat*: O ouro, diz Horacio, he melhor naõ ſe achar, nem deſcobrir, que acharſe: *Aurum irrepertum.* E porque? Porque em quanto a terra o eſconde, e encobre: *Cum terra celat*, eſtá elle no ſitio, e lugar, que lhe deo a natureza, que he o melhor: *Et melius ſitum.* Excellente razaõ. As couſas naturaes em quanto eſtaõ no ſeu proprio lugar, em que as ſituou a natureza, nenhum damno fazem; tiradas delle, ſaõ muito damnoſas. A agua no ſeu centro naõ peza, o fogo na ſua eſfera naõ queima, a terra ſe ſobe ao ar, faz rayos, o ar ſe ſe mete debaixo da terra, faz terremotos, derruba caſas, e Cidades: aſſim tambem o ouro, e prata das minas, em quanto eſtaõ eſcondidas lá no centro da terra, onde as poz a natureza, conſervaõſe innocentes, e naõ fazem mal a ninguem; mas ſe ſe cavaõ, e ſe tiraõ fóra, entaõ ſaõ muito pernicioſas, e fazem grandes eſtragos. Olhay para o paſſado, ſe vos naõ quereis enganar com o preſente. Num. 441.

705 Aquella idade dourada taõ celebre nos primeiros tempos, quem a fez? Parece, que a havia de fazer o ouro, e naõ a fez o ouro, que havia, ſenaõ o ouro,

ouro, que naõ havia; porque ainda ſe naõ tinha deſcuberto. Em quanto no mundo naõ houve ouro, entaõ foy a idade de ouro; depois que appareceo o ouro no mundo, entaõ começou a idade de ferro: *Jamque nocens ferrum, ferroque nocentius aurum Prodierat.* O que era neceſſario, e util para a vida, e conſervaçaõ dos homens, notou Seneca, Democrito, e ainda o meſmo Epicuro, que o poz a natureza muito perto de nós, e muito deſcuberto, e patente, como ſaõ as plantas, os fructos, os animaes. Pelo contrario o que naõ ſó era inutil, mas pernicioſo, polo muito longe de nós, occulto, e eſcondido, onde o naõ viſſemos, e eſte he o ouro, e a prata. Houveſe em tudo a natureza como mãy: a mãy dá a maçã ao filhinho, e eſcondelhe a faca. Porque? Porque quer que coma, mas naõ quer que ſe fira: e ſe o minino chora pelo que o ha de ferir, naõ he juſto, que os homens de razaõ, e de juizo tenhaõ ſentimento de mininos.

Num. 444. 706 Mas vejo, que me perguntaõ os curioſos, e me arguem os criticos: Se as minas eraõ taõ damnoſas, e pernicioſas ao homem, e por iſſo lhas eſcondeo, e encubrio Deos; porque as creou, ou para que? Para reſponder a eſta pergunta façovos primeiro outra. E a arvore da ſciencia, que foy a occaſiaõ, e a origem de todos os males do mundo, porque a creou Deos no Paraiſo? Ou aquella arvore era boa, ou má, como argumenta Santo Agoſtinho: ſe era má, para que a plantou Deos: ſe era boa, para que a prohibio? Ameaça ao homem com a morte, ſe comer daquelle fructo, e pinta o meſmo fructo com taes cores, que leva a poz de ſi os olhos: *Pulchrum oculis, aſpectuque delectabile?* Sim. Porque aquelle fructo taõ formoſo

moſo naõ foy creado, para que Adaõ comeſſe, ou provaſſe delle, ſenaõ para que Deos tentaſſe a Adaõ, e o provaſſe com elle. Eſta he tambem a razaõ porque Deos creou o ouro, e a prata, e lhe deo tanta formoſura de cores. Chilon hum dos ſete ſabios da Grecia dizia, que aſſim como a pedra de toque prova o ouro, e a prata, aſſim o ouro, e a prata ſaõ a pedra de toque dos homens. Quereis provar quem ſaõ os homens, tentai-os com ouro, e com prata. Do ouro o diſſe o Eccleſiaſtico: *Qui poſt aurum non abiit: probatus eſt in illo.* E da prata o diſſe David: *Ut excludant eos, qui probati ſunt argento.* E notai, que o que neſta tentaçaõ ficou approvado, foy hum ſó: *Qui probatus eſt in illo*: e os que ficaraõ reprovados, e excluidos, foraõ muitos: *Ut excludant eos, qui probati ſunt argento.* Ora já que todos os dias pedimos a Deos, que nos livre das tentaçoens, ou que nos naõ meta nellas: *Ne nos inducas in tentationem*; demos-lhe muitas graças, pois nos livrou deſta, em que nós nos tinhamos metido.

Eccli. 31. 8. 10. Pſalm. 67. 31.

707 Eis aqui os augmentos, que havia de ter o Reyno com os haveres, que lhe promettiaõ as noſſas minas. Encherſehia a terra de ouro, e prata; mas eſſe ouro, e prata, poſto que naturalmente déſce para baixo, havia de ſubir para cima: naõ havia de chegar aos pequenos, e pobres, mas todo ſe havia de abarcar, e conſumir nas maõs dos grandes, e poderoſos; porque, como bem diſſe o outro, as magnetes attrahem o ferro, e os magnates o ouro, e as obras pias, em que eſſes theſouros ſe haviaõ de deſpender, eraõ mais cavallos, e mais carroças, e mais galas, e mais palacios, e obras magnificas, e oſtentoſas, e tambem haviaõ de ter parte nelles os idolos bautizados, que

Num. 452.

que lá ſe adoraõ, e que tantas vidas, e fazendas ten
deſtruido. Iſto ſuccederia no reynado, e governo d
Num. 451. Salamaõ: vede, ſe ſe póde eſperar, ou temer outr
tanto, quando naõ forem Salamoens os que tenhaõ
governo.

DISCURSO LXVIII.

Tirado de hum ſermaõ da quarta Dominga da Quareſma.

PAM.

708 A Mayor penſaõ, com que Deos creou o
Part. 12. Num. 212. homem, he o comer. Lançai os olhos por todo o mundo, e vereis que todo elle ſe vem a reſolver em buſcar o paõ para a boca. Que faz o lavrador na terra cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, ſemeando? Buſca paõ. Que faz o ſoldado na campanha carregado de ferro, vigiando, peleijando, derramando o ſangue? Buſca paõ. Que faz o navegante no mar içando, amainando, ſondando, lutando com as ondas, e com os ventos? Buſca paõ. O mercador nas caſas de contrataçaõ paſſando letras, ajuſtando contas, formando companhias? O eſtudante nas Univerſidades tomando poſtillas, revolvendo livros, queimando as peſtanas? O requerente nos tribunaes, pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, anullando? Buſca paõ. Em buſcar paõ ſe reſolve tudo, e tudo ſe applica a o buſcar. Os pobres daõ pelo paõ o trabalho, os ricos daõ pelo paõ a fazenda, os de eſpiritos generoſos daõ pelo paõ a vida, os de eſpiritos baixos daõ pelo paõ a honra, os de nenhum eſpirito daõ pelo paõ a alma,

e en-

e nenhum homem ha, que naõ dê pelo paõ, e ao paõ todo o seu cuidado. Parecevos, que tenho dito muito? Pois ainda naõ está discorrido tudo.

709 Tirai o pensamento dos homens, e lançai-o por todas as outras cousas do mundo, achareis, que todas ellas estaõ servindo a este fim, ou pensaõ do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim crescem as plantas, a este fim florecem as arvores, a este fim produzem, e amadurecem os fructos, a este fim trabalhaõ os animaes domesticos em casa, a este fim pascem os mansos no campo, a este fim se criaõ os sylvestres nas brenhas, a este fim os do mar, e os dos rios nadaõ em suas aguas, em fim tudo, o que nasce, e vive neste mundo, a este fim vive, e nasce. Que digo eu o que vive, e o que nasce? Os elementos naõ saõ viventes, e a este mesmo fim cansamos, e fazemos trabalhar aos proprios elementos. O fogo nas forjas, e nas fornalhas, a agua nas levadas, e nas azenhas, o ar nas vellas, e nos moinhos, a terra nas vinhas, e nas searas, e até o Sol, e a Lua, e as estrellas naõ deixamos estar ociosas desta pensaõ; porque o que todos aquelles orbes celestes fazem andando em perpetua roda, e voltando sem nunca descansar, he produzir, e temperar com suas influencias o que ha de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais. Subi do Ceo acima até ao mesmo Deos, e achareis, que elle he o que mais occupado está, que todos em nosso sustento; porque todas as outras cousas cada huma trabalha em si, e Deos, ainda que sem trabalho, obra em todas. De maneira, senhores, que a occupaçaõ do Ceo, e da terra, e de todo este mundo, a mayor pensaõ, o mayor cuidado, e o mayor trabalho dos homens he buscar paõ para a boca; pois Num. 213.

Num. 214.

isto, por que todos trabalhaõ, hei de enſinar hoje o modo, com que ſe poſſa alcançar ſem trabalho.

710 Todos os homens querem ter paõ, e muito paõ: dous alvitres lhe trago hoje para iſſo: hum para terem paõ, outro para terem muito. Vamos ao pri-
Num. 216. meiro. Mas que alvitre vos parece, que ſerá eſte? Que meyo vos parece, que ſe póde dar para hum homem em toda a ſua vida ter o paõ certo, ſem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? Trabalhar mais? Lavrar mais? Negociar mais? Deſvelar mais? Poupar mais? Mentir mais? Adular mais? Alguns cuidaõ, que eſtes ſaõ os meyos de ter paõ; mas enganaõſe. Sabeis qual he o meyo ſeguro de ter paõ, ſem nunca haver de faltar? He ſeguir a Chriſto. Aſſim lhe aconteceo a cinco mil homens, porque ſeguiaõ a Chriſto tiveraõ paõ no deſerto. Se cinco mil homens com mulheres, e filhos entraſſem de repente em huma grande Cidade, naõ haveria promptamente, que lhes dar a comer, quanto mais em hum deſerto. Em hum deſerto porém ſe achavaõ eſtes homens ſem caſa, ſem venda, e ſem dinheiro para comprar o mantimento, ainda que o houveſſe, e ſobre tudo com fome de tres dias; mas porque ſeguiaõ a Chriſto tiveraõ que comer todos, ſem lhes faltar nada. Senhores meus, que taõ deſvelados andais todos, e taõ eſfaimados por ter de comer, e por deixar de comer a voſſos filhos, ſegui, e ſervi a Chriſto, e eu vos ſeguro da ſua parte, que nem a vós, nem a elles lhes faltará paõ.

Num. 237. 711 Temos dito o primeiro alvitre, que promettemos, que he como havemos de alcançar o paõ: vamos agora ao ſegundo, como havemos de alcançar muito. Oh que ponto eſte para os cubiçoſos, e para os avarentos!

rentos! Se eu os consultasse a elles do remedio para accrescentar paõ, para multiplicar fazenda, huns haviaõ de dizer, que negociar, e melhor, que tudo, negociar para o Maranhaõ; porque o que em Portugal val dous, aqui se vende por vinte. Este meyo será muito bom quando no mundo naõ houver quatro cousas: quando em Zelanda naõ houver Pechilingues: quando em Argel naõ houver Turcos: quando na agulha de marear naõ houver Suestes: e quando na costa do Maranhaõ naõ houver baxios. Mas em quanto ha estas quatro cousas, he muito arriscado modo de ganhar esse.

712 Outros diraõ, que he bom meyo servir a El-Rey em algum posto grande, ou muito junto a elle, ou muito afastado delle; que estes saõ os postos, em que os homens se aproveitaõ. Dizem, que o Rey se ha de tratar como o fogo, nem taõ perto, que queime, nem taõ longe, que naõ aquente. A's aveças ha de ser. Do Rey ou muito perto, ou muito longe. Se tendes posto muito perto ao Rey, tudo se vos sujeita, tudo vos vem ás maõs; e se tendes posto muito longe do Rey, tudo vós sujeitais, e em tudo vós meteis a maõ. Este modo de accrescentar fazenda naõ ha duvida, que he muito prompto, e muito effectivo, e tambem me atrevera eu a dizer, que era bom, se neste mundo naõ houvera huma conta, e no outro mundo outra. Se no outro mundo naõ houvera inferno, e neste mundo naõ houvera justiça, era muito bom; mas nesta vida limoeiro, e na outra vida fogo eterno: nesta vida confiscado, e na outra vida queimado, naõ he bom modo de ganhar. Num. 238.

713 Buscais mil traças, e invençoens para ajuntar o alheyo ao vosso, e essas saõ as que em lugar de Num. 232.

vo lo accreſcentar, vo lo roem, e vo lo desbaratarão. He o alheyo pontualmente, como o vomitorio. Receitavos o Medico hum vomitorio: e que vos acontece depois, que o tomais? Lançaillo a elle, e tudo o mais, que tinheis dentro. Aſſim he o alheyo, guardaivos de o meter no eſtamago; porque primeiramente naõ vo lo ha de lograr, e ha vos de puxar, e levar comſigo o mais, que tiverdes nelle. E vede quaõ pouco baſta para fazer eſtes effeitos. Achab era Rey, tomou a Naboth huma vinha, e tanto que a vinha ſe ajuntou ao Reyno, perdeo o Reyno, e mais a vinha. Fez a vinha o que faz o vinho, vomitou-a Achab, e com ella tudo o mais. Lá diſſe S. Paulo, que hum pequeno fermento corrompe toda a maſſa: *Modicum fermentum totam maſſam corrumpit*; e taes ſaõ os effeitos do alheyo, ainda que a maſſa, com que ſe ajunta, ou miſtura, ſeja huma Monarchia inteira. Que comparaçaõ tinha a vinha de Naboth com o Reyno de Achab? Mas era alheya, poſto que taõ pequena. E como ſe Naboth com as vides da ſua vinha lhe pozera o fogo, aſſim ardeo em hum momento a caſa de Achab, a Coroa, o Reyno, a vida ſua, e de ſua mulher, a honra, a fama, o eſtado, a ſucceſſaõ, e até os oſſos de ambos.

Num. 109.

1. Cor, 5. 6.

Num. 233. 714 Conta Tito Livio de hum Principe dos Piezenigos chamado Cures, que querendolhe tomar ſuas terras Suatislao Principe dos Ruthenos, elle o houve ás maõs em huma emboſcada, e mandandolhe tirar a cabeça, fez da ſua caveira huma taça encaſtoada em ouro, por onde bebia, com eſta letra: *Quærendo aliena, propria amiſit*: Buſcando o alheyo, perdeo o proprio. Oh que boa lembrança para a meſa dos Principes, e dos que o naõ ſaõ! Se em todas

Liv. lib. 23. cit. a Fabr. Dom. 8. poſt Pent.

as

as mesas se bebera por esta taça, naõ se comera em tantas o paõ alheyo, e se no Brasil deramos em desenterrar caveiras, em quantas poderamos escrever a mesma letra! Cuja he esta caveira? He de fulano. Viveo rico, e morreo pobre: testou de muitos mil cruzados, e seus filhos pedem esmola. Pois que foy isto? Que ar mao deo por esta fazenda? *Quærendo aliena, propria amisit*: Misturou a sua fazenda com a alheya, perdeo a alheya, e mais a sua. Fazenda adquirida com deserviço de Deos, e contra seus mandamentos! Deos nos livre.

715 Outros diraõ, que para ter muito, o melhor remedio he tello, guardar, poupar, naõ gastar, morrer de fome, e matar á fome; porque dizem, que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajuntar muito. Este meyo eu confesso, que he muito bom; mas bom para ajuntar fazenda para outros, e naõ para si; porque o que eu poupo, e o que naõ gasto, naõ he meu; he daquelles, a quem eu o hei de deixar, e depois o haõ de gastar muito alegremente: e poupar, e morrer de fome, para que outros vivaõ, e alardeem, he huma avareza mui louca. Num. 239.

716 Pois que remedio para accrescentar a fazenda util, discreta, e muito seguramente? O remedio he muito facil: dar da que tiverdes por amor de Deos. De maneira, que ambos os nossos pontos se vem a resumir a Deos. Quereis ter paõ? Servi a Deos. Quereis ter muito? Dai por amor de Deos. Pois o dar, o tirar de mim he caminho de accrescentar? Antes parece caminho de diminuir. Se fora dar por amor dos homens, ou por outro respeito, fim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amor de Deos naõ ha mais certa negociaçaõ, naõ ha mais Num. 240

certo modo de ajuntar fazenda. Vede-o no noſſo
Joan. 6. 5. Euangelho: *Unde ememus panes, ut manducent hi?* Perguntou o Senhor, onde acharião paõ, para que comeſſem todos. Reſpondeo Santo André, que to-
Ibih. 9. dos os paens, que havia, naõ paſſavaõ de cinco: *Eſt puer unus hic, qui habet quinque panes*, e com eſtes, ſendo ſó cinco, quiz Chriſto dar de comer a todos. Pois, Senhor, naõ vedes que tendes doze diſcipulos, que ſuſtentar, e que os paens naõ ſaõ mais que cinco? Se tiveſſeis muito paõ, entaõ eſtavaõ bem eſſas liberalidades; mas ſendo taõ pouco? Antes por iſſo meſmo: ſe os Apoſtolos tiveraõ doze paens, entaõ naõ era neceſſario mais, porém como naõ tinhaõ mais, que cinco, era força buſcar algum modo de os accreſcentar, e naõ podia haver meyo mais breve, nem mais certo, que dallos aos pobres. E aſſim foy, que os Apoſtolos, porque deraõ cinco paens, naõ ſó receberaõ doze paens, ſenaõ doze alcofas: *Duodecim cophinos*. Se os Apoſtolos foraõ de animo avarento, e acanhado, e quizeraõ comer os ſeus cinco paens, ſahira menos de meyo paõ a cada hum; mas porque cada hum deo o ſeu pedaço de paõ, ficou com huma alcofa cheya: *Duodecim cophinos*.

717 Ides daqui para Portugal, naõ embarcais nada comvoſco, que haveis de comer? Reſpondeis: Levo huma letra de tantos mil cruzados. Pois tendes por certo, que naõ vos póde faltar paõ, porque levais a letra de hum mercador, e naõ tendes por certo com tantas eſcrituras de Deos, que vos naõ ha de faltar nada? Apertemos mais eſte ponto. Na praça de Londres quereis ir para Liorne, levais letra de hum herege: na de Amſterdaõ para Alemanha, levais letra de hum Judeo: na de Veneza para Conſtan-

tantinopla, levais letra de hum Turco, e ides seguro de que vos naõ ha de faltar paõ. Pois com as letras de hum herege, de hum Judeo, de hum Turco cuidais que ides muito seguro, e com as de Deos naõ? *Ah modicæ fidei*, que naõ tendes fé!

718 Dizeime: Se no monte da piedade de Roma, ou no banco de Veneza se déra a cento por hum, houvera quem alli naõ metera o seu dinheiro? Pois os os pobres saõ os banqueiros de Deos. Dase naquelle banco a cento por hum, e sendo nós taõ amigos de accrescentar, naõ metemos todo o nosso cabedal naquelle banco. Pois credeme, que o banco de Veneza póde quebrar, como está hoje menos seguro com a guerra do Turco, e o de Deos naõ ha de quebrar, nem quebrou nunca. Num. 244.

DISCURSO LXIX.

Tirado de hum sermaõ da primeira Dominga do Advento, em que o Auctor mostra, que tudo passa.

PASSAMENTO.

719 A Verdade, e desengano, de que tudo passa, posto que seja por huma parte taõ evidente, que parece naõ ha mister prova, he por outra taõ difficultoso, que nenhuma evidencia basta para o persuadir. Lede os Filosofos, lede os Profetas, lede os Apostolos, lede os santos Padres, e vereis como todos empregaraõ a penna, e naõ huma, senaõ muitas vezes, e com todas as forças da eloquencia na declaraçaõ deste desengano, posto que por si mesmo taõ claro. Part. 5. Num. 2.

Num. 4. 720 Conſideraime o mundo deſde ſeus principios, e veloheis ſempre como nova figura no theatro apparecendo, e deſapparecendo juntamente, porque ſempre paſſando. A primeira ſcena deſte theatro foy o Paraiſo terreal, no qual appareceo o mundo veſtido de immortalidade, cercado de delicias, mas quanto durou eſta apparencia? Eſtendeo Heva o braço á fruta vedada, e no breviſſimo eſpaço, em que o bocado fatal paſſou pela garganta do homem, paſſou tambem com elle o mundo do eſtado da innocencia ao da culpa, da immortalidade á morte, da patria ao deſterro, das flores ás eſpinhas, do deſcanſo aos trabalhos, da felicidade ſumma ao ſummo da infelicidade, e miſeria. Oh miſeravel mundo, que ſe pararas aſſim, e te contentaras com comer o teu paõ com o ſuor do teu roſto, foras menos miſeravel! Mas naõ ſerias mundo, ſe de huma miſeria grande naõ paſſaſſes ſempre, e por tua natural inclinaçaõ a outra mayor. Os homens naquella primeira infancia do mundo todos veſtiaõ de pelles, todos eraõ de huma cor, todos fallavaõ a meſma lingua, todos guardavaõ a meſma ley; mas naõ foy muito o tempo, em que ſe conſervaraõ na harmonia deſta natural irmandade. Logo variaraõ, e mudaraõ as pelles com tanta differença de trajos, que cada dia de pés a cabeça apparecem com nova figura. Logo variaraõ, e mudaraõ as linguas com tanta diſſonancia, e confuſaõ, como a da torre de Babel. Logo variaraõ, e mudaraõ as cores com a diverſidade das terras, e climas, e com a miſtura do ſangue, poſto que todo vermelho. Logo variaraõ, e mudaraõ as leys, naõ com as de Plataõ, Solon, ou Licurgo, mas com a do mais imperioſo, e violento legislador, que he o proprio alvedrio.

drio Tudo mudaraõ, ou tudo se mudou; porque tudo passa.

721 As vidas naquelle tempo, ou naquelle prin- Num. 5.
cipio costumavaõ ser de sete, de oito, de novecentos, e quasi de mil annos, e que brevemente se acabou este bom costume! Entaõ o viver muitos seculos era natureza, hoje chegar naõ a hum seculo, mas perto delle he milagre. Tardaraõ em passar até Noé, e tambem passaraõ. Com aquellas vidas naõ só crescião os annos, senaõ tambem os corpos: e dos filhos de Deos, que eraõ os descendentes de Seth, e das filhas dos homens, que eraõ as descendentes de Caim, nasceraõ os gigantes, de quem diz a Escritura: *Erant gigantes super terram.* Alguns ossos, que ainda duraõ destes, que o mesmo texto sagrado chama varoens famosos, demostraõ pela symetria humana, que naõ podiaõ ser menos que de vinte, e mais covados: e ainda na historia das batalhas de David temos memoria de outros quatro, posto que de muito menor estatura. Mas em fim acabou a era dos gigantes; porque tudo nesta vida, e mais depressa o que he grande, acaba, e passa. Genes. 6. 4.

722 Diminuidos os homens nos corpos, e nas Num. 6.
idades, quando tinhaõ a morte mais perto da vista, (quem tal crera) entaõ cresceraõ mais na ambiçaõ, e soberba, e sendo todos iguaes, e livres por natureza, houve alguns, que entraraõ em pensamento de se fazerem senhores dos outros por violencia, e o conseguiraõ. O primeiro, que se atreveo a pôr coroa na cabeça, foy Membroth, que tambem com o nome de Nino, ou Belo deo principio aos quatro Imperios, ou Monarchias do mundo. O primeiro foy o dos Assyrios, e Chaldeos; e onde está o Imperio Chaldaico? O se-

O ſegundo foy o dos Perſas; e onde eſtá o Imperio Perſiano? O terceiro foy o dos Gregos; e onde eſtá o Imperio Grego? O quarto, e mayor de todos foy o dos Romanos; e onde eſtá o Imperio Romano? Se alguma couſa permanece deſte, he ſó o nome, todos paſſaraõ; porque tudo paſſa.

723 Em tres famoſas viſoens repreſentou Deos eſtes meſmos Imperios a hum Rey, e a dous Profetas. A primeira viſaõ foy a Nabucodonoſor na eſtatua de quatro metaes: a ſegunda a Zacharias em quatro carroças de cavallos de differentes cores: a terceira a Daniel em hum conflicto dos quatro ventos principaes, que no meyo do mar ſe davaõ batalha. Pois ſe todas eſtas viſoens eraõ de Deos, e todas repreſentavaõ os meſmos Imperios, porque variou tanto a ſabedoria divina as figuras, e ſobre a primeira da eſtatua taõ clara, e manifeſta accreſcentou outras duas taõ diverſas em tudo? Porque a eſtatua na dureza dos metaes, de que era compoſta, e no meſmo nome de eſtatua, parece, que repreſentava eſtabilidade, e firmeza: e porque nenhum daquelles Imperios havia de perſeverar firme, e eſtavel, mas todos ſe haviaõ de mudar ſucceſſivamente, e ir paſſando de humas naçoens a outras, por iſſo os tornou a repreſentar na variedade das carroças, e na inconſtancia das rodas, e na carreira, e velocidade dos cavallos. Mas naõ parou aqui a energia da repreſentaçaõ, como naõ encarecida ainda baſtantemente. A eſtatua eſtava em pé, e as carroças podiaõ eſtar paradas; e porque aquelles Imperios correndo mais precipitadamente, que á redea ſolta, naõ haviaõ de parar no meſmo paſſo, nem por hum ſó momento, e ſempre ſe haviaõ de ir mudando, e paſſando, por iſſo finalmen-

nalmente os representou Deos na cousa mais inquieta, mudavel, e instavel, quaes saõ os ventos, e muito mais quando embravecidos, e furiosos: *Et ecce quatuor venti cæli pugnabant in mari magno.* Dan. 7. 2.

724 Em quanto passaraõ estes quatro Imperios, que foy a terceira, quarta, quinta, e sexta idade do mundo, entrando tambem pela setima, quem haverá, que possa comprehender quanto passou no mesmo mundo? Quando começou o primeiro Imperio, entaõ começou tambem a idolatria, digno castigo do Ceo, que pois os homens se fizeraõ adorar, chegassem os mesmos homens a adorar paos, e pedras. Os Reys porém, que eraõ, ou tinhaõ sido os idolatras, canonizados depois pela adulaçaõ, e lisonja ou na vida, ou depois da morte, vinhaõ tambem elles a ser idolos. Assim Saturno, assim Jupiter, assim Mercurio, assim Apollo, assim Marte, assim Venus, assim Diana: e posto que todos estes deixaraõ os seus nomes gravados nas estrellas, ellas permanecem, mas elles passaraõ. Passaraõ os idolos, e tambem passaraõ os Oraculos, com que nelles respondia o pay da mentira; porque ao som da verdade do Euangelho todos emmudeceraõ. Num. 7.

725 Entaõ começaraõ as guerras, e que direi dos exercitos inumeraveis, das batalhas campaes, e maritimas, das victorias, e triunfos de humas naçoens, e da ruina, abatimento, e servidaõ de outras, taõ varia, e alternada sempre? Só digo, que assim a gloria, e alegria dos vencedores, como a dor, e afronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa. O exercito de Xerxes, que foy o mayor, que vio o mundo, constava de cinco mil naos, e cinco milhoẽs de combatentes; e porque de huma parte, e da outra Num. 8.

tra fez continente o Heleſponto, e cavou, e fez navegavel o monte Atho, diſſe delle Marco Tullio, que caminhava os mares a pé, e navegava os montes:

Cicer. lib. 2. de Fin. *Tantis claſſibus Xerxes in Græciam tranſiit, ut Heleſponto juncto, Athoque monte perfoſſo, maria ambularit, terramque navigarit, maria pedibus peragrans, claſſibus montes.* Mas todo aquelle immenſo, e formidavel apparato, que viſto fez tremer o mar, e terra, taõ brevemente paſſou, e deſappareceo, ſendo desbaratado, e vencido, que ſó ficou delle eſte dito. O meſmo Temiſtocles, que com muito deſigual poder o desfez, e poz em fugida, tambem paſſou, como na Grecia, e fóra della paſſaraõ todos os famoſos Capitaens, e ſuas victorias. Paſſou Pirrho, paſſou Mitridates, paſſou Filippe de Macedonia, paſſaraõ Heitor, e Achilles, paſſaraõ Anibal, e Scipiaõ, paſſaraõ Pompeo, e Julio Ceſar, paſſou o grande Alexandre, nome ſingular, e ſem parelha, e até Hercules, ou foſſe hum, ou muitos, todos paſſaraõ, porque tudo paſſa.

Num. 9. 726 Coſtumaõ as letras ſeguir as armas, porque tudo leva a poz de ſi o mayor poder, e aſſim floreceraõ variamente, e em diverſas partes no tempo deſtes Imperios todas as ſciencias, e artes. Floreceo a Filoſofia, floreceo a Mathematica, floreceo a Theologia, floreceo a Aſtrologia, floreceo a Medicina, floreceo a Muſica, floreceo a Oratoria, floreceo a Poetica, floreceo a Hiſtoria, floreceo a Architetura, floreceo a Pintura, floreceo a Eſtatuaria; mas aſſim como as flores ſe murchaõ, e ſecaõ, aſſim paſſaraõ os Authores mais celebrados das meſmas ſciencias, e artes. Na Eſtatuaria paſſou Phidias, e Lyſippo, na Pintura paſſou Timantes, e Apelles, na Architetura

paſ-

passou Meliagenes, e Democrates, na Musica passou Orpheo, e Amphion, na Historia Tucidides, e Livio, na Eloquencia Demosthenes, e Tullio, na Poetica Homero, e Virgilio: na Astrologia Anaxagoras, e Ptholemeo, na Medicina Esculapio, e Hippocrates, na Mathematica Euclides, e Archimedes, na Filosofia Plataõ, e Aristoteles, na Theologia Mercurio Tremigisto, e Apollonio Tyaneo, e por junto em todas as sciencias passaraõ no mesmo tempo os sete sabios de Grecia; porque ou junto, ou dividido tudo passa. Só a Ethica, e Moral como taõ necessaria á vida, e a virtude parece, que naõ havia de passar; mas os Platonicos, os Peripateticos, os Epicureos, os Cinicos, os Pitagoricos, os Estoicos, os Academicos, elles, e suas escolas, e seitas todos passaraõ.

727 Nenhuma cousa he mais propria desta consideraçaõ, em que imos, que os jogos, e espectaculos publicos, que os homens inventaraõ a titulo de passatempo, como se o mesmo tempo naõ passara mais velozmente, que tudo quanto passa. Huns jogos foraõ os Circenses, outros os Dionysios, outros os Juvenaes, outros os Nemeos, outros os Maratoneos, todos cheyos de differentes divertimentos, em que ou se perdia a honestidade, como nos de Venus, ou o juizo, como nos de Baccho; mas nenhuns mais indignos dos olhos humanos, e piedade natural, que os Gladiatorios. Sahia toda a Roma ao Anfiteatro, a que? A ver, e festejar como se matavaõ homens a homens: cahiaõ huns, sobrevinhaõ outros, e outros, sem estar o posto vago hum só momento, acclamando a cabeça do mundo com applausos mais carniceiros, que crueis assim no dar, como no receber das feridas, tanto a intrepideza dos mortos, como a furia dos Num. 10.

dos matadores. Os jogos Seculares ſe chamavaõ aſſim, porque ſe celebravaõ huma ſó vez de ſeculo a ſeculo: e dizia o pregaõ publico, que convidava para elles: *Venite ad ludos, quos nemo vidit unquam, nec viſurus eſt*: Vinde ver os jogos, que ninguem vio, nem ha de tornar a ver: e com eſte deſengano da vida paſſada, e deſeſperaçaõ da futura os hiaõ todos a ver, e ſe chamavaõ jogos. Os Olympicos foraõ os mais celebres, e famoſos de todos, em que de cinco em cinco annos corria todo o mundo a huma Cidade do meſmo nome ou a levar, ou a ver quem levava huma coroa de louro. Por eſtes jogos, mais que pelo curſo do Sol, ſe contavaõ, e diſtinguiaõ os annos. Mas como toda a competencia era a correr, e o que mais corria o que triunfava, naõ podiaõ deixar de paſſar as Olympiadas, como paſſaraõ todos os outros jogos daquelles tempos, ou todos os paſſatempos daquelles jogos.

Num. 11. 728 Só huma couſa ha, que naõ póde paſſar, porque o que nunca foy, naõ póde deixar de ſer, e taes parece, que foraõ as fabulas, que neſte meſmo tempo ſe inventaraõ, e fingiraõ; mas ſe ellas naõ paſſaraõ em ſi meſmas, paſſaraõ naquelles caſos, e couſas, que deraõ occaſiaõ a ſe fingirem. Na ſeca univerſal, que abrazou todo o mundo, paſſou a fabula de Faetonte: no diluvio particular, que inundou grande parte delle, paſſou a fabula de Deucalion: no eſtudo, com que ElRey Atlante contemplava o curſo, e movimento das eſtrellas, paſſou a fabula de trazer o Ceo aos hombros: na eſpeculaçaõ continua de todas as noites, com que Endemion obſervava os effeitos do planeta mais vizinho á terra, paſſou a fabula dos ſeus amores com a Lua; e porque tambem os noſ-

ſos

ós vicios, a noſſa fraca virtude, e a noſſa meſma vi-
da paſſa como fabula, o amor, e complacencia de
nós meſmos paſſou na fabula de Narciſo: a rique-
za ſem juizo na fabula de Midas: a cubiça inſacia-
vel na fabula de Tantalo: a inveja do bem alheyo
na fabula, e abutre de Ticio: a inconſtancia da for-
tuna mais alta na fabula, e roda de Euxion: o peri-
go de acertar com o meyo da virtude, e naõ declinar
aos vicios dos extremos na fabula de Scilla, e Cary-
bdes: e finalmente a certeza da morte, e a incerteza
da vida pendente ſempre de hum fio paſſou, e eſtá
continuamente paſſando na fabula das Parcas. Aſſim
envolveraõ, e miſturaraõ os ſabios daquelle tempo o
que ha com o que naõ ha, e o certo com o fabuloſo,
para que nem o louvor nos deſvaneça, nem a calu-
mnia nos deſanime, pois o verdadeiro, e falſo, a ver-
dade, e a mentira tudo paſſa.

729 Mas naõ he juſto, que neſta paſſagem de tu- Num. 12.
do o que paſſou no tempo dos quatro Imperios pro-
fanos do mundo, paſſemos nós em ſilencio aquella
Republica ſagrada, que alcançou a todos quatro, e
por ſer fundada por Deos parece, que tinha direito
a naõ paſſar. Naſceo a Republica Hebrea no cativei-
ro do Egypto, e quem entaõ lhe levantaſſe a figura,
facilmente lhe podia prognoſticar os tres cativeiros,
e tranſmigraçoens, com que foy arrancada da patria.
Huma vez cativa por Salmanaſar, em que paſſou
deſterrada aos Aſſyrios: outra vez cativa por Nabu-
codonoſor, em que paſſou deſterrada aos Babylo-
nios: e a terceira, e ultima vez cativa por Tito, e
Veſpaſiano, em que paſſou deſterrada a todas as ter-
ras, e naçoens do mundo.

730 Começou no famoſo Triumvirato de Abra-
haõ,

haõ, Iſaac, e Jacob, tantas vezes nomeado, e honrado por boca do meſmo Deos; mas nem por iſſo deixaraõ de paſſar todos tres. Succedeolhe Joſeph, o que ſonhou as ſuas felicidades, e as adoraçoens de ſeu pay, e irmaõs, e poſto que todas ſe cumpriraõ, todas paſſaraõ, como ſe foraõ ſonho. Teve o meſmo povo tres eſtados de governo, o dos Juizes, o dos Reys, o dos Capitaens, e ſe bem ſubindo, e deſcendo, as varas ſe trocaraõ com os cetros, e os cetros com os baſtoens, nenhum daquelles eſtados foy eſtavel, todos paſſaraõ. Nos Juizes paſſou a eſpada de Gedeaõ, o arado de Sangar, e a queixada de Samſaõ. Nos Reys paſſou a valentia de David, a ſabedoria de Salamaõ, e a piedade, e religiaõ de Joſias. Nos Capitaens paſſou o braço invencivel de Judas Machabeo vencedor de tantas batalhas: paſſou a façanha immortal de Eleazaro, que metendoſe debaixo do elefante, matou a ſua propria ſepultura: e paſſou mais glorioſo, que todos, o honrado, e zeloſo teſtamento do velho Mathatias, digno de ſer eſcrito em bronzes. E porque naõ fiquem totalmente em ſilencio as heroinas da meſma naçaõ: quatro houve nella inſignes na formoſura, Sara, Rachel, Eſther, e Judith, todas porém fataes a quem as amou. Sara a hum peregrino com perigos, Rachel a hum paſtor com trabalhos, Eſther a hum Rey com deſgoſtos, e Judith a hum General com a morte. Eſte acabou miſeravelmente a vida; mas as formoſuras antes de ſe acabarem as vidas já tinhaõ paſſado. Floreceraõ no meſmo povo, além de outros igualmente verdadeiros, deſaſeis Profetas canonicos, quatro mayores, e doze menores; mas em eſpaço de tres ſeculos os mayores, e menores deſde Oſeas a Malachias todos paſſa-

passaraõ. Passaraõ os milagres da vara, passaraõ os da serpente de metal, passaraõ os de Elias, e de Eliseo: e porque só faltava passar a ley de Moysés, e o sacerdocio de Araõ, a ley, e o sacerdocio tambem passaraõ, porque tudo passa.

731 Agora quizera eu perguntar ao mundo, se como me enche a memoria de tantas cousas, que todas passaraõ, me mostrara alguma aos olhos, que naõ passasse. A's sete fabricas, a que a fama deo o nome de maravilhas, accrescentaraõ alguns como oitava o Anfitheatro Romano; mas a maravilha oitava, ou nona he, que todas essas maravilhas, que pareciaõ eternas, passaraõ. A primeira maravilha foraõ as Pyramides do Egypto, a segunda os Muros de Babylonia, a terceira a Torre de Faro, a quarta o Colosso de Rhodes, a quinta o Mausoleo de Caria, a sexta o Templo de Diana Efesina, a setima o Simulacro de Jupiter Olympico. E deixando o Anfitheatro, de que só se vem as ruinas, as Pyramides cahiraõ, os Muros arrazaraõse, o Colosso desfezse, o Mausoleo sepultouse, a Torre sumiose, o Farol apagouse, o Templo ardeo, e o Simulacro, como simulacro, desvaneceose em si mesmo. Tem mais que dizer, ou que oppor o mundo? Só póde appellar para as mais fortes, e bem fundadas Cidades, Cortes, e Metropoles dos mais poderosos Imperios: argumento verdadeiramente de grande voato antes de se lhe tomar o pezo. Ninive Corte de Nino foy a mayor Cidade do mundo: andavase de porta a porta naõ menos, que em tres dias de caminho: edificada de proposito com arrogancia de que nenhuma outra a igualasse, como naõ igualou. Mas onde está esta Ninive? Ecbatanis Corte de Arfaxad, e Cidade, que o texto sagrado chama Num. 13.

potentiſſima, era cercada de ſete ordens de muros, todos de pedras quadradas, cada huma de vinte e ſete palmos por todas as faces, e as portas com prodigioſa altura de cem covados. Mas onde eſtá eſſa Ecbatanis? Suza Corte de Aſſuero, e Metropole de cento e vinte e ſete Provincias, cujo palacio repreſentava hum ceo eſtrellado fundado ſobre colunas de ouro, e pedras precioſas, e cujos muros eraõ de marmores brancos, e jaſpes de differentes cores; bem ſe deixa ver quaõ forte, e inexpugnavel ſeria, pois defendia taõ grande Monarchia, dominava tantos Reynos, e guardava tantos theſouros. Mas onde eſtá Suza? Se houveſſemos de fazer a meſma pergunta ás ruinas de Thebas, de Memphis, de Bactra, de Carthago, de Corintho, de Sebaſte, e da mais conhecida de todas Jeruſalem, neceſſario ſeria dar volta a toda a redondeza da terra. De Troya diſſe Ovidio: *Jam ſeges eſt ubi Troya fuit.* E o meſmo podemos dizer das planicies, valles, e montes, donde ſe levantavaõ ás nuvens aquelles vaſtiſſimos corpos de caſas, muralhas, e torres. De humas ſe naõ ſabem os lugares, onde eſtiveraõ, de outras ſe lavraõ, ſemeaõ, e plantaõ os meſmos lugares ſem mais veſtigios de haverem ſido, que os que encontraõ os arados, quando rompem a terra, para que os homens compoſtos de carne, e ſangue ſe naõ queixem da brevidade da vida, pois tambem as pedras morrem, e para que ninguem ſe atreva a negar, que tudo quanto houve paſſou, e tudo quanto he paſſa.

In Heroid.

Num. 14.

732 A razaõ deſte curſo, ou precipicio geral, com que tudo paſſa, naõ he huma ſó, ſenaõ duas: huma contraria a toda a eſtabilidade, e outra repugnante ao meſmo ſer. E quaes ſaõ? O tempo, e antes

tes do tempo o nada. Que cousa mais veloz, mais fugitiva, e mais instavel, que o tempo? Taõ instavel, que nenhum poder, nem ainda o divino o pode parar; por isso os quatro animaes, que tiravaõ pela carroça da gloria de Deos neste mundo, naõ tinhaõ redeas. Descreveo o tempo no palacio do Sol o mais engenhoso de todos os Poetas, e dividindo o em suas partes, disse assim elegantemente.

A dextra lævaque dies, & mensis, & annus, Meram. lib. 2.
Sæculaque, & positæ spatiis æqualibus horæ,
Verque novum stabat, cinctum florente corona,
Stabat nuda Æstas, & spica serta gerebat,
Stabat & Autumnus calcatis sordibus uvis,
Et glacialis Hyems canis hirsuta capillis.

Elegantemente, torno a dizer, mas falsa, e impropriamente. Aquelle *Stabat* tantas vezes repetido he o que tirou toda a semelhança de verdade á engenhosa pintura; porque nem a Primavera com as suas flores, nem o Estio com as suas espigas, nem o Outono com os seus fructos, nem o Inverno com os seus frios, e neves, por mais tolhido, e entorpecido que pareça, podem estar parados hum momento. Passaõ as horas, passaõ os dias, passaõ os mezes, passaõ os annos, passaõ os seculos, e se houvesse jeroglifico, com que se podessem pintar, havia de ser todos com azas, naõ só correndo, e fugindo, mas voando, e desapparecendo.

733 Nem escusa esta impropriedade estar o Sol assentado: *Sedebat in solio Phœbus*; porque o Sol póde parar, como no tempo de Josué, ou tornar a traz, como no tempo de Ezechias; mas o tempo em nenhum tempo nem parar, nem deixar de ir por diante, sempre, e com a mesma velocidade. Bem

emendou esta sua impropriedade o mesmo Poeta, quando depois disse:

Met. lib. 4.
Ipsa quoque assiduo labuntur tempora motu,
Non secus ac flumen, neque enim consistere flumen,
Aut levis hora potest.

E como o tempo naõ tem, nem póde ter consistencia alguma, e todas as cousas desde seu principio nasceraõ juntamente com o tempo, por isso nem elle, nem ellas podem parar hum momento, mas com perpetuo moto, e revoluçaõ insuperavel passar, e ir passando sempre.

Num. 15. 734 A segunda razaõ ainda he mais natural, e mais forte, *o Nada*. Todas as cousas se resolvem naturalmente, e vaõ buscar com todo o pezo, e impeto da natureza o principio, donde nasceraõ. O homem porque foy formado da terra, ainda que seja com dispendio da propria vida, e summa repugnancia da vontade, sempre vay buscar a terra, e só descansa na sepultura. Os rios esquecidos da doçura de suas aguas, posto que as do mar sejaõ amargosas, como todos nasceraõ do mar, todos vaõ buscar o mesmo mar, e só nelle se desafogaõ, e paraõ como em seu centro. Assim todas as cousas deste mundo, por grandes, e estaveis que pareçaõ, tirou-as Deos com o mesmo mundo do naõ ser ao ser, e como Deos as creou de nada, todas correm precipitadamente, e sem que ninguem as possa ter maõ, ao mesmo nada, de que foraõ creadas. Vistes o torrente formado da tempestade subita como se despenha impetuoso, e com ruido, e tanto que cessou a chuva, tambem elle cessou, e se sumio subitamente, e tornou a ser o nada, que dantes era? Pois assim he tudo, e somos todos, diz David: Ps. 57. 8. *Ad nihilum devenient tamquam aqua de-*

decurrens. Sonhaſtes no ultimo quarto da noite, quando as repreſentaçoens da fantaſia ſaõ menos confuſas, que poſſuieis grandes riquezas, que goſaveis grandes delicias, e que eſtaveis levantado a grandes dignidades; e quando depois acordaſtes, viſtes com os olhos abertos, que tudo era nada. Pois aſſim paſſaõ a ſer nada em hum abrir de olhos todas as apparencias deſte mundo, diz o meſmo Profeta: *Velut ſomnium ſurgentium, Domine, imaginem ipſorum ad nihilum rediges*. De ſorte, que eſtas ſaõ as duas razoens, porque todas as couſas paſſaõ. Paſſaõ, porque voaõ com o tempo, e paſſaõ, porque voaõ caminhando para o nada, donde ſahiraõ; por iſſo, como diz o Eſpirito Santo, quando humas paſſaraõ, ou tem paſſado, he neceſſario, que venhaõ outras para tambem paſſar: *Generatio præterit; & generatio advenit: terra autem in æternum ſtat*. Pſ. 72. 20. Eccleſ. 1. 4.

735 Mas ſe bem ſe repara neſta meſma ſentença, ſendo taõ poucas as ſuas palavras, aſſim como humas confirmaõ, aſſim outras parece que impugnaõ, e deſtroem quanto imos dizendo. Porque ſe a terra eſtá ſempre firme, e eſtavel: *Terra autem in æternum ſtat*, ſegueſe ao menos, que a meſma terra naõ paſſa, e que ha no mundo alguma couſa, que naõ paſſe. Concederemos pois eſta excepçaõ ao noſſo aſſumpto, e diremos, que paſſaõ as figuras, como diz S. Paulo, mas que a terra, que he o theatro, naõ paſſa? Naõ digo, nem concedo tal. A terra toda naõ paſſa, mas paſſaõ, e ſempre eſtaõ paſſando todas as partes della. A terra compoemſe de Reynos, os Reynos compoemſe de Cidades, as Cidades compoemſe de caſas, e campos, principalmente de homens, e tudo iſto, que tudo he terra, (e toda a terra) Num. 16.

ra) perpetuamente eſtá paſſando.

736 Daniel revelando a Nabucodonoſor a intelligencia da ſua eſtatua, diſſe, que Deos muda os tempos, e as idades, e conforme ellas paſſa os Reynos de huma parte para outra: *Ipſe mutat tempora, & ætates, transfert Regna, atque conſtituit.* Aſſim paſſou o Reyno do meſmo Nabuco para a Perſia, o dos Perſas para a Grecia, o dos Gregos para Roma, e o dos Romanos para tantos outros, quantos hoje coroaõ outras cabeças, as quaes ſe devem lembrar daquella infallivel ſentença: *Regnum à gente in gentem transfertur propter injuſtitias.* O noſſo Reyno naõ ſendo no ſitio original dos mayores, quantas vezes paſſou a outras gentes? Paſſou aos Suevos, paſſou aos Alanos, paſſou aos Carthaginezes, paſſou aos Romanos, paſſou aos Arabes, e Saracenos, e dentro da meſma Heſpanha tambem paſſou, e tornou a paſſar. Os terremotos, que ſe geraõ do ar violentado nas entranhas da terra, ſaõ muito raros; mas os que ſe fazem na ſuperficie della, ſempre a trazem em perpetuo movimento.

Dan. 2. 21.

Eccleſ. 10. 8.

737 E ſe os grandes Reynos, e Imperios naõ ſaõ eſtaveis, e paſſaõ, que ſeraõ as Cidades particulares, para que naõ he neceſſario, que a roda da fortuna dê toda a volta? Naõ fallo daquellas, que acabaraõ como de morte ſubita abrazadas até á ultima cinza no incendio de huma noite, como Troya, e Lugduno. Deſta diſſe judicioſamente Seneca: *Quando una nox fuit inter urbem maximam, & nullam, nihil privatim, nihil publice ſtabile eſt: tam hominum, quam urbium fata volvuntur.* Deixadas pois eſtas, que ſubitamente paſſaraõ do ſer ao naõ ſer, ſó fallo das que por ſeus paſſos contados vieraõ de hum dominio

Num. 17.

Senec. ep. 91.

nio a outro dominio. E quantas vezes as Pombas de Babylonia, quantas os Leoens de Jeruſalem, quantas as Aguias de Roma, e de Conſtantinopla viraõ ſobre ſuas muralhas outras bandeiras? O mayor theatro de Marte no noſſo ſeculo, e por ventura, que em nenhum outro, foraõ as guerras Belgicas, e na grande Provincia de Hollanda excepta Dorth, por iſſo chamada a Virgem, nenhuma Cidade houve, que naõ foſſe conquiſtada, e alternaſſe o dominio. Que direi dos confins ſempre incertos, e taõ frequentemente mudados de Heſpanha com França, e de França com Germania, de Germania com a Turquia, e da Turquia com Italia? Annos ha, que a antiga Creta, hoje Candia, ſem ſer das ilhas errantes do Archipelago, tem poſto em duvida o mundo para onde ha de ir, e ſe ha de reconhecer as Cruzes, ou as meyas Luas.

738 Em quanto ás caſas, membros menores, de que ſe compoem innumeravelmente as Cidades; quem poderá comprehender o inextricavel labyrinto, com que á maneira de peixes no mar ſe andaõ ſempre movendo, e paſſando de hum dono para outro dono? Ouçamos a familiar evidencia, com que o grande juizo de Santo Agoſtinho demoſtrou a hum delles eſta perpetua inſtabilidade. Introduz hum rico, que jactancioſo de ſer ſenhor da ſua caſa, dizia: *Domum meam habeo.* E perguntalhe o Santo aſſim: *Quam domum tuam? Quam pater meus mihi dimiſit. Et unde ille habuit? Avus noſter illam reliquit. Recurre ad proavum, inde ad abavum, & jam nomina non potes dicere. Pater tuus hîc eam dimiſit, tranſivit per illam, ſic & tu tranſibis.* Eſta caſa, de que vos jactais ſer ſenhor, porque he voſſa? Porque a her-

Num. 18.

Aug. com. in Pſ. 122.

a herdei de meu pay: e voſſo pay de quem a houve? De meu avo: e de quem a houve voſſo avo? De meu biſavo: e voſſo biſavo de quem? De meu treſavo: já naõ tendes palavras, com que proſeguir de quem mais foy, e a quem mais paſſou eſta caſa, que chamais voſſa. Pois aſſim como ella paſſou, e voſſos antepaſſados paſſaraõ por ella, aſſim ella, e vós tambem haveis de paſſar.

739 Por eſte modo ſem firmeza, nem eſtabilidade alguma eſtaõ ſempre paſſando neſte mundo as caſas, as quintas, as herdades, os morgados: huns, porque os faz paſſar a morte, outros, porque os manda paſſar a juſtiça, outros, porque os convida a paſſar a riqueza dos que os compraõ, outros, porque os obriga a neceſſidade dos que os vendem, outros, porque a força, e poder os rouba, e ſenhorea por violencia: em ſumma, que naõ ha pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra, que naõ eſteja ſempre paſſando, porque tudo paſſa.

Num. 19. 740 Deſte tudo, que eſtá ſempre paſſando, he o homem naõ ſó a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do meſmo tudo. E vendo o homem com os olhos abertos, e ainda os cegos, como tudo paſſa, ſó nós vivemos como ſe naõ paſſaramos. Somos como os que navegando com vento, e maré, e correndo velociſſimamente pelo Tejo acima, ſe olhaõ fixamente para terra, parecelhe que os montes, as torres, e a Cidade he a que paſſa, e os que paſſaõ ſaõ elles. He o que diſſe o Poeta: *Montes, urbesque recedunt.* Mas demos volta a eſta meſma comparaçaõ, e veremos na terra outro genero de engano ainda mayor. A mayor oſtentaçaõ de grandeza, e mageſtade, que ſe vio neſte mundo, e huma das tres, que Santo Agoſti-

Agoſtinho deſejara ver, foy a pompa, e magnificencia dos triunfos Romanos. Entravaõ por huma das portas da Cidade, naquelle tempo vaſtiſſima, encaminhados longamente ao Capitolio: precediaõ os ſoldados vencedores com acclamaçoens: ſeguiaõſe repreſentadas ao natural as Cidades vencidas, as montanhas inacceſſiveis eſcaladas, os rios caudaloſos vadeados com pontes, as fortalezas, e armas dos inimigos, e as machinas, com que foraõ expugnadas, em grande numero de carros os deſpojos, e riquezas, e tudo o raro, e admiravel das regioens novamente ſujeitas: depois de tudo iſto a multidaõ dos cativos, e tal vez os meſmos Reys maniatados, e por fim em carroça de ouro, e pedraria, tirada por elefantes, tigres, ou leoens domados, o famoſo triunfador, ouvindo a eſpaços aquelle glorioſo, e temeroſo pregaõ: *Memento te eſſe mortalem.* Em quanto eſta grande prociſſaõ (que aſſim lhe chama Seneca) caminhava, eſtavaõ as ruas, as praças, as janellas, e os palanques, que para eſte fim ſe faziaõ, cubertos de infinita gente, todos a ver. E ſe Diogenes entaõ perguntaſſe, quaes eraõ os que paſſavaõ: ſe os do triunfo, ſe os que eſtavaõ vendo, naõ ha duvida, que pareceria a pergunta digna de riſo. Mas o certo he, que tanto os da prociſſaõ, e do triunfo, como os das janellas, e palanques, que os eſtavaõ vendo, huns, e outros igualmente paſſavaõ, porque a vida, e o tempo nunca pára, e ou indo, ou eſtando, ou caminhando, ou parados, todos ſempre, e com igual velocidade paſſamos.

741 Declarou eſta verdade taõ mal advertida com huma ſemelhança muito propria Santo Ambroſio elegantemente: *Et ſi non videmur ire corporaliter,* Num. 20. Ambroſ. in Pſ. 1. v. 1.

ter, progredimur. Nam ſicut in navibus dormientes ventis aguntur in portus, ſic vitæ noſtræ ſpatio defluente, ad proprium unuſquiſque finem, curſu labente, deducimur. Tu enim dormis, & tempus tuum ambulat. Todos imos embarcados na meſma nao, que he a vida, e todos navegamos com o meſmo vento, que he o tempo, e aſſim como na nao huns governaõ o leme, outros mareaõ as vellas, huns vigiaõ, outros dormem, huns paſſeaõ, outros eſtaõ aſſentados, huns cantaõ, outros jogaõ, outros comem, outros nenhuma couſa fazem, e todos igualmente caminhaõ ao meſmo porto, aſſim nós, ainda que o naõ pareça, inſenſivelmente imos paſſando ſempre, avizinhandoſe cada hum ao ſeu fim; porque tu, conclue Ambroſio, dormes, e o tempo anda: *Tu dormis, & tempus tuum ambulat.* Diſſe pouco em dizer, que o tempo anda, porque corre, e voa; mas advertio bem em notar, que nós dormimos; porque tendo os olhos abertos para ver, que tudo paſſa, ſó para conſiderar, que nós tambem paſſamos, parece, que os temos fechados.

Num. 21. 742 Dito foy do grande Filoſofo Heraclito, allegado, e celebrado por Socrates: *Non poſſe quemquam bis in eumdem fluvium deſcendere*: Que nenhum homem podia entrar duas vezes em hum rio: E porque? Porque quando entraſſe a ſegunda vez, já o rio, que ſempre corre, e paſſa, he outro. E daqui infiro eu, que o meſmo ſuccederia, ſe naõ foſſe rio, ſenaõ lago, ou tanque aquelle, em que o homem entraſſe, porque ainda que a agua do lago, e do tanque naõ corre, nem ſe muda, corre porém, e ſempre ſe eſtá mudando o homem, que nunca permanece no meſmo eſtado: *Et nunquam in eodem ſtatu permanet.*

Socrat. in Crat.

Job. 14. 2.

net. Assim o disse Job, e quem o naõ disser assim de todo o homem, e de si mesmo, naõ se conhece. Admirase Philo Hebreo de que perguntando Deos a Adaõ onde estava: *Adam ubi es*, elle naõ respondesse. Mas logo escuta ao mesmo Adaõ, e a qualquer outro homem, a quem Deos fizesse a mesma pergunta; porque como póde responder onde está quem naõ está? Se dissera: Estou aqui, (como subtilmente argue Santo Agostinho) entre a primeira syllaba, e a segunda já o estou naõ seria estou, nem o aqui seria o mesmo lugar; porque como tudo está passando, tudo se teria mudado. Por isso conclue o mesmo Philo, que se Adaõ houvesse de responder propria, e verdadeiramente onde estava, havia de dizer *Nusquam* em nenhuma parte; porque em nenhuma parte está aquillo, que nunca está, mas sempre passa: *Ad quod proprie respondere poterat, nusquam, eo quod humana res nunquam in eodem statu maneat.* Gen. 3. 9. Phil.

743 Considerando este continuo passar do homem, (naõ fóra de si, senaõ onde verdadeiramente parece que está, e permanece, que he dentro em si mesmo) diziaõ os Sabios da Grecia, como refere Eusebio Cesarienſe, que todo o homem, que chega a ser velho, morre seis vezes. E como? Passando da infancia á puericia, morre a infancia: passando da puericia á adolescencia, morre a puericia: passando da adolescencia á juventud, morre a adolescencia: passando da *juventud* á idade de varaõ, morre a *juventud*, passando da idade de varaõ á velhice, morre a idade de varaõ: e finalmente acabando de viver por tanta continuaçaõ, e succeſſaõ de mortes, com a ultima, que só chamamos morte, morre a velhice. Assim o consideravaõ aquelles Sabios mais larga, e menos Num. 22.

fabia-

fabiamente do que deveraõ, aos quaes por isso emendou S. Paulo, dizendo, que morria todos os dias:
1. Cor. 15. 31. *Quotidie morior.* E já póde ser, que da communicaçaõ, que Seneca teve com S. Paulo, ensinou elle esta mesma liçaõ ao seu discipulo, quando lhe disse: *Singulos dies singulas vitas puta.* Se o Sol, que sempre he o mesmo, todos os dias tem hum novo nascimento, e hum novo occaso, quanto mais o homem por sua natural inconstancia taõ mudavel, que nenhum he hoje o que foy hontem, nem ha de ser á manhã o que he hoje! Desenganemonos pois todos, e diga, ou digase cada hum com ElRey Ezechias:
Isai. 38. 12. *De mane usque ad vesperam finies me.* E seja a conclusaõ deste largo discurso, que entaõ definiremos bem, e conheceremos o que he esta vida, e este mundo, quando entendermos, que naõ só estamos nelle em perpetua passagem, mas em perpetuo passamento.

DISCURSO LXX.

Tirado de hum sermaõ da segunda oitava da Paschoa prégado em Roma: dia, em que he obrigaçaõ, e costume de toda Italia prégar da paz.

PAZ.

Part. 6. Num. 199. 744 NA casa, ou familia, que he huma Republica pequena, e na Republica, que he huma casa, ou familia grande, toda a paz consiste em que o imperio do que manda, e a sujeiçaõ dos que obedecem, elle ordenando, e elles subordenados estejaõ concordes.

745 Ago-

745 Agora pergunto eu: E que será necessario de huma, e da outra parte, para que a ordem desta concordia se conserve, e com a ordem, e a concordia se consiga a paz? Respondo com a mesma proporçaõ, que saõ necessarias outras duas cousas: da parte do superior, e do que manda, igualdade: da parte dos inferiores, e dos que saõ mandados, paciencia: sem igualdade de huma parte, e sem paciencia da outra naõ se poderá conseguir, nem conservar a paz. Vós, que na familia, ou na Republica sois mandados, e sujeitos, se quereis paz, paciencia. Num. 200.

746 Aqui vereis, senhores, o engano deste mundo. Todas as guerras deste mundo se fazem a fim de conseguir a paz: *Omnis homo*, diz Santo Agostinho, *etiam belligerando, pacem requirit*: *pacis intentione geruntur & bella.* A guerra se applica á sabedoria, na guerra se emprega a potencia, com a guerra se despendem as riquezas, e com a guerra se pertende a paz; mas he engano: *Viam pacis non cognoverunt.* A paz naõ se conquista com exercitos armados, conquistase com huma só espada, e com dous escudos: com huma só espada, que he a da justiça, e com dous escudos, que saõ os das suas balanças. Divida a espada igualmente pelo meyo o que partir, e ponhaõse as partes, ou as ametades iguaes, huma em huma balança, e outra na outra, e debaixo desta igualdade se achará a justiça, e neste equilibrio a paz. Num. 204. Psalm. 13. 3.

747 Tal foy o primeiro juizo de Salamaõ, e a primeira sentença do Rey pacifico. Assentado Salamaõ no trono Real, a primeira cousa, ou caso, que lhe foy proposto, foy a contenda de duas mulheres sobre hum minino, o qual cada huma dellas protesta-

va,

va, que era ſeu filho. Naõ havia teſtimunhas, nem outra prova. E que faria o Rey? O que eu acabo de dizer. Manda que o minino ſe parta pelo meyo: *Dividite infantem*: e eſta foy a igualdade da eſpada da juſtiça: manda mais, que das duas ametades huma ſe dê a huma mulher, e a outra á outra: *Date dimidiam partem uni, & dimidiam partem alteri*: e eſta foy a igualdade das balanças. Oh admiravel jeroglifico da juſtiça igual, e digno de o tomar por empreza o Rey pacifico! Mas naõ parou aqui a deciſaõ da cauſa. Deſcuberta com eſta induſtria a verdade, naõ ſe partio o minino, mas vivo, e inteiro ſe deo á que era ſua mãy: e neſtas duas partes da ſentença de Salamaõ ſe manifeſtaraõ os dous effeitos da juſtiça particular, ou univerſal, que devem obſervar os Reys. A juſtiça particular tem obrigaçaõ de dar a cada hum o ſeu, e neſta ordinariamente ſe huma parte fica ſatisfeita, a outra fica queixoſa; porém a juſtiça univerſal, e commua tem obrigaçaõ de ſer igual com todos, e deſta igualdade, que a todos ſatisfaz, e abraça, naſce a verdadeira, e conſtante paz. Em huma igual, em outra deſigual Salamaõ, e em ambas juſto; mas ſó na da igualdade Rey pacifico.

3 Reg. 3. 25.

Num. 208. 748 Senhores meus, vós que na familia, ou na Republica tendes o officio, e a obrigaçaõ de as conſervar em paz, igualdade: *Æquet amor quos æquavit natura*, diz Santo Ambroſio. E ſe acaſo com os exemplos de Jacob, de Iſaac, e de Rebecca me replicardes, que inclinar mais a huns, que a outros, ainda entre pays, e filhos, he affecto natural, com os meſmos exemplos vos reſpondo, que tambem he natural ſeguirſe a deſigualdade deſtas inclinaçoens a rotura da paz, e as diſcordias domeſticas, e civís. O verda-

verdadeiro, e único exemplo he só o de Christo hoje, como Mestre Rey, e como Mestre Pay: *Stetit in medio discipulorum.* Ouvi huma grande maxima politica, e economica tirada do mesmo texto. O Principe he senhor da Republica, o pay he senhor da casa, mas nem o Principe, nem o pay he senhor da sua inclinaçaõ: *In medio.*

749 Todas as cousas deste mundo tem a sua inclinaçaõ natural: só huma ha, que naõ tem inclinaçaõ: e qual he? O centro. Todas as partes do universo propendem, carregaõ, e inclinaõ para o centro: só o centro, que está no meyo de todas, naõ inclina para parte alguma. E porque razaõ? Porque se o centro se inclinasse a huma, ou a outra parte, no mesmo ponto se arruinaria toda a maquina do mundo. De maneira, que todas as partes do universo se inclinaõ ao centro, e o centro a nenhuma dellas se inclina, porque está no meyo: *In medio.* Grande documento da natureza para as inclinaçoens das vontades superiores. Quereis levar apos vós as inclinaçoens de todos, naõ vos inclineis a nenhum. Porque o centro posto no meyo naõ tem inclinaçaõ a nenhuma das partes, por isso todas as partes do universo se inclinaõ concordemente ao centro, e com a mesma inclinaçaõ, e com a mesma concordia se unem entre si, e se conservaõ em paz. Agora entendereis o proprio sentido de hum texto muito commum, mas naõ pouco difficil: *Domini sunt cardines terræ, & posuit super eos orbem.* Quer dizer, que Deos assentou, e estabeleceo o mundo sobre os centros da terra. Essa he a significaçaõ da palavra *Cardines*, como se lê no original Hebreo: e aqui está a difficuldade. A terra naõ tem, nem póde ter mais que hum centro,

Num. 209.

Num. 210.

1. Reg. 2. 8.

tro, e em ser hum só consiste toda a sua firmeza: como diz logo a Escritura, que Deos poz, e estabeleceo o mundo sobre os centros da terra? Porque falla do mundo politico com allusaõ ao mundo natural. O mundo natural tem hum só centro, e o mundo politico tem muitos centros. O centro do mundo natural he o meyo da terra, os centros do mundo politico saõ todos os que tem o mando, e o governo do mesmo mundo, ou de suas partes, diz S. Jeronymo. Dentro deste orbe politico ha muitos circulos mayores, ou menores, e cada hum tem o seu centro. Os circulos mayores saõ os Reynos, e o centro do Reyno he o Principe: os circulos menores saõ as Cidades, e o centro da Cidade he o Magistrado: os circulos minimos saõ as familias, e o centro da familia he o pay. Estes saõ pois os centros muitos, e varios, sobre os quaes Deos estabeleceo este orbe racional do mundo politico: *Domini sunt cardines terræ, & posuit super eos orbem.* E que se segue daqui? Segue-se, que para cada hum destes centros se conservar dentro da sua esfera, e para a conservar a ella em paz, e concordia, he necessario que se ponha como verdadeiro centro no meyo, e se mantenha, e sustente na indifferença deste equilibrio sem inclinaçaõ a huma, nem a outra parte: *In medio.*

Num. 211. 750 Aos Reys de Israel dizia Deos fallando com cada hum: *Nec declinabis ad dexteram, neque ad sinistram.* Eu vos fiz Rey, eu vos fiz Governador, eu vos fiz pay do meu povo, pelo que adverti, que o inclinar em vós he declinar, e assim vos deveis portar de maneira, que nem inclineis para huma parte, nem para a outra, nem para a esquerda, nem para a direita. Nesta ultima palavra está a minha duvida:

Nec

Neque ad dexteram. Que o Principe naõ incline para a parte esquerda, que he a peyor parte; bem está; mas para a direita, porque naõ? A parte direita naõ he a melhor? Sim. Pois porque naõ quer Deos, que o Principe se incline nem á melhor parte? Porque melhor he naõ inclinar, que inclinar ao melhor. Declararmehei com hum exemplo domestico. Hum dos companheiros de nosso Padre Santo Ignacio, e que depois lhe succedeo no Generalato foy o Mestre Laines, e querendo o Santo empregar este grande talento, que era o mais eminente de todos (como bem se vio sendo Theologo do Papa no Concilio Tridentino) naquelle exercicio, que fosse mais conforme á sua inclinaçaõ, perguntoulhe a que se inclinava. E que responderia Laines? Inclinome a naõ me inclinar. Este he o verdadeiro dictame de hum perfeito superior: inclinarse a naõ ter inclinaçaõ: *Nec declinabis ad dexteram, neque ad siniſtram*; porque inclinarse a huma parte, qualquer que seja, he faltar ao equilibrio da igualdade, e com a desigualdade perder a uniaõ, perder a paz, perder a concordia, perder, e perturbar tudo. E assim seria na familia, ou na Republica, se se movesse o centro, se se deixasse o meyo, e se se inclinasse a cabeça: *Stetit in medio*: naõ só no meyo: *In medio*, mas no meyo sem inclinaçaõ: *Stetit*.

751 No corpo natural bem se póde inclinar a cabeça sem movimento, nem mudança do corpo: no corpo politico naõ póde. Vede huma grande figura no meyo do mundo, que foy o monte Calvario: *Operatus est salutem in medio terræ.* O mesmo Christo, que resuscitado *stetit in medio*, morrendo, inclinou a cabeça: *Inclinato capite.* E que aconteceo no Num. 212. Ps. 79. 12. Joan. 19. 30.

no meſmo ponto? *Et ecce velum templi ſciſſum eſt in duas partes, & terra mota eſt, & petra ſciſſæ ſunt, & monumenta aperta ſunt, & multa corpora, quæ dormierant, ſurrexerunt.* Inclinouſe huma cabeça coroada, inclinouſe huma cabeça, que tinha eſcrito em cima o titulo de Rey: *Inclinato capite? Et ecce*: e o que no meſmo ponto ſe ſeguio a eſta inclinaçaõ, foraõ terremotos, diviſoens, inquietaçoens, tumultos: tudo perturbado, tudo deſcompoſto, tudo alterado, e deſunido. Até as pedras inſenſiveis ſe quebraraõ de dor: *Petræ ſciſſæ ſunt*: até no mais ſagrado houve diviſoens, e roturas: *Velum templi ſciſſum eſt*: até as ſepulturas ſe abriraõ: *Monumenta aperta ſunt*; porque em ſemelhantes caſos muitas couſas, que eſtavaõ ſepultadas no eſquecimento, ſe deſenterraõ, e em deſpeito dos vivos ſahem outra vez á luz do mundo, e reſuſcitaõ os mortos: *Et multa corpora, quæ dormierant,* Num. 213. *ſurrexerunt*. Pelo que, ſenhores meus, ſe quereis quietaçaõ, ſe quereis paz, igualdade: e igualdade recta, e ſem inclinaçaõ a nenhuma das partes, como a de Chriſto hoje poſto em meyo dos diſcipulos: *Stetit in medio diſcipulorum.*

DISCURSO LXXI.

Tirado de hum ſermaõ hiſtorico, e panegyrico nos annos da ſereniſſima Rainha de Portugal.

PAZ.

Part. 14. Num. 13. 752 QUe de tempos coſtuma gaſtar o mundo, naõ digo no ajuſtamento de qualquer ponto

ponto de huma paz, mas só em rejeitar, e compor os ceremoniaes della! Tratados preliminares lhe chamaõ os politicos: mas quantos degraos se haõ de subir, e descer, quantas guardas se haõ de romper, e conquistar antes de chegar ás portas da paz, para que se fechem as de Jano? E depois de aceitas, com tanto exame de clausulas as plenipotencias: depois de assentadas com tantos ciumes de authoridade as juntas: depois de aberto o passo ás que chamaõ conferencias, e se haviaõ de chamar differenças, que tempos, e que eternidades saõ necessarias para compor os intricados, e porfiados combates, que alli se levantaõ de novo? Cada proposta he hum pleito, cada duvida huma dilaçaõ, cada conveniencia huma discordia, cada razaõ huma difficuldade, cada interesse hum impossivel, cada praça huma conquista, cada capitulo, e cada clausula delle huma batalha, e mil batalhas. Em cada palmo de terra encalha a paz, e em cada gota de mar se afoga, em cada atomo de ar se suspende, e pára Os avisos, e as postas a correr, e cruzar os Reynos, e a paz muitos annos sem dar hum passo.

DISCURSO LXXII.

Tirado de hum sermaõ da publicaçaõ do Jubileo.

PECCADO.

753 OH se Deos nos descobrira, e mostrara neste auditorio a fealdade de hum peccado, ainda dos menos feyos? Sabeis vós, e vós, (fallo particularmente com o genero feminino) sabeis Part. 7. Num. 167.

porque naõ tendes ao peccado o horror, e aborrecimento, que o menor delles merece? He porque naõ conheceis a ſua fealdade. Repreſentalla como verdadeiramente he, naõ he poſſivel, mas para que vejais ao menos quanto mayor he, que a da lepra;

Num. 168. conſideraime huma cara (que naõ merece nome de roſto, nem ainda de monſtro) disformiſſimamente macilenta, ſeca, e eſcaveirada, a cor verdenegra, e funeſta, as queixadas ſumidas, a teſta enrugada, os olhos ſem peſtanas, nem ſobrancelhas, e em lugar das mininas com duas groſſas belidas, calva, rameloſa, deſnarigada, a boca torta, os beiços azues, os dentes enfreſtados, amarellos, e podres, a garganta carcomida de alporcas, em lugar de barba hum lobinho, que lhe chegue até os peitos, e no meyo delle hum cancro fervendo em bichos, manando podridaõ, e materia, naõ ſó aſcoroſo, e medonho á viſta, mas horrendo, peſtilente, e inſupportavel ao cheiro. Cuidais que tenho dito alguma couſa? Do que verdadeiramente he, nem ſombras; mas iſto baſta para ſe conhecer, que nenhum roſto ha cuberto de lepra, cuja fealdade naõ ſeja muito menos feya, que a do peccado.

DISCURSO LXXIII.

Tirado de hum ſermaõ de Santo Antonio prégado no Maranhaõ, no qual debaixo da allegoria dos peixes reprehendeo os vicios dos homens.

PEIXES.

Part. 2. Num. 333. 754 QUero hoje á imitaçaõ de Santo Antonio voltarme da terra ao mar, e já que os homens

mens se naõ aproveitaõ, prégar aos peixes. O mar está taõ perto, que bem me ouviráõ.

Em fim, que havemos de prégar hoje aos peixes? Nunca peyor auditorio. Ao menos tem os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem, e naõ fallaõ. Huma só cousa podéra desconsolar ao Prégador, que he serem gente os peixes, que se naõ ha de converter; mas esta dor he taõ ordinaria, que já pelo costume se naõ sente. Num. 334.

Vos estis sal terræ. Haveis de saber, irmaõs peixes, que o sal filho do mar, como vós, tem duas propriedades, as quaes em vós mesmos se experimentaõ: conservar o saõ, e preservallo, para que se naõ corrompa. Estas mesmas propriedades tinhaõ as prégaçoens do vosso Prégador Santo Antonio, como tambem a devem ter as de todos os Prégadores. Huma he louvar o bem, outra reprehender o mal: louvar o bem para o conservar, e reprehender o mal para preservar delle. Nem cuideis, que isto pertence só aos homens; porque tambem nos peixes tem seu lugar. Assim o diz o grande Doutor da Igreja S. Basilio: *Non carpere solum, reprehendereque possumus pisces, sed sunt in illis, & quæ prosequenda sunt, imitatione*: Naõ só ha que notar, diz o Santo, e que reprehender nos peixes, senaõ tambem que imitar, e louvar. Quando Christo comparou a sua Igreja á rede de pescar: *Sagenæ missæ in mare*, diz que os pescadores recolheraõ os peixes bons, e lançaraõ fóra os maõs: *Collegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt.* E onde ha bons, e maos, ha que louvar, e que reprehender. Suppostо isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermaõ em dous pontos. No primeiro louvar- Num. 335. Matth. 13. 47.

voshei as voſſas virtudes, no ſegundo reprehender-voshei os voſſos vicios. E deſta maneira ſatisfaremos ás obrigaçoens do ſal, que melhor vos eſtá ouvillas vivos, que experimentallas depois de mortos.

755 Começando pois pelos voſſos louvores, irmaõs peixes, bem vos poderá eu dizer, que entre todas as creaturas viventes, e ſenſitivas vós foſtes as primeiras, que Deos creou. A vós creou primeiro, que as aves do ar, a vós primeiro, que aos animaes da terra, e a vós primeiro, que ao meſmo homem. Ao homem deolhe Deos a monarchia, e dominio de todos os animaes dos tres elementos, e nas proviſoens, em que o honrou com eſtes poderes, os primeiros nomeados foraõ os peixes: *Ut præſit piſcibus maris, & volatilibus cœli, & beſtiis univerſæ terræ.* Entre todos os animaes do mundo os peixes ſaõ os mais, e os peixes os mayores. Que comparaçaõ tem em numero as eſpecies das aves, e dos animaes terreſtres com as dos peixes? Que comparaçaõ na grandeza o elefante com a balea? Por iſſo Moyſés Chroniſta da creaçaõ, callando os nomes de todos os animaes, ſó a ella nomeou pelo ſeu: *Creavit Deus cete grandia.* E os tres Muſicos da fornalha de Babylonia o cantaraõ tambem como ſingular entre todos: *Benedicite cete, & omnia, quæ moventur in aquis, Domino.* Eſtes, e outros louvores, eſtas, e outras excellencias de voſſa geraçaõ, e grandeza vos poderá dizer, ó peixes; mas iſto he lá para os homens, que ſe deixaõ levar deſtas vaidades.

Geneſ. 1. 26.

Geneſ. 1. 21.

Dan. 3. 79.

756 Vindo pois, irmaõs, ás voſſas virtudes, que ſaõ ás que ſe podem dar o verdadeiro louvor, paſſo ás virtudes naturaes, e proprias voſſas. Fallando dos peixes Ariſtoteles, diz, que ſó elles entre todos os ani-

Num. 338.

animaes ſe naõ domaõ, nem domeſticaõ. Dos animaes terreſtres o caõ he taõ domeſtico, o cavallo taõ ſujeito, o boy taõ ſerviçal, o bugio taõ amigo, ou taõ liſongeiro, e até os leoens, e os tigres com arte, e beneficios ſe amanſaõ. Dos animaes do ar a fora aquellas aves, que ſe criaõ, e vivem com noſco, o papagayo nos falla, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda, e nos recrea, e até as grandes aves de rapina encolhendo as unhas reconhecem a maõ de quem recebem o ſuſtento. Os peixes pelo contrario lá vivem nos ſeus mares, e rios, lá ſe mergulhaõ nos ſeus pégos, lá ſe eſcondem nas ſuas gruras, e naõ ha nenhum taõ grande, que ſe fie do homem, nem taõ pequeno, que naõ fuja delle. Os Authores commummente condemnaõ eſta condiçaõ dos peixes, e a deitaõ á pouca docilidade, ou á demaſiada bruteza; mas eu ſou de muito differente opiniaõ. Naõ condemno, antes louvo muito aos peixes eſte ſeu retiro, e me parece, que ſe naõ fora natureza, era grande prudencia. Peixes, quanto mais longe dos homens, tanto melhor: trato, e familiaridade com elles, Deos nos livre. Se os animaes da terra querem ſer ſeus familiares, façaõno muito embora, que com ſuas penſoens o fazem. Cantelhe aos homens o rouxinol, mas na ſua gayola: digalhe ditos o papagayo, mas na ſua cadeya: vá com elles á caça o açor, mas nas ſuas piozes: façalhe bufonerias o bugio, mas no ſeu cepo: contenteſe o caõ de lhe roer hum oſſo, mas levado onde naõ quer pela trella: prezeſe o boy de lhe chamarem formoſo, ou fidalgo, mas com o jugo ſobre a cervíz, puxando pelo arado, e pelo carro: glorieſe o cavallo de maſtigar freyos dourados, mas debaixo da vara, e da eſpora; e ſe os tigres, e leoens

lhe comem a raçaõ da carne, que naõ caçaraõ no boſque, ſejaõ prezos, e encerrados com grades de ferro. Entre tanto vós peixes longe dos homens, e fóra deſſas cortezanias vivireis ſó comvoſco, ſim; mas como o peixe na agua.

Num. 345. 757 Vós ſois os que ſuſtentais as Cartuxas, e os Buſſacos, e todas as ſantas familias, que profeſſaõ mais rigoroſa auſteridade: vós os que a todos os verdadeiros Chriſtaõs ajudais a levar a penitencia das Quareſmas: vós aquelles, com que o meſmo Chriſto feſtejou a ſua Paſchoa as duas vezes, que comeo com ſeus diſcipulos depois de reſuſcitado. Prezem-ſe as aves, e os animaes terreſtres de fazer eſplendidos, e cuſtoſos banquetes dos ricos, e vós gloriai-vos de ſer companheiros do jejum, e da abſtinencia dos juſtos. Tendes todos, quantos ſois, tanto parenteſco, e ſimpathia com a virtude, que prohibindo Deos no jejum a peyor, e mais groſſeira carne, concede o melhor, e mais delicado peixe. E poſto que na ſemana ſó dous ſe chamaõ voſſos, nenhum dia vos he vedado. Hum ſó lugar vos deraõ os Authores entre os ſignos celeſtes; mas os que ſó de vós ſe mantem na terra, ſaõ os que tem mais ſeguros os lugares do Ceo. Em fim ſois creaturas daquelle elemento, cuja fecundidade entre todos he propria do Eſpirito Santo: *Spiritus Domini fœcundabat aquas.*

Genſ. 1. 5. Sept.

Num. 346. 758 Deitouvos Deos a benção, que creſceſſeis, e multiplicaſſeis: e para que o Senhor vos confirme eſta benção, lembraivos de naõ faltar aos pobres com o ſeu remedio. Entendei, que no ſuſtento dos pobres tendes ſeguros os voſſos augmentos. Tomai o exemplo nas irmans Sardinhas. Porque cuidais que as multiplica o Creador em numero taõ innumeravel?

Por-

Porque saõ sustento de pobres. Os Solhos, e os Salmoens saõ muito contados, porque servem á mesa dos Reys, e dos poderosos; mas o peixe, que sustenta a fome dos pobres de Christo, o mesmo Christo o multiplica, e augmenta. Aquelles dous peixes companheiros dos cinco paens do deserto multiplicaraõ tanto, que deraõ de comer a cinco mil homens. Pois se peixes mortos, que sustentaõ a pobres, multiplicaõ tanto, quanto mais, e melhor o faraõ os vivos? Crescei, peixes, crescei, e multiplicai, e Deos vos confirme a sua bençaõ.

759 Vede, peixes, e naõ vos venha vangloria, quanto melhores sois, que os homens. Os homens tiveraõ entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheo nas entranhas a Jonas para o levar vivo á terra He possivel, que os peixes ajudaõ á salvaçaõ dos homens, e os homens lançaõ ao mar os Ministros da salvaçaõ! Num. 337.

760 Este he, peixes, em commum o natural, que em todos vos louvo, e a felicidade, de que vos dou o parabem naõ sem inveja. Mas para que da admiraçaõ de huma taõ grande virtude vossa passemos ao louvor, ou inveja de outra naõ menor, admiravel he igualmente a qualidade daquelloutro peixezinho, a que os Latinos chamaraõ Torpedo. Este peixe conhecemos cá mais de fama, que de vista; mas isto tem as virtudes grandes, que quanto saõ mayores, mais se escondem. Está o pescador com a cana na maõ, o anzol no fundo, e a boya sobre a agua, e em lhe picando na isca a Torpedo, começalhe a tremer o braço. Póde haver mayor, mais breve, e mais admiravel effeito? De maneira que num momento passa a virtude do peixezinho da boca ao anzol, do anzol á linha, Num. 340. Num. 342.

á linha, da linha á cana, e da cana ao braço do pescador. Com muita razaõ disse, que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhe pozera esta qualidade tremente em tudo, o que pescaõ na terra? Muito pescaõ; mas naõ me espanto do muito: o que me espanta he, que pesquem tanto, e que tremaõ taõ pouco. Tanto pescar, e taõ pouco tremer! Poderase fazer problema, onde ha mais pescadores, e mais modos, e traças de pescar, se no mar, ou na terra? E he certo, que na terra. Naõ quero discorrer por elles, ainda que fora grande consolaçaõ para os peixes: basta fazer a comparaçaõ com a cana, pois he o instrumento do nosso caso. No mar pescaõ as canas; na terra pescaõ as varas, (e tanta sorte de varas) pescaõ as ginetas, pescaõ as bengalas, pescaõ os bastoens, e até os cetros pescaõ, e pescaõ mais que todos; porque pescaõ Cidades, e Reynos inteiros. Pois he possivel, que pescando os homens cousas de tanto pezo, lhe naõ trema a maõ, e o braço? Se eu prégara aos homens, e tivera a lingua de Santo Antonio, eu os fizera tremer.

761 Antes porém que vos vades, assim como
Num. 347. ouvistes os vossos louvores, ouvi tambem agora as vossas reprehensoens: servirvoshaõ de confusaõ, já que naõ seja de emenda. A primeira, cousa que me desedifica, peixes, de vós, he que vos comeis huns aos outros. Grande escandalo he este; mas a circunstancia o faz ainda mayor. Naõ só vos comeis huns aos outros, senaõ que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrario, era menos mal. Se os pequenos comeraõ os grandes, bastara hum grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem

os

os pequenos, naõ baſtaõ cem pequenos, nem mil para hum ſó grande. Olhai, como eſtranha iſto Santo Agoſtinho: *Homines pravis, perverſisque cupiditatibus facti ſunt veluti piſces invicem ſe devorantes*: Os homens com ſuas más, e perverſas cubiças vem a ſer como os peixes, que ſe comem huns aos outros. Taõ alheya couſa he naõ ſó da razaõ, mas da meſma natureza, que ſendo todos creados no meſmo elemento, todos cidadaõs da meſma patria, e todos finalmente irmaõs, vivais de vos comer. Santo Agoſtinho, que prégava aos homens, para encarecer a fealdade deſte eſcandalo moſtroulho nos peixes. E eu que prégo aos peixes, para que vejais, quaõ feyo, e abominavel he, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Naõ, naõ. Naõ he iſſo o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos, e para o ſertaõ? Para cá, para cá. Para a Cidade he, que haveis de olhar. Cuidais, que ſó os Tapuyas ſe comem huns aos outros? Muito mayor açougue he o de cá, muito mais ſe comem os brancos. Vedes vós todo aquelle bullir, vedes todo aquelle andar, vedes aquelle concorrer ás praças, e cruzar as ruas, vedes aquelle ſubir, e deſcer as calçadas, vedes aquelle entrar, e ſubir ſem quietaçaõ, nem ſocego? Pois tudo aquillo he andarem buſcando os homens como haõ de comer, e como ſe haõ de comer.

762 Morreo algum delles, vereis logo tantos ſobre o miſeravel a deſpedaçallo, e a comello. Comemno os herdeiros, comemno os teſtamenteiros, comemno os legatarios, comemno os acredores, comemno os officiaes dos orfaõs, e os dos defuntos, e auſentes, come-o o Medico, que o curou, ou ajudou a mor- Num. 348.

a morrer, come-o o ſangrador, que lhe tirou o ſangue, come-o a meſma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lançol mais velho da caſa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os ſinos, e os que cantando o levaõ a enterrar: em fim ainda ao pobre defunto o naõ comeo a terra, e já o tem comido toda a terra. Já ſe os homens ſe comeraõ ſómente depois de mortos, parece que era menos horror, e menos materia de ſentimento. Mas para que conheçais a que chega a voſſa crueldade, conſiderai, peixes, que tambem os homens ſe comem vivos, aſſim como vós. Vivo eſtava Job, quando dizia: Job.19.22. *Quare perſequimini me, & carnibus meis ſaturamini?* Porque me perſeguis taõ deshumanamente, vós, que me eſtais comendo vivo, e fartandovos da minha carne? Quereis ver hum Job deſtes? Vede hum homem deſſes, que andaõ perſeguidos de pleitos, ou accuſados de crimes, e olhai quantos o eſtaõ comendo. Come-o o Meirinho, come o o Carcereiro, come-o o Eſcrivaõ, come-o o Solicitador, come-o o Advogado, come o o Inquiredor, come-o a teſtimunha, come-o o Julgador, e ainda naõ eſtá ſentenciado, e já eſtá comido. Saõ peyores os homens, que os corvos. O triſte, que foy á forca, naõ o comem os corvos, ſenaõ depois de executado, e morto, e o que anda em juizo, ainda naõ eſtá executado, nem ſentenciado, e já eſtá comido.

Num. 349. 763 E para que vejais como eſtes comidos na terra ſaõ os pequenos, e pelos meſmos modos, com que vós vos comeis no mar, ouvi a Deos queixando-

Pſ. 13. 4. ſe deſte peccado: *Nonne cognoſcent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorant plebem meam, ut cibum panis?* Diz Deos, que comem os homens naõ

ſó

só o seu povo, senaõ declaradamente a sua plebe: *Plebem meam.* Porque a plebe, e os plebeos, que saõ os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultaõ na Republica, estes saõ os comidos. E naõ só diz, que os comem de qualquer modo, senaõ que os engolem, e os devoraõ, naõ como os outros comeres, senaõ como paõ: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* A differença, que ha entre o paõ, e os outros comeres, he, que para a carne ha dias de carne, e para o peixe dias de peixe, e para as frutas differentes mezes no anno; porém o paõ he comer de todos os dias, que sempre, e continuamente se come: e isto he o que padecem os pequenos, saõ o paõ quotidiano dos grandes: e assim como o paõ se come com tudo, assim com tudo, e em tudo saõ comidos os miseraveis pequenos, naõ tendo, nem fazendo officio, em que os naõ carreguem, em que os naõ multem, em que os naõ defraudem, em que os naõ comaõ, traguem, e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* Parecevos bem isto, peixes? Representaseme, que com o movimento das cabeças: estais todos dizendo, que naõ e com olhardes huns para os outros, vós estais admirando, e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça, e maldade. Pois isto mesmo he o que vós fazeis. Os mayores comeis os pequenos, os muito grandes naõ só os comem hum por hum, senaõ os cardumes inteiros: e isto continuadamente sem differença de tempos, naõ só de dia, senaõ tambem de noite, ás claras, e ás escuras, como tambem fazem os homens.

764 Se cuidais por ventura, que estas injustiças entre vós se toleraõ, e passaõ sem castigo, enganaisvos. Num. 350.

vos. Assim como Deos as castiga nos homens, assim tambem por seu modo as castiga em vós. Os mais velhos, que me ouvis, e estais presentes, bem vistes neste Estado, e quando menos ouvirieis murmurar aos passageiros nas canoas, e muito mais lamentar aos miseraveis remeiros dellas, que os mayores, que cá forão mandados, em vez de governar, e augmentar o mesmo Estado, o destruirão; porque toda a fome, que de lá traziaõ, a fartavaõ em comer, e devorar os pequenos. Assim foy. Mas se entre vós se achaõ a caso alguns dos que seguindo a esteira dos navios, vaõ com elles a Portugal, e tornaõ para os mares patrios, bem ouviriaõ estes lá no Tejo, que esses mesmos mayores, que cá comiaõ os pequenos, quando lá chegaõ, achaõ outros mayores, que os comaõ tambem a elles. Este he o estylo da divina Justiça taõ antigo, e manifesto, que até os gentios o conheceraõ, e celebraraõ.

Vos, quibus rector maris, atque terræ
Jus dedit magnum necis, atque vitæ,
Ponite inflatos, tumidosque vultus:
Quidquid à vobis minor extimescit,
Maior hoc vobis Dominus minatur.

Notay, peixes, aquella diffiniçaõ de Deos: *Rector maris, atque terræ*: Governador do mar, e da terra: para que naõ duvideis, que o mesmo estylo, que Deos guarda com os homens na terra, observa tambem comvosco no mar. Necessario he logo, que olheis por vós, e que naõ façais pouco caso da doutrina, que vos deo o grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio, quando fallando comvosco, disse: *Cave ne dum alium insequeris, incidas in validiorem.* Guardese o peixe, que persegue o mais fraco para o comer,

comer, naõ se ache na boca do mais forte, que o engula a elle! Nós o vemos aqui cada dia. Vay o Xaréo correndo a traz do Bagre, como o caõ apos da lebre, e naõ vê o cego, que lhe vem nas costas o Tubaraõ com quatro ordens de dentes, que o ha de engulir de hum bocado. He o que com mayor elegancia vos disse tambem Santo Agostinho: *Prædo minoris fit prædo maioris.* Mas naõ bastaõ, peixes, estes exemplos, para que acabe de se persuadir a vossa gula, que a mesma crueldade, que usais com os pequenos, tem já aparelhado o castigo na voracidade dos grandes.

765 Dirmeheis (como tambem dizem os homens) que naõ tendes outro modo de vos sustentar. E de que se sustentaõ entre vós muitos, que naõ comem os outros? O mar he muito largo, muito fertil, muito abundante, e só com o que bota ás prayas, póde sustentar grande parte dos que vivem dentro nelle. Comeremse huns animaes aos outros he voracidade, e sevicia, e naõ estatuto da natureza. Num. 356.

766 Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia, em que cheguei a ella, ouvindo os Roncadores, e vendo o seu tamanho, tanto me moveraõ a riso, como a ira. He possivel, que sendo vós huns peixinhos taõ pequenos, haveis de ser as roncas do mar? Se com huma linha de cozer, e hum alfenete torcido vos póde pescar hum aleijado, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizeime, o Espadarte porque naõ ronca? Porque ordinariamente quem tem muita espada tem pouca lingua. Isto naõ he regra geral; mas he regra geral, que Deos naõ quer roncadores, Num. 356.

e que

e que tem particular cuidado de abater, e humilhar aos que muito roncaõ. S. Pedro, a quem muito bem conheceraõ voſſos antepaſſados, tinha taõ boa eſpada, que elle ſó avançou contra hum exercito inteiro de ſoldados Romanos; e ſe Chriſto lha naõ mandara meter na bainha, eu vos prometto, que havia de cõrtar mais orelhas, que a de Malco. Com tudo, que lhe ſuccedeo naquella meſma noite? Tinha roncado, e barbateado Pedro, que ſe todos fraqueaſſem, ſó elle havia de ſer conſtante até morrer, ſe foſſe neceſſario: e foy tanto pelo contrario, que ſó elle fraqueou mais que todos, e baſtou a voz de huma mulherzinha para o fazer tremer, e negar. Antes diſſo já tinha fraqueado na meſma hora, em que prometteo tanto de ſi. Diſſelhe Chriſto no Horto, que vigiaſſe, e vindo dahi a pouco a ver ſe o fazia, achou-o dormindo com tal deſcuido, que naõ ſó o acordou do ſono, ſenaõ tambem do que tinha brazonado: *Sic non potuiſti una hora vigilare mecum?* Vós, Pedro, ſois o valente, que havieis de morrer por mim, e naõ podeſtes huma hora vigiar comigo? Pouco ha tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas aſſim ſuccedeo. O muito roncar antes da occaſiaõ he final de dormir nella. Pois que vos parece, irmaõs Roncadores? Se iſto ſuccedeo ao mayor peſcador, que póde acontecer ao menor peixe? Medivos, e logo vereis quaõ pouco fundamento tendes de brazonar, nem roncar.

Marc. 14. 37.

Num. 357. 767 Se as Baleas roncaraõ, tinha mais deſculpa a ſua arrogancia na ſua grandeza. Mas ainda nas meſmas Baleas naõ ſeria eſſa arrogancia ſegura. O que he a Balea entre os peixes, era o gigante Golias entre os homens. Se o rio Jordaõ, e o mar de Tiberiades

dades tem communicaçaõ com o Oceano, como devem ter, pois delle manaõ todos, bem deveis de saber, que este gigante era a ronca dos Filisteos. Quarenta dias continuos esteve armado no campo desafiando a todos os arrayaes de Israel, sem haver quem se lhe atrevesse: e no cabo, que fim teve toda aquella arrogancia? Bastou hum pastorzinho com hum cajado, e huma funda para dar com elle em terra. Os arrogantes, e soberbos tomaõse com Deos, e quem se toma com Deos, sempre fica debaixo. Assim que, amigos Roncadores, o verdadeiro conselho he callar.

768 Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a linha Equinocial, ví debaixo della o que muitas vezes tinha visto, e notado nos homens, e me admirou, que se houvesse estendido esta ronha, e pegado tambem aos peixes. Pegadores se chamavaõ estes, de que agora fallo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, naõ só se chegaõ a outros mayores, mas de tal sorte se lhe pegaõ aos costados, que já mais os desafferraõ. De alguns animaes de menos força, e industria se conta, que vaõ seguindo de longe aos leoens na caça para se sustentarem do que a elles sobeja. O mesmo fazem estes Pegadores, taõ seguros ao perto, como aquelles ao longe; porque o peixe grande naõ póde dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz ás costas, e assim lhe sustenta o pezo, e mais a fome. Este modo de vida mais astuto, que generoso, se acaso se passou, e pegou de hum elemento a outro, sem duvida, que o aprenderaõ os peixes do alto, depois que os nossos Portuguezes o navegaraõ; porque naõ parte Viso-Rey, ou Governador para as Conquistas, que Num. 358.

naõ vá rodeado de pegadores, os quaes ſe arrimaõ á elles, para que cá lhe matem a fome, de que lá naõ tinhaõ remedio. Os menos ignorantes deſenganados da experiencia deſpegaõſe, e buſcaõ a vida por outra via; mas os que ſe deixaõ eſtar pegados á merce, e fortuna dos mayores vemlhe a ſucceder no fim o que aos Pegadores do mar.

Num. 369. 769 Rodea a nao o Tubaraõ nas calmarias da Linha com os ſeus Pegadores ás coſtas, taõ cirzidos com a pelle, que mais parecem remendos, ou manchas naturaes, que os hoſpedes, ou companheiros. Lançaõlhe hum anzol de cadea com a raçaõ de quatro ſoldados, arremeſſaſe furioſamente á preza, engole tudo de hum bocado, e fica prezo. Corre meya companhia a alallo acima, bate fortemente o convez com os ultimos arrancos, em fim morre o Tubaraõ, e morrem com elle os Pegadores. Pareceme que eſtou ouvindo a S. Mattheus, ſem ſer Apoſtolo peſcador, deſcrevendo iſto meſmo na terra. Morto Herodes, diz o Euangeliſta, appareceo o Anjo a Joſeph no Egypto, e diſſelhe, que já ſe podia tornar para a patria; porque eraõ mortos todos aquelles, que queriaõ tirar a vida ao Minino: *Defuncti ſunt enim qui quærebant animam pueri.* Os que queriaõ tirar a vida a Chriſto Minino, eraõ Herodes, e todos os ſeus, toda a ſua familia, todos os ſeus adherentes, todos os que ſeguiaõ, e pendiaõ da ſua fortuna. Pois he poſſivel, que todos eſſes morreſſem juntamente com Herodes? Sim. Porque em morrendo o Tubaraõ, morrem tambem com elle os Pegadores: *Defuncto Herode, defuncti ſunt qui quærebant animam pueri.* Eis aqui, peixezinhos ignorantes, e miſeraveis, quaõ errado, e enganoſo he eſte modo de vida, que eſcolheſtes.

Matth. 2. 20.

770 Con-

770 Considerai, pegadores vivos, como morreraõ os outros, que se pegaraõ áquelle peixe grande, e porque? O Tubaraõ morreo, porque comeo, e elles morrem pelo que naõ comeraõ. Póde haver mayor ignorancia, que morrer pela fome, e boca alheya? Que morra o Tubaraõ, porque comeo, matou-o a sua gula; mas que morra o Pegador pelo que naõ comeo, he a mayor desgraça, que se póde imaginar! Naõ cuidei, que tambem nos peixes havia peccado original. Nós os homens fomos taõ desgraçados, que outrem comeo, e nós o pagamos. Toda a nossa morte teve principio na golodice de Adaõ, e Heva, e que hajamos de morrer pelo que outrem comeo, grande desgraça! Mas nós lavamonos desta desgraça com huma pouca de agua, e vós naõ vos podeis lavar da vossa ignorancia com quanta agua tem o mar. Num. 361.

771 Deos tambem tem os seus pegadores. Hum destes era David, que dizia: *Mihi autem adhærere Deo bonum est.* Peguemse os outros aos grandes da terra, que eu só me quero pegar a Deos. E posto que deste modo só se podem pegar os homens, e vós, meus peixezinhos, naõ, ao menos devereis imitar aos outros animaes do ar, e da terra, que quando se chegaõ aos grandes, e se amparaõ do seu poder, naõ se pegaõ de tal sorte, que morraõ juntamente com elles. Lá diz a Escritura daquella famosa arvore, em que era significado o grande Nabucodonosor, que todas as aves do Ceo descansavaõ sobre seus ramos, e todos os animaes da terra se recolhiaõ á sua sombra, huns, e outros se sustentavaõ de seus fructos; mas tambem diz, que tanto que foy cortada esta arvore, as aves voaraõ, e os outros animaes fugiraõ. Chegaivos embora aos grandes; mas naõ de tal maneira Num. 360. Ps. 72. 2.

pegados, que vos mateis por elles, nem morrais com elles.

Num. 362. 772 Com os Voadores tenho tambem huma palavra, e naõ he pequena a queixa. Dizeime, Voadores, naõ vos fez Deos para peixes, pois porque vos meteis a ser aves? O mar felo Deos para vós, e o ar para ellas: contentaivos com o mar, e com nadar, e naõ queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos naõ conheceis, olhai para as voſſas eſpinhas, e para as voſſas eſcamas, e conhecereis, que naõ ſois ave, ſenaõ peixe, e ainda entre os peixes naõ dos melhores. Dirmeheis, Voador, que vos deo Deos mayores barbatanas, que aos outros do voſſo tamanho. Pois porque tiveſtes mayores barbatanas, por iſſo haveis de fazer das barbatanas azas? Mas ainda mal, porque tantas vezes vos deſengana o voſſo caſtigo! Quizeſtes ſer melhor que os outros peixes, e por iſſo ſois mais mofino que todos. Aos outros peixes do alto mata-os o anzol, ou a fiſga, a vós ſem fiſga, nem anzol matavos a voſſa preſumpçaõ, e o voſſo capricho. Vay hum navio navegando, e o marinheiro dormindo, e o Voador toca na vella, ou na corda, e cahe palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome, e engana-os a iſca, ao Voador mata-o a vaidade de voar, e a ſua iſca he o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha, e viver, que voar por cima das entenas, e cahir morto! Grande ambiçaõ he, que ſendo o mar taõ immenſo, lhe naõ baſte a hum peixe taõ pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vede, peixes, o caſtigo da ambiçaõ. O Voador felo Deos peixe, e elle quiz ſer ave, e permitte o meſmo Deos, que tenha os perigos de ave, e mais os de peixe. Todas as vellas

las para elle saõ redes, como peixe, e todas as cordas laços, como ave. Vê, Voador, como correo pela posta o teu castigo. Pouco ha nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em hum convez amortalhado nas azas. Naõ contente com ser peixe, quizeste ser ave, e já naõ es ave, nem peixe, nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deo-te a agua, tu naõ quizeste senaõ o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contentese cada hum com o seu elemento. Se o Voador naõ quizera passar do segundo ao terceiro, naõ viera a parar no quarto. Bem seguro estava elle do fogo, quando nadava na agua; mas porque quiz ser borboleta das ondas, vieraõselhe a queimar as azas. Se o mar tomara exemplo nos rios, depois que Icaro se afogou no Danubio, naõ haveria tantos Icaros no Oceano. Num. 363.

773 Mas já que estamos nas covas do mar, antes que sayamos dellas, temos lá o irmaõ Polvo, contra o qual tem suas queixas, e grandes naõ menos que S. Basilio, e Santo Ambrosio. O Polvo com aquelle seu capello na cabeça parece hum Monge, com aquelles seus rayos estendidos parece huma estrella, com aquelle naõ ter osso, nem espinha parece a mesma brandura, a mesma mansidaõ. E debaixo desta apparencia taõ modesta, ou desta hypocresia taõ santa testimunhaõ conteste mente os dous grandes Doutores da Igreja Latina, e Grega, que o dito Polvo he o mayor traydor do mar. Consiste esta trayçaõ do Polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas cores de todas aquellas cores, a que está pegado. As cores, que no cameleaõ saõ gala, no polvo saõ malicia: as figuras, que em Protheo saõ fabula, no polvo saõ verdade, e artificio. Se está nos limos, faz- Num. 365.

ſe verde, ſe eſtá na area fazſe branco, ſe eſtá no lodo, fazſe pardo, ſe eſtá em alguma pedra, como mais ordinariamente coſtuma eſtar, fazſe da cor da meſma pedra. E daqui que ſuccede? Succede, que o outro peixe innocente da trayçaõ vay paſſando deſacautelado, e o ſalteador, que eſtá de emboſcada dentro do ſeu proprio engano, lançalhe os braços de repente, e falo prizioneiro. Fizera mais Judas? Naõ fizera mais; porque nem fez tanto. Judas abraçou a Chriſto, mas outros o prenderaõ: o Polvo he o que abraça, e mais o que prende. Judas com os braços fez o final, e o Polvo dos proprios braços faz as cordas. Judas he verdade, que foy traidor, mas com lanternas diante: traçou a traiçaõ ás eſcuras, mas executou-a muito ás claras. O Polvo eſcurecendoſe a ſi tira a viſta aos outros, e a primeira traiçaõ, e roubo que faz, he á luz, para que naõ diſtinga as cores. Vê, peixe aleivoſo, e vil, qual he a tua maldade, pois Judas em tua comparaçaõ já he menos traidor.

Num. 367. 774 Oh que exceſſo taõ affrontoſo, e taõ indigno de hum elemento taõ puro, taõ claro, e taõ cryſtallino, como o da agua, eſpelho natural naõ ſó da terra, ſenaõ do meſmo Ceo! E que neſte meſmo elemento ſe crie, ſe conſerve, e ſe exercite com tanto damno do bem publico hum monſtro taõ diſſimulado, taõ fingido, taõ aſtuto, taõ enganoſo, e taõ conhecidamente traidor! Vejo, peixes, que pelo conhecimento, que tendes das terras, em que batem os voſſos mares, me eſtais reſpondendo, e convindo, que tambem nellas ha falſidades, enganos, fingimentos, embuſtes, ciladas, e muito mayores, e mais perniciofas traiçoens. E ſobre o meſmo ſujeito, que defendeis, tambem podereis applicar aos ſemelhantes

outra

outra propriedade muito propria ; mas pois vos a callais, eu tambem a callo ; com grande confuſaõ porém vos confeſſo tudo, e muito mais do que dizeis, pois o naõ poſſo negar. Mas ponde os olhos em Antonio voſſo Prégador, e vereis nelle o mais puro exemplar da candura, da ſinceridade, e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento, ou engano.

DISCURSO LXXIV.

Tirado de hum ſermaõ da terceira quarta feira da Quareſma prégado na Capella Real.

PERTENDENTES.

775 SEgundo a experiencia, e queixa commua, ou ſeja com razaõ, ou ſem ella, acho eu que os pertendentes das Cortes em ſeus requerimentos ſaõ como os noſſos Argonautas, e primeiros deſcubridores da India ; ſenaõ que navegaõ ao revez, e fazem a viagem ás aveças. Os noſſos deſcubridores primeiro paſſaraõ o cabo de Naõ, e depois o cabo de Boa Eſperança : os pertendentes pelo contrario começaõ pelo cabo de Boa Eſperança, e acabaõ pelo de Naõ. Part. 2. Num. 89.

776 Terrivel palavra he hum *non*. Naõ tem direito, nem aveço: por qualquer lado que o tomeis, ſempre ſoa, e diz o meſmo. Lede-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, ſempre he *non*. Quando a vara de Moyſés ſe converteo naquella ſerpente taõ feroz, que fugia della, porque o naõ mordeſſe, diſſelhe Deos, que a tomaſſe ao revez, e logo perdeo a figura, a ferocidade, e a peçonha. O *non*, naõ Num. 90.

naõ he aſſim: por qualquer parte, que o tomeis, ſempre he ſerpente, ſempre morde, ſempre fere, ſempre leva o veneno comſigo. Mata a eſperança, que he o ultimo remedio, que deixou a natureza a todos os males. Naõ ha correctivo, que o modere, nem arte, que o abrande, nem liſonja, que o adoce. Por mais que confeiteis hum naõ, ſempre amarga: por mais que o enfeiteis, ſempre he feyo: por mais que o doureis, ſempre he ferro. Em nenhuma ſolfa o podeis pôr, que naõ ſeja mal ſoante, aſpero, e duro. Quereis ſaber qual he a dureza de hum naõ? A mais dura couſa, que tem a vida, he chegar a pedir, e depois de chegar a pedir, ouvir hum naõ: vede o que ſerá? A lingua Hebraica, que he a que fallou Adaõ, e a que mais naturalmente ſignifica, e declara a eſſencia das couſas, chama ao negar o que ſe pede, envergonhar a face. Aſſim diſſe Bethſabee a Salamaõ: *Petitionem unam precor a tè, ne confundas faciem meam.* Tragovos, ſenhor, huma petiçaõ, naõ me envergonheis a face. E porque ſe chama envergonhar a face negar o que ſe pede? Porque dizer naõ a quem pede, he darlhe huma bofetada com a lingua. Taõ dura taõ aſpera, taõ injurioſa palavra he hum naõ: para a neceſſidade dura, para a honra affrontoſa, para o merecimento inſoffrivel. E ſe hum naõ he taõ duro para quem o ouve, creyo eu, que naõ he menor a ſua dureza para quem o diz, e tanto mais, quanto mais generoſo for o coraçaõ, e mais ſoberano o animo, que o houver de pronunciar. Os Reys, e Principes ſoberanos naõ podem deixar de ouvir petiçoens, e ſer importunados de requerimentos, a que naõ devem deferir. E porque dizer naõ a pertendentes he couſa taõ dura para elles, como para o meſmo

3. Reg. 2. 16.

Num. 91.

Num. 92.

mo Principe, ſerá materia mui propria deſte lugar, e deſte Euangelho pôr hoje em queſtaõ, e averiguar duas couſas. Primeira: Se he conveniente, e decente a hum Rey dizer naõ? Segunda: Qual he o modo, com que o deve dizer no caſo, que convenha?

777 Dos Imperadores, que precederaõ ao Imperio de Trajano, diz o ſeu Panegyriſta Plinio, que deſejavaõ muito ſer rogados, e que todos lhe pediſſem, ſó pelo goſto que tinhaõ de dizer naõ: *Priores Principes à ſingulis rogari geſtiebant non tam præſtandi animo, quam negandi.* Mas como eſtes, que elle chamava Principes, verdadeiramente eraõ tyrannos, e mais monſtros da natureza humana, que homens, excluido ſem controverſia, eſte eſcandalo da razaõ, e da humanidade, e começando a noſſa queſtaõ pelas razoens provaveis de duvidar, parece que naõ he conveniente, nem decente á mageſtade, e authoridade de hum Rey, que pronuncie de palavra, ou firme com a penna hum naõ. Ou o Rey diz naõ, porque naõ quer, ou porque naõ póde: ſe porque naõ quer, offende o amor: ſe porque naõ póde, deſacredita a grandeza. E ſe as petiçoens, e os requerimentos ſaõ taes, que ſe naõ devem conceder, entendaõ os pertendentes o naõ; mas naõ o ouçaõ: ſeja diſcurſo ſeu, e naõ repoſta, ou reſoluçaõ Real. Mais decente negativa he para o governo, e menos deſuberta deſconſolaçaõ para os que requerem, que elles tomem por ſi o deſengano. Deſengane-os a dilaçaõ, deſengane-os o tempo: e ſe de dia naõ cuidaõ, nem de noite ſonhaõ mais, que no ſeu deſpacho, os meſmos dias, e noites lhe digaõ o que ſe lhe naõ diz, e por ellas ſaibaõ o que naõ querem entender. Suſtentemſe na ſua eſperança, poſto que falſa, Num. 93.

ſa, e fique ſempre inteiro ao Principe o pundonor de que naõ negou. Se por eſte modo ſe eſtendem os requerimentos, e ſe entretem, e multiplicaõ os que vem requerer, iſſo meſmo he hum certo genero de grandeza, e authoridade haver muitos pertendentes. O que elles gaſtaõ, e deſpendem, ſuſtenta a Mageſtade da Corte, e tambem as Cortes dos que naõ ſaõ Mageſtade. Já que pertendem ſem merecimento, paguem as cuſtas da ſua ambiçaõ, e ſirvalhes a elles de caſtigo, e aos mais de exemplo.

Num. 49. 778 Contra o ſofiſtico deſtas razoens (que verdadeiramente tem muito de vaidade) parece que ſaõ mais ſolidas as do dictame contrario. Taõ vil he na mentira o fim, como honrado na verdade o naõ. A verdade (que por iſſo ſe pinta deſpida) naõ ſabe encubrir, nem fingir, nem enfeitar, nem corar, e muito menos enganar: e a primeira virtude do throno, ou ſeja da juſtiça, ou da graça, he a verdade. Todo o artificio he couſa mecanica, e naõ nobre, quanto mais real. O Sol abranda a cera, e endurece o barro, porque obra confórme a deſpoſiçaõ dos ſujeitos; mas em todos, e com todos deſcubertamente; por iſſo o calor he inſeparavel da luz. Importa diſtinguir o baſtaõ do cetro. Os eſtratagemas naõ ſaõ para o deſpacho: ſejaõ embora para a campanha, mas naõ para a Corte: para os inimigos, e naõ para os vaſſallos. Saibaõ os pertendentes ſe podem eſperar, ou naõ, para que no fim naõ deſeſperem. Quem diz, que he arte de naõ deſgoſtar, naõ diz, nem cuida bem. Melhor he dar hum deſgoſto que muitos. Queixemſe de que os naõ ſatisfizeraõ, mas naõ poſſaõ dizer juſtamente, que os enganaraõ. Se he dura palavra hum naõ, mais duras ſaõ as boas palavras, que ſuſpendem,

dem, e encobrem o mesmo naõ, até que o descobre o effeito. Quem fez o naõ taõ breve, naõ quiz que se dilatasse.

779 Pedio Filippe de Macedonia á Republica de Athenas o deixasse passar com exercito pelas suas terras, o que o Senado lhe naõ quiz conceder; e porque o estylo dos Athenienses (que ainda hoje se chama estylo Laconico) era resumir tudo, o que se havia de dizer, ás palavras mais breves, tomaraõ hum grande pergaminho, (que era o papel daquelle tempo) e escreveraõ nelle hum naõ com tamanhas letras, que o enchia todo, e cerrado, e sellado, esta foy a reposta, que deraõ aos Embaixadores de Filippe. He muito celebre nas historias Gregas este breve, e grandissimo naõ; mas na nossa Athenas ainda os ha mayores. Tantas petiçoens, tantas remissoens, tantas provisoens, tantas patentes, tantas certidoens, tantas justificaçoens, tantas folhas corridas, tantas vistas, tantas informaçoens pedidas muitas vezes á Asia, e á America, tantas consultas, tantas interlocutorias, tantas replicas, tantas outras ceremonias, e mysterios por escrito, a que se naõ sabe o numero, nem o nome, e ao cabo de quatro, de seis, e de dez annos ou o despacho, ou o que significa o despacho em meya resma de papel, he hum naõ. Naõ fora melhor este desengano ao principio? E as despezas deste injusto entretenimento, que se devem restituir nesta vida, ou se haõ de pagar na outra, por cuja conta correm? Já que naõ haveis de fazer ao pertendente a merce, que pede, porque lha naõ fareis ao menos do que ha de gastar inutilmente na pertençaõ? Ao outro, que apresentava o seu memorial, disse ElRey D. Joaõ o II. na primeira audiencia, Num. 95.

que

que naõ tinha lugar o que pedia, e elle beijoulhe a maõ. Entendeſteſme, replicou ElRey. Senhor, ſim. Porque me beijais logo a maõ? Porque me fez V. Alteza a merce do dinheiro, que trazia para gaſtar na Corte, e agora o torno a levar para minha caſa. Eſtas ſaõ as merces do deſengano, e os deſpachos do naõ dito a ſeu tempo. Naõ o dizer ſerá mayor politica, mayor authoridade, e decencia; mas dizello em muitos caſos he obrigaçaõ, e conſciencia.

Num. 96. 780 Diſputada aſſim problematicamente a noſſa queſtaõ, de humas, e outras razoens de duvidar ſe conclue com certeza, que o naõ, ſem ſer couſa alguma, he como as outras couſas deſte mundo, que todas tem ſeus bens, e ſeus males, ſuas utilidades, e ſeus inconvenientes. Para naõ cahir, ou tropeçar neſtes, que a cada paſſo ſe offerecem, ou atraveſſaõ em tanta multidaõ de requerimentos, o primeiro cuidado, ou cautela do prudente Principe deve ſer evitar, quanto for poſſivel, as occaſioens de dizer naõ. Mas como ſe podem evitar, ou atalhar eſtas occaſioens, ſendo os pertendentes, e as pertenſoens, os requerentes, e os requerimentos tantos? Digo, que fazendo com deſtreza, e conſtancia, que ſejaõ menos, e muito menos, e uſando para iſſo dos meyos, que agora apontarei.

Num. 97. 781 O primeiro meyo he, que os validos, ou privados, por mais juntos que eſtejaõ á peſſoa Real, e por mais dentro que eſtejaõ na graça, ſejaõ os primeiros, a que ſe naõ conceda o que pertenderem. A razaõ, ou conſequencia he manifeſta. Porque ſe os que eſtaõ de fóra, virem que os que eſtaõ de dentro, e taõ de dentro, naõ alcançaõ o que pertendem,

Num. 99. como ſe atreveráõ elles a pertender? Diráõ porém

os

os meſmos validos, ou alguem por elles, que naõ parece, nem he juſtiça, nem ainda bom exemplo, e credito do meſmo Rey, que aos que ſervem, e trabalhaõ junto á ſua peſſoa, e ſuſtentaõ o pezo da Monarchia, devendo ſer os primeiros, e mais remunerados, fiquem ſem merce, e ſem premio. E he pouca merce, e pouco premio o ſer validos? Aos validos, que lograõ a graça do Principe, baſtalhe a merce da meſma graça. Por iſſo vemos os cheyos de graça taõ cheyos: e todas as outras ſe lhe podem negar confiadamente, e elles prezaremſe muito deſſas negaçoens. Num. 100. Num. 101. Num. 100. Num. 101.

782 Os Filoſofos diſtinguem dous generos de negaçoens, humas ſe chamaõ puras negaçoens, e outras, a que deraõ nome de privaçoens. A pura negaçaõ nega o acto, e mais a aptidaõ: a privaçaõ ſuppoem a aptidaõ, e nega o acto. O ſilencio he negaçaõ de fallar, mas com grande differença no homem, e na eſtatua: na eſtatua he pura negaçaõ; porque a eſtatua naõ falla, nem he apta para fallar, ſenaõ inepta. Porém no homem he privaçaõ; porque ainda que o homem naõ falle, he apto, e capaz de fallar. Daqui ſe ſegue, que aſſim como o ſilencio na eſtatua he incapacidade, e no homem virtude, aſſim o que ſe nega ao indigno, he pura negaçaõ, a qual o affronta, e o que ſe nega ao digno, he privaçaõ, que o honra, e acredita, e tanto mais, quanto for mais digno. Taes ſaõ as negaçoens, que os Principes fizerem, e devem fazer aos ſeus validos. Saõ privaçoens, com que naõ ſó ſe acredita a ſi, ſenaõ tambem a elles; porque o mayor credito do valido he que a ſua privança ſeja privaçaõ. Por iſſo os validos com mais nobre, e heroica etimologia ſe chamaõ privados, e Num. 102.

quan-

quando elles folgarem de o ſer, ou o Principe fizer, que o ſejaõ, ainda que naõ folguem, as privaçoens dos privados faraõ mais toleraveis as negaçoens dos que o naõ ſaõ. E deſenganados os de mais com eſte exemplo; nem elles ſe atreveráõ a pedir o que ſe lhe deve negar, nem o Principe ſerá forçado a negar o que lhe pedirem, ficando livre por eſte meyo de muitas, e moleſtas occaſioens, em que contra o decoro, e agrado da Mageſtade ſeja obrigado a dizer naõ.

Num. 103. 783 O ſegundo meyo, ou induſtria de prevenir, e atalhar o naõ, e as occaſioens de o dizer he que o Principe em todos os ſeus deſpachos, e reſoluçoens ſeja inteiro, juſto, e recto, e conhecido por tal. Deſta juſtiça, e inteireza, (que por outra parte he a ſua primeira obrigaçaõ) ſe ſeguiráõ dous effeitos notaveis. O primeiro, que ninguem ſe atreverá a pedir ſenaõ o que for juſto: o ſegundo, que pedindo todos ſómente o juſto, a todos concederá o Principe o que pedirem, e nunca dirá naõ.

Num. 104. 784 O mais juſto, recto, inteiro, e conſtante homem, que houve entre os Romanos, foy Marco Porcio Cataõ. E que conſeguio com eſta inteireza, e conſtancia de ſua juſtiça inflexivel? Conſeguio, como refere Plinio, que ninguem no ſeu Conſulado ſe atreveo a lhe pedir couſa, que naõ foſſe juſta. Aſſim lho diſſe com admiraçaõ a eloquencia de Tullio: *O te felicem, Marce Porci, à quo rem improbam petere nemo audet!* Tal ſerá a reverencia do governo, e tal a felicidade do Rey, que em todas ſuas reſoluçoens, e deſpachos obſervar conſtantemente juſtiça. A juſtiça, como definem os Theologos, e Juriſtas, naõ he outra couſa, que huma perpetua, e conſtante vontade de dar a cada hum o que merece. Se eſta vontade

tade (que ordinariamente he taõ mudavel nos affectos humanos) for conſtante, e perpetua no Principe, todos ſe deſenganaráõ, que naõ haõ de alcançar delle, ſenaõ o que for devido a ſeus ſerviços, e proporcionado a ſeus merecimentos: e por meyo deſte deſengano conſeguirá a felicidade de que ninguem ſe atreverá a lhe pedir, ſenaõ o que for juſto: *O te felicem, à quo rem improbam petere nemo audet!* Felice; porque naõ ſe atrevendo ninguem a pedir, ſenaõ o juſto, ſeraõ muito menos as petiçoens, e requerimentos. Felice; porque naõ pedindo ninguem, ſenaõ o que lhe he devido, haverá com que ſatisfazer a todos. Felice; porque ſendo as petiçoens, e requerimentos juſtificados, ſempre o Principe concederá o que ſe lhe pedir, e nunca dirá naõ. Naõ he melhor, e mais decente, e mais breve, e mais util, que o naõ o digaõ a ſi meſmos aquelles, que haviaõ de pedir, do que dizerlho a elles o Principe depois de pedirem? Pois iſſo he o que ſuccederá, ſe ninguem ſe atrever a pedir, ſenaõ o que merecer.

785 Seja o Principe juſto, e taõ conſtantemente juſto, que por nenhum outro motivo, nem reſpeito dê a ninguem, ſenaõ o que merecer, e lhe for devido, e logo os vaſſallos ſe naõ atreveráõ a pertender as ſemrazoens, e exorbitancias, que vemos, e ſe benzeráõ de pedir, como de tentaçaõ: *Non petam, & non tentabo Dominum.* Num. 105. Iſai. 7. 11.

786 Oh ſe os Reys tantas vezes, e taõ injurioſamente tentados ao menos naõ conſentiſſem na tentaçaõ! Naõ digo, que caſtiguem ſeveramente algumas petiçoens, poſto que imitariaõ niſſo a Salamaõ, o qual por huma petiçaõzinha (que aſſim lhe chamou a interceſſora: *Petitionem parvulam*) mandou Num. 106.

cortar

cortar a cabeça a Adonias. E verdadeiramente ha petiçoens, que bem interpretadas saõ libellos infamatorios dos mesmos Principes, em cujas maõs se metem. Porque se saõ dolosas, como era esta de Adonias, suppoem que saõ nescios: se saõ exorbitantes, suppoem que saõ prodigos: se saõ contra os Canones Apostolicos, (como saõ muitas) suppoem que naõ saõ Catholicos: e de qualquer modo, que peçaõ o que naõ he justo, suppoem que saõ injustos. Mas se antes de fazerem as petiçoens suppozerem, e se desenganarem, que nenhuma cousa haõ de conseguir, senaõ o que ditar a inteira, e recta justiça, elles se comporáõ com a sua ambiçaõ, e tomaráõ por partido o naõ pedir: *Non petam.* Notai onde está o *Non*, e vede quanto mais conveniente he para o vassallo, e mais expediente para o governo, e mais decente para o Rey o naõ antes do *Petam*, que depois da petiçaõ. He mais conveniente para o vassallo, porque melhor lhe está, que desenganado tome por si mesmo o naõ, e o ponha antes das suas petiçoens, que ouvido depois dellas. He mais expediente para o governo, porque cessando o tumulto, e inundaçaõ dos requerimentos, que verdadeiramente o atogaõ, teraõ mais facil expediçaõ os negocios. E finalmente he mais decente, e decoroso para o Rey, porque nenhum, que vier buscar o premio, ou o remedio aos pés da Magestade, se apartará delles descontente. Viraõ a ser por esta via todas as petiçoens da nossa Corte, como as que se despachaõ na do Ceo. Ps. 118. 170. David dizia a Deos: *Intret postulatio mea in conspectu tuo.* Entre, Senhor, a minha petiçaõ ao vosso conspecto. Nas Cortes da terra deseja o pertendente, que saya a sua petiçaõ, na do Ceo deseja, que entre;

tre; porque huma vez, que a petiçaõ foy tal, que podeſſe entrar, infallivelmente ſahe deſpachada. Aſſim ſerá cá tambem; ſe ninguem pedir, ſenaõ o que for juſto; porque o Rey juſto á petiçaõ juſta nunca póde dizer naõ.

787 Mas que fará o Rey para adquirir eſte credito, e reputaçaõ univerſal de juſto, e por meyo della evitar as petiçoens, e requerimentos injuſtos, ſem os quaes fique livre dos inconvenientes, e diſſabores do naõ? Digo que ſó o poderá conſeguir applicando o naõ tambem a ſi, e primeiro a ſi, que aos ſubditos. He grande documento do noſſo texto, e digno de ſe reparar muito nelle. *Non eſt meum dare vobis*; diz o Senhor, que o dar naõ he ſeu: e o naõ primeiro cahe ſobre elle, que ſobre os dous, a quem negou o que pertendiaõ. Primeiro ſobre o *meum*, e depois ſobre o *vobis*. Aſſim ha de fazer o Rey, que quer ſer juſto, e ter opiniaõ de tal. Cuidaõ os Reys, que o dar he ſeu; e o Rey dos Reys diz, que naõ he ſeu o dar: *Non eſt meum dare*. Pois Chriſto em quanto Deos, e em quanto homem naõ he ſenhor de tudo? Sim he. Logo pode-o dar a quem quizer, e como quizer? Diſtingo: com juſtiça ſim, ſem juſtiça naõ. Santo Ambroſio: *Non eſt meum, qui juſtitiam ſervo, non gratiam*: Eu dou por juſtiça, e naõ por graça: por juſtiça he meu o dar, por graça, como vós quereis, naõ he meu: *Non eſt meum dare vobis*. Num. 107.

788 Nenhuma couſa anda mais mal entendida, e peyor praticada nas Cortes, que a diſtinçaõ entre a juſtiça, e a graça. Donde ſe ſegue, que apenas ha merce das que ſe chamaõ graça, que naõ ſeja injuſtiça, e contenha muitas injuſtiças. Naõ nego, que os Reys podem fazer graças, e que o fazellas he muito Num. 108.

proprio da benificencia, e magnificencia Real; mas iſſo ha de ſer depois de ſatisfeitas as obrigaçoens da juſtiça. O que perde naõ ſó o governo, mas as conſciencias, e almas dos Principes, he cuidarem, que podem tudo, porque podem tudo. Se aſſim lho dizem, he liſonja, e ſe o crem, he engano. O Rey póde tudo o que he juſto: para o que for injuſto, nenhum poder tem. Eſta he a verdadeira, e mayor liſonja, que ſe póde dizer aos Reys; porque he fazellos poderoſos como Deos. Deos he omnipotente: e poderá Deos fazer huma injuſtiça? De nenhum modo. Pois aſſim devem entender os Reys, que ſaõ poderoſos. E ſe os ſubditos ſe perſuadirem, que o Rey aſſim o entende, e aſſim o obſerva, nem elles deſenganados pediráõ, ſenaõ o que for juſto, nem o Rey importunado terá occaſioens de dizer naõ.

Num. 109. 789 O terceiro meyo de ſe cortarem as occaſiões de dizer naõ, he a obſervancia inviolavel das leys. Se as leys ſe conſervarem em todo o ſeu vigor ſem diſpenſaçaõ, ſem privilegio, ſem excepçaõ da peſſoa, o naõ diloha a ley, e naõ o Rey. As leys de Deos prohibitivas todas começaõ por naõ: *Non occides*: *Non mœchaberis*: *Non furaberis*: *Non falſum teſtimonium dices*. Houve algum homem até hoje, por atrevido, e inſolente que ſeja, que fizeſſe petiçaõ a Deos para matar, para adulterar, para furtar, para levantar falſo teſtimunho? Nenhum. Porque eſtas leys ſaõ inviolaveis, e indiſpenſaveis. Pois o meſmo ſuccederá ao Principe, ſe conſervar, e mantiver as ſuas inviolavel, e indiſpenſavelmente. E por eſte modo taõ decoroſo, e taõ facil ſe livrará de muitas occaſioens de dizer naõ, porque já o tem dito a ley.

790 Pro-

790 Pronunciou Deos depois do primeiro pec- Num 110.
cado a ley universal da morte, á qual quiz que ficasse sujeito Adaõ, e todo o genero humano: e no mesmo ponto, em que fez a ley, fez tambem, que fosse inviolavel. A ley da morte parece inviolavel de sua mesma natureza, mas naquelle tempo podiase violar facilmente; porque comendo Adaõ, e qualquer outro homem do fructo da arvore da vida, ficava isento de morrer. E que fez Deos? *Ne forte sumat etiam de ligno vitæ, & comedat, & vivat in æternum*: Porque naõ aconteça, que Adaõ assim como quebrou a primeira ley, comendo da arvore da sciencia, quebre tambem a segunda comendo da arvore da vida, e fique immortal: *Collocavit ante Paradisum Cherubim, & flammeum gladium ad custodiendam viam ligni vitæ*: Poz á porta do Paraiso hum Cherubim com huma espada de fogo, para que sem excepçaõ defendesse a entrada a todos, e se algum intentasse eximirse da ley de morrer, morresse primeiro. Esta foy a ordem cerrada do Cherubim, e este o rigor indispensavel da ley, da qual naõ quiz Deos, que fosse privilegiado nem seu proprio Filho. O privilegio chamase em direito *Vulnus legis*, ferida da ley; e o poder, e a espada do legislador naõ ha de ser para ferir as leys, senaõ para ferir, matar, e queimar a quem intentar quebrallas, que por isso a espada do Cherubim era espada, e de fogo. Bem podéra Deos cortar, ou secar a arvore da vida, com que se escusavaõ todos aquelles apparatos de horror; quiz porém, que a arvore ficasse em pé, e a ley se guardasse com tudo inviolavelmente, para que entendessem os legisladores, que ainda que elles possaõ dispensar nas leys, e o modo da dispensaçaõ se- Genes. 3. 21.

ja facil, nem por isso o haõ de permittir. Mas, Senhor, a arvore da vida está carregada de fructos, huns nascem, outros cahem, e todos se perdem, podendose aproveitar com tanta utilidade. Oh malditas utilidades! Este he o engano, que perde aos Principes. Dispensaõse as leys por utilidades, (que ordinariamente saõ dos particulares, e naõ suas) e abrese a porta á ruina universal, que só se póde evitar com a observancia inviolavel das leys. Percaõse os fructos da arvore da vida, que saõ a mais preciosa cousa, que Deos creou: percaõse as mesmas vidas, e naõ se recupere a immortalidade: morra, e sepultese o mundo todo; mas a ley naõ se quebre, nem se dispense.

Num. 111. 791 E que se seguio deste rigor indispensavel da ley? Seguiose aquelle desengano universal, que
Ps. 88. 4. prégou David: *Quis est homo, qui vivit, & non videbit mortem?* Que homem ha, que viva, e naõ haja de morrer? E desenganados huma vez os homens de que a ley era inviolavel, sendo a morte a cousa mais aborrecida, e a vida a mais amada, ninguem houve já mais, que se atrevesse, nem lhe viesse ao pensamento intentar ser dispensado para naõ morrer. Guardemse as leys taõ severa, e inviolavelmente, que se desenganem todos, que se naõ haõ de dispensar, e com o naõ, que ellas dizem, se livraráõ os Principes de o dizer.

Num. 113. 792 Eu naõ nego, que em materia de conceder, e négar póde haver mayor razaõ em huns, que em outros; mas a consequencia de concedestes a outro, logo naõ me haveis de negar a mim, he argumento, que se naõ solta com mayor razaõ.

Num. 114. 793 Persuadase o Principe, que o que se concede

de a hum, porque o pede, tambem se deve conceder aos outros, ainda que o naõ peçaõ. Entenda, que as dispensaçoens, e privilegios naõ só saõ feridas da ley, mas feridas mortaes, e que a ley morta naõ póde dar vida á Republica: considere, que as leys saõ os muros della, e que se hoje se abrio huma brecha, por onde possa entrar hum só homem, á manhã será taõ larga, que entre hum exercito inteiro. Olhe para as leys politicas, para as ordenanças militares, e para tantas pragmaticas economicas, que sendo instituidas para remedio, vieraõ por esta causa a ser discredito. E seja a ultima, e a unica resoluçaõ do Principe justo tratar as suas leys, como suas, sustentando-as, e mantendo-as em seu vigor inviolavel, e indispensavelmente; porque o que a ley nega a todos sem injuria, depois que se concede a hum, (ainda que seja com razaõ) naõ se póde negar a outro sem aggravo. E he melhor, mais facil, e mais decente, que as mesmas leys digaõ o naõ conservandose, do que quebrallas o Principe pelo naõ dizer.

794 O quarto, e ultimo meyo, ou industria de evitar o naõ he anticipar os provimentos, e naõ ter lugares vagos; porque tanto que o lugar está provido, cessaõ as pertençoens. Admiravel he a diligencia, e cuidado, que a natureza poem em impedir o vacuo. E que em todo o universo naõ haja lugar vazio. A este fim vemos subir a agua, descer o ar, moverse a terra, romperemse os marmores, estallarem os bronzes, e correrem todas as creaturas com impeto contra suas proprias inclinaçoens. Daqui nascem os frequentes terremotos, e os extraordinarios, e horrendos, que naõ poucas vezes derrubaraõ, e destruiraõ Cidades inteiras. O mesmo que faz a natureza Num. 115.

por impedir o vacuo, faz a ambiçaõ pelo occupar. E havendo lugares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pertendentes, naõ por impedir, (que ſó ſe impedem huns a outros) mas por occupar o vacuo, e tanto com mayor, e mais violento impeto, quanto a natureza acode ao bem commum do univerſo, e a ambiçaõ ao particular de cada hum. E quaes ſejaõ os terremotos, e perturbaçoens da Republica, que daqui ſe levantaõ, baſta que o digaõ as batalhas interiores de Roma no concurſo dos Conſulados. No governo Monarchico he muito facil atalhar todos eſtes inconvenientes, anticipando o vacuo de tudo aquillo, que ſe póde pertender, ou pedir, com prevenir vigilantemente, que naõ haja lugares vagos; e aſſim o deve fazer todo o prudente Principe.

Num. 117. 795 A mayor, e mais difficultóſa occaſiaõ, que tem havido neſte genero, foy o provimento da ſucceſſaõ de David. Queria David, e ſabia, que era conveniente ao bem do Reyno, que o ſeu ſucceſſor foſſe Salamaõ, e que aſſim o tinha Deos decretado. Contra iſto eſtava ſer Salamaõ illegitimo, e menor, e Adonias ſeu competidor naõ ſó legitimo, mas de todos os filhos de David, que entaõ viviaõ, o primogenito, e como tal aſſiſtido do ſequito commum do Eccleſiaſtico, e popular, e de grande parte da milicia. Era chegado o negocio a termos, que em hum banquete, que naquelle dia tinha dado Adonias a todos os Principes, e ſenhores da ſua parcialidade, já ſe lhe faziaõ os brindes á ſaude d'ElRey. Teve noticia diſto naquella meſma hora David; e que reſoluçaõ tomaria? Seleſe, diz, a minha mula, (que eraõ os cavallos, de que entaõ uſavaõ os Reys) monte nel-

te nella Salamaõ, e ungido pelo Profeta Nathan saya por Jerusalem com trombetas, e atabales diante, e digaõ todos: Viva ElRey. Assim se executou no mesmo ponto. Ouvioſe no banquete com assombro o ſom das trombetas, ſoubeſe o que passava, retiraõſe cheyos de medo os convidados, e todos no mesmo dia beijaraõ a maõ a Salamaõ. Mas que razaõ deo de si David, e do que tinha mandado? Como respondeo ao direito, e pertençaõ de Adonias? E como enfeitou, ou adoçou o naõ de o naõ ter nomeado a elle? Nenhuma couſa lhe diſſe, nem teve neceſſidade de lha dizer, porque vendo Adonias o lugar provido, compozſe com a ſua fortuna, foy beijar a maõ a Salamaõ, e nem a elle, nem a ſeu pay replicou huma ſó palavra. Tanto importa o prompto provimento dos lugares para pôr ſilencio á ambiçaõ dos pertendentes, e tambem ao naõ dos Principes.

796 A praxe deſta politica exercitou glorioſamente no noſſo Reyno ElRey D Joaõ o II. digno de ſer chamado D. Joaõ o do bom memorial, aſſim como D. Joaõ o I. ſe chamou o de boa memoria. Tinha eſte prudentiſſimo Rey hum memorial ſecreto, no qual trazia apontados todos os que ſe avantajavaõ em ſeu ſerviço, ou foſſem Miniſtros do Eſtado, ou da Juſtiça, ou da Fazenda, ou da Guerra: e ſegundo o merecimento de cada hum lhe tinha deſtinado os lugares, e os premios, aſſim como foſſem vagando. Era proverbio dos Hebreos, de que tambem uſou Chriſto: *Ubicumque fuerit corpus, illic congregabuntur & aquilæ.* Onde houver corpo morto, logo alli correráõ as aguias. Falla das aguias vulturinas, que ſaõ aves de rapina, as quaes tem agudiſ- Num. 118. Luc. 17. 37.

ſima viſta, e ſubtiliſſimo olfato, e em vendo, ou cheirando corpo morto, logo correm a empolgar, e cevarſe nelle. Aſſim ſuccede com a ambiçaõ dos pertendentes a todos aquelles, por cuja morte vaga officio, cõmenda, vara, cadeira, mitra, governo, ou outro emolumento util, e pingue, em que empregar (naõ digo as unhas) as maõs. Mas que fazia neſtes caſos quotidianos o Rey do bom memorial? Como nelle tinha já deſtinadas as peſſoas, a quem havia de fazer o provimento, reſpondia, que já o lugar, officio, ou beneficio eſtava provido, e as aguias, que corriaõ famintas aos deſpojos do morto, encolhiaõ as azas, embainhavaõ as unhas, e ainda que queriaõ graſnar, tapavaõ o bico.

Num. 119. 797 He o que aconteceo hoje aos noſſos dous pertendentes. No meſmo caminho, em que ſe fez a petiçaõ, acabava Chriſto de dizer, que hia a Jeruſalem a morrer. Joaõ era a aguia, e Diogo ſeu irmaõ, e como lhe cheirou a corpo morto, tambem quizeraõ empolgar, e aproveitarſe da occaſiaõ; mas ainda que os lugares, que pediaõ, tiveſſem ſido do morto, e elle fora como os outros mortos, que morrem, e naõ reſuſcitaõ, a razaõ, com que Chriſto lhes tapou a boca, foy com dizer, que aquelles lugares já eſtavaõ deſtinados, e dados a outrem: *Non vobis, ſed quibus paratum eſt à Patre meo.*

Num. 121. 798 Temos apontado os meyos, com que anticipadamente ſe podem atalhar, ou diminuir as occaſioens de ſe dizer, nem ouvir eſte taõ duro adverbio. Mas porque ſe podem offerecer com tudo algumas, em que ſeja forçoſo negar, vejamos agora o modo, ou modos, com que nos taes caſos com menos ſentimento dos vaſſallos, e menor mortificaçaõ do Prin-

cipe,

cipe se ha de dizer o naõ. ElRey, que está no Ceo, disse a hum seu confidente, que tinha vinte e quatro modos de negar: teve esta noticia hum Embaixador, que havia tempos requeria certo despacho, e com a confiança de criado antigo, que tinha sido de Sua Magestade, começou huma nova instancia com estas palavras: Cá ouço, que V. Magestade tem vinte e quatro modos de negar: Senhor, se V. Magestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco de pedir. Quaes fossem estes vinte e quatro modos de negar, eu o naõ sei, nem me occorrem; mas como saõ, e podem ser mais os modos de pedir, necessario será contra a importunidade dos pertendentes repulsallos talvez com hum naõ mais, ou menos desenganado segundo o que pedir a materia.

799 Primeiramente me parece, que saõ merecedores de hum naõ muito claro, e muito seco certo genero de alvitreiros, que inventando, e offerecendo novos arbitrios, e industrias de accrescentar o erario, ou fazenda Real, juntamente dizem (e aqui bate o ponto) que elles haõ de ser tambem os executores, e para isso pedem meyos, e jurisdiçoens. Nasceo cizania, diz Christo, entre a seara de hum pay de familias, o que vendo os criados, vieraõ logo mui zelosos encarecendo aquella perda da fazenda de seu amo, e offerecendose a ir mondar a seara, e arrancar a cizania: *Vis, imus, & colligimus ea?* Quereis, senhor, que a vamos colher? Colher, disseraõ, e naõ arrancar, porque estes zelos, e offerecimentos sempre se encaminhaõ á colheita. Respondeo o pay de familias sem lhes agradecer o cuidado: e que respondeo? *Ait illis: Non.* Disselhe: Naõ. Assim se ha de responder com hum naõ muito seco, e muito Num. 122. Math. 13. 28. Math. 13. 29.

muito reſoluto a ſemelhantes propoſtas.

Num. 123. 800 Em outras occaſioens de negar ſe coſtuma eſcuſar hum naõ com outro; e porque he modo muito ordinario, e uſado, naõ he bem que paſſe ſem exame, e ſem cenſura. Em toda a terra, como demoſtra Ariſtoteles, he ley natural, que os ſabios governem, e mandem, e os que menos ſabem, obedeçaõ, e ſirvaõ. Em toda a terra he ley natural confirmada com as civís, que os que forem mais eminentes em cada genero, ſubaõ aos mayores lugares, e tenhaõ os primeiros premios Mas tiraſe por excepçaõ a noſſa terra, na qual para alcançar eſtes premios, e para ſubir a eſtes lugares naõ baſta a eminencia dos talentos, nem dos merecimentos, ſe falta certo grao de qualidade, baſtando ſó eſſa qualidade ſem outro merecimento, nem talento para pertender, e alcançar, ou alcançar ſem pertender os meſmos lugares. E ſe os eſtrangeiros ſe admiraõ, e paſmaõ de ver, que os homens, que elles, e o mundo venera, naõ occupem aquelles poſtos, reſpondeſe a eſte naõ com outro naõ: *Non eſt in loco noſtro conſuetudinis.* Se hum dos noſſos pertendentes do Euangelho (e ſeja Santiago, que veyo a Portugal) viera hoje, e em lugar da cadeira, que pedio, pertendera a de qualquer Biſpado do Reyno, haviaõlhe de reſponder, que no Reyno naõ; porque era filho de hum peſcador: que o mayor favor, que ſe lhe podia fazer, era darlhe hum Biſpado ultramarino: e logo lhe nomeariaõ ſatyricamente o de Meliapor por ſer na coſta da Peſcaria. Se Joſué conquiſtador de trinta e tres Reynos, e de quem ſe prezou o Sol ſer ſoldado, quizeſſe ſer Capitaõ General, tambem lhe haviaõ de oppor, que tinha ſido criado de Moyſés: e Joſeph, o qual teve

Geneſ. 29. 26.

Num. 124.

mayor

mayor industria, que todos os homens, para adquirir fazenda a seu Rey, e mayor fidelidade para a conservar, se quizesse ser Veador da Fazenda, vede se lho consentiriaõ as ovelhas, que tinha guardado seu pay? Naõ fallo em Bartholo, se lhe viesse ao pensamento a regencia da Justiça, ou a Navarro a da Consciencia; porque o segundo tendo ensinado em Portugal com assombro de todas as Universidades o que aprendeo na de Coimbra, foy a tomar por si o naõ, e ir morrer em terras estranhas, porque se lhe naõ disesse na nossa: *Non est in loco nostro consuetudinis.* A censura deste, que se chama costume, he que naõ he costume, senaõ abuso contrario á natureza, á razaõ, á virtude, e prejudicial á Republica: e que os Principes, que se escusaõ com este modo de naõ, elle naõ só os naõ escusa, mas accusa, e condemna mais, fazendo-os odiosos aos vassallos, ao mundo, e ao mesmo Deos, o qual por isso fez a todos os homens filhos do mesmo pay, e da mesma mãy.

801 Excluido pois este abuso particular da nossa terra, o modo, que em todas, e todos approvaõ, e os melhores politicos ensinaõ, como mais decente, he, que nas occasioens de negar, para abrandar a dureza do naõ, depois de mandar consultar as materias, se escuse o sabio Principe com os seus Concelhos. He necessario porém advertir neste meyo, que deve ser applicado com tal moderaçaõ, e cautela, que por enfeitar o naõ naõ se afee a authoridade do Rey, nem o credito dos Concelhos, nem as mesmas razoens da escusa. Havendo pois o Principe de se escusar, ou escudar com os seus Concelhos, diga, que mandou considerar a materia, e que se conformou com elles, e naõ diga mais. Num. 125.

DIS-

DISCURSO LXXV.

Tirado de hum ſermaõ da terceira Dominga do Advento, prégado na Capella Real.

PERTENÇOENS.

Part. 6. Num. 105. 802 HUma couſa, que eu deſejara muito ao Reyno de Portugal, conta o Euangeliſta S. Joaõ, que ſe vio hoje na Republica de Jeruſalem. Diz, que os do governo daquella grande Cidade mandaraõ huma embaixada aos deſertos de Judea, na qual offereciaõ ao Bautiſta a mayor dignidade, que nunca houve no mundo, querendo-o reconhecer, e adorar por Meſſias. O que reparo muito neſte caſo he, que em vez de o Bautiſta vir do deſerto á Corte a pertender a dignidade, a dignidade foy da Corte ao deſerto a pertender o Bautiſta. Eiſto he o que eu deſejara, como dizia, para o noſſo Reyno. He força, que haja pertençoens, e pertendentes, mas eſtes naõ haõ de ſer as peſſoas, ſenaõ os officios. E porque? Porque naõ póde haver nem mais bem governada, nem mais bem ſervida Republica, que onde os officios forem os pertendentes, e os homens os pertendidos. Aſſim foy hoje o Bautiſta o pertendido, e o Meſſiado o pertendente.

Num. 107. 803 Oh que venturoſo ſeria o noſſo Reyno, ſe nelle ſe introduziſſe eſta nova, e admiravel politica!

Num. 108. Em todo o Reyno bem governado naõ devem os homens pertender os officios, ſenaõ os officios pertender os homens. As razoens deſta politica do Ceo pouco entendida, e menos praticada na terra ſaõ muitas.

muitas. Eu para mayor brevidade, e clareza a reduzirei neſte diſcurſo a tres principaes com nome de conveniencias. Primeira; porque andaráõ mais authorizados os officios. Segunda; porque eſtará mais deſembaraçada a Corte. Terceira; porque viviráõ mais deſcanſados os benemeritos.

804 Quanto á primeira conveniencia de que os officios, quando naõ forem pertendidos, entaõ ſeraõ mais authorizados, naõ faltará quem cuide, ou diga o contrario: e parece que com bons fundamentos. Naõ he grande authoridade, e credito do ouro entre os outros metaes, que todos o deſejem, procurem, e façaõ tantos extremos por elle? Naõ foy grande authoridade da formoſura, que pela de Helena contendeſſem com tanto empenho, e ſe deſſem tantas batalhas a Grecia, e Troya? Logo da meſma maneira ſerá grande authoridade, e credito dos officios, que concorraõ muitos a os pertender, e que a ambiçaõ, e emulaçaõ dos oppoſitores ſe empenhe com todas as forças em os conſeguir. E quanto mayores forem as negociaçoens, as diligencias, as controverſias, as valias, e ainda as adulaçoens, e os ſobornos dos que os pertendem alcançar, tanto mais creſcerá a eſtimaçaõ, e authoridade dos meſmos officios aſſim pertendidos. Pelo contrario ſe elles forem os que haõ de pertender, naõ teraõ eſtimaçaõ, nem ſequito, e ficaráõ ſolitarios, e quando menos mal providos. Já Tertulliano ponderou gravemente a quantas indignidades ſe ſujeitaõ, e abatem os que pertendem ſubir ás dignidades: e ſe os officios ſe fizerem pertendentes, pelo meſmo caſo ſe faráõ indignos, e perderáõ o nome da honra, e dignidade, que he o que os acredita, e authoriza. Num. 109.

807 Ora

Num. 110. 807 Ora antes que desfaça a apparencia deſtas objecçoens, quero-as convencer com a evidencia de hum exemplo, que todos trazemos diante dos olhos, e ninguem o póde negar. O officio, os Embaixadores, e os que hoje os mandaraõ, e o meſmo Bautiſta tudo era eccleſiaſtico, ſeja pois tambem eccleſiaſtico o exemplo. Pergunto: Quando eſteve mais authorizado na Igreja o officio, e dignidade Epiſcopal? Quando os Santos (de que he infinito o numero) ſe naõ atreviaõ a o pertender, mas pertendidos elles, buſcados, e acclamados ſe metiaõ pelos boſques, e ſe eſcondiaõ nas covas, temendo, e fugindo de taõ alta dignidade? Ou agora quando tantos frequentaõ os palacios dos Reys, e os tribunaes, e caſas dos miniſtros, fazendo oppoſiçaõ com a cara deſcuberta ás Mitras, e oſtentando letras, antiguidades, e cargos da Religiaõ, e talvez os procedimentos, e as meſmas virtudes, para que as cabeças cheas deſtes penſamentos ſejaõ coroadas com aquella ſagrada inſignia? Torno a perguntar: Quando eſteve o officio, e dignidade Epiſcopal mais authorizada: agora quando tantos a pertendem, ou quando ella era a pertendente? Agora que a procura deſcubertamente a ambiçaõ, ou quando a recuſava a modeſtia, e fugia della a conſciencia? Os meſmos ſagrados Canones reſpondem á minha pergunta, e que dizem? *Quæratur cogendus, qui rogatus recedat; & invitatus fugiat.* Notai a palavra *Quæratur*, buſqueſe. E quem ha de ſer buſcado? O Biſpado, e o officio? Naõ, ſenaõ o homem digno delle. E eſſe homem digno, que qualidades ha de ter? Grande caſa? Grande nobreza? Grande appellido? Grandes cargos antecedentes? Naõ diz iſto o Canon. Póis que diz? Que ſeja tal, que o ha-

o hajaõ de obrigar por força a aceitar: *Quæratur cogendus*, e que rogado com a Igreja se retire, e convidado com a dignidade fuja della: *Qui rogatus recedat, & invitatus fugiat.*

806 E quanto ao concurso dos pertendentes, e competidores, quando os homens saõ os que pertendem os officios, e naõ elles aos homens, taõ fóra está esta multidaõ de accrescentar a authoridade ao officio, que antes se desacredita a si, e a elle, e se naõ digaõ os mesmos pertendentes, porque pertendem o officio? Ou pela honra, ou pelo interesse: se pela honra, mal a podem dar ao officio os que se pertendem honrar com elle: e se pelo interesse, bem se vê, que naõ querem o officio para o servir, senaõ para se servirem delle: e onde ficará o officio mais authorizado: onde servir, ou onde for servido? Pelo contrario, quando o officio he o pertendente do homem, sendo o homem sempre o mais digno, na mesma dignidade do homem pertendido se conserva a authoridade do officio pertendente, e na excluſaõ dos indignos sempre excluidos fica sempre a authoridade segura de se arriscar, ou perder. Num. 114.

807 Seguiase agora a segunda conveniencia de que por este modo estariaõ mais desembaraçadas as Cortes, ponto de pouco gosto, e utilidade para os que neste embaraço tem a sua lavoura, e sem cavar nem semear, a sua colheita. Mas porque este tumulto, e confusaõ nas portas, e escadas dos ministros, e nas mesmas ruas he taõ frequente, que igualmente tropeçaõ nellas os pés, e os olhos, para naõ gastar o pouco tempo, que nos resta, em materia taõ sabida, e taõ vista, deixada a conveniencia della á consideraçaõ dos que me ouvem, passemos como mais im- Num. 124.

por-

portante, e menos advertida á terceira.

Num. 117. 808 A terceira conveniencia deſte trocado modo de pertender he, que viviráõ mais deſcanſados os benemeritos. Procuraráõ ſómente merecer, eſtando muito certos, que ainda que vivaõ retirados da Corte, e muito longe dos olhos do Principe, lá os iraõ buſcar, e pertender as dignidades, como ao Bautiſta no ſeu deſerto. Conſideraime (diz S. Baſilio) a Deos no Ceo, e a David no campo, e notai quaõ differentes ſaõ no meſmo tempo os cuidados do ſupremo Monarcha, e do humilde paſtorinho. David eſtá ſolicito ſobre o rebanho, e Deos fazendo conſelhos ſobre David: David levando as ovelhas ao paſto, e Deos preparandolhe o throno. Ainda eu conſidero mais deſcanſado a David, do que a eloquencia de Baſilio o repreſenta. Quando elle fugindo de Saul ſe acolheo á Corte d'ElRey Achiz, e para viver ſe fingio doudo, valiaſe para eſta diſſimulaçaõ das artes, em que ſe exercitara quando paſtor, e huma era tocar o tamboril, e a frauta. Aſſim o exprime o texto Grego. Conſideraime pois ao paſtorzinho como Tityro á ſombra da faya tocando a ſua frauta, e Deos, que lhe conhecia o talento, decretandolhe a coroa. Póde haver mayor cuidado no Ceo, e mayor deſcanſo na terra? Pois eſte he o que goſaõ no ſeu retiro os benemeritos.

Num. 118. 809 Paſſemos do campo ao mar, e ponhamonos nas prayas, e ribeira do Tiberiades. Por ventura em toda a ſua vida, quando Pedro ouvia dizer, que em Jeruſalem reſidia o Summo Pontifice, ou foſſe Simon, ou Mathias, ou Joazaro, ou Eleazaro, ou Anano, ou Caifaz, que ſaõ os que ſuccederaõ em ſeu tempo, veyolhe algum dia ao penſamento, ou acor-

acordado, ou sonhando, que poderia elle subir áquella suprema dignidade? He certo, que nunca a sua barca navegou com taõ prospero vento, e maré, que tal cousa lhe passasse pela imaginaçaõ. E com tudo desde a sua eternidade o tinha Deos destinado para outra, e mais universal tiara, naõ dependente dos Cesares Romanos, ou dos seus Tenentes na Syria, e na Judea, que eraõ os que punhaõ huns, e despunhaõ outros, mas estabelecida em si, e em seus successores pela eleiçaõ immutavel da providencia divina.

810 Se naõ bastaõ os exemplos humanos para nos persuadir esta honrada, e descansada industria, ponhamos os olhos em todas as outras creaturas, a que a natureza naõ deo razaõ, nem sentido, e veremos como todas as que tem valor, e prestimo, occupadas só em crescer, e se fazer a si mesmas, sem ellas pertenderem, nem buscarem a outrem, todos as buscaõ, e pertendem a ellas. Que fazia a oliveira, a figueira, e a vide, senaõ carregarse de fructos, quando toda a republica verde das arvores, e plantas lhe foy offerecer o governo, e o imperio? Naõ o quizeraõ aceitar, porque se contentaraõ com o merecer. Deixese crescer o pinheiro, e subir até ás nuvens na Noroega, que lá o iráõ tirar para mastro grande, e levar a bandeira no tope. Cresça tambem o cedro gigante do Libano, e saiba, que quando daquelle monte for passado ao de Sion, naõ he para o sobredourar o ouro do templo, mas para elle com mayor dignidade cobrir, e revestir o mesmo ouro. Bem mal cuidava o marfim na sua fortuna, quando se via endurecer nos dentes do elefante, e dalli foy levado para throno de Salamaõ. Que descuidados Num. 122.

creſcem os rubins em Ceilaõ, e em Collocondâ os diamantes, e lá os mandaõ conquiſtar com armadas os Reys para reſplendor, e ornato de ſuas coroas. Empreguem logo o ſeu cuidado os grandes ſujeitos em aperfeiçoar os talentos, e dotes, que nelles depoſitou a natureza, ou a graça, e ſe por retirados, e eſcondidos cuidarem, que perdem o tempo, e eſtimaçaõ, lembremſe, que ſepultadas as perolas no fundo do mar, e a prata no centro da terra, nem ás perolas falta quem pelas deſafogar afogue a reſpiraçaõ, nem á prata quem pela deſenterrar enterre a vida.

Num. 123. Os que ſe acharem com eſpiritos guerreiros, exercitem a architectura militar, e a formatura dos exercitos na paz, e dem ſós por ſós comſigo as batalhas ſecas, para que depois as poſſaõ tingir no ſangue dos inimigos. O politico façaſe verſado em toda a liçaõ das hiſtorias, e aprenda mais na pratica dos exemplos, que na eſpeculaçaõ do diſcurſo a reſoluçaõ dos caſos futuros, e a experiencia dos paſſados. O inclinado ás letras procure com o eſtudo univerſal as noticias de todas as ſciencias, e naõ cuide, que ſó com a memoria de poucos textos das leys lhe podem dar as demandas, e trapaças o falſo, e mal merecido nome de letrado: em fim por humilde, e raſteira que ſeja a inclinaçaõ, ou fortuna de cada hum, façaſe no ſeu eſtado inſigne, lembrandoſe que os antigos Romanos do arado eraõ eſcolhidos para o baſtaõ, e do triunfo tornavaõ outra vez ao arado.

DIS-

DISCURSO LXXVI.

Tirado de hum sermaõ da terceira quarta feira da Quaresma prégado na Capella Real.

PERTENDENTES CONSOLADOS.

811 DOus lugares, e dous pertendentes, hum memorial, e huma interceſſora, hum Principe, e hum deſpacho saõ a repreſentaçaõ politica, e a hiſtoria chriſtã deſte Euangelho. Nos lugares temos as merces, nos pertendentes as ambiçoens, na interceſſora as valias, no memorial os requerimentos, no Principe o poder, e a juſtiça, no deſpacho o deſengano, e o exemplo. Eſte ultimo ha de ſer a veya, que hoje havemos de ſangrar. Queira Deos, que a acertemos, que he muito funda. A enfermidade mais geral, de que adoecem as Cortes, e a dor, ou o achaque, de que todos cõmummente ſe queixaõ, he de mal deſpachados. Em alguns ſe queixa o merecimento, em outros a neceſſidade, em muitos a propria eſtimaçaõ, e em todos o coſtume. O benemerito chamalhe ſemrazaõ, o neceſſitado diz, que he crueldade, o preſumido toma-o por aggravo, e o mais modeſto dalhe nome de deſgraça, e pouca ventura. E que naõ houveſſe atégora no pulpito quem tomaſſe por aſſumpto a conſolaçaõ deſta queixa, o alivio deſta melancolia, o antidoto deſte veneno, e a cura deſta enfermidade? Muitos dos enfermos bem haviaõ miſter hum hoſpital. Mas á obrigaçaõ deſta cadeira (que he de Medicina das almas) ſó lhe toca diſputar a doença, e receitar o remedio. E ſe eſte for

Part. 1. col. 299.

provado, e pouco cuſtoſo, ſerá facil de applicar. Ora eu movido da obrigaçaõ, e da piedade, e parecendome eſta materia huma das mais importantes para todas as Cortes do mundo, e a mais neceſſaria para a noſſa no tempo preſente, determino prégar hoje a conſolaçaõ dos mal deſpachados. Nem com a ambiçaõ dos Zebedeos hei de condemnar os pertendentes, nem com a negociaçaõ da mãy hei de arguir os interceſſores, nem com a reſoluçaõ de Chriſto hei de abonar os Principes, e os Miniſtros: ſó com o deſengano do requerimento: *Neſcitis quid petatis*, pertendo conſolar efficazmente a todos os que ſe queixaõ dos ſeus deſpachos, ou ſe ſentem dos alheyos. Conſolar hum mal deſpachado he o aſſumpto do ſermaõ.

812 Havendo pois de conſolar hoje os mal deſpachados, aquella gente muita, e naõ vulgar, de quem ſe póde dizer: *Non eſt qui conſoletur eam*, para que procedamos diſtintamente, e fallemos ſó com quem devemos fallar, he neceſſario excluir primeiro deſta honrada liſta os que importunamente, e ſem razaõ ſe querem meter nella. E quem ſaõ eſtes? Saõ aquelles, que ſendo hoje tanto mais do que eraõ, e tendo tanto mais do que tinhaõ, e eſtando tanto mais levantados do que eſtavaõ, ainda ſe queixaõ, e ſe chamaõ mal deſpachados.

Jerem. Thren. 1. 17.

813 Adaõ antes de Deos o formar, naõ era nada: formado era huma eſtatua de barro lançada naquelle chaõ: bafejou-o Deos, pozſe Adaõ em pés, começou a ſer homem, e foy com taõ extraordinaria fortuna, que tinha (diz o texto) elle ſó tres preſidencias. A preſidencia da terra ſobre todos os animaes, a preſidencia do ar, ſobre todas as aves, a preſiden-

fidencia do mar ſobre todos os peixes. Eſtava bem deſpachado Adaõ? Parece, que naõ podia ſer mais, nem melhor. Com tudo nem elle, nem ſua mulher ficaraõ contentes, ainda pertendiaõ. E que? Naõ mais, que ſer como Deos: *Eritis ſicut Dii.* Ha tal ambiçaõ de ſubir? Ha tal deſatino de creſcer? Antehontem nada, hontem barro, hoje homem, á manhã Deos? Naõ ſe lembrará Adaõ do que era hontem, e muito mais do que era antehontem? Quem hontem era barro, naõ ſe contentará com ſer hoje homem, e o primeiro homem? Quem antehontem era nada, naõ ſe contentará com ſer hoje tudo, e mandar tudo? Naõ. Porque já entaõ era Adaõ, como hoje ſaõ muitos de ſeus filhos, que ſahem como elle ao barro, e ao nada, de que foraõ creados. Mal creados, e maos criados; por iſſo deſcontentes, e ingratos, quando deveraõ eſtar mui contentes, e mui agradecidos. E a razaõ deſta ſemrazaõ he; porque dos ſentidos perderaõ a viſta, e das potencias a memoria, nem olhaõ para o que ſaõ, nem ſe lembraõ do que foraõ. Genes. 3. 5.

814 Mas do que ereis, e do que ſois, paſſemos ao que tinheis, e ao que tendes. Enthronizado Joſeph no governo, e Imperio do Egypto, ſoube ElRey Faraó, que tinha pay, e irmaõs na terra de Canaan, e mandou-os logo chamar, para que vieſſem ſer companheiros da fortuna de ſeu irmaõ. O recado foy notavel, e dizia aſſim: *Properate, nec dimittatis quidquam de ſupellectili veſtra, quia omnes opes Egypti veſtræ erunt*: Vinde logo, e naõ deixeis couſa alguma das voſſas alfayas, porque todas as riquezas do Egypto haõ de ſer voſſas. Eſte porque naõ entendo. Antes, porque todas as riquezas do Egypto haviaõ de ſer ſuas, naõ era neceſſario, que trouxeſſem couſa al-

ſa alguma do que tinhaõ em Canaan. Pois porque lhes manda Faraó, que tragaõ todas as ſuas alfayas? Por iſſo meſmo: para que cotejando as alfayas da fortuna preſente com as da fortuna paſſada, conheceſſem melhor a merce, que o Rey lhes fizera. Eraõ os irmaõs de Joſeph huns pobres lavradores, e paſtores: ſahiaõ das cabanas, e telhados de colmo para virem morar em palacios dourados debaixo das pyramides, e obeliſcos do Egypto. Pois tragaõ as ſuas pelles, as ſuas mantas, os ſeus pellotes de pano da ſerra: tragaõ as ſuas çamarras, as ſuas alparcas, as ſuas gualteiras: tragaõ as ſuas eſcudellas de pao, e os ſeus tarros de cortiça, para que quando ſe virem com as paredes ricamente entapizadas, a prata rodar pelas meſas, a ſeda, e ouro das galas, as perolas, e os diamantes das joyas, os criados, os cavallos, as carroças, conheçaõ quanto vai de tempo a tempo, e de fortuna a fortuna, e dem muitas graças a Faraó. Quer cada hum conhecer, e ver, e apalpar a muita merce, que o Rey lhe tem feito? Coteje as ſuas alfayas, as de caſa, e as da rua, as ſuas, e as dos ſeus. A comparaçaõ deſte muito com aquelle pouco oh quanto ſerviria para o agradecimento, e para a modeſtia, e ainda para fazer laſtro á meſma fortuna!

815 Viſto já o que ereis, e o que ſois, o que tinheis, e o que tendes, reſta a combinaçaõ dos lugares, onde eſtaveis, e onde eſtais. No ſegundo livro dos Reys cap. 7. eſtaõ regiſtadas as merces, que Deos tinha feito a David, e diz aſſim o regiſto:

2. Reg. 7. 8. *Ego tuli te de paſcuis ſequentem greges, ut eſſes dux ſuper omnem populum*: Eu (diz Deos) tirei a David de entre os paſtores, onde guardava as ovelhas de ſeu pay, e o fiz Capitaõ, e Governador ſobre

bre todo o meu povo. Naõ só diz Deos o lugar, onde o poz, senaõ tambem o lugar, donde o tirou: o onde, e mais o donde. Pois, Senhor meu, que taõ grandioso sois, se quereis, que fiquem registadas em vossos livros as merces, que fizestes a David, porque mandais, que se registem tambem nelles o exercicio, de que vivia, e o lugar humilde, de que o levantastes? Para que á vista deste lugar conheça melhor David a grande merce, que lhe tenho feito. Quando se vir com o bastaõ na maõ, lembrese que na mesma maõ trazia o cajado. Se algum dia (que tudo se póde temer dos homens) lhe parecerem pequenas a David as merces, que lhe fiz, lembrarseha do lugar, que tinha antes, e do que tem agora: lembrarseha donde o tirei, e onde o puz, e logo lhe pareceráõ grandes. Estes ondes, e estes dondes naõ se costumaõ registar nos livros das merces. Seria bem, que ao menos se registassem nas memorias dos que as recebem. Já que tivestes tanta estrella, pondelhe huma estrellinha á margem. Lembrese o descontente com David onde estava, e onde está: lembrese com os irmaõs de Joseph do que tinha, e do que tem: lembrese com Adaõ do que era, e do que he, e logo verá qual deve ser o queixoso, se o despacho, ou o despachado.

816 Naõ despachou Christo hoje os nossos pertendentes; mas eu noto, que nenhum delles se queixou. Pediraõ as duas supremas cadeiras do Reyno, pediraõ que Christo os despachasse logo, com tres letras: *Dic*: *Dic*, *ut sedeant hi duo filii mei*. E foraõ respondidos logo com outras tres: *Non*: *Non est meum dare vobis*. E sendo este naõ taõ claro, taõ seco, taõ desenfeitado, queixouse por ventura a in-

terceſſora? Queixaraõſe os pertendentes? Nem huma palavra diſſeraõ. E porque? Porque eraõ gente, que ſabia tomar as medidas á ſua fortuna. Compararaõ o que tinhaõ ſido com o que eraõ, e o que eraõ com o que pertendiaõ ſer. Na comparaçaõ do que tinhaõ ſido com o que eraõ, viaõ a melhoria do ſeu eſtado: na comparaçaõ do que eraõ com o que pertendiaõ ſer, reconheciaõ o exceſſo da ſua ambiçaõ. E eſtas duas comparaçoens lhes taparaõ a boca de maneira, que naõ teve por onde brotar a queixa. Hontem remando a barca, e remendando as redes, hoje deſpachados cada hum de nós com huma das doze cadeiras do Reyno de Chriſto: e que ainda naõ eſtejamos contentes, e nos atrevamos a pertender os dous lugares ſupremos? Mais razaõ tem logo noſſo Meſtre de negar, do que teve noſſa mãy, e nós de pedir. Elle negou como juſto, nós pedimos como demaſiados, e neſcios: *Neſcitis quid petatis.*

817 Excluidos já os queixoſos, e deſcontentes ſem cauſa, (e que por ventura ſaõ a cauſa de haver tantos deſcontentes) ouçaõ agora os benemeritos mal deſpachados a muita razaõ, que tem de ſe conſolar. A do Euangelho, como logo moſtrarei, he a mais forte de todas. Mas ſem recorrer a motivos da fé, ſe eu fora hum dos benemeritos, em mim meſmo, e no meu proprio merecimento achára taõ grandes razoens de me conſolar, que ſem outra merce, nem deſpacho me dera por mui contente, e ſatisfeito. Diſcorrei hum pouco comigo.

818 Ou mereceis os premios, que vos faltaõ, e com que vos faltaõ, ou naõ: ſe os naõ mereceis, naõ tendes de que vos queixar: ſe os mereceis, muito menos. Ainda naõ ſabieis, que naõ ha virtude, nem mere-

merecimento sem premio? Assim como o vicio he o castigo, assim a virtude he o premio de si mesma. O mayor premio das acçoens heroicas he fazellas. Com melhores palavras o disse Seneca, porque fallava em melhor lingua: *Quid consequar, inquis, si hoc fortiter, si hoc gratè fecero? Quod feceris*: Se me perguntas, que as de conseguir pelo que fizeste ou forte, ou generosamente, respondote, que telo feito: *Rerum honestarum pretium in ipsis est*: O premio das acçoens honradas, ellas o tem em si, e o levaõ logo comsigo, nem tarda, nem espera requerimentos, nem depende de outrem: saõ satisfaçaõ de si mesmas. No dia, em que as fizestes, vos satisfizestes. Senec. de beneficiis lib. 4. cap. 1.

819 Este fóra de vós mesmo esperaveis outro premio, contentaivos com o da opiniaõ, e da honra. Se vossos serviços saõ mal premiados, bastevos saber, que saõ bem conhecidos. Este premio mental assentado no juizo das gentes ninguem volo póde tirar, nem diminuir. Que importa, que subais mal consultado dos Ministros, se estais bem julgado da fama? Que importa, que sahisseis escusado do tribunal, se o tribunal fica accusado? Passai pela chancellaria esse despacho, deixai-o por brazaõ a vossos descendentes, e sereis duas vezes glorioso. Só vos dou licença, que vos arrependais de ter pertendido. Pouco fez, ou baixamente avalia suas acçoens quem cuida, que lhas podiaõ pagar os homens.

820 Se servistes a patria, que vos foy ingrata, vós fizestes o que devieis, ella o que costuma. Mas que paga mayor para hum coraçaõ honrado, que ter feito o que devia? Quando fizestes o que devieis, entaõ vos pagastes. Ouvi ao Mestre divino, que tudo nos ensina. Dizia Christo a seus soldados, a quem encar-

encarregou naõ menos, que a conquiſta do mundo,
Luc. 17. 10. em que todos deraõ a vida: *Cum feceritis omnia, dicite: Servi inutiles ſumus*: Quando fizerdes tudo, dizei, que ſois ſervos inuteis. Notavel ſentença! O ſervo inutil he aquelle, que naõ faz nada; mas o que faz muito, e muito mais o que faz tudo, ha de cuidar, e dizer, que he ſervo inutil? Sim. Ninguem entendeo melhor eſte texto, que o veneravel Beda. Naõ falla Chriſto da utilidade, que recebe o Senhor, ſenaõ da utilidade, que naõ recebe o ſervo. O ſervo naõ recebe utilidade do ſeu ſerviço, porque he obrigado a ſervir: e aſſim ha de ſervir, quem ſerve generoſamente. O meſmo Chriſto ſe declarou, e deo a razaõ muito como ſua: *Quod debuimus facere, fecimus*: O que deviamos fazer, iſſo fizemos. Quem fez o que devia, devia o que fez, e ninguem eſpera paga de pagar o que deve. Se ſervi, ſe pelejei, ſe trabalhei, ſe venci, fiz o que devia ao Key, fiz o que devia á patria, fiz o que me devia a mim meſmo: e quem ſe deſempenhou de tamanhas dividas, naõ ha de eſperar outra paga. Alguns ha taõ deſvanecidos, que cuidaõ, que fizeraõ mais do que deviaõ. Enganaõſe. Quem mais he, e mais póde, mais deve. O Sol, e as eſtrellas ſervem ſem ceſſar, e ſempre com grande utilidade; mas eſſa toda he do univerſo, e nada ſua. Prezaivos lá de filhos do Sol, e taõ illuſtres como as eſtrellas, e abateivos a mendigar outra paga!

821 Eu naõ pertendo com iſto eſcuſar os que vós accuſais. Porque vós ſois benemerito, naõ devem elles ſer injuſtos; antes aprender da voſſa generoſidade a ſer generoſos, e liberaes. Que daõ, ou que podem dar a quem deo por elles o ſangue? Mas

por-

porque ainda com o pouco, que podem, faltaõ ao agradecimento, quero eu que vos naõ falte a conſolaçaõ. Se voſſos feitos foraõ Romanos, conſolaivos com Cataõ, que naõ teve eſtatua no Capitolio. Vinhaõ os eſtrangeiros a Roma, viaõ as eſtatuas daquelles varoens famoſos, e perguntavaõ pela de Cataõ. Eſta pergunta era a mayor eſtatua de todas. Aos outros pozlhes eſtatua o Senado, a Cataõ o mundo. Deixai perguntar ao mundo, e admirarſe de vos naõ ver premiado. Eſſa pergunta, e eſſa admiraçaõ he o mayor, e melhor de todos os premios. O que vos deo a virtude, naõ volo póde tirar a inveja: o que vos deo a fama, naõ volo póde tirar a ingratidaõ. Deixai os ſer ingratos, para que vós ſejais mais glorioſo. Hum grande merecimento ſobre huma grande ingratidaõ fica muito mais ſubido. Senaõ houveſſem ingratidoens, como haveria finezas? Naõ deis logo queixas ao deſagradecimento, dailhe graças.

822 Dirmeheis, que vedes differentemente premiados os que fizeraõ menos, ou naõ fizeraõ nada. Dor verdadeiramente grande! Já diſſe huma Rainha de Caſtella, que os ſeus ſerviaõ como vaſſallos, os noſſos como filhos. E naõ póde deixar de ſer grande eſcandalo do amor, e grande monſtruoſidade da natureza, que foſſem huns os filhos, e ſejaõ outros os herdeiros. Mas eſſa meſma injuſtiça vos deve ſervir de conſolaçaõ. Se o mundo, e o tempo fora taõ juſto, que diſtribuira os premios pela medida do merecimento, entaõ tinheis muita razaõ de queixa; porque vos faltava o teſtimunho da virtude, para que os meſmos premios foraõ inſtituidos; mas quando as merces naõ ſaõ prova de ſer homem, ſenaõ de ter homem, e quando naõ ſignificaõ valor, ſenaõ,

In vita Jean. 2.

ſenaõ valia, pouca injuria ſe faz a quem ſe naõ f
zem. Dizia com verdadeiro juizo Marco Tullio, q
as merces feitas a indignos naõ honraõ os homens
affrontaõ as honras. E aſſim he. As commendas e
ſemelhantes peitos naõ ſaõ cruz, ſaõ aſpa, e quand
ſe vem tantos enſambenitados da honra, bem vos po
deis honrar de naõ ſer hum delles. Sejaõ eſſes embo
ra exemplo da fortuna, ſede-o vós da virtude: *Vir*
Virgil. Æn. 12. *tutem ex me, fortunam ex aliis.*

823 Finalmente ſe os homens vos ſaõ ingratos
naõ ſejais vós ingrato a Deos. Se os Reys vos naõ
daõ o que podem, contentaivos com que vos dee
Deos o que naõ podem dar os Reys. Os Reys po-
dem dar titulos, rendas, eſtados; mas animo, valor,
fortaleza, conſtancia, deſprezo da vida, e as outras
virtudes, de que ſe compoem a verdadeira honra,
naõ podem. Se Deos vos fez eſtas merces, fazei pou-
co caſo das outras, que nenhuma vale o que cuſta.
Sobre tudo lembreſe o Capitaõ, e ſoldado famoſo
de quantos companheiros perdeo, e morreraõ nas
meſmas batalhas, e naõ ſe queixaõ. Os que morre-
raõ fizeraõ a mayor fineza, porque deraõ a vida por
quem lha naõ póde dar. E quem por merce de Deos
ficou vitorioſo, e vivo, como ſe queixará de mal
deſpachado? Se naõ beijaſtes a maõ Real pelas mer-
ces, que vos naõ fez, beijai a maõ da voſſa eſpada,
que vos fez digno dellas. Olhe o Rey para vós como
para hum perpetuo acredor, e gloriaivos de que ſe
naõ poſſa negar de devedor voſſo o que he ſenhor
de tudo. Se tiveſtes animo para dar o ſangue, e arriſ-
car a vida, moſtrai, que tambem vos naõ falta para
o ſoffrimento. Entaõ batalhaſtes com os inimigos,
agora he tempo de vos vencer a vós. Se o ſoldado ſe

vê

vê despido, folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com ellas a patria, por quem as recebeo. Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triunfos. E se em fim se vê morrer á fome, deixese morrer, e vinguese. Perdeloha quem o naõ sustenta, e perderá outros muitos com esse desengano. Naõ faltará quem diga por elle: *Quanti mercenarii abundant panibus, ego autem hic fame pereo!* E este ingrato, e escandaloso epitafio será para sua memoria muito mayor, e mais honrada commenda de quantas podem dar os que as daõ em huma, e muitas vidas. Luc. 15. 17.

824 Estes saõ os motivos glorioſos, com que eu naõ só me consolara, mas ainda me desvanecera, se fora hum dos mais benemeritos. Mas (porque *Non omnes capiunt verbum istud*) vamos á razaõ divina do Euangelho, com que se naõ podem deixar de consolar, e conformar todos os que tem fé, e ainda os que a naõ tem. Ouvime ao principio como homens, e depois como Christaõs. *Nescitis quid petatis*: Naõ sabeis o que pedís. Nenhum homem ha neste mundo, (fallando do Ceo abaixo) que saiba o que deseja, nem o que pede. Fundemos esta verdade na experiencia, para que as consequencias della sejaõ de mayor, e mais segura consolaçaõ. E porque a petiçaõ do Euangelho foy de huma mãy, e dous filhos, ponhamos tambem o exemplo em dous filhos, e huma mãy. Matth. 19. 11.

825 A mais encarecida, a mais empenhada, e a mais importuna, e impaciente petiçaõ, que fez mulher neste mundo, foy a de Rachel a seu marido Jacob: *Da mihi liberos, alioquin moriar*: Jacob, daime filhos, senaõ hei de morrer. Respondeolhe Jacob, que Genes. 30. 1.

os

os filhos ſó Deos os dá, e ſó elle os póde dar. E com ſer eſta razaõ taõ certa, e taõ experimentada, naõ ſe conformava com ella Rachel. Inſtava: *Da mihi liberos*. Dizialhe, que advertiſſe, como eſtava na primavera de ſeus annos, e que ainda lhe reſtavaõ muitos, em que podia ter naturalmente o que tanto deſejava. Mas eſta meſma eſperança a inquietava mais: *Da mihi liberos*. Animava-a com o exemplo de ſua avó Sara, que depois de taõ comprida eſterilidade houvera a Iſaac ſeu pay. Mas Rachel ſempre mais impaciente: *Da mihi liberos*. Ajuntava Jacob a eſtas razoens as da liſonja, mais poderoſas muitas vezes com a fraqueza, e preſumpçaõ daquelle ſexo: dizialhe, que olhaſſe para ſi, e ſe conſolaſſe com a roſa, a qual ſendo a belleza dos prados, é a Rainha das flores, he flor, que naõ dá fructo. Mas nem a liſonja, nem a razaõ, nem o exemplo, nem a eſperança baſtava a lhe moderar as ancias, nem as vozes: *Da mihi liberos*: *Da mihi liberos*. Eſta era a petiçaõ, eſte o aperto, eſtas as inſtancias. Mas qual foy o deſpacho, e o ſucceſſo? Caſo verdadeiramente admiravel! O deſpacho foy aſſim como Rachel pedia, e o ſucceſſo em tudo contrario ao que pedia. O que pedia Rachel, naõ ſó era filho, ſenaõ filhos: *Da mihi liberos*. E aſſim lho concedeo Deos; porque a fez mãy de Joſeph, e de Benjamim. Mas o ſucceſſo foy em tudo contrario ao que pedia; porque parindo felizmente o primeiro filho, morreo de parto, e no meſmo parto do ſegundo. Lembraivos agora dos termos, com que Rachel pedia os filhos: *Da mihi liberos, alioquin moriar*: Daime filhos, (dizia) ſe naõ hei de morrer. E quando cuidava, que havia de morrer, ſe naõ tiveſſe filhos, porque teve filhos, e no meſmo

no ponto, em que os teve, morreo. Cuidava, que pedia a vida, e pedia a morte: cuidava, que pedia a alegria sua, e de sua casa, e pedia a tristeza, o luto, a orfandade della, e os que lhe haviaõ de trocar a mesma casa em sepultura. Taõ errados saõ os pensamentos, e desejos humanos: e taõ certo he, que no que pedimos com mayores ancias, naõ sabemos o que pedimos: *Nescitis quid petatis.*

826 Confirmado o desengano da mãy dos Zebedeos com o exemplo desta mãy, confirmemos o de seus dous filhos com o exemplo de outros dous, posto que filhos de differentes pays. Sabida he a historia de Sansaõ, e sabida a do Prodigo, ambos famosos por seus excessos. Deixados pois os principios, e progressos de huma, e outra tragedia, ponhamonos ao fim de ambas, e vejamos o estado de extrema miseria, a que os passos de cada hum os levaraõ por taõ diversos caminhos. Vedes aquelle homem robusto, e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, tosquiados os cabellos, cavados os olhos, e correndo sangue, atado dentro em hum carcere a duas fortes cadeyas, anda moendo em huma atafona? Pois aquelle he Sansaõ. Vedes aquelle mancebo macilento, e pensativo, que roto, e quasi despido com huma corneta pendente do hombro, arrimado sobre hum cajado está guardando hum rebanho vil do gado mais ascoroso? Pois aquelle he o Prodigo. Quem haverá, que se naõ admire de huma tal volta de fortuna em dous sujeitos taõ notaveis, hum taõ valente, outro taõ altivo! He possivel, que nisto pararaõ as façanhas, e victorias de Sansaõ? He possivel, que nisto pararaõ as riquezas, e bizarrias do Prodigo? Nisto pararaõ, ou para melhor dizer, naõ para-

pararaõ só nisto; porque o Prodigo perecendo á fome no meyo do montado, naõ tinha licença para se sustentar das bolotas, com que apascentava o seu gado: e Sansaõ tirado em publico para ludribio do povo foy tratado com taes escarneos, e indecencias, que de corrido, e affrontado com suas proprias maõs se tirou a vida. Mas qual seria a causa destes successos, e de duas mudanças taõ estranhas? Agora naõ vos peço admiraçaõ, senaõ pasmo. Ambas estas mudanças de fortuna naõ tiveraõ outra causa, que o bom despacho de duas petiçoens, em que Sansaõ, e o Prodigo se empenharaõ. Pedio Sansaõ a seus pays, que lhe dessem por mulher huma Filistea: *Quam, quæso, ut accipiatis mihi uxorem.* Concederaõlhe os pays o que pedia: e esta Filistea foy a causa das guerras, que Sansaõ teve com os Filisteos, e dos enganos, e traiçoens de Dalila, e da sua prisaõ, e do seu cativeiro, e da sua cegueira, e das suas affrontas, e do fim lastimoso, e tragico do seu valor. Da mesma maneira pedio o Prodigo a seu pay lhe désse em vida a herança, que lhe havia de caber por sua morte: *Da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit.* Concedeolhe o pay o que pedia, e esta herança consumida em larguezas, e vicios da mocidade foy causa da sua pobreza, da sua vileza, da sua miseria, da sua fome, da sua servidaõ, da sua deshonra, que só tiveraõ de desconto o pezar, e arrependimento. Torne agora Rachel, e perguntemos áquella mãy, e a estes dous filhos, se pediriaõ depois de taõ pesadas, e contrarias experiencias o que antes dellas pediraõ. Pediria Rachel filhos, se soubesse, que o ter filhos lhe havia de custar a vida? Pediria Sansaõ a Filistea, se soubesse, que ella havia de ser a causa de

Judic. 14. 2.

Luc. 15. 12.

sua

sua affronta, de sua morte, e de perder os olhos, com que a vira? Pediria o Prodigo a herança anticipada, se soubera, que com ella havia de comprar a miseria, a servidaõ, a deshonra? Claro está que naõ. Pois se agora naõ haviaõ de pedir nada do que pediraõ, senaõ antes o contrario; porque o pediraõ entaõ? Já sabeis a resposta. Pediraõno, porque naõ sabiaõ o que pediaõ: pediraõno, porque ninguem sabe o que pede: e pediraõno, porque foraõ aquella mãy, e aquelles dous filhos, como a mãy, e os dous filhos do nosso Euangelho: *Nescitis quid petatis.*

827 Supposto este principio certo, e infallivel, que ninguem sabe o que pede, tirem agora a consequencia os que se tem por mal despachados. Se vós soubesseis, que vos estava bem o que pedistes, entaõ tinheis razaõ de estar contente, se vo lo concederaõ, ou descontente, se vo lo negaraõ. Mas quando ignorais igualmente, se vos estava bem, ou mal o que pertendieis, porque vos desconsolais? Se me desconsolo, porque cuido, que me podia estar bem; porque me naõ consolo considerando, que me podia estar mal, e mais quando nas cousas deste mundo o mal he o mais certo. Consolaivos com a desgraça de Rachel, consolaivos com a tragedia de Sansaõ, consolaivos com o arrependimento do Prodigo. E se estes exemplos vos movem menos por serem de longe, consolaivos com os de mais perto, e com os que vistes, e vedes com vossos olhos. Quantos vistes, que cuidavaõ, que estava o seu remedio, onde acharaõ a sua perdiçaõ? Quantos vistes, que cuidavaõ, que estava a sua honra, donde tiraraõ o seu descredito? Quantos vistes, que cuidavaõ, que estava o seu augmento, onde experimentaraõ a sua ruina? Quantos

finalmente viſtes, que os eſperava a morte, onde elles eſperavaõ os mayores intereſſes, e felicidades da vida? Alcançaraõ o que pediraõ, aceitaraõ muito contentes o parabem do deſpacho; mas o deſpacho naõ era parabem: *Pœnam pro munere poſcis*, diſſe o Sol a Faetonte, quando lhe pedio o governo do ſeu carro: Olha filho, que cuidas, que pedes mercé, e pedes caſtigo. O auctor he fabuloſo, mas a ſentença verdadeira. E ſe naõ perguntai-o aos noſſos Faetontes, aos do Oriente na Aſia, aos do Meyo dia na Africa, aos do Occidente na America. O meſmo carro, que pediraõ, foy o ſeu precipicio, e o meſmo exceſſo dos rayos o ſeu incendio. Se lhes buſcardes os oſſos fulminados, (como ſe buſcaraõ os de Faetonte) hũs achareis nas ondas, outros nas areyas, outros nos hoſpitaes, outros nos carceres, e nos deſterros, e poucos nas meſmas terras, que perderaõ, que ſora mais honrada ſepultura. Eſtes ſaõ os voſſos bem deſpachados. Quantos partiraõ, levavaõ apoz ſi as invejas: quando tornaraõ, ou naõ tornaraõ, trouxeraõ as lagrimas. E ſe elles ſe enganaraõ com o ſeu deſejo, e com a ſua fortuna, porque naõ ſouberaõ o que pediraõ; vós que tambem o naõ ſabeis, porque vos haveis de enganar? Deſenganaivos com o ſeu engano, e conſolaivos com o ſeu erro, pois nem elles, nem vós ſabeis o que pedis: *Neſcitis quid petatis.*

Ovid. mat. 2.

DIS-

DISCURSO LXXVII.

Tirado de hum ſermaõ de Saõ Pedro Nolaſco, em que o Auctor louva a Saõ Pedro, porque deo tudo para remir cativos, e pedio eſmola para lhes dar mais.

PEDIR.

828 NAõ ha couſa que tanto repugnem os homens como o pedir. He tal eſta repugnancia, que nem o ſangue a modera, nem o amor a facilita, nem ainda a meſma ambiçaõ, que he mais, a vence. Deixar he grandeza, pedir he ſujeiçaõ: deixar he deſprezar, pedir he fazerſe deſprezado: deixar he abrir as maõs proprias, pedir he beijar as alheyas: deixar he comprarſe, porque quem deixa, livraſe: pedir he venderſe, porque quem pede, cativaſe: deixar finalmente he acçaõ de quem tem, pedir he acçaõ de quem naõ tem. E tanto vay de pedir a deixar, quanto vay de naõ ter a ter. Quem dá o que tem, dá a fazenda: quem pede para dar, dá o ſangue, e o ſangue mais honrado, e mais ſenſitivo, que he o que ſahe ás faces. Quem dá o que tem, póde dar o que val pouco; mas quem dá o que pede, naõ póde dar, ſenaõ o que cuſta muito; porque nenhuma couſa cuſta tanto, como o pedir. Part. 2. Num. 208. Num. 209.

829 A palavra mais dura de pronunciar, e que para ſahir da boca huma vez ſe engole, e affoga muitas he *Peço*: *Moleſtum verbum eſt, oneroſum, & dimiſſo vultu dicendum Rogo*, diz Seneca, e acreſcenta, que até aos deoſes naõ pediriaõ os homens, ſe

se o naõ fizeſſem em ſecreto. O certo he, que hou
ve homem, a quem Deos convidou, e offereceo, qu
Iſai. 7. 11. pediſſe, e reſpondeo: *Non petam.* Conſiderai a qu
chegaõ muitas vezes os homens por naõ chegar
pedir, e vereis os que o naõ experimentaſtes, quan
to deve cuſtar. Finalmente he ſentença antiquiſſima
de todos os ſabios, que ninguem comprou mais caro,
que quem pedio: *Nulla res carius conſtat, quam*
quæ precibus empta eſt. Quem para dar, eſpera que
lhe peçaõ, vende: e quem pede, para que lhe dem,
compra, e pelo preço mais caro, e mais cuſtoſo.

Part. 14. Num. 31. 830 O melhor modo de pedir he agradecer. Aſ-
ſim como o ingrato ſó pela ingratidaõ perde o benefi-
ficio paſſado, aſſim o agradecido ſó pelo agradeci-
Caſſiod. in Pſ. 25. 3. mento ſolicita, e alcança o futuro: *Jugiter ſibi*
ſubvenire facit, cui collatum beneficium ante ocu-
los ſemper aſſiſtit. Chriſto para nos enſinar a pedir
dava graças, e Deos dá huma graça por outra. Pelas
graças, que lhe damos, dános as graças, que lhe pedi-
mos. Mas naõ eſpera Deos neſtes caſos nova petiçaõ;
porque o meſmo agradecer para com Deos he pedir,
e o agradecimento das merces, ou graças paſſadas
he memorial das futuras.

DISCURSO LXXVIII.

Tirado de hum ſermaõ das novenas de S. Franciſco Xavier.

PEREGRINAÇAM.

Part. 8. col. 429. 831 O Ir pelo mundo naõ he a meſma couſa pa-
ra todos, diz Seneca. Se o homem for ſa-
bio

io, he peregrinaçaõ, se for nescio, he desterro: *Sapiens peregrinatur, stultus exulat.* He peregrinaçaõ, se for sabio; porque terá muito que aprender do que ir, e experimentar, e terá para elle a mesma peregrinaçaõ estudo. Pelo contrario, se for nescio, naõ irará outro fructo das terras, que andar, senaõ estar óra da patria, e isto propriamente he desterro. A Geografia do mundo melhor se aprende vista no mesmo mundo, que pintada no mappa. Assim o fizeraõ os dous mayores, e mais famosos Mestres de huma, e outra Filosofia, Plataõ, e Aristoteles. Senec. de rem. fortuit.

DISCURSO LXXIX.

Tirado de hum sermaõ de nossa Senhora do O.

PRESENÇA.

832 A Presença para ser presença ha de ter alguma cousa de ausencia. O objecto da vista para se poder ver ha de ser presente; mas se está pegado, e unido á mesma potencia, he como se estivera ausente: ha de estar apartado dos olhos para se poder ver. Assim a presença para ser presença naõ ha de passar a ser intima, nem ha de estar totalmente unida, senaõ de algum modo distante. He a queixa de Narciso com verdadeira razaõ em historia fabulosa: *Quod cupio, mecum est: inopem me copia fecit*: O que desejo, tenho-o em mim, e porque o tenho em mim, careço do que tenho. Pois que remedio? *Votum in amante novum*: O remedio he hum desejo novo, qual nunca desejou quem amasse. E que desejo he este? *Vellem quod amamus abesse*: Desejar Part. 4. Num. 66.

que o que amo, se ausente, e se aparte de mim.

Part. 7. Num. 350. 833 A presença sem vista he mayor pena, que a ausencia; porque o naõ ver estando presente, ou naõ ver estando ausente, ainda que seja a mesma privaçaõ, naõ he a mesma dor. Estar ausente, e naõ ver he padecer a ausencia na ausencia; mas naõ ver estando presente he padecer a ausencia na presença. E se isto nas palavras he contradiçaõ, que violencia será na vontade?

DISCURSO LXXX.

Tirado de hum sermaõ de nossa Senhora da Conceiçaõ.

PRIMAZIA.

Part. 5. Num. 141. 834 BEm dizia ha muitos annos hum dos mayores Oradores de Hespanha: Ninguem póde pôr o pé, senaõ sobre pégada alheya. Boa satisfaçaõ para a desculpa, mas muito desconsolada para o desejo. Desta mesma se valeo Terencio, aquelle taõ celebrado Comico, o qual pedia perdaõ ao theatro Romano de lhe representar o que já tinha ouvido, e allegava em seu abono, que o mesmo tinhaõ feito os velhos, e assim o faziaõ os modernos.

Terent. in Eun. *Nullum est jam dictum, quod non dictum sit prius.*
Quare æquum est vos cognoscere, & ignoscere.
Quod veteres fecit tarunt, sic faciunt novi.

E se isto se usava na cabeça do mundo ha mais de mil annos, que será hoje entre nós, onde naõ he taõ facil inventar novos argumentos, como novos trajos?

Num. 142. 835 Eu porém naõ me acabo de sujeitar a este dictame;

ctame; porque ainda que os antigos beberaõ primeiro nas fontes, nem por iſſo as eſgotaraõ: *Multum egerunt qui ante nos fuerunt, ſed non peregerunt*, diz Seneca: Muito fizeraõ os que vieraõ antes de nós, mas naõ perfizeraõ. Entre o fazer, e o perfazer ha grandes intervallos: *Multum autem reſtat operis, multumque reſtabit.* Aſſim como elles accreſcentaraõ ſobre o que tinhaõ dito os mais antigos, aſſim nós podemos accreſcentar, e deſcobrir de novo o que elles naõ acharaõ, como tambem ſobre nós os que depois vierem. Iſto eſcreveo animoſamente o mayor eſpirito dos Eſtoicos.

DISCURSO LXXXI.

Tirado de hum ſermaõ da terceira Dominga do Advento, em que o Auctor moſtra haver juizo de cada hum para conſigo, ſobre aquella pergunta, que os Embaixadores fizeraõ ao Bautiſta:

Propheta es tu?

PROFETAS.

836 TEnhaõ os Reys Profetas ao lado, e elles teraõ ſeguras as ſuas glorias. Chriſto Senhor noſſo naſceo entre dous animaes, morreo entre dous ladroens, e transfigurouſe entre dous Profetas. Entre dous animaes eſteve pobre, entre dous ladroens eſteve crucificado, e entre dous Profetas eſteve glorioſo. Ora já que importa tanto ao Reyno o ter Profetas, examinemos o *Propheta es tu*, e vejamos por onde ſe haõ de conhecer os verdadeiros Profetas. Primeiramente advirto, que os Profetas naõ Num. 98. Part. 5. Num. 97.

ſe haõ de conhecer, nem avaliar pelo numero. Ainda que ſejaõ mais os que dizem huma couſa, nem por iſſo ſe haõ de ter por Profetas. Os quatrocentos
Num. 99. Profetas contados eraõ mais, que Micheas, e Micheas pezado era mais que os quatrocentos.

Num. 100. 837 Supposto pois, que os Profetas ſe naõ haõ de conhecer pelo numero; por onde ſe haõ de conhecer? Por tres couſas: pelos olhos, pelo coraçaõ, e pelos ſucceſſos. Conhecemſe os verdadeiros Profetas pelos olhos, porque o ver he o fundamento do profetizar. Os Profetas na Eſcritura chamaõſe *Videntes*: Os que vem. Só os que vem, ſaõ Profetas. Aſſim como a mais nobre profecia ſobrenatural conſiſte na viſaõ, aſſim a mais certa profecia natural conſiſte na viſta: ſó quem vio, póde profetizar naturalmente com certeza. E a razaõ he muito clara. A profecia humana conſiſte no verdadeiro diſcurſo: o diſcurſo verdadeiro naõ ſe póde fazer ſem todas as noticias, e todas as noticias ſó as póde ter quem vio com os olhos. Nenhuma couſa houve mais aſſentada na antiguidade, que ſer inhabitavel a Zona torrida; e as razoens, com que os Filoſofos o provavaõ, eraõ ao parecer taõ evidentes, que ninguem havia, que o negaſſe. Deſcobriraõ finalmente os pilotos, e marinheiros Portuguezes as coſtas de Africa, e da America, e ſouberaõ mais, e filoſofaraõ melhor ſobre hum ſó dia de viſta, que todos os ſabios, e Filoſofos do mundo em cinco mil annos de eſpeculaçaõ. Os diſcurſos de quem naõ vio, ſaõ diſcurſos: os ditames de quem vio, ſaõ profecias.

Num. 101. 838 Outro final da profecia he o coraçaõ; porque conforme cada hum tem o coraçaõ, aſſim profetiza. Os antigos quando queriaõ prognoſticar o futuro,

turo, sacrificavaõ os animaes, consultavaõlhe as entranhas, e confórme o que viaõ nellas, assim prognosticavaõ. Naõ consultavaõ a cabeça, que he o assento do entendimento, senaõ as entranhas, que he o lugar do amor; porque naõ prognosticava melhor quem melhor o entende, senaõ quem mais ama. E este costume era geral em toda a Europa antes da vinda de Christo, e os Portuguezes tinhaõ huma grande singularidade nelle entre os outros gentios. Os outros consultavaõ as entranhas dos animaes, os Portuguezes consultavaõ as entranhas dos homens. Assim o diz Strabo no livro 3. *Lusitanis vetus mos erat ex intestinis hominum exta prospicere, atque inde omina, & divinationes captare*: Era costume dos antigos Portuguezes (diz Strabo) consultar as entranhas dos homens, que sacrificavaõ, e dellas conjecturar, e adivinhar os futuros. A superstiçaõ era falsa, mas a allegoria era muito verdadeira. Naõ ha lume de profecia mais certo no mundo, que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Naõ: Dos sacrificados. As entranhas dos sacrificados eraõ as que consultavaõ os antigos: primeiro faziaõ o sacrificio, entaõ consultavaõ as entranhas. Se quereis profetizar os futuros, consultai as entranhas dos homens sacrificados: consultemse as entranhas dos que se sacrificaraõ, e dos que se sacrificaõ, e o que elles differem, isso se tenha por profecia. Porém consultar as entranhas de quem naõ se sacrificou, nem se sacrifica, nem se ha de sacrificar, he naõ querer profecias verdadeiras: he querer cegar o presente, e naõ acertar o futuro. Strab. lib. 3.

839 O ultimo final de conhecer os Profetas saõ os successos. No Deuteronomio prometteo Deos a Num. 102.

seu

seu povo, que lhe daria Profetas, e o final, que lhe deo para os conhecer, foy só este: *Hoc vobis signum: Quod Propheta prædixerit, & non evenerit, hoc Dominus non est locutus.* Quando duvidares de algum se he Profeta, ou naõ, observareis esta regra: Se o que elle disser antes, succeder depois, tende-o por verdadeiro Profeta; mas se o que elle disser, naõ succeder, tende o por Profeta falso. Naõ póde haver final nem mais facil, nem mais certo. Sabeis a quem haveis de ter por Profetas? Sabeis de quaes haveis de cuidar, que acertaraõ com os futuros? Aquelles, de quem tiveres experiencia, que tudo, ou quasi tudo o que disseraõ antes, veyo a succeder depois. Este dictame seguio Faraó com Joseph, Nabucodonosor com Daniel, e todos os Principes prudentes com seus conselheiros. Mas assim como ha Profetas de antes, assim ha Profetas de depois. Ha muitos mui prezados de Profetas, que depois de acontecerem os maos successos entaõ profetizaõ pelo arrependimento o que fora melhor ter profetizado antes pelo discurso. Este foy hum dos tormentos da paixaõ de Christo. Ataraõ a Christo hum pano pelos olhos, davaõlhe com as maõs sacrilegas na sagrada cabeça, e diziaõ por escarneo, que profetizasse quem lhe dera: *Prophetiza nobis Christe, quis est, qui te percussit.* Profetizar depois de levar na cabeça he profecia de quem tem os olhos tapados: he escarneo da paixaõ de Christo. Naõ haveis de profetizar quem vos deo, senaõ quem vos póde dar; porque he melhor reparar os golpes, que curallos: e se o successo mostrar, que a profecia foy certa, a quem a disser, tende-o por Profeta: *Propheta es tu.*

Matth. 26. 68.

840 Já sabeis, que havemos de fazer a mesma pergun-

pergunta na noſſa terra: *Propheta es tu? Quid di-* Num 97.
cis de te ipſo? Vós, que tantas couſas dizeis de vós, ſois tambem Profeta? *Propheta, & pluſquam Propheta.* Os voſſos diſcurſos ſaõ vaticinios, as voſſas propoſiçoens ſaõ revelaçoens, os voſſos dictames ſaõ profecias, os voſſos futuros naõ tem contingencia: o que ſuccede depois, he tudo o que diſſeſtes antes: tendes intelligencias na ſecretaria do Eſpirito Santo: naõ ſe decreta lá couſa, que ſe naõ regiſte primeiro comvoſco. Baſta iſto? Ainda tendes mais. Se ſe trataõ materias de eſtado, ſois hum Profeta Daniel: ſe ſe trataõ materias de guerra, ſois hum Profeta Iſaias: ſe ſe trataõ materias de mar, ſois hum Profeta Jonas: ſe ſe trataõ materias eccleſiaſticas, ſois hum Profeta Ezechiel: ſe fazeis advertencias aos Reys, ſois hum Profeta Nathan: ſe chorais as calamidades do povo, ſois hum Profeta Jeremias: ſe pedís ſoccorros ao Ceo, ſois hum Profeta Baruch: e ſe tendes algum intereſſe, como tendes muitos, ſois hum Profeta Balaõ. Muitas graças ſejaõ dadas a Deos, que nos deo tantos Profetas na noſſa idade. Naõ de balde eſtaõ prognoſticadas tantas felicidades ao noſſo Reyno! Naõ poderá elle deixar de ſer muito glorioſo, tendo dentro em ſi tantos, e taes Profetas.

DIS-

DISCURSO LXXXII.

Tirado de hum ſermaõ da Sexageſima prégado na Capella Real contra os eſtylos dos Prégadores.

PRE'GADORES.

Part. 1. col. 1.

841 E Se quizeſſe Deos, que eſte taõ illuſtre, e taõ numeroſo auditorio ſahiſſe hoje taõ deſenganado da prégaçaõ, como vem enganado com o Prégador! Ouçamos o Euangelho, e ouçamolo todo, que todo he do caſo, que me ieyou, e trouxe de taõ longe: *Ecçe exiit, qui ſeminat, ſeminare*: Diz Chriſto, que ſahio o Prégador Euangelico a ſemear

col. 14. a palavra divina: *Semen eſt verbum Dei.* O trigo, que ſemeou o Prégador Euangelico, diz Chriſto, que he a palavra de Deos. Os eſpinhos, as pedras, o caminho, e a terra boa, em que o trigo cahio, ſaõ os diverſos coraçoens dos homens. Os eſpinhos ſaõ os coraçoens embaraçados com cuidados, com riquezas, com delicias, e neſtes afogaſe a palavra de Deos. As pedras ſaõ os coraçoens duros, e obſtinados, e neſtes ſecaſe a palavra de Deos, e ſe naſce, naõ cria raizes. Os caminhos ſaõ os coraçoens inquietos, e perturbados com a paſſagem, e tropel das couſas do mundo, humas, que vaõ, outras, que vem, outras, que atraveſſaõ, e todas paſſaõ, e neſtes he pizada a palavra de Deos, porque ou a deſattendem, ou a deſprezaõ. Finalmente a terra boa ſaõ os coraçoens bons, ou os homens de bom coraçaõ, e neſtes prende, e fructifica a palavra divina com tanta fecundidade, e abundancia, que ſe colhe cento por hum: *Et fructum fecit centuplum.*

842 Eſte

842 Este grande fructificar da palavra de Deos he o em que reparo hoje: e he huma duvida, ou admiraçaõ, que me traz suspenso, e confuso depois que subo ao pulpito. Se a palavra de Deos he taõ efficaz, e taõ poderosa, como vemos taõ pouco fructo da palavra de Deos? Diz Christo, que a palavra de Deos fructifica cento por hum: e já eu me contentára com que fructificasse hum por cento. Se com cada cem sermoens se convertera, e emendara hum homem, já o mundo fora santo. Este argumento de fé fundado na authoridade de Christo se aperta ainda mais na experiencia comparando os tempos passados com os presentes. Lede as historias Ecclesiasticas, e achallasheis todas cheyas de admiraveis effeitos da prégaçaõ da palavra de Deos. Tantos peccadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformaçaõ de costumes, os grandes desprezando as riquezas, e vaidades do mundo, os Reys renunciando os cetros, e as coroas, as mocidades, e as gentilezas metendose pelos desertos, e pelas covas: e hoje? Nada disto. Nunca na Igreja de Deos houve tantas prégaçoens, nem tantos Prégadores como hoje. Pois se tanto se semea a palavra de Deos, como he taõ pouco o fructo? Naõ ha hum homem, que em hum sermaõ entre em si, e se resolva: naõ ha hum moço, que se arrependa: naõ ha hum velho, que se desengane: que he isto? Assim como Deos naõ he hoje menos omnipotente, assim a sua palavra naõ he hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deos he taõ poderosa, se a palavra de Deos tem hoje tantos Prégadores; porque naõ vemos hoje nenhum fructo da palavra de Deos? Esta taõ grande, e taõ importante duvida será a materia do ser-

maõ.

maõ. Quero começar prégandome a mim. A mim ſerá, e tambem a vós: a mim para aprender a prégar, a vós para que aprendais a ouvir.

843 Fazer pouco fructo a palavra de Deos no mundo póde proceder de hum de tres principios, ou da parte do Prégador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deos. Para huma alma ſe converter por meyo de hum ſermaõ ha de haver tres concurſos: ha de concorrer o Prégador com a doutrina perſuadindo, ha de concorrer o ouvinte com o entendimento percebendo, ha de concorrer Deos com a graça allumiando. Para hum homem ſe ver a ſi meſmo ſaõ neceſſarias tres couſas, olhos, eſpelho, e luz. Se tem eſpelho, e he cego, naõ ſe póde ver por falta de olhos: ſe tem eſpelho, e olhos, e he de noite, naõ ſe póde ver por falta de luz. Logo ha miſter luz, ha miſter eſpelho, e ha miſter olhos. Que couſa he a converſaõ de huma alma, ſenaõ entrar hum homem dentro em ſi, e verſe a ſi meſmo? Para eſta viſta ſaõ neceſſarios olhos, he neceſſaria luz, e he neceſſario eſpelho. O Prégador concorre com o eſpelho, que he a doutrina: Deos concorre com a luz, que he a graça: o homem concorre com os olhos, que he o conhecimento. Ora ſuppoſto que a converſaõ das almas por meyo da prégaçaõ depende deſtes tres concurſos, de Deos, do Prégador, e do ouvinte; por qual delles havemos de entender, que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do Prégador, ou por parte de Deos? Primeiramente por parte de Deos naõ falta, nem póde faltar. Eſta propoſiçaõ he de fé definida no Concilio Tridentino, e no noſſo Euangelho a temos. Do trigo, que deitou á terra o ſemeador, huma parte ſe logrou, e tres ſe perderaõ.

E por-

E porque se perderaõ estas tres? A primeira perdeo-se, porque a afogaraõ os espinhos: a segunda, porque a secaraõ as pedras: a terceira, porque a pizaraõ os homens, e a comeraõ as aves. Isto he o que diz Christo; mas notai o que naõ diz. Naõ diz, que parte alguma daquelle trigo se perdesse por causa do Sol, ou da chuva. A causa, porque ordinariamente se perdem as sementeiras, he pela desigualdade, e pela intemperança dos tempos, ou porque falta, ou sobeja a chuva, ou porque falta, ou sobeja o Sol. Pois porque naõ introduz Christo na parabola do Euangelho algum trigo, que se perdesse por causa do Sol, ou da chuva? Porque o Sol, e a chuva saõ as influencias da parte do Ceo, e deixar de fructificar a semente da palavra de Deos nunca he por falta do Ceo, sempre he por culpa nossa. Deixará de fructificar a sementeira ou pelo embaraço dos espinhos, ou pela dureza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; mas por falta das influencias do Ceo, isso nunca he, nem póde ser. Sempre Deos está prompto de sua parte com o Sol para aquentar, e com a chuva para regar; com o Sol para allumiar, e com a chuva para amollecer, se os nossos coraçoens quizerem: *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos,* Matth. 5. *& pluit super justos, & injustos.* Se Deos dá o seu 45. Sol, e a sua chuva aos bons, e aos maos, aos maos que se quizerem fazer bons, como a negará? Este ponto he taõ claro, que naõ ha para que nos detenhamos em mais prova. *Quid debui facere vineæ meæ,* Isai, 5 4. *& non feci?* disse o mesmo Deos por Isaias. Sendo pois certo, que a palavra divina naõ deixa de fructificar por parte de Deos, segue-se, que ou he por falta do Prégador, ou por falta dos ouvintes. Por qual será?

ſerá ? Os Prégadores deitaõ a culpa aos ouvintes mas naõ he aſſim. Se fora por parte dos ouvintes, naõ fizera a palavra de Deos muito grande fructo; mas naõ fazer nenhum fructo, e nenhum effeito naõ he por parte dos ouvintes. Provo. Os ouvintes ou ſaõ maos, ou ſaõ bons: ſe ſaõ bons, faz nelles grande fructo a palavra de Deos: ſe ſaõ maõs, ainda que naõ faça nelles fructo, faz effeito. No Euangelho o temos. O trigo, que cahio nos eſpinhos, naſceo, mas affogaraõno: *Simul exortæ ſpinæ ſuffocaverunt illud.* O trigo, que cahio nas pedras, naſceo tambem, mas ſecouſe: *Et natum aruit.* O trigo, que cahio na terra boa, naſceo, e fructificou com grande multiplicaçaõ: *Et natum fecit fructum centuplum.* De maneira que o trigo, que cahio na boa terra, naſceo, e fructificou: o trigo, que cahio na má terra, naõ fructificou, mas naſceo; porque a palavra de Deos he taõ fecunda, que nos bons faz muito fructo, e he taõ efficaz, que nos maos ainda que naõ faça fructo, faz effeito: lançada nos eſpinhos naõ fructificou, mas naſceo até nos eſpinhos: lançada nas pedras naõ fructificou, mas naſceo até nas pedras. Os peyores ouvintes, que ha na Igreja de Deos, ſaõ as pedras, e os eſpinhos. E porque? Os eſpinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos, e ouvintes de vontades endurecidas ſaõ os peyores que ha. Os ouvintes de entendimentos agudos ſaõ maos ouvintes, porque vem ſó a ouvir ſubtilezas, a eſperar galantarias, a avaliar penſamentos, e ás vezes tambem a picar a quem os naõ pica: *Aliud cecidit inter ſpinas*: o trigo naõ picou os eſpinhos, antes os eſpinhos o picaraõ a elle: o meſmo ſuccede cá. Cuidais, que o ſermaõ vos picou a vós, e naõ he aſſim,

im, vós tois o que picais o fermaõ. Por isto saõ máos ouvintes os de entendimentos agudos, mas os de vontades endurecidas ainda saõ peyores; porque hum entendimento agudo pódese ferir pelos mesmos fios, e vencerse huma agudeza com outra mayor; mas contra vontades endurecidas nenhuma cousa aproveita a agudeza, antes damna mais; porque quanto as setas saõ mais agudas, tanto mais facilmente se despontaõ na pedra. Oh Deos nos livre de vontades endurecidas, que ainda saõ peyores, que as pedras. A vara de Moysés abrandou as pedras, e naõ pode abrandar huma vontade endurecida: *Percutiens virga bis silicem, & egressæ sunt aquæ largissimæ. Induratum est cor Pharaonis.* E com os ouvintes de entendimentos agudos, e os ouvintes de vontades endurecidas serem os mais rebeldes, he tanta a força da divina palavra, que a pezar da agudeza nasce nos espinhos, e a pezar da dureza nasce nas pedras. Poderamos arguir ao lavrador do Euangelho de naõ cortar os espinhos, e de naõ arrancar as pedras antes de semear; mas de industria deixou no campo as pedras, e os espinhos, para que se visse a força do que semeava. He tanta a força da divina palavra, que sem cortar, nem despontar espinhos, nasce entre espinhos. He tanta a força da divina palavra, que sem arrancar, nem abrandar pedras, nasce nas pedras. Coraçoens embaraçados como espinhos, coraçoens secos, e duros como pedras, ouvi a palavra de Deos, e tende confiança: tomai exemplo nessas mesmas pedras, e nesses espinhos. Esses espinhos, e essas pedras agora resistem ao semeador do Ceo, mas virá tempo, em que essas mesmas pedras o acclamem, e esses mesmos espinhos o coroem. Quando

Exod. 7. 33. Num. 20. 11.

Matth. 27. 51. Et ſcę træ ſciſſæ ſunt ib. 29. Coronam de ſpinis poſuerunt ſuper caput ejus.

o ſemeador do Ceo deixou o campo ſahindo deſte mundo, as pedras ſe quebraraõ para lhe fazerem acclamaçoens, e os eſpinhos ſe teceraõ para lhe fazerem coroa. E ſe a palavra de Deos até dos eſpinhos, e das pedras triunfa: ſe a palavra de Deos até nas pedras, até nos eſpinhos naſce, naõ triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deos, nem naſcer nos coraçoens naõ he por culpa, nem por indiſpoſiçaõ dos ouvintes.

844 Suppoſtas eſtas duas demonſtraçoens, ſuppoſto que o fructo, e effeito da palavra de Deos naõ fica nem por parte de Deos, nem por parte dos ouvintes, ſegueſe por conſequencia clara, que fica por parte do Prégador. E aſſim he. Sabeis, Chriſtaõs, porque naõ faz fructo a palavra de Deos? Por culpa dos Prégadores. Sabeis, Prégadores, porque naõ faz fructo a palavra de Deos? Por culpa noſſa.

845 Mas como em hum Prégador ha tantas qualidades, e em huma prégaçaõ tantas leys, e os Prégadores podem ſer culpados em todas, em qual conſiſtirá eſta culpa? No Prégador podemſe conſiderar cinco circunſtancias: a peſſoa, a ciencia, a materia, o eſtylo, a voz. A peſſoa, que he, a ciencia, que tem, a materia, que trata, o eſtylo, que ſegue, a voz, com que falla. Todas eſtas circunſtancias temos no Euangelho. Vamolas examinando huma por huma, e buſcando eſta cauſa.

846 Será por ventura o naõ fazer fructo hoje a palavra de Deos pela circunſtancia da peſſoa? Será, porque antigamente os Prégadores eraõ ſantos, eraõ varoens Apoſtolicos, e exemplares, e hoje os Prégadores ſaõ eu, e outros como eu. Boa razaõ he eſta. A diffiniçaõ do Prégador he a vida, e o exemplo.

plo. Por isso Christo no Euangelho naõ o comparou ao semeador, senaõ ao que semea. Reparai. Naõ diz Christo: Sahio a semear o semeador, senaõ sahio a semear, o que semea: *Ecce exiit, qui seminat, seminare.* Entre o semeador, e o que semea ha muita differença: huma cousa he o soldado, e outra cousa o que peleja: huma cousa he o Governador, e outra o que governa. Da mesma maneira huma cousa he o semeador, e outra o que semea: huma cousa he o Prégador, e outra o que prega. O semeador, e o Prégador he nome, o que semea, e o que prega he acçaõ, e as acçoens saõ as que daõ o ser ao Prégador. Ter nome de Prégador, ou ser Prégador de nome naõ importa nada: as acçoens, a vida, o exemplo, as obras saõ as que convertem o mundo. O melhor conceito, que o Prégador leva ao pulpito, qual cuidais que he? He o conceito, que de sua vida tem os ouvintes. Antigamente convertiase o mundo, hoje porque se naõ converte ninguem? Porque hoje prégaõse palavras, e pensamentos: antigamente prégavaõse palavras, e obras. Palavras sem obras saõ tiro sem bala, atroaõ, mas naõ ferem. A funda de David derrubou ao Gigante; mas naõ o derrubou com o estalo, senaõ com a pedra: *Infixus est lapis in fronte ejus.* 1. Reg. 16. 49. As vozes da arpa de David lançavaõ fóra os demonios do corpo de Saul; mas naõ eraõ vozes pronunciadas com a boca, eraõ vozes formadas com a maõ: *David tollebat citharam, & percutiebat manu sua.* 1. Reg. 16. 23. Por isso Christo comparou o Prégador ao semeador. O prégar, que he fallar, fazse com a boca: o prégar, que he semear, fazse com a maõ. Para fallar ao vento bastaõ palavras, para fallar ao coraçaõ saõ necessarias obras. Diz o Euange-

lho, que a palavra de Deos fructificou cento por hum. Que quer iſto dizer? Quer dizer, que de huma palavra naſceraõ cem palavras? Naõ. Quer dizer, que de poucas palavras naſceraõ muitas obras. Pois palavras, que fructificaõ obras, vede, ſe podem ſer ſó palavras? Quiz Deos converter o mundo, e que fez? Mandou ao mundo ſeu Filho feito homem. Notai. O Filho de Deos, em quanto Deos, he palavra de Deos, naõ he obra de Deos: *Genitum, non factum.* O Filho de Deos, em quanto Deos, e homem, he palavra
Joan. 1. 14. de Deos, e obra de Deos juntamente: *Verbum caro factum eſt.* De maneira, que até de ſua palavra deſacompanhada de obras naõ fiou Deos a converſaõ dos homens. Na uniaõ da palavra de Deos com a mayor obra de Deos conſiſtio a efficacia da ſalvaçaõ do mundo. Verbo divino he a palavra divina; mas importa pouco, que as noſſas palavras ſejaõ divinas, ſe forem deſacompanhadas de obras. A razaõ diſto he; porque as palavras ouvemſe, as obras vemſe: as palavras entraõ pelos ouvidos, as obras entraõ pelos olhos, e a noſſa alma rendeſe muito mais pelos olhos, que pelos ouvidos. No Ceo ninguem ha, que naõ ame a Deos, nem poſſa deixar de o amar. Na terra ha taõ poucos, que o amem, todos o offendem. Deos naõ he o meſmo, e taõ digno de ſer amado no Ceo, como na terra? Pois como no Ceo obriga, e neceſſita a todos a o amarem, e na terra naõ? A razaõ he; porque Deos no Ceo he Deos viſto, Deos na terra he Deos ouvido. No Ceo entra o conhecimen-
Joan. 1. 3. 2. to de Deos á alma pelos olhos: *Videbimus eum ſicuti eſt*: na terra entralhe o conhecimento de Deos
Rom. 10. 16. pelos ouvidos: *Fides ex auditu*, e o que entra pelos ouvidos crêſe, o que entra pelos olhos neceſſita.

Viraõ

ta. Viraõ os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo, e os effeitos do ſermaõ ſeriaõ muito outros.

847 Vai hum Prégador prégando a paixaõ, chega ao Pretorio de Pilatos, conta como a Chriſto o fizeraõ Rey de zombaria, diz, que tomaraõ huma purpura, e lha pozeraõ aos hombros: ouve aquillo o auditorio muito attento. Diz, que teceraõ huma coroa de eſpinhos, e que lha pregaraõ na cabeça: ouvem todos com a meſma attençaõ. Diz mais, que lhe ataraõ as maõs, e lhe meteraõ nellas huma cana por cetro: continua o meſmo ſilencio, e a meſma ſuſpenſaõ nos ouvintes. Correſe neſte paſſo huma cortina, apparece a imagem do *Ecce homo*: eis todos proſtrados por terra, eis todos a bater nos peitos, eis as lagrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas, que he iſto? Que appareceo de novo neſta Igreja? Tudo, o que deſcubrio aquella cortina, tinha já dito o Prégador. Já tinha dito daquella purpura, já tinha dito daquella coroa, e daquelles eſpinhos, já tinha dito daquelle cetro, e daquella cana. Pois ſe iſto entaõ naõ fez abalo nenhum, como faz agora tanto? Porque entaõ era *Ecce homo* ouvido, e agora he *Ecce homo* viſto. A relaçaõ do Prégador entrava pelos ouvidos, a repreſentaçaõ daquella figura entra pelos olhos. Sabem, Padres Prégadores, porque fazem pouco abalo os noſſos ſermoens? Porque naõ prégamos aos olhos, prégamos ſó aos ouvidos. Porque convertia o Bautiſta tantos peccadores? Porque aſſim como as ſuas palavras prégavaõ aos ouvidos, o ſeu exemplo prégava aos olhos. As palavras do Bautiſta prégavaõ penitencia: *Agite pœnitentiam*: Homens fazei penitencia, e o exemplo clamava: *Ecce* Matth 3.2.

homo: Eis aqui eſtá o homem, que he o retrato da penitencia, e da aſpereza. As palavras do Bautiſta prégavaõ jejum, e reprehendiaõ os regalos, e demaſias da gula, e o exemplo clamava: *Ecce homo*, Eis aqui eſtá o homem, que ſe ſuſtenta de gafanhotos, e mel ſylveſtre. As palavras do Bautiſta prégavaõ compoſiçaõ, e modeſtia, e condemnavaõ a ſoberba, e a vaidade das galas, e o exemplo clamava: *Ecce homo*: Eis aqui eſtá o homem veſtido de pelles de camelo com as cerdas, e cilicio á raiz da carne. As palavras do Bautiſta prégavaõ deſpegos, e retiros do mundo, e fugir das occaſioens, e dos homens, e o exemplo clamava: *Ecce homo*: Eis aqui o homem, que deixou as Cortes, e as Cidades, e vive em hum deſerto, e em huma cova. Se os ouvintes ouvem huma couſa, e vem outra, como ſe haõ de converter? Jacob punha as varas manchadas diante das ovelhas, quando concebiaõ, e daqui procedia, que os cordeiros naſciaõ manchados. Se quando os ouvintes percebem os noſſos conceitos, tem diante dos olhos as noſſas manchas, como haõ de conceber virtudes? Se a minha vida he apologia contra a minha doutrina: ſe as minhas palavras vaõ já refutadas nas minhas obras: ſe huma couſa he o ſemeador, e outra o que ſemea, como ſe ha de fazer fructo?

Geneſ. 30. 39. Factum-que eſt, ut oves intuerentur virgas, & parerent maculoſa.

848 Muito boa, e muito forte razaõ era eſta de naõ fazer fructo a palavra de Deos; mas tem contra ſi o exemplo, e experiencia de Jonas. Jonas fugitivo de Deos, deſobediente, contumaz, e ainda depois de engulido, e vomitado iracundo, impaciente, pouco caritativo, pouco miſericordioſo, e mais zeloſo, e amigo da propria eſtimaçaõ, que da honra de Deos, e ſalvaçaõ das almas, deſejoſo de ver ſub-

Jonæ 1. 2. 3. 4.

vertida a Ninive, e de a ver ſubverter com ſeus olhos, havendo nella tantos mil innocentes: com tudo eſte meſmo homem com hum ſermaõ converteo o mayor Rey, a mayor Corte, e o mayor Reyno do mundo, e naõ de homens fieis, ſenaõ de gentios idolatras. Outra he logo a cauſa, que buſcamos. Qual ſerá?

849 Será por ventura o eſtylo, que hoje ſe uſa nos pulpitos? Hum eſtylo taõ empeçado, hum eſtylo taõ difficultoſo, hum eſtylo taõ affectado, hum eſtylo taõ encontrado a toda a arte, e a toda a natureza? Boa razaõ he tambem eſta. O eſtylo ha de ſer muito facil, e muito natural. Por iſſo Chriſto comparou o prégar ao ſemear: *Exiit, qui ſeminat, ſeminare.* Comparou Chriſto o prégar ao ſemear; porque o ſemear he huma arte, que tem mais de natureza, que de arte. Nas outras artes tudo he arte, na Muſica tudo ſe faz por compaſſo, na Architectura tudo ſe faz por regra, na Arithmetica tudo ſe faz por conta, na Geometria tudo ſe faz por medida. O ſemear naõ he aſſim. He huma arte ſem arte, caya onde cahir. Vede como ſemeava o noſſo lavrador do Euangelho Cahia o trigo nos eſpinhos, e naſcia: *Aliud cecidit inter ſpinas, & ſimul exortæ ſpinæ.* Cahia o trigo nas pedras, e naſcia: *Aliud cecidit ſuper petram, & natum.* Cahia o trigo na terra boa, e naſcia: *Aliud cecidit in terram bonam, & natum.* Hia o trigo cahindo, e hia naſcendo.

850 Aſſim ha de ſer o prégar. Haõ de cahir as couſas, e haõ de naſcer: taõ naturaes, que vaõ cahindo: taõ proprias, que venhaõ naſcendo. Que differente he o eſtylo violento, e tyrannico, que hoje ſe uſa? Ver vir os triſtes paſſos da Eſcritura, como quem vem ao martyrio: huns vem acarretados, outros

tros vem arraſtados, outros vem eſtirados, outros vem torcidos, outros vem deſpedaçados, ſó atados naõ vem. Ha tal tyrannia? Entaõ no meyo diſto: Que bem levantado eſtá aquillo! Naõ eſtá a couſa no levantar, eſtá no cahir: *Cecidit*. Notai huma allegoria propria da noſſa lingua. O trigo do ſemeador, ainda que cahio quatro vezes, ſó de tres naſceo. Para o ſermaõ vir naſcendo, ha de ter tres modos de cahir. Ha de cahir com queda, ha de cahir com cadencia, ha de cahir com caſo. A queda he para as couſas, a cadencia para as palavras, o caſo para a diſpoſiçaõ. A queda he para as couſas; porque haõ de vir bem trazidas, e em ſeu lugar, haõ de ter queda: a cadencia he para as palavras; porque naõ haõ de ſer eſcabroſas, nem diſſonantes, haõ de ter cadencia: o caſo he para a diſpoſiçaõ; porque ha de ſer taõ natural, e taõ deſaffectada, que pareça caſo, e naõ eſtudo: *Cecidit, cecidit, cecidit.*

851 Já que fallo contra os eſtylos modernos, quero allegar por mim o eſtylo do mais antigo Prégador, que houve no mundo. E qual foy elle? O mais antigo Prégador, que houve no mundo, foy o Ceo: *Cœli enarrant gloriam Dei, & opera manuum ejus annuntiat firmamentum*, diz David. Suppoſto que o Ceo he Prégador, deve de ter ſermoens, e deve de ter palavras. Sim tem, diz o meſmo David: tem palavras, e tem ſermoens, e mais muito bem ouvidos. *Non ſunt loquelæ, neque ſermones, quorum non audiantur voces eorum.* E quaes ſaõ eſtes ſermoens, e eſtas palavras do Ceo? As palavras ſaõ as eſtrellas, os ſermoens ſaõ a compoſiçaõ, a ordem, a armonia, e o curſo dellas. Vede como diz o eſtylo de prégar do Ceo com o eſtylo, que Chriſto enſinou na terra?

Pſ. 18. 1.

Pſ. 18. 4.

Hum

Hum, e outro he ſemear: a terra ſemeada de trigo, o Ceo ſemeado de eſtrellas. O prégar ha de ſer como quem ſemea, e naõ como quem ladrilha, ou azuleja: ordenado, mas como as eſtrellas: *Stellæ manentes in ordine ſuo.* Todas as eſtrellas eſtaõ por ſua ordem; mas he ordem, que faz influencia: naõ he ordem, que faça lavor. Naõ fez Deos o Ceo em xadrez de eſtrellas, como os Prégadores fazem o ſermaõ em xadrez de palavras. Se de huma parte eſtá branco, da outra ha de eſtar negro: ſe de huma parte eſtá dia, da outra ha de eſtar noite: ſe de huma parte dizem luz, da outra haõ de dizer ſombra: ſe de huma parte dizem deſceo, da outra haõ de dizer ſubio. Baſta que naõ havemos de ver em hum ſermaõ duas palavras em paz? Todas haõ de eſtar ſempre em fronteira com o ſeu contrario? Aprendamos do Ceo o eſtylo da diſpoſiçaõ, e tambem o das palavras. Como haõ de ſer as palavras? Como as eſtrellas. As eſtrellas ſaõ muito diſtinctas, e muito claras. Aſſim ha de ſer o eſtylo da prégaçaõ, muito diſtincto, e muito claro. E nem por iſſo temais, que pareça o eſtylo baixo: as eſtrellas ſaõ muito diſtinctas, e muito claras, e altiſſimas. O eſtylo póde ſer muito claro, e muito alto: taõ claro, que o entendaõ os que naõ ſabem, e taõ alto, que tenhaõ muito, que entender nelle os que ſabem. O ruſtico acha documentos nas eſtrellas para a ſua lavoura, e o mareante para a ſua navegaçaõ, e o Mathematico para as ſuas obſervaçoens, e para os ſeus juizos. De maneira, que o ruſtico, e o mareante, que naõ ſabem ler, nem eſcrever, entendem as eſtrellas, e o Mathematico, que tem lido quantos eſcreveraõ, naõ alcança a entender quanto nellas ha. Tal póde ſer o ſermaõ: eſtrellas, que

Judic. 5. 20.

todos

todos as vem, e muito poucos as medem. Sim Padre. Porém eſſe eſtylo de prégar naõ he prégar culto. Mas foſſe! Eſte deſventurado eſtylo, que hoje ſe uſa, os que o querem honrar, chamaõlhe culto, os que o condemnaõ, chamaõihe eſcuro; mas ainda lhe fazem muita honra. O eſtylo culto naõ he eſcuro, he negro, e negro buçal, e muito cerrado. He poſſivel, que ſomos Portuguezes, e havemos de ouvir hum Prégador em Portuguez, e naõ havemos de entender o que diz? Aſſim como ha Lexicon para o Grego, e Calepino para o Latim, aſſim he neceſſario haver hum vocabulario do pulpito. Eu ao menos o tomara para os nomes proprios; porque os cultos tem deſbautizados os Santos, e cada Author, que allegaõ, he hum enigma. Aſſim o diſſe o Cetro penitente: aſſim o diſſe o Euangeliſta Apelles: aſſim o diſſe a Aguia de Africa, o Favo de Claraval, a Purpura de Belém, a Boca de ouro. Ha tal modo de allegar! O Cetro penitente dizem que he David, como ſe todos os cetros naõ foraõ penitencia. O Euangeliſta Apelles, que he S. Lucas, o Favo de Claraval S. Bernardo, a Aguia de Africa Santo Agoſtinho, a Purpura de Belém S. Jeronymo, a Boca de ouro S. Chryſoſtomo. E quem quitaria ao outro cuidar, que a Purpura de Belém he Herodes, que a Aguia de Africa he Cipiaõ, e que a Boca de ouro he Midas? Se houveſſe hum advogado, que allegaſſe aſſim a Bartholo, e Baldo, havieis de fiar delle o voſſo pleito? Se houveſſe hum homem, que aſſim fallaſſe na converſaçaõ, naõ o havieis de ter por neſcio? Pois o que na converſaçaõ ſeria necedade, como ha de ſer diſcriçaõ no pulpito?

852 Boa me parecia tambem eſta razaõ; mas como

mo os cultos pelo polido, e estudado se defendem com o grande Nazianzeno, com Ambrosio, com Chrysologo, com Leaõ, e pelo escuro, e duro com Clemente Alexandrino, com Tertulliano, com Basilio de Seleucia, com Zeno Veronense, e outros, naõ podemos negar a reverencia a tamanhos Authores, posto que desejaramos nos que se prezaõ de beber destes rios, a sua profundidade. Qual será logo a causa de nossa queixa?

853 Será pela materia, ou materias, que tomaõ os Prégadores? Usase hoje o modo, que chamaõ de apostillar o Euangelho, em que tomaõ muitas materias, levantaõ muitos assumptos, e quem levanta muita caça, e naõ segue nenhuma, naõ he muito, que se recolha com as maõs vazias. Boa razaõ he tambem esta. O sermaõ ha de ter hum só assumpto, e huma só materia. Por isso Christo disse, que o lavrador do Euangelho naõ semeara muitos generos de sementes, senaõ huma só: *Exiit, qui seminat, seminare semen*: Semeou huma semente só, e naõ muitas; porque o sermaõ ha de ter huma só materia, e naõ muitas materias. Se o lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeyo, e sobre o centeyo semeara milho grosso, e miudo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? Huma mata brava, huma confusaõ verde. Eis aqui o que acontece aos sermoens deste genero. Como semeaõ tanta variedade, naõ podem colher cousa certa. Quem semea misturas, mal póde colher trigo. Se huma nao fizesse hum bordo para o Norte, outro para o Sul, outro para Leste, outro para Oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos pulpitos se trabalha tanto, e se navega taõ pouco. Hum assumpto

vai

vai para hum vento, outro aſſumpto vai para outro vento, que ſe ha de colher, ſenaõ vento? O Bautiſta convertia muitos em Judea; mas quantas materias
Matth. 3. 3. tomava? Huma ſó materia: *Parate viam Domini*: A preparaçaõ para o Reyno de Chriſto. Jonas converteo os Ninivitas; mas quantos aſſumptos tomou?
Jon. 3. 4. Hum ſó aſſumpto: *Adhuc quadraginta dies, & Nineve ſubvertetur*: A ſubverſaõ da Cidade. De maneira, que Jonas em quarenta dias prégou hum ſó aſſumpto, e nós queremos prégar quarenta aſſumptos em huma hora? Por iſſo naõ prégamos nenhum. O ſermaõ ha de ſer de huma ſó cor, ha de ter hum ſó objecto, hum ſó aſſumpto, huma ſó materia.

854 Ha de tomar o Prégador huma ſó materia, ha de diffinilla, para que ſe conheça, ha de dividilla, para que ſe diſtinga, ha de provalla com a Eſcritura, ha de declaralla com a razaõ, ha de confirmalla com o exemplo, ha de amplificalla com as cauſas, com os effeitos, com as circunſtancias, com as conveniencias, que ſe haõ de ſeguir, com os inconvenientes, que ſe devem evitar. Ha de reſponder ás duvidas, ha de ſatisfazer ás difficuldades, ha de impugnar, e refutar com toda a força da eloquencia os argumentos contrarios, e depois diſto ha de colher, ha de apertar, ha de concluir, ha de perſuadir, ha de acabar. Iſto he ſermaõ, iſto he prégar, e o que naõ he iſto, he fallar de mais alto. Naõ nego, nem quero dizer, que o ſermaõ naõ haja de ter variedade de diſcurſos; mas eſſes haõ de naſcer todos da meſma materia, e continuar, e acabar nella. Quereis ver tudo iſto com os olhos? Ora vede. Huma arvore tem raizes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem fructos. Aſſim ha de ſer o ſermaõ,

maõ: ha de ter raizes fortes, e solidas, porque ha de ser fundado no Euangelho: ha de ter hum tronco, porque ha de ter hum só assumpto, e tratar huma só materia. Deste tronco haõ de nascer diversos ramos, que saõ diversos discursos, mas nascidos da mesma materia, e continuados nella: estes ramos naõ haõ de ser secos, senaõ cubertos de folhas, porque os discursos haõ de ser vestidos, e ornados de palavras. Ha de ter esta arvore varas, que saõ a reprehensaõ dos vicios, ha de ter flores, que saõ as sentenças, e por remate de tudo ha de ter fructos, que he o fructo, e o fim, a que se ha de ordenar o sermaõ. De maneira, que ha de haver fructos, e ha de haver flores, ha de haver varas, ha de haver folhas, ha de haver ramos; mas tudo nascido, e fundado em hum só tronco, que he huma só materia. Se tudo saõ troncos, naõ he sermaõ, he madeira: se tudo saõ ramos, naõ he sermaõ, saõ maravalhas: se tudo saõ folhas, naõ he sermaõ, saõ versas: se tudo saõ varas, naõ he sermaõ, he feixe: se tudo saõ flores, naõ he sermaõ, he ramalhete: serem tudo fructos, naõ póde ser; porque naõ ha fructos sem arvore. Assim que nesta arvore, a que podemos chamar arvore da vida, ha de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido, e formado de hum só tronco, e esse naõ levantado no ar, senaõ fundado nas raizes do Euangelho: *Seminare semen.* Eis aqui como haõ de ser os sermoens: eis aqui como naõ saõ. E assim naõ he muito, que se naõ faça fructo com elles.

855 Tudo o que tenho dito podéra demonstrar largamente naõ só com os preceitos dos Aristoteles, dos Tullios, dos Quintilianos, mas com a practica obser-

obſervada do Principe dos Oradores Euangelicos S. Joaõ Chryſoſtomo, de S. Baſilio Magno, S. Bernardo, S. Cypriano, e com as famoſiſſimas oraçoens de S. Gregorio Nazianzeno, Meſtre de ambas as Igrejas. E poſto que neſtes meſmos Padres, como em Santo Agoſtinho, S. Gregorio, e muitos outros ſe achaõ os Euangelhos apoſtillados com nome de ſermoens, e homilias, huma couſa he expor, e outra prégar, huma enſinar, e outra perſuadir. E deſta ultima he que eu fallo, com a qual tanto fructo fizeraõ no mundo Santo Antonio de Padua, e S. Vicente Ferrer. Mas nem por iſſo entendo, que feja ainda eſta a verdadeira cauſa, que buſco.

856 Será por ventura a falta de ciencia, que ha em muitos Prégadores? Muitos Prégadores ha, que vivem do que naõ colheraõ, e ſemeaõ o que naõ trabalhaõ. Depois da ſentença de Adaõ a terra naõ coſtuma dar fructo, ſenaõ a quem come o ſeu paõ com o ſuor do ſeu roſto. Boa razaõ parece tambem eſta. O Prégador ha de prégar o ſeu, e naõ o alheyo. Por iſſo diz Chriſto, que ſemeou o lavrador do Euangelho o trigo ſeu: *Semen ſuum*: Semeou o ſeu, e naõ o alheyo; porque o alheyo, e o furtado naõ he bom para ſemear, ainda que o furto ſeja de ciencia. Comeo Heva o pomo da ciencia, e queixavame eu antigamente deſta noſſa mãy, já que comèo o pomo, porque lhe naõ guardou as pevides. Naõ ſeria bem, que chegaſſe a nós a arvore, já que nos chegaraõ os encargos della? Pois porque o naõ fez aſſim Heva? Porque o pomo era furtado, e o alheyo he bom para comer; mas naõ he bom para ſemear: he bom para comer, porque dizem que he ſaboroſo: naõ he bom para ſemear, porque naõ naſce. Alguem terá experimen-

rimentado, que o alheyo naõ naſce em caſa; mas eſteja certo, que ſe naſce, naõ ha de deitar raizes, e o que naõ tem raizes, naõ póde dar fructo. Eis aqui porque muitos Prégadores naõ fazem fructo; porque prégaõ o alheyo, e naõ o ſeu: *Semen ſuum.* O prégar he entrar em batalha com os vicios, e armas alheyas, ainda que ſejaõ as de Achilles, a ninguem deraõ victoria. Quando David ſahio a campo com o Gigante, offereceolhe Saul as ſuas armas, mas elle naõ as quiz aceitar. Com armas alheyas ninguem póde vencer, ainda que ſeja David. As armas de Saul ſó ſervem a Saul, e as de David a David: e mais aproveita hum cajado, e huma funda propria, que a eſpada, e a lança alheya. Prégador, que peleja com as armas alheyas, naõ hajais medo, que derrube Gigante.

Patroclo com as armas de Achilles foy vencido, e morto.

857 Fez Chriſto aos Apoſtolos peſcadores de homens, que foy ordenallos de Prégadores; e que faziaõ os Apoſtolos? Diz o texto, que eſtavaõ *Reficientes retia ſua*: Refazendo as redes ſuas: eraõ as redes dos Apoſtolos, e naõ eraõ alheyas. Notai: *Retia ſua*: naõ diz, que eraõ ſuas, porque as compraraõ, ſenaõ que eraõ ſuas, porque as faziaõ: naõ eraõ ſuas, porque lhe cuſtaraõ o ſeu dinheiro, ſenaõ porque lhe cuſtavaõ o ſeu trabalho. Deſta maneira eraõ as redes ſuas, e porque deſta maneira eraõ ſuas, por iſſo eraõ redes de peſcadores, que haviaõ de peſcar homens. Com redes alheyas, ou feitas por maõ alheya podemſe peſcar peixes; homens naõ ſe podem peſcar. A razaõ diſto he; porque neſta peſca de entendimentos ſó quem ſabe fazer a rede, ſabe fazer o lanço. Como ſe faz huma rede? Do fio, e do nó ſe compoem a malha: quem naõ enfia, nem ata, como

Faciam vos fieri piſcatores hominum. Matth. 4. 21.

mo ha de fazer rede? E quem naõ ſabe enſinar, nem ſabe atar, como ha de peſcar homens? A rede tem chumbada, que vai ao fundo, e tem cortiça, que nada em cima da agua. A prégaçaõ tem humas couſas de mais pezo, e de mais fundo, e tem outras mais ſuperficiaes, e mais leves: e governar o leve, e o pezado ſó o ſabe fazer quem faz a rede. Na boca de quem naõ faz a prégaçaõ, até o chumbo he cortiça. As razoens naõ haõ de ſer enxertadas, haõ de ſer naſcidas. O prégar naõ he recitar. As razoens proprias naſcem do entendimento: as alheyas vaõ pegadas á memoria, e os homens naõ ſe convencem pela memoria, ſenaõ pelo entendimento. Veyo o Eſpirito Santo ſobre os Apoſtolos, e quando as linguas deſciaõ do Ceo, cuidava eu, que ſe lhes haviaõ de pôr na boca; mas ellas foraõſe pôr na cabeça. Pois porque na cabeça, e naõ na boca, que he o lugar da lingua? Porque o que ha de dizer o Prégador, naõ lhe ha de ſahir ſó da boca; halhe de ſahir pela boca, mas da cabeça. O que ſahe ſó da boca, pára nos ouvidos: o que naſce do juizo, penetra, e convence o entendimento.

858 Com tudo eu naõ me firmo de todo neſta razaõ; porque do grande Bautiſta ſabemos, que prégou o que tinha prégado Iſaias, como notou S. Lucas, e naõ com outro nome ſe naõ de ſermoens: *Prædicans baptiſmum pœnitentiæ in remiſſionem peccatorum, ſicut ſcriptum eſt in libro ſermonum Iſaiæ Prophetæ.* Deixo o que tomou Santo Ambroſio de S. Baſilio, S. Proſpero, e Beda de Santo Agoſtinho, Theofilato, e Euthymio de S. Joaõ Chryſoſtomo.

859 Será finalmente a cauſa, que tanto ha buſcamos, a voz, com que hoje fallaõ os Prégadores? Antiga-

igamente prégavaõ brádando, hoje prégaõ conver-
ſando. Antigamente a primeira parte do Prégador
era boa voz, e bom peito. E verdadeiramente como
o mundo ſe gôverna tanto pelos ſentidos, podem ás
vezes mais os brados, que a razaõ. Boa era tambem
eſta; mas naõ a podemos provar com o ſemeador,
porque já diſſemos, que naõ era officio de boca. Po-
rém o que nos negou o Euangelho no ſemeador me-
taforico, nos deo no ſemeador verdadeiro, que he
Chriſto. Tanto que Chriſto acabou a parabola, diz
o Euangelho, que começou o Senhor a bradar: *Hæc* Luc. 8. 8.
dicens clamabat. Bradou o Senhor, e naõ arrazoou
ſobre a parabola; porque era tal o auditorio, que
fiou mais dos brados, que da razaõ.

860 Perguntaraõ ao Bautiſta, quem era. Reſ-
pondeo elle: *Ego vox clamantis in deſerto*: Eu ſou Joan. 1.
huma voz, que anda bradando neſte deſerto. Deſta 23.
maneira ſe definio o Bautiſta. A definiçaõ do Préga-
dor, cuidava eu, que era: Voz, que arrazoa, e naõ:
Voz, que brada. Pois porque ſe definio o Bautiſta pe-
lo bradar, e naõ pelo arrazoar: naõ pela razaõ, ſenaõ
pelos brados? Porque ha muita gente neſte mundo,
com quem podem mais os brados, que a razaõ, e
taes eraõ aquelles, a quem o Bautiſta prégava. Vede-o
claramente em Chriſto. Depois que Pilatos exami-
nou as accuſaçoens, que contra elle ſe davaõ, lavou
as maõs, e diſſe: *Ego nullam cauſam invenio in ho-* Luc. 23.
mine iſto: Eu nenhuma cauſa acho neſte homem. 14.
Neſte tempo todo o povo, e os Eſcribas bradavaõ
de fóra, que foſſe crucificado: *At illi magis clama-* Matth. 27.
bant: *Crucifigatur*. De maneira, que Chriſto tinha 23.
por ſi a razaõ, e tinha contra ſi os brados. E qual po-
de mais? Podéraõ mais os brados, que a razaõ. A

razaõ naõ valeo para o livrar, os brados baſtaraõ para o pôr na cruz. E como os brados no mundo podem tanto, bem he que brademalguma vez os Prégadores, bem he que gritem. Por iſſo Iſaias chamou
Iſai. 60 8. aos Prégadores nuvens: *Qui ſunt iſti, qui ut nubes volant?* A nuvem tem relampago, tem trovaõ, e tem rayo. Relampago para os olhos, trovaõ para os ouvidos, rayo para o coraçaõ: com o relampago alumia, com o trovaõ aſſombra, com o rayo mata. Mas o rayo fere a hum, o relampago a muitos, o trovaõ a todos. Aſſim ha de ſer a voz do Prégador, hum trovaõ do Ceo, que aſſombre, e faça tremer o mundo.

861 Mas que diremos á oraçaõ de Moyſés? *Con-*
Deut. 32. 2. *creſcat ut pluvia doctrina mea: fluat ut ros eloquium meum.* Deſça a minha doutrina como chuva do Ceo, e a minha voz, e as minhas palavras como orvalho, que ſe diſtilla brandamente, e ſem ruido. Que diremos ao exemplo ordinario de Chriſto, taõ
Iſai. 42. 2. celebrado por Iſaias? *Non clamabit, neque audietur vox ejus foris:* Naõ clamará, naõ bradará, mas fallará com huma voz taõ moderada, que ſe naõ poſſa ouvir fóra. E naõ ha duvida, que o praticar familiarmente, e o fallar mais ao ouvido, que aos ouvidos, naõ ſó concilia mayor attençaõ, mas naturalmente, e ſem força ſe inſinua, entra, penetra, e ſe mete na alma.

862 Em concluſaõ, que a cauſa de naõ fazerem hoje fructo os Prégadores com a palavra de Deos nem he a circunſtancia da peſſoa: *Qui ſeminat*, nem a do eſtylo: *Seminare*, nem a da materia: *Semen*,
Exod. 4. 10. nem a da ciencia: *Suum*, nem a da voz: *Clamabat.* Moyſés tinha fraca voz, Amos tinha groſſeiro eſtylo, Salamaõ multiplicava, e variava os aſſumptos,

Balaõ

Balaõ naõ tinha exemplo de vida, o ſeu animal naõ tinha ciencia, e com tudo todos eſtes fallando, perſuadiaõ, e convenciaõ. Pois ſe nenhuma deſtas razoens, que diſcorremos, nem todas ellas juntas ſaõ a cauſa principal, nem baſtante do pouco fructo, que hoje faz a palavra de Deos; qual diremos finalmente, que he a verdadeira cauſa?

863 As palavras, que tomei por thema, o dizem: *Semen eſt verbum Dei.* Sabeis (Chriſtaõs) a cauſa, porque ſe faz hoje taõ pouco fructo com tantas prégaçoens? He porque as palavras dos Prégadores ſaõ palavras, mas naõ ſaõ palavras de Deos. Fallo do que ordinariamente ſe ouve. A palavra de Deos (como dizia) he taõ poderoſa, e taõ efficaz, que naõ ſó na boa terra faz fructo, mas até nas pedras, e nos eſpinhos naſce. Mas ſe as palavras dos Prégadores naõ ſaõ palavras de Deos, que muito, que naõ tenhaõ a efficacia, e os effeitos de palavra de Deos? *Ventum ſeminabunt, & turbinem colligent*, diz o Eſpirito Santo. Quem ſemea ventos, colhe tempeſtades. Se os Prégadores ſemeaõ vento, ſe o que ſe prégа he vaidade, ſe naõ ſe prégа a palavra de Deos, como naõ ha a Igreja de Deos de correr tormenta em vez de colher fructo? Oſeæ 8. 7.

864 Mas dirmeheis: Padre, os Prégadores de hoje naõ prégaõ do Euangelho? Naõ prégaõ das ſagradas Eſcrituras? Pois como naõ prégaõ a palavra de Deos? Eſſe he o mal. Prégaõ as palavras de Deos; mas naõ prégaõ a palavra de Deos: *Qui habet ſermonem meum, loquatur ſermonem meum vere*, diſſe Deos por Jeremias. As palavras de Deos prégadas no ſentido, em que Deos as diſſe, ſaõ palavra de Deos, mas prégadas no ſentido, que nós queremos, naõ Jerem. 23. 28.

saõ palavra de Deos, antes póde ser palavra do demonio. Tentou o demonio a Christo, a que fizesse das pedras paõ. Respondeolhe o Senhor: *Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.* Esta sentença era tirada do cap. 8. do *Deuteronomio.* Vendo o demonio, que o Senhor se defendia da tentaçaõ com a Escritura, leva-o ao templo, e allegando o lugar do Psalmo 90. dizlhe desta maneira: *Mitte te deorsum; scriptum est enim, quia Angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis*: Deitate dahi abaixo, porque promettido está nas sagradas Escrituras, que os Anjos te tomaráõ nos braços, para que te naõ faças mal. De sorte, que Christo defendeose do diabo com a Escritura, e o diabo tentou a Christo com a Escritura. Todas as Escrituras saõ palavra de Deos; pois se Christo toma a Escritura para se defender do diabo, como toma o diabo a Escritura para tentar a Christo? A razaõ he; porque Christo tomava as palavras da Escritura em seu verdadeiro sentido, e o diabo tomava as palavras da Escritura em sentido alheyo, e torcido: e as mesmas palavras, que tomadas em verdadeiro sentido saõ palavras de Deos, tomadas em sentido alheyo saõ armas do diabo: as mesmas palavras, que tomadas no sentido, em que Deos as disse, saõ defeza, tomadas no sentido, em que Deos as naõ disse, saõ tentaçaõ. Eis aqui a tentaçaõ, com que entaõ quiz o diabo derrubar a Christo, e com que hoje lhe faz a mesma guerra do pinnaculo do templo. O pinnaculo do templo he o pulpito; porque he o lugar mais alto delle. O diabo tentou a Christo no deserto, tentou o no monte, tentou o no templo: no deserto tentou-o com a gula, no monte tentou-o com a am-

Matth. 4 4.

Ps. 90. 11.

à ambiçaõ, no templo tentou-o com as Escrituras mal interpretadas: e essa he a tentaçaõ, de que mais padece hoje a Igreja, e que em muitas partes tem derrubado della, se naõ a Christo, a sua fé.

865 Dizeime, Prégadores, (aquelles, com quem eu fallo, indignos verdadeiramente de taõ sagrado nome) dizeime: Esses assumptos inuteis, que tantas vezes levantais, essas emprezas ao vosso parecer agudas, que proseguis, achastes as alguma vez nos Profetas do testamento velho, ou nos Apostolos, e Euangelistas do testamento novo, ou no Author de ambos os testamentos, Christo? He certo que naõ. Porque desde a primeira palavra do Genesis até á ultima do Apocalypse naõ ha tal cousa em todas as Escrituras. Pois se nas Escrituras naõ ha o que dizeis, e o que prégais, como cuidais, que prégais a palavra de Deos? Mais: Nesses lugares, nesses textos, que allegais para prova do que dizeis, he esse o sentido, em que Deos os disse? He esse o sentido, em que os entendem os Padres da Igreja? He esse o sentido da mesma Grammatica das palavras? Naõ por certo. Porque muitas vezes as tomais pelo que toaõ, e naõ pelo que significaõ, e talvez nem pelo que toaõ; pois se naõ he esse o sentido das palavras de Deos, segue-se que naõ saõ palavras de Deos. E se naõ saõ palavras de Deos; que nos queixamos de que naõ façaõ fructo as prégaçoens? Basta que havemos de trazer as palavras de Deos a que digaõ o que nós queremos, e naõ havemos de querer dizer o que ellas dizem! E entaõ ver cabecear o auditorio a estas cousas, quando deviamos de dar com a cabeça pelas paredes de as ouvir! Verdadeiramente naõ sei de que mais me espante, se dos nossos conceitos, se dos vos-

ſos applauſos? Oh que bem levantou o Prégador! Aſſim he; mas que levantou? Hum falſo teſtimunho ao texto, outro falſo teſtimunho ao Santo, outro ao entendimento, e ao ſentido de ambos. Entaõ que ſe converta o mundo com falſos teſtimunhos da palavra de Deos! Que muito logo, que as noſſas imaginaçoens, as noſſas vaidades, e as noſſas fabulas naõ tenhaõ a efficacia da palavra de Deos!

Col. 72.

866 Miſeraveis de nós, e miſeraveis dos noſſos tempos; pois nelles ſe veyo a cumprir a profecia de S. Paulo! *Erit tempus, cum ſanam doctrinam non ſuſtinebunt*: Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens naõ ſoffreráõ a doutrina ſã: *Sed ad ſua deſideria coacervabunt ſibi magiſtros prurientes auribus*: Mas para ſeu appetite teráõ grande numero de Prégadores feitos a montaõ, e ſem eſcolha, os quaes naõ façaõ mais, que adularlhes as orelhas: *A' veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur*: Fecharáõ os ouvidos á verdade, e abriloshaõ ás fabulas. Fabula tem duas ſignificaçoens: quer dizer fingimento, e quer dizer comedia, e tudo ſaõ muitas prégaçoens deſte tempo. Saõ fingimento, porque ſaõ ſubtilezas, e penſamentos aereos ſem fundamento de verdade: ſaõ comedia, porque os ouvintes vem á prégaçaõ, como á comedia, e ha Prégadores, que vem ao pulpito cómo comediantes. Huma das felicidades, que ſe contava entre as do tempo preſente, era acabaremſe as comedias em Portugal; mas naõ foy aſſim. Naõ ſe acabaraõ, mudaraõſe: paſſaraõſe do theatro ao pulpito. Naõ cuideis, que encareço em chamar comedias a muitas prégaçoens das que hoje ſe uſaõ. Tomara ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, e ve-

2. Tim. 43.

rieis

rieis, se naõ achaveis nellas muitos desenganos da vida, e vaidade do mundo, muitos pontos de doutrina moral muito mais verdadeiros, e muito mais solidos, do que hoje se ouvem nos pulpitos. Grande miseria por certo, que se achem mayores documentos para a vida nos versos de hum Poeta profano, e gentio, que nas prégaçoens de hum orador Christaõ, e muitas vezes, sobre Christaõ, Religioso!

867 Pouco disse S. Paulo em lhes chamar comedia; porque muitos sermoens ha, que naõ saõ comedia, saõ farça. Sóbe talvez ao pulpito hum Prégador dos que professaõ ser mortos ao mundo, vestido, ou amortalhado em hum habito de penitencia, (que todos, mais, ou menos asperos, saõ de penitencia, e todos, desde o dia que os professamos, mortalhas) a vista he de horror, o nome de reverencia, a materia de compunçaõ, a dignidade de oraculo, o lugar, e a expectaçaõ de silencio: e quando este se rompeo, que he o que se ouve? Se neste auditorio estivesse hum estrangeiro, que nos naõ conhecesse, e visse entrar este homem a fallar em publico naquelles trajos, e em tal lugar, cuidaria, que havia de ouvir huma trombeta do Ceo, que cada palavra sua havia de ser hum rayo para os coraçoens, que havia de prégar com o zelo, e com o fervor de hum Elias, que com a voz, com o gesto, e com as acçoens havia de fazer em pó, e em cinza os vicios. Isto havia de cuidar o estrangeiro. E nós, que he o que vemos? Vemos sahir da boca daquelle homem assim naquelles trajos huma voz muito affectada, e muito polida, e logo começar com muito desgarro, a que? A motivar desvellos, a acreditar empenhos, a requintar finezas; a lisongear precipicios, a brilhar auroras, a derreter

cryſtaes, a deſmayar jaſmins, a toucar primaveras, e outras mil indignidades deſtas. Naõ he iſto farça a mais digna de riſo, ſe naõ fora tanto para chorar? Na comedia o Rey veſte como Rey, e falla como Rey, o lacayo veſte como lacayo, e falla como lacayo, o ruſtico veſte como ruſtico, e falla como ruſtico; mas hum Prégador veſtir como Religioſo, e fallar como: naõ o quero dizer por reverencia do lugar. Já que o pulpito he theatro, e o ſermaõ comedia, ſe quer naõ faremos bem a figura? Naõ diraõ as palavras com o veſtido, e com o officio? Aſſim prégava S. Paulo, aſſim prégavaõ aquelles Patriarcas, que ſe veſtiraõ, e nos veſtiraõ deſtes habitos? Naõ louvamos, e naõ admiramos o ſeu prégar? Naõ nos prezamos de ſeus filhos? Pois porque os naõ imitamos? Porque naõ prégamos, como elles prégavaõ? Neſte meſmo pulpito prégou S. Franciſco Xavier, neſte meſmo pulpito prégou S. Franciſco de Borja, e eu que tenho o meſmo habito; porque naõ prégarei a ſua doutrina, já que me falta o ſeu eſpirito?

868 Dirmeheis o que a mim me dizem, e o que já tenho experimentado: que ſe prégamos aſſim, zombaõ de nós os ouvintes, e naõ goſtaõ de ouvir. Oh boa razaõ para hum ſervo de Jeſu Chriſto! Zombem, e naõ goſtem embora, e façamos nós noſſo officio. Que Medico ha, que repare no goſto do enfermo, quando trata de lhe dar ſaude? Sarem, e naõ goſtem: ſalvemſe, e amarguelhes, que para iſſo
Col. 82. ſomos Medicos das almas. Em fim para que os Prégadores ſaibaõ como haõ de prégar, e os ouvintes a quem haõ de ouvir, acabo com hum exemplo do noſſo Reyno, e quaſi dos noſſos tempos. Prégavaõ em Coimbra dous famoſos Prégadores, ambos bem conhe-

conhecidos por seus escritos: naõ os nomeyo, porque os hei de desigualar. Altercouse entre alguns Doutores da Universidade, qual dos dous fosse mayor Prégador? E como naõ ha juizo sem inclinaçaõ, huns diziaõ, este: outros, aquelle. Mas hum Lente, que entre os mais tinha mayor authoridade, concluio desta maneira: Entre dous sujeitos taõ grandes naõ me atrevo a interpor juizo: só direi huma differença, que sempre experimento. Quando ouço hum, sayo do sermaõ muito contente do Prégador: quando ouço outro, sayo muito descontente de mim. Com isto tenho acabado. Algum dia vos enganastes tanto comigo, que sahieis do sermaõ muito contentes do Prégador: agora quizera eu desenganarvos tanto, que sahisseis muito descontentes de vós. Semeadores do Euangelho, eis aqui o que devemos pertender nos nossos sermoens, naõ que os homens sayaõ contentes de nós, senaõ que sayaõ muito descontentes de si: naõ que lhes pareçaõ bem os nossos conceitos; mas que lhes pareçaõ mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambiçoens, e em fim todos os seus peccados. Com tanto que se descontentem de si, descontentemse embora de nós: *Si hominibus placerem, Christi servus non essem*, dizia o mayor de todos os Prégadores, S. Paulo: Se eu contentara aos homens, naõ seria servo de Deos. Oh contentemos a Deos, e acabemos de naõ fazer caso dos homens!

DIS-

DISCURSO LXXXIII.

Tirado de hum ſermaõ da terceira Dominga poſt Epiphaniam, *prégado na Sé de Lisboa ſobre eſtas palavras* : Si vis, potes. Matth. 8.

QUERER, E PODER.

Part. 6. Num. 258. 869 O Querer, e opoder, ſe divididos ſaõ nada, juntos, e unidos ſaõ tudo. O querer ſem o poder he fraco, o poder ſem o querer he ocioſo, e deſte modo divididos ſaõ nada. Pelo contrario o querer com o poder he efficaz, o poder com o querer he actívo, e deſte modo juntos, e unidos ſaõ tudo. Aſſim conſiderava o querer, e o poder de Chriſto, certo do ſeu poder, e duvidoſo do ſeu querer, hum homem pobre, e enfermo, o qual na hiſtoria do preſente Euangelho proſtrado a ſeus divinos pés lhe pedio, que o remediaſſe, dizendo, que ſe quizeſſe po-
Matth 8. 2. dia : *Si vis, potes.*

Num. 260. 870 Oh que grande ventura he requerer diante de hum Principe, que quer, e póde! Aſſim ſeria tambem a mayor de todas as deſgraças eſperar o remedio de algum taõ pouco poderoſo, que naõ poſſa, e de taõ má vontade, que naõ queira. A Auguſto Ceſar diſſe Marco Tullio prudente, e elegantemente, que a natureza, e a fortuna lhe tinhaõ dado, huma a mayor, e outra a melhor couſa, que podiaõ, para fazer bem a muitos : *Nec fortuna tua maius quam ut poſſis, nec natura tua melius quam ut velis, conſervare quamplurimos* : A mayor couſa, que póde dar a fortuna a hum Principe, he o poder, e a melhor, que

que lhe póde dar a natureza, he o querer para poder, e querer fazer bem a todos.

871 Mas como o poder, e querer só naquelle supremo Senhor, que póde quanto quer, saõ iguaes, e pelo contrario no homem o poder he pouco, e limitado, e o querer sempre insaciavel, e sem limite, como se poderá na contrariedade desta discordia achar algum meyo de uniaõ? Reconheço a difficuldade; mas por isso será ella todo o emprego do meu discurso: *Si vis, potes*: sobre estas duas palavras consideradas variamente por todos os modos, com que se podem combinar, veremos como se ha de ajustar o querer com o poder, e o poder com o querer. He huma das mais importantes materias, que se deve ensinar ao mundo, e de que depende toda a felicidade humanã. Num. 261.

872 Se buscarmos com verdadeira consideraçaõ a causa de todas as ruinas, e males do mundo, acharemos, que naõ só a principal, senaõ a total, e a unica he naõ acabarem os homens de concordar o seu querer com o seu poder: *Si vis, potes*. A raiz deste veneno mortal nascida naõ só na terra, senaõ tambem no Ceo he a inclinaçaõ natural, com que toda a creatura dotada de vontade livre naõ só appetece sempre ser mais do que he, senaõ tambem querer mais do que póde. Que quiz o Anjo no Ceo, e que quiz o homem no Paraiso? Ambos quizeraõ ser como Deos. Menos me admiro das suas vontades, que dos seus entendimentos. Vem cá Lucifer, vem cá Adaõ: tu Anjo, e o mais sabio de todos os Anjos: tu homem, e o mais sabio de todos os homens, naõ entendeis, e conheceis com evidencia, que naõ podeis ser como Deos? Pois como appeteceis o que Num. 262.

naõ

naõ podeis? Porque tal he a cegueira de hum entendimento ambicioſo, e a ambiçaõ de huma vontade livre. Ha de querer mais do que póde, ainda que conheça, que he impoſſivel. O poder, ou poderes do homem eraõ ſobre todos os peixes do mar, ſobre todas as aves do ar, e ſobre todos os animaes da terra: o poder, e poderes do Anjo eraõ ſobre a terra, ſobre o mar, ſobre o ar, ſobre o fogo, e naõ ſó ſobre todos os elementos, mas tambem ſobre todos os corpos celeſtes, e ſobre todos os aſtros, e ſeus movimentos. E porque ainda havia no mundo outro poder mayor, poſto que eſte foſſe o de Deos, nem o Anjo, nem o homem ſe contentaraõ com poder o que podiaõ. E que ſe ſeguio daqui? A ruina univerſal do mundo, a ruina da terceira parte dos Anjos, e a ruina de todos os homens.

Num. 263. 873 Mas deixados os Anjos, que naõ ſaõ capazes de emenda, fallemos com os homens, que ſe podem emendar, ſe quizerem. Começando pelos mayores corpos politicos, que ſaõ os Reynos, qual he a cauſa de tantos ſe terem perdido, de que a penas ſe conſerva a memoria, e outros ſe verem taõ arruinados, e enfraquecidos, ſenaõ o appetite deſordenado, e cego de quererem os Reys mais do que podem? Daqui ſe ſeguem as guerras, e a ambiçaõ de novas, e temerarias emprezas, como as de Membroth: daqui as fabricas de edificios magnificos, e inſanos, como a torre de Babel: daqui a prodigalidade de exceſſivas merces, amontoando em hum o que ſe tira a todos, como as de Aſſuero em Aman: daqui as feſtas, e jogos publicos com os apparatos mais monſtruoſos, que extraordinarios, ſem outro fim, que a falſa oſtentaçaõ, e vaidade, do que naõ ha, nem he. E

quando

quando as deſpezas de tudo iſto deveraõ ſahir do que ſobejaſſe nos erarios, e theſouros Reaes, que ſerá onde ſe vem tiradas, e eſprimidas todas do ſangue, do ſuor, das lagrimas dos vaſſallos carregados, e conſumidos com tributos ſobre tributos, chorando os naturaes, para que ſe alegrem os eſtranhos, e anticipandoſe as exequias á patria, por onde ſe lhe deveria procurar a ſaude?

874 Salamaõ foy o Rey, que em todo o ſeu reynado uſou da mais alta, e ſegura paz de quantos houve dentro, e fóra de Iſrael; mas foy tal a guerra, que elle fez á ſua meſma Corte, e Reyno com os prodigioſos eſpectaculos de grandeza, e mageſtade, cuja fama trazia a Jeruſalem todas as naçoens do mundo, que o meſmo Salamaõ foy o que deſtruio o que tanto enobreceo, e exaltou: e naõ por outra razaõ, ou defeito, ſenaõ porque ſendo mais poderoſo, que todos, ſe naõ contentou com o que podia. A prata no ſeu tempo, diz a ſagrada Eſcritura, que era tanta em Jeruſalem, como as pedras da rua, e neſte meſmo tempo eraõ tantos, taõ multiplicados, e taõ exceſſivos os tributos, com que o glorioſo, e miſeravel povo ſuſtentava a fama de ſer chamado ſeu hum tal Rey, que naõ podendo ſupportar hum pezo taõ intoleravel, com que em toda a vida os opprimio, e nem na morte os aliviou, a primeira couſa, que pediraõ a ſeu ſucceſſor Roboaõ, foy a ſuſpenſaõ, e remedio deſtas oppreſſoens. Mas como o filho, que ſe naõ contentava com menos que poder ainda mais, que ſeu pay, naõ déſſe ouvidos a huma taõ juſtificada queixa, rebellados os meſmos vaſſallos lhe negaraõ a obediencia, e de doze Tribus, de que conſtava o Reino, perdeo em hum dia os dez, os quaes nem nos

dias

dias de Roboaõ, nem nos de todos seus descendentes se uniraõ, ou sujeitaraõ já mais á mesma Coroa.

875 E se este natural appetite de quererem os homens sempre mais do que pódem, nem na soberania dos que pódem tudo se farta; que será dahi abaixo desde os mayores entre os grandes até os mininos entre os pequenos? O official póde viver como official, e quer viver como escudeiro: o escudeiro póde viver como escudeiro, e quer viver como fidalgo: o fidalgo póde viver como fidalgo, e quer viver como titulo: o titulo póde viver como titulo, e quer viver como Principe. E que se segue deste taõ desordenado querer? O menos he, que por quererem o que naõ pódem, venhaõ a naõ poder o que podiaõ. Quanto sobe violentamente o querer para cima, tanto desce sem querer o poder para baixo. Ouvi o que agora direi como proverbio Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem.

Num. 265. 876 No testamento velho ElRey Balthasar, porque quiz mais do que podia, *Inventus est minus habens*. E donde veyo este menos, senaõ daquelle mais? Dan 5. 27. *Respexistis ad amplius, & ecce factum est minus*, Aggæi 1. 9. diz o Profeta Aggeo. No testamento novo o filho Prodigo, porque no gastar, e alardear quiz o que naõ podia, nem pedia o estado de filho, veyo a pedir por misericordia a fortuna de criado: *Fac me sicut unum de mercenariis tuis*. Quantos vieraõ a servir, porque quizeraõ ser mais servidos, ou servidos de mais do que podiaõ manter? Se apenas podeis sustentar hum cavallo com hum mochila, porque haveis de ter huma carroça com oito lacayos? Hum he affeiçoado á caça, e quando os caens andaõ luzidios, e ana-

Luc. 15. 19.

anafados, verieheis os criados pallidos, e mortos
fome. O outro he prezado, ou picado de pinturas,
e quando elle com falſo teſtimunho ridiculo chama
aos ſeus quadros originaes de Ticiano, os pagens, e
os lacayos ſaõ verdadeiramente copias de Lazáro.
Que direi do que para ſahir hum dia aos touros, e
oſtentar cincoenta lacayos veſtidos de tela, empe-
nhou o morgado, e as commendas por muitos annos?
As ſortes ſeriaõ quaes quiz a ventura, mas a peyor,
e mais certa foy a da pobre caſa. Elle poderia ter hum
dia de Paſchoa, mas ella ha de jejuar dez annos de
Quareſma. Eis aqui o que vem a naõ poder os que
querem mais do que pódem. Com eſſa mal conſide-
rada vaidade que he o que adquiriſtes, ou o que per-
deſtes? Perdeſtes a felicidade de naõ pedir, perdeſ-
tes a liberdade de naõ dever, perdeſtes o deſcanſo
de naõ pagar; e o que adquiriſtes com o que tinheis,
e com o que naõ tinheis, foraõ as invejas dos ami-
gos, as murmuraçoens dos ſizudos, as perſeguiçoens
dos acredores, e a deſgraça, e máo conceito dos meſ-
mos Principes, a quem quizeſtes liſonjear, e ſervir;
porque como vos ha de fiar a ſua fazenda quem aſ-
ſim vê, que eſperdiçais a voſſa?

877 Mas iſto paſſe embora, porque he damno
particular. O máo he, que para reſtaurar eſtes deſ-
manchos, que ſempre ſe devem, e nunca ſe pagaõ,
quem os eſtá continuamente pagando por varios mo-
dos, he o commum. O official de penna, a cujos raſ-
gos mede o regimento as regras, e conta as letras,
ſe elle quer gaſtar ſem conta, e ſem medida, que ha
de fazer? Troca as ſuas pennas com as dos gavioens,
e minhotos, e naõ ha ave de rapina, que tanto leve
nas unhas. O letrado, ou julgador, cuja authorida-
de

de conſtava antigamente de huma mula mal penſada com ſua gualdrapa preta, ſe hoje fóra de caſa ha de ſuſtentar a liteira, e dentro as alfayas, que lhe reſpondem, naõ baſtando os ordenados para a terceira parte do anno, quem ha de ſupprir a deſpeza das outras duas partes, ſenaõ as partes, e a juſtiça? O que entre fumos de nobreza, e fidalguia vive á mercé da ſua herdade, a qual quando as novidades naõ mentiaõ, ſó dava para ſarja no veraõ, e baeta no inverno, agora que já ás lans ſe naõ ſabe o nome, de que ſe ha de veſtir ſendo o gallo da ſua aldea, ſenaõ das pennas dos que podem menos? O mercante, que tomou os aſſentos, ou contratos reaes de publico, e ſe contratou de ſecreto com os zeladores da fazenda do meſmo Rey, de que modo ſe ha de ſoldar, quando ſe vê quebrado, ſenaõ com o ſoldo, e fardas dos miſeraveis ſoldados, tornando a comprar os já comprados miniſtros, para que lhe ſubaõ os preços, e ajuſte as quebras?

878 Infinita couſa ſeria ſe houveſſemos de diſcorrer por todos os eſtados aſſim da paz como da guerra, com que a fazem cruel á Republica os meſmos, que tinhaõ obrigaçaõ de a defender. Com razaõ diſſe Seneca, que a riqueza ſe faz de muitas pobrezas: *Divitiæ ex paupertatibus fiunt*; porque para enriquecer hum homem ſe empobrecem outros, e para ſe levantar, ou reſuſcitar huma caſa ſe arruinaõ, e ſepultaõ muitas. Os empenhos do morgado tirallos ha o governo, o cativeiro das commendas remilhoaõ as penſoens; e ſe a limitaçaõ dos ordenados naõ abrange a tanto, eſtendellahaõ ſem limite os deſordenados. O que naõ póde pagar a gineta, pagalloha a companhia: o que naõ póde pagar o baſtaõ, pagal-

pagalloha o exercito: o que naõ póde pagar Portugal, pagalloha o Brasil, pagalloha a Africa, pagalloha a India. E para que poucos, que querem mais do que podem sejaõ flagellos, assolaçaõ, e rayos das quatro partes do mundo, se lhe dará licença por escrito, para que possaõ quanto quizerem.

879 Lembrame a este proposito hum apophthegma daquelle famoso legislador dos Gregos Solon: *Luxus erit in tyrannidem, dum fœnum migrat in cornua.* Quer dizer a primeira parte, que do luxo nascera a tyrannia, pessima filha de máo pay. E segundo os gemidos dos tyrannizados, cujas seráõ estas tyrannias, senaõ dos que eú vou fallando? Todos querem mais do que podem, nenhum se contenta com o necessario, todos aspiraõ ao superfluo, e isto he o que se chama luxo. Luxo na pessoa, luxo no vestido, luxo na mesa, luxo na casa, luxo no estrado, luxo nos filhos, luxo nos criados, e criadas, e onde naõ basta o proprio, claro está, que ou por arte, ou por violencia se ha de roubar o alheyo, que estas saõ mais, ou menos descubertas as tyrannias: *Luxus erit in tyrannidem.* E porque naõ pareça difficultoso, ou improprio, que de huma causa taõ branda, e taõ deleitavel, como o luxo, nasça hum effeito taõ duro, e taõ cruel, como a tyrannia, declara a primeira parte da sua sentença Solon com a comparaçaõ da segunda, que verdadeiramente he subtilissima: *Dum fœnum migrat in cornua.* O pasto, com que se regala, e se engrossa o touro, naõ he o feno brando, e para elle taõ saboroso, que o come de dia, e o torna a recomer de noite? Pois esse feno na testa do mesmo bruto he o que se converte naquellas duas pontas duras, fortes, e agudas, que saõ o instrumento, e as

armas de toda a ſua fereza. Lançay-o no corro, e vereis como a todos remete, a todos atropella, a huns bota para o ar, a outros piza, a outros fere, ou matà, e o que melhor livrou da ſua furia, foy deixandolhe a capa nas meſmas pontas. Se o luxo he o feno, quanto mais ſe come delle, e ſe goſta, e ſe rumia, tanto mayores ſeraõ as tyrannias, e mais feros os eſtragos: *Dum fœnum migrat in cornua.* Boa materia ſe me offerecia agora para fallar das durezas taõ crueis, e das agudezas taõ ſubtis, e das armaçoens taõ bem armadas deſtas armas da tyrannia. Mas o dito baſtará, para que ſe entenda a verdade do fundamento, que puz, ou ſuppuz, como primeira pedra deſte taõ importante diſcurſo. E que a cauſa, e raiz de todos os damnos particulares, e publicos, que padecem as familias, as Communidades, e os Reynos, e com que ſe eſtá indo a pique o mundo, he naõ acabar o appetite, a ambiçaõ, e a cegueira humana de tomar as medidas ao que póde, e ajuſtar o ſeu querer ao ſeu poder: *Si vis, potes.*

Num. 268. 880 Para reduzirmos á pratica eſte taõ neceſſario ajuſtamento, a primeira diligencia, que ha de fazer todo o homem prudente de ſi para comſigo, e ſem paixaõ, nem amor proprio, he medir o ſeu poder:

Luc. 14. 28. *Quis ex vobis volens turrim ædificare, non prius ſedens computat ſumptus, qui neceſſarii ſunt, ſi habeat ad perficiendum?*

Num. 273. 881 Feito aſſim o exame do poder, e feito, como dizia, ſem paixaõ, nem amor proprio, para ſer bem feito, ſegueſe a eleiçaõ do querer, em que conſiſte todo o acerto, e póde haver muitos erros. Ou eu poſſo querer ſómente o que poſſo, ou querer mais do que poſſo, ou querer menos do que poſſo. E como

mo neſtes tres modos de ajuſtar o querer com o poder, ou igualando, ou excedendo, ou diminuindo ſe póde alterar muito a devida proporçaõ, vejamos pela meſma ordem qual ſerá a mais acertada, e por iſſo meſmo a mais conveniente.

882 Quanto á primeira de querer ſómente o que poſſo, he taõ excellente, e adequada eſta proporçaõ, que por hum modo admiravel parece ſe iguala o querer, e poder humano com a vontade, e omnipotencia divina. Qual he a excellencia, e ſoberania da vontade, e omnipotencia divina? He que Deos póde quanto quer. Pois ſe Deos póde quanto quer, e eu quero ſó quanto poſſo, eſte he o caſo, como diz Seneca em outro, no qual póde o homem competir na felicidade com Deos. Porque ſe Deos póde quanto quer, eu tambem poſſo quanto quero, porque ſó quero quanto poſſo. Aſſim o notou com ſubtil, e bem fundada advertencia o douto, e engenhoſo Auctor da arte da vontade. He verdade, que Deos póde fazer mais do que quer; mas tambem o homem póde querer mais do que póde: e a proporçaõ do querer com o poder tanto conſiſte em Deos em ſe medir o poder divino com a vontade divina, como no homem em ſe medir a vontade humana com o poder humano. Daqui ſe ſegue, q̃ os muito poderoſos, e os que pouco podem, todos ſaõ iguaes neſta felicidade, em que ſe fazem taõ ſemelhantes a Deos. Porque ſe huns, e outros ſe conformaõ, e contentaõ com o que podem, nem o muito de huns he mais, nem o pouco de outros he menos; porque todos dentro da medida do ſeu poder tem tudo quanto querem. Oh que ditoſo, e bem ordenado viviria univerſalmente o mundo, ſe todos penetraſſem o interior deſte ſegredo, e naõ traſpaſſaſſem o

Num. 274.

seu querer além das rayas do seu poder!

Num. 275. 883 Advirtaõ porém aqui principalmente os poderosos, que o que dizemos do poder, só se entende do que licita, e justamente se póde. O illicito, e injusto nunca se póde fazer, ainda que se faça. Mas he tal a jactancia dos poderosos, e mais daquelles, que cuidaõ, que podem tudo, que tem por afronta do seu poder cuidarse, que tem limite o que podem. Assim como o Juiz naõ póde exceder as leys do Rey, assim o Rey naõ póde exceder as da razaõ, e justiça. A ElRey Creonte disse Medea: *Si judicas, cognosce: si regnas, jube*: Se obras como Juiz toma conhecimento da causa, mas se obras como Rey manda o que quizeres. A segunda parte deste aforismo he tirada dos archivos naõ só da tyrannia, mas do atheismo: e naõ só a seguem os Reys, senaõ tambem os Juizes. Pilatos era Juiz com vezes de Rey, porque era em Judea Locotenente do Cesar: e vede o soberbissimo conceito, que tinha dos seus poderes. Como Christo Senhor nosso accusado pelos Judeos naõ respondesse a huma pergunta, que lhe fazia Pilatos,

Joan. 19. 10. disselhe assim: *Mihi non loqueris*? A mim me naõ respondes? *Nescis quia potestatem habeo crucifigere te, & potestatem habeo dimittere te*? Naõ sabes que tenho poder para te crucificar, e que tenho poder para te livrar? Naõ, Pilatos: naõ sabe isso Christo. Esse homem, q̃ tens em pé diante de ti, he o mais sabio de todos os homens, e juntamente Deos: e nem como homem, nem como Deos sabe o que dizes; porque dizes o que naõ he, nem póde ser. Se esse homem he reo, naõ tens poder para o livrar, e se he innocente, naõ tens poder para o crucificar. E porque? Porque se he reo, naõ o podes absolver da culpa, e se naõ tem

tem culpa, naõ lhe pódes condemnar a innocencia. Mas quantos innocentes vemos condemnados, e quantos culpados abſolutos, tudo pela falſa, e arrogante oſtentaçaõ dos que cuidaõ, que podem tudo!

884 Ora eu vos quero conceder o que naõ tendes, e ſuppondo comvoſco, que verdadeiramente podeis, ouvi agora o que ignorais, e por ventura nunca ouviſtes. Cuidais que o poder todo conſiſte em naõ haver couſa alguma, a que ſe naõ eſtenda o voſſo poder; e he engano manifeſto. O poder todo conſiſte em poder algumas couſas, e naõ poder outras: conſiſte em poder o licito, e juſto, e em naõ poder o illicito, e injuſto: e ſó quem póde, e naõ póde deſta maneira, he todo poderoſo. Naõ he paradoxo meu, ſenaõ verdade de fé divinamente explicada por Santo Agoſtinho: *Quam multa non poteſt Deus, & omnipotens eſt? Immo omnipotens eſt, quia iſta non poteſt.* E a razaõ he, porque o ſer todo poderoſo conſiſte em poder humas couſas, e naõ poder outras: em poder todas as que ſaõ licitas, e juſtas, e naõ poder nem huma ſó das que ſaõ illicitas, e injuſtas. Num. 276.

885 Que diráõ agora a iſto os todo poderoſos do mundo? Se quereis ſer omnipotentes, podei ſómente o juſto, e licito, e naõ queirais poder o illicito, e injuſto. Se aſſim o fizerdes, ſereis omnipotentes como Deos, e ſe naõ, ſeraõ os voſſos poderes como os do diabo, que póde, e faz muitas couſas, que Deos naõ póde. Suppoſto pois, que ſó ſe póde o que licita, e juſtamente ſe póde, quem neſta fórma ajuſtar o ſeu querer com o ſeu poder, poderá quanto quizer, porque ſó quererá quanto póde. E para que acabeis de ver quanto tem de divina eſta proporçaõ Num. 278.

do querer ajuſtado com o poder, notai por fim, que Deos ſó póde fazer o que póde querer: de ſorte, que ſó póde obrar a ſua omnipotencia o que póde querer a ſua vontade. E ſe eſtas ſaõ as medidas do poder, e querer immenſo, poder ſó o que quer; porque ſe naõ contentará a limitaçaõ humana com querer ſó o que póde? Querei ſó o que podeis, e ſereis omnipotentes. *Prorſus omnipotens eſt, qui facit quidquid vult*: Verdadeiramente he omnipotente (conclue Agoſtinho) quem póde quanto quer; com tal condiçaõ porém, que ſó queira o bem feito, e naõ queira o mal feito; porque neſte querer, e naõ querer conſiſte a verdadeira omnipotencia.

Num. 279. 886 Atéqui temos viſto a grande conveniencia, e excellencia mais que humana da primeira proporçaõ do querer com o poder, que he querer cada hum ſómente o que póde. A ſegunda he dos que excedem eſta medida, e querem mais do que podem, com os quaes agora fallaremos. E que lhe direi eu? Digo geralmente ſenhores, (porque os ſenhores ſaõ os que mais ordinariamente ſe naõ querem medir, ainda que ſeja comſigo meſmos) que para deſengano deſte deſejo, e emenda deſta vaidade baſtava ſó a conſideraçaõ do erro, que lhe haõ de achar no fim, e fora melhor atalhar no principio. Conſiderai, que querendo mais do que podeis, naõ ſó deſtruis o voſſo poder, ſenaõ tambem o voſſo querer. Porque ſe eu quero mais do que poſſo, claro eſtá, que hei de perder o que poſſo, e naõ hei de conſeguir o que
Num. 281. quero. Pondevos junto ao boſque chamado de Efraim, e alli vereis pendurado de hum carvalho pelos cabellos, e traſpaſſado pelo peito com tres lanças o mais galhardo mancebo, que para inveja da formoſu-

mosura creou a natureza. Tal foy o tragico fim de Absalaõ, o qual traidor a Deos, ao pay, á patria, e a si mesmo, tendo terceiro filho de David lhe quiz tirar a coroa da cabeça, e pola na sua, como naõ devera, nem podia. Pondevos nos campos de Babylonia, e vereis com horror andar sobre quatro pés, pascendo feno, e bebendo do rio com os brutos hum homem convertido na mesma figura, o qual pouco antes adorado no throno Real se chamava Nabucodonosor. Era o mais poderoso Monarcha do mundo; mas porque quiz ser, e poder mais do que podia, o fez Deos cursar naquella escola séte annos para elle aprender, e nos ensinar o que podem vir a ser os que querem mais do que podem.

887 Olhem os homens para as outras creaturas sem uso de razaõ, e naõ queiraõ ser ingratos, e soberbos contra Deos, quando todas ellas, grandes, e pequenas, o louvaõ, e lhe daõ graças pelo que delle receberaõ. Se o rato naõ quer ser leaõ, nem o pardal quer ser aguia, nem a formiga quer ser elefante, nem a râ quer ser balea; porque se naõ contentará o homem com a medida do que Deos lhe quiz dar? E que seria, se nem os leoens, nem as aguias, nem os elefantes, nem as baleas se contentassem com a sua grandeza, e huns se quizessem comer aos outros para poder mais, e ser mayores? Isto he o que querem, e fazem continuamente os homens, e por isso os altos cahem, os grandes rebentaõ, e todos se perdem. Os instrumentos, que creou a natureza, ou fabricou a arte para serviço do homem, todos tem certos termos de proporçaõ, dentro dos quaes se podem conservar, e fóra dos quaes naõ podem. Com a carga demasiada cahe o jumento, rebenta o canhaõ, e vai-se o na- Num. 284.

o navio a pique; por iſſo ſe vem tantas quédas, tantos deſaſtres, e tantos naufragios no mundo. Se a carga for proporcionada ao calibre da peça, ao bojo do navio, e á força, ou fraqueza do animal, no mar farſeha viagem, na terra farſeha caminho, e na terra, e no mar tudo andará concertado. Mas tudo ſe deſconcerta, e ſe perde, porque em tudo quer a ambiçaõ humana exceder a esfera, e proporçaõ do poder.

Num. 287. 888 Só quem quer menos do que póde, he ſempre poderoſo, porque quem quiz quanto podia, encheo a medida do ſeu poder, e naõ póde paſſar dahi; porém quem quer menos do que póde, ſempre póde mais do que quer.

Num. 288. 889 Daqui ſe ſegue, que o rico, que quer mais do que póde, he pobre; e o pobre, que quer menos do que póde, he rico: o rico, que quer mais do que póde, he pobre; porque lhe falta o mais, que quer; e o pobre, que quer menos do que póde, he rico; porque lhe ſobeja o mais, que póde. Aſſim no lo enſinou a meſma natureza, meſtra de noſſas acçoens, quando nos provéo dos inſtrumentos, medindo os com ellas. Porque diſpoz a natureza, que a maõ foſſe mayor que o coraçaõ, e o coraçaõ hum, e as maõs duas? Porque o coraçaõ he o inſtrumento do querer, e as maõs do poder: no coraçaõ eſtá a deliberaçaõ da vontade, e nas maõs a execuçaõ das obras; e ordenou, que a maõ foſſe mayor, que o coraçaõ, e o coraçaõ hum, e as maõs duas, para que ſempre podeſſemos mais do que quizeſſemos, e nunca queiramos tanto, quanto podemos. Oh ſe os homens entendeſſemos eſta politica natural, e domeſtica, e nos perſuadiſſemos a ella, quaõ deſcanſada ſeria eſta vida, que nós

pelo

pelo desgoverno da nossa vontade, e pelos excessos das nossas vontades fazemos taõ cansada, e trabalhosa!

DISCURSO LXXXIV.

Tirado de hum sermaõ de S. Joseph, prégado no dia dos annos d'ElRey D. Joaõ IV.

RECREAÇAM.

890 TOmar hum dia de monte, tomar huma hora de recreaçaõ no meyo dos mayores cuidados, tambem he parte de Rey: *Ducit in montana pars regni est*, disse discretamente S. Jeronymo. Descansar para cansar mais antes he ambiçaõ de trabalho, que desejo de descanso. Quando as potencias da alma estaõ taõ fatigadas, justo he, que se dê algum alivio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palavras do Santo: *Pars regni est*: se disera S. Jeronymo, que os moderados passatempos saõ privilegios das Magestades: se disera, que saõ gages do poder supremo, que saõ divertimentos licitos, e honestamente soberanos, bem estava; mas dizer, que saõ qualidades de Rey, e parte de reynar: *Pars regni est*? Sim. Porque o principal attributo de reynar he attender ao cuidado do Reyno, e tambem he parte de attender aos cuidados descuidarse por huma hora delles. Para digirir o negocio he necessario desafogar o animo: parte he logo de cuidado o divertirse, quando o recrear os sentidos vem a ser habilitar as potencias. O demasiado cuidado embaraça a resoluçaõ, e o moderado descanso resolve-o o cuidado. Part. 7. Num. 556.

DIS-

DISCURSO LXXXV.

Tirado de dous ſermoens da quinta Dominga da Quareſma prégados na Capella Real, e na Cathedral de Lisboa.

RELIGIAM.

Part. 2. Num. 258. 891 ESTas palavras, que hoje nos propoem a Igreja, e nos manda prégar ao povo Chriſtaõ, ſaõ as meſmas, que Chriſto antigamente prégou contra os Eſcribas, e Fariſeos. E porque ſaõ as meſmas, parece, que naõ he razaõ ſe nos prégue em a nós. Chriſto neſtas palavras queixavaſe dos Judeos, porque o naõ criaõ: *Quare non creditis mihi?* E naõ ſeria grande impropriedade, e ainda affronta da noſſa fé, ſe em hum auditorio taõ catholico fizeſſe eu a meſma queixa, e affirmaſſe, ou ſuppozeſſe de nós, que ſendo Chriſtaõs, naõ cremos a Chriſto? Eſte foy o meu primeiro reparo, e me pareceo conforme a elle, que as palavras do Euangelho, que propoz, ſó as mandava referir a Igreja como hiſtoria do tempo paſſado, e naõ como doutrina neceſſaria aos tempos, e coſtumes preſentes.

Joan. 8. 46.

Num. 259. 892 Dei hum paſſo mais avante com a conſideraçaõ, e comecei a duvidar diſto meſmo. Olhei para a fé, que ſe uſa: olhei para a vida, e obras, que correſpondem á meſma fé: olhei para os pequenos, e muito mais para os grandes: olhei para os leigos, e tambem para os Eccleſiaſticos, e achei, e me perſuadi com grande confuſaõ minha, que taõ neceſſaria he hoje eſta prégaçaõ, como foy no tempo de Chriſto. E

to. E porque? O dia he de verdades: hei de dizer o porque muito claramente. Porque se os Escribas, e Fariseos naõ criaõ a Christo, tambem os Christaõs, e Catholicos naõ cremos a Christo. Iramonos muito, e dizemos grandes injurias contra os Judeos daquelle tempo, e nós somos como elles. Contra elles prégou Christo, contra nós préga o Euangelho. E se Christo fallara daquelle sacrario, assim como entaõ disse aos Judeos: *Quare nos creditis mihi*, assim haviamos de ouvir, que nos dizia a nós: Christaõs, porque me naõ credes? Se sois, e vos chamais Christaõs, porque naõ credes a Christo?

893 Pareceme, senhores, que vos vejo inquietos, e ainda indignados contra mim por esta proposta, e que cada hum dentro de si naõ só me está arguindo, e condemnando, mas cuida, que me tem convencido. Nós (dizeis todos) por graça de Deos somos Christaõs, e o Christo, em que cremos, e por cuja fé daremos a vida, he o mesmo Christo, que os Judeos hoje negaraõ. Elles crucificaraõno, nós adoramolo: elles naõ creraõ, que era verdadeiro Messias, nós cremos, que he verdadeiro Deos, e verdadeiro homem, que incarnou, que nasceo, que morreo, que resuscitou, que salvou, e remio o mundo. Logo grande injuria he a que faz á nossa fé, e á nossa christandade quem diz, que somos como os Judeos em naõ crer a Christo. E que seria, se eu dissesse, que nesta parte ainda somos peyores? Num. 260.

894 Entendei bem o que diz o texto de Christo, e logo vereis como a vossa instancia nem desfaz a minha proposta, nem he argumento contra ella. Dizeis, que sois Christaõs? Assim he. Dizeis, que credes muito verdadeiramente em Christo? Tambem o con- Num. 261.

concedo. Mas Chriſto naõ ſe queixa de naõ crerem nelle: queixaſe de o naõ crerem a elle. Notai as palavras. Naõ diz: *Quare non creditis in me?* Porque naõ credes em mim? O que diz he: *Quare non creditis mihi?* Porque me naõ credes a mim? Huma couſa he crer em Chriſto, que he o que vós provais, e eu vos concedo: outra couſa he crer a Chriſto, que he o que naõ podeis provar, e em que eu vos hei de convencer. De ambos eſtes termos uſou o meſmo Senhor muitas vezes. Aos diſcipulos: *Creditis in Deum, & in me credite.* A Martha: *Qui credit in me, etiamſi mortuus fuerit, vivet.* Por outra parte á Samaritana: *Mulier, crede mihi*, e aos meſmos Judeos: *Si mihi non vultis credere, operibus credite.* De maneira, que há crer em Chriſto, e crer a Chriſto; e huma crença he muito differente da outra. Crer em Chriſto he crer o que elle he: crer a Chriſto he crer o que elle diz: crer em Chriſto he crer nelle: crer a Chriſto he crello a elle. Os Judeos nem criaõ em Chriſto, nem criaõ a Chriſto. Naõ criaõ em Chriſto; porque naõ criaõ a ſua divindade, e naõ criaõ a Chriſto; porque naõ criaõ a ſua verdade. E neſta ſegunda parte he, que a noſſa fé, ou a noſſa incredulidade ſe parece com a ſua, e ainda a excede mais ſeyamente. O Judeo naõ crê em Chriſto, nem crê a Chriſto: e que naõ creya a Chriſto quem naõ crê em Chriſto he proceder coherentemente. Pelo contrario nós cremos em Chriſto, e naõ cremos a Chriſto, e naõ crer a Chriſto quem crê em Chriſto, naõ crer a ſua verdade quem crê na ſua divindade he huma contradiçaõ taõ alheya de todo o entendimento, que ſó ſe póde preſumir de quem tenha perdido o uſo da razaõ; e por iſſo o meſmo Senhor,

Joan. 14. 1. Joan. 11. 25. Joan. 4. 21. Joan. 10. 38.

nhor nos pergunta por ella: *Quare*?

895 Todos os que aqui estamos por merce de Deos, somos homens, e somos Christaõs: em quanto Christaõs somos obrigados a ter fé, e em quanto homens somos obrigados a dar a razaõ. E se eu tenho razaõ para crer o que Christo diz, que razaõ posso ter para naõ fazer o que Christo diz? Se tenho razaõ para dar a vida pela fé, que razaõ posso ter para naõ concordar a fé com a vida? Que diz Christo aos Judeos? *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi*? Se vos digo a verdade, porque me naõ credes? Que diz Christo aos Christaõs? Se credes a verdade, que vos digo, porque a naõ obrais? Os Judeos erraõ em naõ concordar a sua fé com a sua esperança: os Christaõs erraõ em naõ concordar a sua vida com a sua fé: e qual he mayor erro, e mayor cegueira? Naõ ha duvida, que a dos Christaõs. Porque? Porque a fé he das cousas que naõ se vem: *Argumentum non apparentium*; e o naõ crer póde ter alguma desculpa nos olhos: porém crer huma cousa, e obrar a contraria nenhuma desculpa póde ter, nem apparencia de razaõ ainda falsa. Aqui nos aperta a nós mais, que aos Judeos aquelle *Quare*. *Quare*? Porque razaõ? Day-a cá. Part. II. Num. 499.

896 Dito he antigo, e como verdadeiro, e discreto muito celebrado, que na Christandade naõ havia de haver mais, que duas prisoens, a dos carceres do santo Officio, e a da casa dos Orates. Porque hum homem, qualquer que seja, ou tem fé, ou naõ tem fé: se naõ tem fé, he hereje, e pertence aos carceres do santo Officio: se tem fé, e crê que ha Deos, Ceo, e Inferno, e com tudo vive, como se o naõ crera, he rematadamente doudo, e pertence á casa dos Num. 500.

dos Orates. Os Judeos do noſſo Euangelho de huma, e outra cenſura, e de huma, e outra pena ſe moſtraraõ bem merecedores. Quanto á fé, e ao *creditis* naõ ſó negaraõ a fé de Chriſto: *Non creditis mihi*; mas á ſua infidelidade accreſcentaraõ blasfemias: Joan. 8. 48. *Nonne bene dicimus nos, quia Samaritanus eſt tu, & dæmonium habes?* De ſorte, que no meſmo acto da fé, e no meſmo cadafalſo ſe pela infidelidade mereciaõ a fogueira, pela blasfemia mereciaõ a mordaça. E quanto ao juizo, e ao uſo da razaõ: *Quare*, diz o texto, que tomaraõ pedras para atirarem a Joan. 59. Chriſto: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum.* No ſagrado do templo nem as pedras eraõ taõ miudas, nem taõ ſoltas, que as podeſſem tomar alli: final he logo, que já as traziaõ comſigo. Vede ſe mereciaõ ſer levados á caſa dos Orates, pois naõ eraõ doudos, ſe naõ doudos de pedras.

Num. 501. 897 Paſſemos agora de Jeruſalem á Chriſtandade. Por ventura he melhor o noſſo uſo da razaõ, que o ſeu *quare*? He melhor a noſſa fé, que o ſeu *non creditis*? Naõ crer he ter o entendimento cego, e obſtinado: crer huma couſa, e obrar outra he totalmente naõ ter entendimento: ſe naõ temos entendimento, naõ ſomos homens: ſe naõ temos fé, naõ ſomos Chriſtaõs. Que ſomos logo? Terrivel conſequencia huma, e outra! Se naõ ſomos homens, quando muito ſomos animaes: ſe naõ ſomos Chriſtaõs, e Catholicos, quando menos ſomos hereges. Naõ me atrevera a dizer tanto, ſe naõ tivera experimentado ambas eſtas conſequencias, e viſto ambas com os olhos. Neſta ultima viagem: (ſejame licita a narraçaõ do caſo, que por raro, e proprio do intento he bem notavel.) Neſta ultima viagem minha, que foy

das

das Ilhas a Lisboa, em que aquella traveſſa no Inverno he huma das mais trabalhoſas, o navio era de hereges, e hereges o Piloto, e marinheiros: os paſſageiros eramos alguns Religioſos de differentes Religioens, e grande quantidade daquelles muſicos Inſulanos, que com os noſſos rouxinoes, e pintacilgos vem cá a fazer o coro de quatro vozes, canarios, e melros.

898 As tempeſtades foraõ mais, que ordinarias, Num 502.
mas os effeitos, que nellas notei, verdadeiramente admiraveis. Os Religioſos todos eſtavamos occupados em oraçoens, e ladainhas, em fazer votos ao Ceo, e exorcilmos ás ondas, em lançar reliquias ao mar, e ſobre tudo em actos de contriçaõ, confeſſandonos como para morrer huma, e muitas vezes. Os marinheiros, como hereges, com as machadinhas ao pé dos maſtros comiaõ, e bebiaõ alegremente mais que nunca, e zombavaõ das noſſas, que elles chamavaõ ceremonias. Os paſſarinhos no meſmo tempo com o ſonido, que o vento fazia nas enxarcias, como ſe aquellas cordas foraõ de inſtrumentos muſicos, deſfaziaõſe em cantar. Oh valhame Deos! Se o trabalho, e o temor naõ levaſſe toda a attençaõ, quem ſe naõ admiraria neſte paſſo de effeitos taõ varios, e taõ encontrados, ſendo a cauſa a meſma? Todos no meſmo navio, todos na meſma tempeſtade, todos no meſmo perigo, e huns a cantar, outros a zombar, outros a orar, e chorar? Sim. Os paſſarinhos cantavaõ, porque naõ tinhaõ entendimento, os hereges zombavaõ, porque naõ tinhaõ fé, e nós, que tinhamos fé, e entendimento, bradavamos ao Ceo, batiamos nos peitos, choravamos noſſos peccados.

899 Iſto he o que eu vi, e paſſei, e iſto meſmo Num. 503.
o que

o que nós naõ vemos, eſtando no meſmo, e em peyor, e mayor, e mais perigoſo eſtado. A traveſſa he da terra para o Ceo, e da vida mortal para a eternidade, o mar he eſte mundo, os navegantes ſomos todos, o navio o corpo de cada hum, taõ fraco, e de taõ pouca reſiſtencia por todos os coſtados, e a tempeſtade: e as ondas muito mayores: *Aſcendunt uſque ad cœlos, & deſcendunt uſque ad abyſſos*: Saõ taõ grandes, ou taõ immenſas as ondas, diz David, que humas ſobem até o Ceo, e outras deſcem aos abyſmos. Iſto, que nos Poetas he hyperbole, no Profeta he verdade pura, e certa ſem encarecimento. Se quando a onda vos afoga, eſtais em graça, poemvos no Ceo: *Aſcendunt uſque ad cœlos*: ſe quando vos ſoçobra, e tolhe a reſpiraçaõ, eſtais em peccado, metevos no inferno: *Deſcendunt uſque ad abyſſos*. E que no meyo de hum perigo mais que horrivel, e tremendo, em que o menos, que ſe perde, he a vida, huns naõ temaõ, e cantem, outros zombem, e naõ façaõ caſo, e ſejaõ taõ poucos os que ſe compunjaõ, e tratem da ſalvaçaõ? Sim outra vez. Porque os menos ſaõ os que tem entendimento: os de mais nem tem fé, nem entendimento.

Pſ. 105. 26.

Num. 504. 900 Ora já que todos imos embarcados no meſmo navio, perguntеſe cada hum a ſi meſmo, a qual deſtas partes pertence. Sou dos que cantaõ, ſou dos que zombaõ, ou ſou dos que choraõ? Sou dos Chriſtaõs, e Catholicos, ou ſou dos hereges? Sou dos homens com uſo da razaõ, ou dos irracionaes? Que as aveſinhas naõ reconheçaõ o perigo da vida, naõ alcança mais o ſeu inſtinto: que os hereges naõ temaõ a eſtreiteza da conta, eſta he a cegueira da ſua infidelidade; mas que hum homem Chriſtaõ no meyo deſtes

deſtes dous perigos com a morte, e a conta diante dos olhos, neſte meſmo tempo eſteja cantando ao ſom dos ventos, e zombando ao balanço das ondas! Chriſtaõ, aonde eſtá a tua fé? Homem, aonde eſtá o teu entendimento? Se tens uſo de razaõ, dá cá a razaõ: *Quare, quare?*

901 He taõ difficultoſa, e taõ impoſſivel eſta razaõ, que nenhum homem ha, nem houve, nem haverá, que por mais voltas, que dê ao entendimento, a poſſa dar, naõ digo verdadeira, e ſolida, mas nem ainda falſa, e apparente. Se conſultardes os bons, e os juſtos, que caminhaõ pela eſtrada real da verdade, e da virtude, todos haõ de dizer, e dizem conſtantemente, que a vida ſe ha de concordar com a fé: e ſe fizerdes a meſma pergunta aos maos, e aos peſſimos, que ſeguem os caminhos do erro, e os precepicios da infidelidade, até eſtes, ſe naõ reſponderem, que a vida ſe ha de conformar com a fé, ao menos haõ de dizer, que a fé ſe ha de conformar com a vida. Ouvi agora huma notavel ponderaçaõ, e taõ certa, como admiravel. Sendo a fé huma ſó fé, aſſim como Deos he hum ſó Deos: *Unus Deus, una fides,* qual he o fundamento, ou motivos porque os homens ſe dividiraõ em tantas ſeitas? Naõ ha duvida, que ſe lhe cavarmos ao pé, e lhe buſcarmos as raizes, acharemos, que todas ſe ſemearaõ nos vicios, e delles brotaraõ, e naſceraõ. Ephes. 4. 5.

902 Primeiro ſe depravaraõ as vontades, e depois ſe perverteraõ os entendimentos. Epicuro era delicioſo, Mafoma era torpe, Luthero, e Calvino eraõ relaxados da ſua profiſſaõ, e depois depravados em tudo. Vinde cá, maos homens, ſede embora maos, e viciоſos, vivei embora, ou na má hora á voſſa von- Num. 406.

tade, largai a redea a voſſos appetites; mas naõ façais, nem inventeis novas ſeitas. Epicuro ſeja quaõ delicioſo quizer, mas naõ negue a Deos o attributo da juſtiça, para que os homens tenhaõ por bemaventurança as delicias. Mafoma ſeja taõ torpe, e taõ abominavel, como foy; mas naõ faça tambem torpe o Ceo, para que os homens eſperem na bemaventurança as torpezas. Luthero, e Calvino vivaõ taõ viciosa, e depravadamente, como viveraõ; mas naõ enſinem, que o ſangue de Chriſto nos ha de ſalvar ſem cooperaçaõ noſſa, para que os homens creaõ, que póde haver ſalvaçaõ, e bemaventurança ſem obras. Pois ſe eſtes homens podiaõ fartar a bruteza dos ſeus appetites ſem aggravo, nem mudança da fé; porque a mudaraõ taõ cegamente, e formaraõ ſeitas taõ barbaras, e taõ novas?

Num. 507. 903 Aqui vereis como naõ ha entendimento taõ depravado, e taõ cego, nem erro taõ irracional, e taõ atrevido, que ditaſſe, ou admittiſſe já mais, que a vida naõ havia de concordar com a fé. A vida, diziaõ todos, neceſſariamente ha de concordar com a fé; nós naõ queremos mudar a vida, ſenaõ continuar em noſſos vicios, que faremos logo? Naõ temos outro meyo, ſenaõ trocar os meſmos extremos, e mudar a fé, porque deſta maneira, já que a vida naõ concorda com a fé, ao menos a fé concordará com a vida. Naõ queremos fazer vida nova? Pois façamos fé nova: e aſſim o fizeraõ. Aſſim o fez na gentilidade Epicuro, aſſim o fez no paganiſmo Mafoma, aſſim o fizeraõ na Chriſtandade Luthero, e Calvino, e ſe tornarmos ao acto da fé dos Judeos, aſſim o tinhaõ elles já feito muito antes de todos.

Num. 511 904 Acabamos de dizer, que os Judeos tambem ſegui-

seguiraõ, ou anticiparaõ os passos dos gentios, dos pagaõs, e dos hereges em trocar, e mudar a fé para a concordar com a vida. Agora saibamos, se os Christaõs procedem mais coherentemente, e conforme a razaõ, e se respondem melhor áquelle *Quare*. Os outros mudaõ a fé, os Christaõs naõ a mudaõ: a fé dos outros mudada he falsa, a fé dos Christaõs conservada he verdadeira; mas se olharmos para as vidas, as dos outros concordaõ com a sua fé, as de muitos Christaõs naõ concordaõ com a sua. Quaes vivem logo, e procedem mais coherentemente, e mais conformes com a razaõ? Naõ ha duvida, (miseria, e vergonha grande!) que mais conforme á razaõ procede o gentio, mais conforme á razaõ o pagaõ, mais conforme á razaõ o herege, e mais conforme á razaõ o Judeo, que saõ todas as quatro especies da infidelidade. E porque? Porque todos esses seguem com a vida o que crem com a fé, e o mao Christaõ com a fé crê huma cousa, e com a vida segue outra.

905 Christaõs (os que naõ obramos o que devemos) a quem seguimos: *Usquequo claudicatis in duas partes*? Será bem que tenhamos hum pé em Roma adorando a Christo, outro em Constantinopla guardando o Alcoraõ? Hum em Roma beijando o pé a S. Pedro, outro em Jerusalem beijando a maõ a Herodes? Hum em Roma rezando a Santa Maria Mayor, outro em Chipre offerecendo sacrificios á deosa Venus? Hum em Roma visitando as sete Igrejas, outro em Londres, ou Amsterdaõ profanando os altares, e perdendo a reverencia ás imagens sagradas? Isto faz o Turco, o Judeo, o gentio, o herege, e cada hum conforme a sua fé: e sendo a nossa Num. 514. 3. Reg. 18. 21.

taõ contraria, será bem, que em nós Christaõs, e Catholicos se ache o mesmo? Se naõ concordar a vida com a fé, he hum dictame taõ barbaro, e taõ irracional, que naõ cabe no entendimento de Luthero, que naõ cabe no entendimento de Epicuro, que naõ cabe no entendimento de Mafoma: e como cabe no nosso entendimento? Pôr a bemventurança nas delicias, como Epicuro, he ser gentio, passe: pôr a bemaventurança nas torpezas, como Mafoma, he ser Turco, seja: esperar a bemaventurança sem obras, como Luthero, e Calvino, he ser hereje, vá na má hora. Mas ser Christaõ na fé, e a vida ser de Epicuro: ser Christaõ na fé, e a vida ser de Mafoma: ser Christaõ, e Catholico na fé, e a vida ser de Luthero, e de Calvino, em que entendimento póde caber taõ rematada loucura? Ha quem responda, ha quem dê razaõ, ha quem diga o *quare*?

Num. 515. 906 Eu em toda a Escritura sagrada só acho hum homem, que satisfizesse á minha pergunta, e respondesse a proposito. E que homem será este? Christaõ? Naõ. Judeo? Naõ. Gentio? Naõ. Turco? Naõ. Hereje? Naõ. Pois que casta de homem será, ou póde ser o que só respondeo a proposito ao nosso *quare*? Hum Atheo. Todos essoutros ou fieis, ou infieis conhecem a Deos; só o Atheo o naõ conhece, e só este póde dar a verdadeira razaõ do que perguntamos. ElRey Faraó tinha cativo o povo de Israel no Egypto, e com o mais duro, e intoleravel cativeiro, que se póde imaginar. Naõ lhe pagava o trabalho, antes lho accrescentava cada dia, para que naõ tivessem hora de descanso: punhalhe por ministros, que superintendessem ás obras, em que servião, os de condiçaõ, aspera, e cruel para que mais os oppri-

opprimissem: naõ lhes dava de comer, com que sustentar a miseravel vida, e até os filhos lhes matava cautelosamente, sem que os podessem esconder, nem livrar: em fim o summo da tyrannia. Neste estado de tanto aperto, em que se naõ ouvia mais que clamores ao Ceo, chegou Moysés ao Egypto, e notificou a Faraó da parte de Deos, que désse liberdade ao seu povo para lhe ir sacrificar no deserto: *Hæc dicit Dominus Deus Israel: Dimitte populum meum, ut sacrificet mihi in deserto.* E que vos parece, que responderia Faraó? *Quis est Dominus, ut audiam vocem ejus?* Que Deos, e que Senhor he esse, para que o eu obedeça? *Nescio Dominum, & Israel non dimittam*: Naõ conheço tal Deos, nem tal Senhor, nem hei de dar tal liberdade ao povo. Oh barbaro! Oh rebelde! Oh insolente, e brutal tyranno! Exod. 5. 1. 2.

907 Isto he o que estaõ dizendo todos; mas eu naõ digo assim. Digo, que respondeo Faraó muito coherente, e discretamente. Como barbaro sim; mas como barbaro bem entendido: como desobediente sim; mas como desobediente racional. Naõ conheço a Deos, e naõ hei de libertar o seu povo? Ruim fé; mas boa consequencia. Na fé fallou como bruto, na consequencia respondeo como homem. Naõ obedecer a Deos, e dar por razaõ, naõ o conheço, bem se segue. Mas conhecer a Deos, e naõ querer fazer o que manda Deos, he consequencia, e razaõ, que naõ cabe em nenhum entendimento. Oh quantos Faraós mais barbaros, oh quantos Atheos mais irracionaes ha na Christandade! Opprimir os povos, cativar os livres, gemerem os pobres, triunfarem os poderosos, naõ se dar de comer a quem trabalha, naõ se pagar a quem serve, tiraremse as vidas aos innocentes, Num. 5 16.

e viverem os que as tiraõ, naõ ſó do ſeu ſuor, ſenaõ do ſeu ſangue, e dar por razaõ de tudo iſto: *Neſcio Dominum*: Naõ conheço a Deos, he obrar mal, mas fallar coherentemente. Porém opprimir, cativar, deſtruir, roubar, aſſolar, affrontar, matar, tyrannizar, e ſobre iſto dizer conheço a Deos, ſobre iſto dizer ſou Chriſtaõ, ſobre iſto dizer tenho fé, naõ ha juizo humano, nem entendimento racional, em que caiba tal couſa. E ſe naõ dai cá a razaõ, *Quare, quare*?

Num. 513. 908 Aſſim como naõ ha couſa mais coherente, nem conſequencia mais poſta em razaõ, que ſeguir hum homem com a vida aquillo, que adora, e crê com a fé, aſſim naõ ha, nem póde haver dictame mais irracional, e mais contrario a toda a razaõ, que crer huma couſa com a fé, e ſeguir outra com a vi-

Num. 529. da. Moſtre agora cada hum de nós a ſua fé, e ſeja tida por verdadeira fé a que moſtrar que o he. A demonſtraçaõ da fé, que he interior, e inviſivel, parece difficultoſa, e impoſſivel, e naõ he ſenaõ muito facil. A fé he cega, mas aſſim como o cego me naõ vê a mim, e eu o vejo a elle, aſſim a fé naõ vê, mas vê-ſe: naõ vê, porque naõ vê os ſeus objectos, mas vê-ſe, porque ſe vê nos ſeus effeitos. Os ſeus effeitos ſaõ as obras conformes a ella: pelas obras ſe vê manifeſtamente, e ſem obras como ſe póde ver?

Num. 525. Jacob. 2. 17. 18. 909 Diz Santiago, que a fé ſem obras he morta: *Fides ſine operibus mortua eſt in ſemet ipſa.* Aſſim como o corpo ſem alma he morto, aſſim a fé ſem obras he morta. Com tudo ainda que hum homem, naõ ſaça, nem tenha obra alguma boa, dirá: Eu creyo tudo o que crê a ſanta Madre Igreja: logo a minha fé he a meſma, que a do mayor Santo? Aſſim he. A meſ-

ma,

ma, mas morta: *Mortua in semet ipsa.* No Santo he viva, porque he com obras, e em vós, porque carece de obras, he morta.

910 Olhe agora cada hum para as suas maõs, e verá qual he a sua fé. Eu taparei os ouvidos ao que se diz, e só direi o que se vê com os olhos, e se aponta com o dedo. Como estamos na Corte, onde das casas dos pequenos naõ se faz caso, nem tem nome de casas, busquemos esta fé em alguma casa grande, e dos grandes. Deos me guie. Num. 532.

911 O escudo desta portada em hum quartel tem as quinas, em outro as lizes, em outro aguias, leoẽs, e castellos, sem duvida este deve ser o palacio, em que mora a fé Christã, Catholica, e Christianissima. Entremos, e vamos examinando o que virmos parte por parte. Primeiro, que tudo, vejo cavallos, liteiras, e coches: vejo criados de diversos calibres, huns com libré, outros sem ella: vejo galas, vejo joyas, vejo baixellas: as paredes vejo-as cubertas de ricos tapizes: das janelas vejo ao perto jardins, e ao longe quintas, em fim vejo todo o palacio, e tambem o oratorio; mas naõ vejo a fé. E porque naõ apparece a fé nesta casa? Eu o direi ao dono della. Se os vossos cavallos comem á custa do lavrador, e os freyos, que mastigaõ, as ferraduras, que pizaõ, e as rodas, e coche, que arrastaõ, saõ dos pobres officiaes, que andaõ arrastados sem poder cobrar hum real; como se ha de ver a fé na vossa cavalheriça? Se o que vestem os lacayos, e os pagens, e os soccorros do outro exercito masculino, e feminino depende das mesadas do mercador, que vos assiste, e no principio do anno lhe pagais com esperanças, e no fim com desesperaçoens a risco de quebrar, como se ha de ver a fé na vossa familia? Num. 533.

Num. 534. 912 Se as galas, as joyas, e as baixellas ou no Reyno, ou fóra delle foraõ adquiridas com tanta injuſtiça, e crueldade, que o ouro, e a prata derretidos, e as ſedas, ſe ſe eſpremeraõ, haviaõ de verter ſangue; como ſe ha de ver a fé neſſa falſa riqueza? Se as voſſas paredes eſtaõ veſtidas de precioſas tapeçarias, e os miſeraveis, a quem deſpiſtes para as veſtir a ellas, eſtaõ nús, e morrendo de frio; como ſe ha de ver a fé nem pintada nas voſſas paredes? Se a primavera eſtá rindo nos jardins, e nas quintas, e as fontes eſtaõ nos olhos da triſte viuva, e orfaõs, a quem nem por obrigaçaõ, nem por eſmola ſatisfazeis, ou agradeceis o que ſeus pays vos ſerviraõ; como ſe ha de ver a fé neſſas flores, e alamedas? Se as pedras da meſma caſa, em que viveis, deſde os telhados até os alicerſes eſtaõ chovendo o ſuor dos jornaleiros, a quem naõ fazeis feria, e ſe queriaõ ir buſcar a vida a outra parte, os prendieis, e obrigaveis por força; como ſe ha de ver a fé, nem ſombra della na voſſa caſa?

Num. 535. 913 Mas paſſemos do pulpito ao confeſſionario. Se o Confeſſor, quando com toda eſta carga vos pondes a ſeus pés, puxa pelo *quare* do noſſo texto, e vos pergunta a razaõ, porque naõ reſtituis devendo tanto; a repoſta, e a Theologia, que trazeis muito eſtudada, he, que ſem embargo das dividas deveis ſuſtentar a voſſa caſa com a decencia, que pede o voſſo eſtado, e que as rendas naõ daõ para tanto. Bem. E os pays, de quem herdaſtes eſſe meſmo eſtado, e eraõ taõ honrados como vós, naõ ſuſtentavaõ a honra, e a decencia delle com menos pompa, com menos criados, com menos librés, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gaſtais por outra via,

naõ

naõ com a decencia, senaõ com as indecencias da casa, e da pessoa? *Quare*? Que respondeis a isto? A mayor galantaria he, que ao outro dia depois da confissaõ, e desta escusa ouve o mesmo Confessor sem sigillo, que aquella noite perdestes dous mil cruzados, e que pela manhã os mandastes em dobroens, a quem os ganhou; porque he contra a pontualidade da fidalguia naõ pagar logo o dinheiro do jogo. Assim jogais com os homens, e assim com Deos, e esta he a vossa fé.

914 Dirmeha porém em contrario a nossa Corte, que se em algumas casas particulares está a fé taõ morta, e taõ corrupta, que nas casas de Deos está mais viva, e mais inteira, que em nenhuma parte do mundo. Assim se vê, e demostra em todos os templos de Lisboa, a qual muito á boca cheya póde dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Eu tenho visto a mayor parte da Christandade da Europa, e em nenhuma, entrando tambem nesta conta a mesma Roma, está o culto divino exterior taõ subido de ponto, e cada dia mais. Seria lastima grande vêr aqui desfazer, e arruinar nos mesmos templos as fabricas antigas de tanta formosura, e preço, se depois se naõ vissem as mesmas ruinas gloriosamente resuscitadas com tanto mayores riquezas da materia, e tanto mayores primores da arte. Em nenhuma parte do mundo he tanta a cubiça de adquirir, como em Lisboa a ambiçaõ de gastar por Deos. Que Igreja há nesta multidaõ de tantas em hum dia de festa, que se naõ pareça com a que vio descer do Ceo S. Joaõ: *Tamquam sponsam ornatam viro suo*? O ouro, e os brocados, de que se vestem as paredes, saõ o objecto vulgar

Num. 536.

Jacob. 2. 19.

Apocal. 21. 2.

da

da viſta : a armonia dos coros ſuſpenſaõ, e elevaçaõ dos ouvidos: o ambar, e o almiſcar, e as outras eſpecies aromaticas, que vaporaõ nas caçoulas, até pelas ruas recendem muito ao longe, e convocaõ pelo olfato o concurſo. He iſto terra, ou Ceo? Ceo he, mas com muita miſtura de terra. Porque no meyo deſſe culto celeſtial exterior, e ſenſivel o deſfazem, e contradizem tambem ſenſivelmente naõ ſó as muitas offenſas, que fóra dos templos ſe commettem, mas as publicas irreverencias, com que dentro nelles ſe perde o reſpeito á fé, e ao meſmo Deos. Queres que te diga, Liſboa minha, ſem liſonja huma verdade muito ſincera, e que te deſcubra hum engano, de que a tua piedade muito ſe gloria? Eſta tua fé taõ liberal, taõ rica, taõ enfeitada, e taõ cheiroſa naõ he fé viva. Pois que he? He fé morta, mas embalſamada.

Num. 519. 915 Sou taõ amigo, e reverenciador da razaõ, que até as ſombras della ouço de boa vontade. Podem inſtar os Chriſtaõs, que naõ guardaõ a ley de Chriſto, e argumentar por ſi neſta fórma: He verdade, que os infieis de todo o genero, e ainda os meſmos Atheos parece, que procedem mais coherentemente, e mais conforme á razaõ; porque elles concordaõ a ſua fé com a ſua vida, e nós naõ concordamos a noſſa vida com a noſſa fé; mas neſta meſma differença ha outra muito mayor, e melhor, que faz pela noſſa parte. E qual he? He que nelles a fé he má, e a vida tambem má; porém em nós, ainda que a vida ſeja má, a fé he boa: logo ao menos em ametade dos procedimentos ſaõ melhores os noſſos, que os ſeus? Aſſim parece, mas naõ he aſſim. Porque? Porque aonde a vida he má, naõ póde a fé ſer boa.

Texto

Texto expresso de S. Joaõ: *Qui dicit se nosse Deum,* Joan. 2. 4.
& mandata ejus non custodit, mendax est, & in hoc veritas non est: Quem diz, que conhece a Deos, e naõ guarda seus mandamentos, mente. E porque mente, se o que crê he verdade?

916 Admiravel, e subtilissimamente se explicou Num. 520.
o mesmo S. Joaõ: *Mendax est, & in hoc veritas non est*: Mente, e a verdade naõ está nelle. No tal caso a verdade está nos mysterios, que crê, mas naõ está no que crê os mysterios. Notai. Huma cousa he a verdade da fé em si, a qual propriamente se chama fé, outra he a verdade da fé em nós, a qual propriamente se chama crença. A fé em si sempre he verdadeira, a crença em nós póde ser verdadeira, e póde ser falsa: se concorda com a vida, he verdadeira, porque obramos conforme cremos: se naõ concorda com a vida, he falsa, e mentirosa, porque cremos huma cousa, e obramos outra. Por isso o que naõ guarda os mandamentos, ainda que crea, e confesse tudo o que ensina a fé, mente, e naõ está nelle a verdade: *Qui mandata ejus non custodit mendax est, & in hoc veritas non est.* Se o Christaõ, e Catholico cuida, que a sua fé he melhor, que a dos infieis, sómente porque crê o que ensina o Credo, enganase, e mentese a si mesmo. Naõ basta só crer no Credo, he necessario crer nos Mandamentos. A nossa fé pára no Credo, naõ passa aos Mandamentos. Se Deos nos diz, que he hum, creyo: se nos diz, que saõ tres pessoas, creyo: se nos diz, que he Creador do Ceo, e da terra, creyo: se nos diz, que se fez homem, que nos remio, e que ha de vir a julgar vivos, e mortos, creyo. Mas se diz, que naõ jureis, que naõ mateis, que naõ adultereis, que naõ furteis, naõ cremos.

Part. 2. Num. 268.

Esta

Eſta he a noſſa fé, eſta a voſſa Chriſtandade. Somos Catholicos do Credo, e hereges dos Mandamentos.

Part. 11. Num. 523. 917 Má vida, e boa fé, torno a dizer, he mentira. E porque outra vez? Porque o que profeſſa a fé, nega-o a vida: o que diz o ſom das palavras, nega-o a diſſonancia das obras. Vede como concorda S. Paulo com S. Joaõ, os dous mayores Theologos da eſcola de Chriſto: *Confitentur ſe noſſe Deum, factis autem negant*: Com as vozes confeſſaõ a fé de Deos, e com as obras negaõ ao meſmo Deos, e a meſma fé, que confeſſaõ. Dizeime: He boa a fé dos Chriſtaõs, que a negaõ em Argel? Pois ſabei, que para ſer renegados naõ he neceſſario ir lá cativos. Ouvi a S. Salviano Biſpo de Marſelha, que eſtá defronte do meſmo Argel: *Chriſtiani ſine operibus bonis nihil ſibi per fidei ſupercilium uſurpare debent.* Noteſe muito o *fidei ſupercilium.* Por huma parte naõ ſó vazios de obras boas, ſenaõ cheyos, e carregados de obras más: e por outra com as ſobrancelhas levantadas, muito prezados, e preſumidos de Chriſtaõs, uſurpando, e roubando o nome, que lhes naõ he devido. Por huma parte com a voz, e com os penſamentos blaſonando, que navegaõ na barca de Pedro, e por outra com ambos os braços remando nas galés de Mafoma. He boa fé eſta? He melhor, que a dos meſmos Turcos? Naõ faltará quem replique, e diga, que ſim, e com o meſmo exemplo. Porque os Chriſtaõs forçados, que remaõ nas galés de Mafoma debaixo das bandeiras Turqueſcas, nem por iſſo perdem a fé de Chriſto.

Num 524. 918 Agradeço a agudeza da replica; mas vamos navegando pelo Mediterraneo acima. Aporta a meſma galé ao porto de Chipre, ſalta Mulei Hamet no meyo

meyo da coxia, desembainha a cimitarra, e diz assim: Com esta a todo o Christaõ, que naõ adorar, aquella imagem de Venus, hei de cortar a cabeça. E que succederá neste caso? O Christaõ, que naõ quiz adorar, perdeo a cabeça, e ficou martyr, o que adorou, conservou a vida, e ficou renegado. Agora pergunto: E se aquelle Christaõ, que por força, e contra sua vontade adorou a Venus em huma estatua de marmore, he renegado, que diremos daquelles, que naõ por força, senaõ muito por sua vontade, e por seu gosto adoraõ a mesma Venus, naõ em huma estatua de marmore, senaõ em outras, que naõ saõ de pedra? Se aquelle, que dantes era Christaõ, e depois negou a fé, he renegado: o que no mesmo tempo confessa a fé, e a nega, que será? Destes he que falla S. Paulo: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant*: No mesmo tempo confessaõ a Deos, e no mesmo tempo o negaõ: e fé juntamente confessada, e negada, que fé he? Peyor que a do Turco; porque o Turco naõ nega o que confessa; o Christaõ nega o que confessa com manifesta contradiçaõ. Assim o definio com authoridade Pontifical S. Gregorio Papa: *Si fidem operibus tenet, si moribus non contradicit*. Confessar a fé com taõ manifesta contradiçaõ naõ só he crer em Deos com fé falsa; mas he crer em Deos á falsa fé, com fé mentirosa, com fé renegada, com fé traidora. E ninguem se admire de eu chamar a esta fé dos que se chamaõ Christaõs, peyor que a do Turco; porque o mesmo S. Paulo estranhando muito menores defeitos de boas obras, naõ duvidou dizer, que só pela omissaõ dellas era peyor o Christaõ, que o infiel: *Et est infideli deterior*. 1 Tim. 5. 8.

Part. 2. Num. 284. 919 E porque nos naõ liſonjeemos com a fé de Chriſtaõs, e Catholicos, que nos diſtingue dos gentios, e dos hereges, quero acabar eſtas verdades com huma verdade, em que naõ cuidamos os Portuguezes, e nos devera dar a todos grande cuidado. Fiamonos muito em que cremos firmemente em Chriſto como fieis Catholicos? Pois eu vos digo da parte do meſmo Chriſto, e vos deſengano, que ſe faltarmos á ſegunda parte da fé, tambem nos faltará a primeira: e que ſe naõ crermos a Chriſto, eſtamos muito arriſcados a naõ crer em Chriſto. Inglaterra, Hollanda, Dinamarca, Suecia, e tantas outras Provincias, e naçoens da Europa, ou totalmente perdidas, ou inficionadas da hereſia, tambem foraõ Catholicas como nós, tambem floreceraõ na fé, tambem deraõ muitos, e grandes Santos á Igreja. E porque cuidais, que apoſtatáraõ da meſma Igreja, e da verdadeira fé, que ſó ella enſina? Diga-o a ſua doutrina, e os ſeus Meſtres. Luthero, e Calvino, e os outros, que elles levaraõ apoz ſeus erros: tambem criaõ em Chriſto; mas porque naõ creraõ a Chriſto, já naõ crêm nelle. Impugnaõ, e negaõ o Euangelho, porque naõ creraõ ao Euangelho. Deraõſe ſoltamente aos vicios, e peccados; e porque os naõ quizeraõ confeſſar, negaraõ o Sacramento da Confiſſaõ, largaraõ a redea á torpeza, e ſenſualidade; e porque naõ quizeraõ guardar continencia, negaraõ a caſtidade, entregaraõſe ás demaſias, e intemperanças da gula; e porque naõ quizeraõ ſer ſobrios, negaraõ o jejum, e a penitencia, ſeguiraõ em tudo a largueza, e liberdade da vida; e porque naõ quizeraõ obrar bem, negaraõ o valor, e neceſſidade das boas obras. Em fim deixada a ley de Deos como fieis, e a da razaõ como

como homens, fizeraõ outra, que elles chamaõ religiaõ, na qual só se crê o interesse, e se obedece ao appetite. Vede que fé se podia conservar entre costumes de brutos? Conservaraõ o Bautismo, e nome de Christaõs; mas verdadeiramente saõ Atheos; e porque naõ creraõ a Christo, passaraõ a naõ crer em Christo. Estas saõ as disposiçoens, por onde se introduzio, e se ateou em tantos Reynos a peste da heresia: e praza a Deos, que do Setentriaõ naõ passe tambem ao Occidente! Ainda cá naõ chegou, mas á está em caminho, e segundo os vicios lhe tem aberto as estradas, naõ será difficultosa a passagem.

DISCURSO LXXXVI.

Tirado de hum sermaõ de S. Pedro Nolasco prégado sobre as palavras: Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te: quid ergo erit nobis? *E das objecçoens, que contra si mesmo poem o Auctor no sermaõ da protecçaõ de S. Francisco Xavier, a quem devem imitar os Monarchas.*

RELIGIOSOS.

920 ESTas duas clausulas de S. Pedro: deixar, e seguir, saõ os dous polos da virtude, saõ o corpo, e a alma da santidade, saõ as duas partes, de que se compoem toda a perfeiçaõ Euangelica. A primeira deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia.* A segunda seguir a Christo: *Et secuti sumus te.* Se lançarmos com advertencia os olhos por todo o mundo, acharemos nelle quatro differenças de homens, em que este deixar, e seguir do Euangelho está variamente Part. 2. Num. 204.

mente complicado. Ha huns, que nem deixaõ, nem ſeguem: ha outros, que deixaõ, mas naõ ſeguem: outros, que ſeguem, mas naõ deixaõ: outros, que deixaõ, e juntamente ſeguem. Naõ deixar, nem ſeguir he miſeria: deixar, e naõ ſeguir he fraqueza: ſeguir, e naõ deixar he deſengano: deixar, e ſeguir he perfeiçaõ. Em nenhum deſtes quatro predicamentos entraõ os homens do mundo, ainda que ſejaõ Chriſtaõs; porque nenhum delles profeſſa deixar, e ſeguir. A ſua profiſſaõ he obedecer aos preceitos, mas naõ ſeguir os conſelhos de Chriſto. Os que ſómente profeſſaõ deixar, e ſeguir, ſomos todos os que temos nome de Religioſos. E para que cada hum conheça em que predicamento deſtes eſtá, e a qual pertence, ſe ao da miſeria, ſe ao da fraqueza, ſe ao do deſengano, ſe ao da perfeiçaõ, ſerá bem, que declaremos eſtes nomes, e que definamos eſtas differenças, e que ſaibamos quem ſaõ eſtes miſeraveis, quem ſaõ eſtes fracos, quem ſaõ eſtes deſenganados, e quem ſaõ eſtes perfeitos, e ſantos.

Num. 205. 921 Os miſeraveis, que naõ deixaõ, nem ſeguem, ſaõ os que ſe metem a Religioſos, como a qualquer outro officio, para viver. Fica no mundo hum moço ſem pay, mal herdado da fortuna, e menos da natureza, ſem valor para ſeguir as armas, ſem engenho para curſar as letras, ſem talento, nem induſtria para grangear a vida por outro exercicio honeſto; que faz? Entraſe em huma Religiaõ das menos auſteras, veſte, come, canta, converſa, naõ o penhoraõ pela decima, nem o prendem para a fronteira, naõ tem couſa, que lhe dê cuidado, nem elle o toma: em fim he hum Religioſo de muito boa vida, naõ porque a faz, mas porque a leva. Eſte tal nem deixa, nem ſegue.

gue. Naõ deixa, porque naõ tinha que deixar: naõ segue, porque naõ veyo seguir a Christo, veyo viver.

922 Os fracos, que deixaõ, e naõ seguem, saõ os que traz á Religiaõ o nojo, o desar, a desgraça, e naõ a vocaçaõ. Succedelhe a hum homem nobre, e brioso sahir mal de hum desafio, fazeremlhe huma affronta, que naõ póde vingar, negarlhe ElRey o despacho, e o agrado, naõ levar a beca, ou a cadeira, ou o posto militar, a que se oppoz, ou levarlhe o competidor o casamento, em que tinha empenhado o tempo, o credito, e o amor: enfadado da vida, e indignado da fortuna entrega a sua casa a hum irmaõ segundo; metese em huma Religiaõ de repente; mas leva comsigo o mundo á Religiaõ, porque olha para elle com dor, e naõ com arrependimento. Este deixa, mas naõ segue. Deixa porque deixou o patrimonio, e a fazenda: naõ segue, porque mais o trouxe, e tem na Religiaõ a afronta, que recebeo no mundo, que o zelo, ou desejo de seguir, e servir a Christo.

923 Os desenganados, que seguem, mas naõ deixaõ, saõ os mal pagos dos homens, que o verdadeiro desengano traz a Deos. Vistes o soldado veterano, que feitas muitas proezas na guerra se acha ao cabo da vida carregado de annos, de serviços, e de feridas sem premio: e desenganado de quaõ ingrato, e mao senhor he o mundo, querendo servir a quem melhor lhe pague, e meter algum tempo entre a vida, e a morte, troca o collete pelo sayal, o tali pelo cordaõ, e a gola pelo capello em huma Religiaõ penitente, e naõ tendo outro inimigo mais que a si mesmo, contra elle peleja, a elle vence, e delle tri-

unfa. Eſte he o que naõ deixa, mas ſegue. Naõ deixa, porque naõ tinha que deixar mais que os papeis, que queimou, que ſempre foraõ cinza: e ſegue, porque já naõ conhece outra caixa, nem outra bandeira, ſenaõ a voz de Chriſto, e a ſua Cruz.

924 Finalmente os perfeitos, e ſantos, que deixaõ, e juntamente ſeguem, ſaõ os que chamados, e ſubidos pela graça divina ao cume mais alto da perfeiçaõ euangelica, imitaõ glorioſamente a S. Pedro, e aos outros Apoſtolos, os quaes tudo, o que tinhaõ, e tudo, o que podiaõ ter, deixaraõ, e renunciaraõ por Chriſto, e em tudo, o que obraraõ, e enſinaraõ, fizeraõ, e padeceraõ, ſeguiraõ, e imitaraõ a Chriſto. E por iſſo S. Pedro em nome de todos, e todos por boca de S. Pedro dizem hoje com tanta confiança, como verdade: *Ecce nos reliquimus omnia, & ſecuti ſumus te.*

Part. 8. Fol. 481.

925 Ser religioſo, e ſanto aſſim como para a innocencia da menor idade he o meyo mais proprio, e natural, aſſim para a idade provecta dos Reys, e malicia do mundo, que elles governaõ, naõ ſó parece o menos efficaz, ſenaõ ainda o mais contrario. Arſenio foy Meſtre do Imperador Arcadio, e Caſſiodoro d'ElRey Theodorico, ambos porém antes de ſerem o primeiro Anacoreta, e o ſegundo Monge. E ſe S. Raymundo de Penhaforte ſendo Religioſo, acompanhou a ElRey D. Jayme a Malhorca deſenganado do pouco, que valiaõ com elle ſeus bons conſelhos, negandolhe embarcaçaõ a fez de ſeu proprio manto, e navegou ſobre ella a Catalunha obedecendo o mar, e os ventos a quem naõ pode ſujeitar hum Rey Chriſtaõ dominado de ſeus appetites.

926 As virtudes religioſas ſaõ muito diverſas das

das reaes, e o que he em hum Religioso a mayor virtude, seria em hum Rey o mayor vicio. Vê-se claro na obediencia, que sendo no Religioso o fundamento, e essencia da sua profissaõ, no Rey, como diz o Rey Profeta, seria o mayor de todos os delictos deixarse dominar, e obedecer a algum, quando deve mandar a todos: *Si mei non fuerint dominati, tunc immaculatus ero: & emundabor à delicto maximo.* Do Religioso pódese esperar, que faça bom hum homem; mas fazendo hum homem bom, póde fazer hum Rey mao; porque a bondade, que faz bom a hum, he particular, e a do Rey ha de ser universal para todos. Os mestres saõ os espelhos daquelles, a quem ensinaõ, e como seráõ nestes espelhos os reflexos reaes, mostrando á purpura o sayal, á opa a cogula, e o capello á coroa? A fórma, que se ha de introduzir, faz semelhante a si a materia: e como seria D. Afonso Henriques taõ grande Rey, se naõ fosse Egas Moniz, em tudo o mais leigo, taõ grande ayo? Que espiritos soberanos, e reaes póde influir hum professor de taõ differente estado, ainda que seja de grande espirito? Ensinará o Rey a orar, e quando saya grande rezador, para encaminhar o seu Reyno será cego David, que fez o Psalterio, dizia, que nas suas Matinas meditava em Deos: *In matutinis meditabor in te.* Mas os pontos da meditaçaõ nas mesmas Matinas eraõ arrancar da terra todos os maos: *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ.* Inclinalloha como virtuoso, a que prefira os virtuosos, e com isto, sem querer, o meterá nos enganos santos da hypocresia, agradandolhe mais hum hypocrita mal vestido, que hum Capitaõ bem armado. O cavallo Troyano foy recebido em procissaõ

Ps. 61. 7.

Ps. 102. 8.

dentro dos muros como voto dos Gregos á deoſa Pallas, e debaixo deſta eſpecie de religiaõ levava dentro o incendio, com que ardeo Troya. Como arbitro da conſciencia falloha muito eſcrupuloſo, mas por iſſo irreſoluto, perdendo em conſultas o tempo, que ſe havia de empregar nas execuçoens, como bem eſtranhou Tacito no Imperador Valente: *Inutili cunctatione agendi tempora conſultando conſumpſit.* E iſto acontece aonde falta a reſoluçaõ, que buſcandoſe o impoſſivel de meyos, que naõ tinhaõ inconveniente, tudo ſe teme, e nenhuma couſa ſe faz.

Cornel. lib. 3. Hiſt.

927 Deixo os damnos, naõ do habito religioſo, ſenaõ dos habitos, que ſe podem pegar ao Rey; taõ alheyos da obrigaçaõ, como da Mageſtade. Pelo deſejo da paz a deſattençaõ das armas, e da guerra, pelo eſcrupulo da vangloria o eſquecimento da fama, pelo amor, e nome da piedade o perdaõ na tolerancia dos delictos, em fim pelo penſamento unico do Ceo perder a terra, e ſer como o Mathematico de Seneca, que naõ vendo onde punha os pés, porque levava os olhos nas eſtrellas, cahio na cova. Taes eſtatuas ſaõ, como dizẽ os politicos, (e eſtatuas ſómente) as que ſe podem fabricar, e ſahir das officinas clauſtraes, e no cabo de muita lima, ou fundiçaõ quando a Republica ha miſter hum grande Rey, acharſeha quando muito com hum beato.

DIS-

DISCURSO LXXXVII.

Tirado de hum sermaõ de S. Joseph prégado na Capella Real.

RESOLUÇAM.

828 CONsiderar antes de resolver, isso fazem, ou devem fazer todos; mas depois de resolver, deveſe considerar ainda; porque as materias de grande importancia haõſe de considerar antes, e mais depois. Antes de resolver haſe de considerar o caſo: depois de resolver, haſe de considerar a resoluçaõ. Esta differença acho entre a Filoſofia natural, e a moral, e a politica, que a Filoſofia natural pede hum conhecimento antes da deliberaçaõ: *Nihil volitum, quin præcognitum.* A Filoſofia moral, e a politica pede hum conhecimento antes, e outro depois: hum conhecimento antes, que guie a vontade a tomar a resoluçaõ, e outro conhecimento depois, que examine a resoluçaõ depois de tomada. Antes de ſe fazerem as couſas haſe de temer o que diráõ: depois de feitas haſe de examinar o que dizem. Huma couſa he o acerto, outra o applauſo. A boa opiniaõ, de que tanto depende o bom governo, naõ ſe fórma do que he, ſenaõ do que ſe cuida, e tanto ſe devem obſervar as obras proprias, como reſpeitar os penſamentos, e linguas alheyas. A providencia, com que Deos permitte a murmuraçaõ, he porque tal vez de taõ má raiz ſe colhe o fructo da emenda. E ſe eu de murmurado me poſſo fazer applaudido; porque me naõ informarei do que ſe diz?

Part. 7. Num. 539.

Num. 199

DISCURSO LXXXVIII.

Tirado do meſmo ſermaõ de S. Joſeph.

REY.

Part. 7. Num. 539. 929 EM nenhuma couſa ſe moſtra mais o ſer de Rey, que em ter querer. A liberdade da vontade humana, como dizem os Theologos, conſiſte em huma indifferença, que ſe chama, quero, ou naõ quero. Tal ha de ſer a vontade Real: livre, e naõ ſujeita. O Principe nem ha de ter a ſua vontade ſujeita a outrem, nem ha de eſtar ſujeito á ſua vontade. Se tem a ſua vontade ſujeita a outrem, naõ he Rey dos ſeus: ſe eſtá ſujeito á ſua vontade, naõ he Rey de ſi. Pois para reynar ſobre ſi, e ſobre os ſeus ha de ter a vontade em huma indifferença taõ livre, e taõ ſenhora, que ſeja ſeu o querer, e ſeu o naõ querer.

Num. 535. 930 E porque razaõ importa tanto, que o Principe naõ ſeja ſujeito á vontade alheya? Por duas razoens, huma da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey; porque naõ he Rey, he ſubdito, da parte do Reyno; porque naõ he Reyno, he confuſaõ.

Num. 536.

931 Com grandes exemplos deſtes ſe tem infamado o mundo em todas as idades, e ſem pedirmos aos ſeculos paſſados as memorias de Galba, nem de Tiberio, os noſſos olhos ſaõ boas teſtimunhas. Nós o vimos, e nós o vemos. Pergunto: Portuguezes, vós, que viſtes o que padeceſtes, vós, que vedes o que goſais,

goſais, donde veyo tanta differença em taõ poucos annos? A differença naõ a pondero, porque a vem os olhos. A cauſa, porque a vem, he ſó o que pergunto. Sabeis porque? Porque entaõ tinhamos hum Rey ſujeito a huma vontade alheya, hoje temos hum Rey ſenhor das vontades alheyas, e mais da ſua: entaõ tinhamos hum Rey cativo, hoje temos hum Rey livre: entaõ tinhamos hum Rey obediente, hoje temos hum Rey obedecido: entaõ tinhamos hum Rey ſenhoreado, hoje temos hum Rey ſenhor.

DISCURSO LXXXIX.

Tirado de hum ſermaõ de Santo Agoſtinho elogiado pelo Auctor por confeſſar nos ſeus livros os ſeus peccados, e por ſe retratar nelles de ſeus erros. E de outro ſermaõ de Santa Catharina, que venceo, e convenceo a cincoenta Filoſofos.

SABIOS.

Part. 3. Num. 156.

932 A Mayor acçaõ de Deos fazerſe homem, e a mayor fineza deſta acçaõ naõ conſiſtio tanto em tomar a noſſa natureza, quanto em tomar a noſſa ſemelhança: *In ſimilitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo.* Naõ tomou Deos a natureza humana como a tinha dado a Adaõ, ſenaõ como a achou depois delle, e cahida de ſeu primeiro eſtado, e ſujeita a tantas, e taõ pezadas miſerias. Sujeitouſe a naſcer, a morrer, e a viver, (que naõ he menos) a trabalhar, a canſar, a

Philip. 2. 7.

ſuar, a dores, a triſtezas, a lagrimas, a ſer perſeguido, a ſer affrontado, a ſer crucificado. Mas com ſe ſujeitar a todo eſte abiſmo de miſerias, e baixezas, (porque como diz S. Paulo: *Debuit per omnia fratribus ſimilari*,) exceptuaraõſe com tudo duas, de que foy totalmente iſenta, e privilegiada a humanidade de Chriſto. E quaes foraõ? O peccado, e a ignorancia. Porque he taõ feya couſa o peccado, e a ignorancia taõ indecente, que ainda no caſo, que foſſe poſſivel, de nenhum modo era toleravel, que em huma humanidade unida a Deos houveſſe peccado, ou ignorancia. Sendo pois tal fealdade a do peccado, e tal indecencia a da ignorancia, ſó quem comprehender quaõ feya couſa he o peccado, e quaõ indecente a ignorancia, poderá avaliar, como merece, eſtas duas acçoens de Agoſtinho.

Num. 195. 933 Os Santos, como conhecem a graveza, e malicia do peccado, e quanto mais feyos ſaõ os defeitos da vontade, que os do entendimento, mais ſe pejaõ de ſer máos, que de ſer mal entendidos, e antes querem parecer ignorantes, que peccadores. Por iſſo David como ſanto confeſſando os peccados por delictos, allega as ignorancias por deſculpas: *Delicta juventutis meæ, & ignorantias meas ne memineris Domine.* A razaõ deſta differença he, porque a ignorancia oppoemſe á ſciencia, e o peccado á virtude: e quem he verdadeiramente ſanto, muito mais eſtima a virtude, do que ſe preza da ſciencia. E como he proprio da ſantidade eſtimar mais o conceito da virtude, que o da ſciencia, e ſofrer antes contra ſi a opiniaõ da ignorancia, que a do peccado, he o commum conceito, e eſtimaçaõ dos homens ter por menos injuria o peccado, que a ignorancia.

Pſalm. 24. 7.

Num. 196.

934 Con-

934 Condemna Christo as injurias, com que os homens se afrontaõ de palavra, assinalando tambem o castigo, que cada huma merece, e como soberano Legislador manda assim: *Qui dixerit fratri suo raca, reus erit concilio: qui autem dixerit fatue, reus erit gehenæ ignis*: O homem, que chamar a outro *raca* tenha pena arbitraria; porém o que lhe chamar *fatue*, seja queimado em huma fornalha. A palavra *fatue* todos sabem, que significa nescio, e ignorante: a outra que he Arabica, quer dizer impio, ou mais propriamente blasfemo. Quem haverá pois, que naõ julgue, ou ao menos lhe naõ venha ao pensamento, que nestes dous casos taõ diversos senaõ mede bem a pena com a culpa? O ser nescio, e ignorante he hum defeito natural: o ser impio, e blasfemo he peccado gravissimo: como logo se dá pena arbitraria ao que chama impio, e ao que chama ignorante pena de fogo? Porque ainda que o ser impio para com Deos he mayor peccado, o ser ignorante para com os homens he mayor injuria. A injuria, ou contumelia medese neste caso pelo sentimento, e afronta, que o homem recebe, e nenhum ha, que naõ sinta, e se afronte mais de ser motejado de ignorante, que ser notado de máo. Num. 198. Matth. 5. 22.

935 Assim como he natural a todo o homem encobrir o seu peccado, assim he natural a todo o sabio sustentar, e naõ se desdizer do seu erro, e tanto mais, quanto for mais sabio. O mais sabio espirito, que Deos creou, foy Lucifer; e he caso verdadeiramente estupendo, que huma creatura dotada de taõ sublime entendimento, e allumiada de taõ alta sabedoria cahisse em hum erro taõ crasso, taõ manifesto, e taõ nescio, como cuidar, que podia Num. 173.

ser

ſer ſemelhante a Deos, e dizer, que o havia de ſer:
Iſai. 14. 14. *Similis ero Altiſſimo.* Mas ainda eſta naõ he a mayor admiraçaõ. O que mais admira, e faz paſmar he, que nem no Ceo, onde errou, ſe quiz deſcer de taõ errado penſamento, nem no inferno, onde o eſtá pagando, ſe quer deſdizer, ou arrepender delle. No Ceo entre o peccado, e condemnaçaõ de Lucifer he ſentença muito conforme á piedade divina, que lhe deo Deos baſtante eſpaço para ſe converter: e no inferno he tambem Theologia certa, que ainda tem liberdade para o fazer, ſe quizer. Pois como he poſſivel, que coubeſſe, e caiba em hum entendimento taõ ſabio querer antes cahir do Ceo, e arder no inferno, que deſdizerſe do que huma vez diſſe, e perſiſtir no meſmo erro por toda a eternidade? Se Lucifer ſoubera menos, elle reconhecera o ſeu erro; mas a grande ſciencia, que tanto o inchou para errar, eſſa meſma o obſtinou para ſenaõ deſdizer. De ſorte, que he tal contumacia a do muito ſaber, huma vez que ſe chega a uſar mal delle, que antes quererá hum ſabio preſumido cahir do Ceo, que deſcerſe da ſua opiniaõ, e antes arder no inferno, que deſdizerſe do que já tem dito. De tal maneira obra Deos com a ſua, e ſumma ſabedoria, que parece ſe emenda com a experiencia. Arruinouſelhe o primeiro edificio, porque o fundou em hum homem de barro; para que ſe lhe naõ arruine o ſegundo, funda-o em hum homem de pedra. Retrataſe do que tem feito Deos, que naõ póde errar, e os homens eſtaõ taõ namorados de ſeus erros, que antes os vereis obſtinados, que arrependidos. Diráõ que he timbre eſte de entendimentos Angelicos, porque nenhum Anjo errou, que ſe retrataſſe. Eu digo, que naõ he ſenaõ

Part. 7. Num. 202

con-

contumacia de entendimentos diabolicos, porque nenhum Anjo errou, que naõ foſſe demonio. Se fora verdadeira aquella imaginaçaõ de Origenes, o qual teve para ſi, que as noſſas almas eraõ Anjos, que andavaõ penando dentro nos noſſos corpos, e pagando algumas culpas, que tinhaõ commettido, de muitos homens ſabios, que erraraõ, e nunca ſe quizeraõ retratar, diſſera eu, que eraõ os Anjos ſequazes de Lucifer. Part. 3. Num. 175

936 Tal foy o meſmo Origenes, tal Tertuliano, tal Apollinar, e outros famoſiſſimos Doutores em todo genero de erudiçaõ divina, e humana, os quaes tendo ſido inſignes Meſtres da Igreja, e ainda hoje allegados, por ſe naõ quererem retratar de alguns erros, em que como homens cahiraõ, com perpetua dor da meſma Igreja foraõ anathematizados, e apartados della, podendoſe dizer com verdade de cada hum, o que Felix imputava a S. Paulo: *Multæ te literæ ad inſaniam convertunt*. Mas ſendo eſtes, e outros inſignes varoens taõ fortes domadores de outras paixoens humanas, chegados ao ponto de ſe haver de retratar do que tinhaõ enſinado, aqui fraqueou todo o ſeu valor, aqui perdeo o paſſo toda a ſua ſabedoria, e aqui ſe cegaraõ, e eſcureceraõ de tal ſorte aquelles grandes entendimentos, que antes quizeraõ perder a uniaõ da Igreja, e com ella o unico fundamento da propria ſalvaçaõ, que deſdizerſe do que tinhaõ dito; porque a retractaçaõ do que ſe eſcreveo, e ſahio a publico em homens de opiniaõ he muito mais difficil. Preſentado Chriſto ante Pilatos ouvio elle as accuſaçoens, examinou as teſtimunhas, reconheceo o odio, e inveja dos inimigos, e pronunciou ao Senhor por innocente. Inſtando porém Num. 176. Act. 26. 24. Num. 178.

Joau 19. 21. rém os accuſadores: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæſaris: omnis enim, qui ſe Regem facit, contradicit Cæſari*: Que ſe abſolvia aquelle reo, incorria em crime de leſa Mageſtade contra o Ceſar, pois era contra a ſoberania do Imperio conſentir dentro nelle hum homem, que ſe chamava Rey. Pode tanto com Pilatos o temor deſte requerimento, e o reſpeito do nome, e amizade do Ceſar, que condemnou em Chriſto a innocencia, e crucificou com Chriſto a juſtiça. Crucificado em fim o Senhor, mandou fixar na Cruz, como era coſtume, a cauſa porque padecia, eſcrita com aquellas palavras: Jeſu Nazareno Rey dos Judeos; das quaes novamente eſcandalizados os accuſadores tornaraõ a replicar, que as mandaſſe emendar, e q̃ em lugar de Rey dos Judeos diſſeſſe, por ſe fazer Rey dos Judeos. Porém Pilatos

Joan. 19. 22. reſpondeo: *Quod ſcripſi, ſcripſi*: O que eſcrevi, eſcrevi: e de nenhum modo o podéraõ perſuadir a que mudaſſe o que tinha eſcrito. O grande reparo, que tem eſta reſpoſta, todos o eſtaõ vendo. Muito mais offendia Pilatos ao Ceſar em dar a Chriſto o titulo de Rey, que em lhe naõ dar a morte, e muito mais ſe condẽnava em lhe dar a morte, que ſe o livraſſe della. Pois ſe Pilatos naõ repara em ſe condemnar a ſi, e a Chriſto por reſpeito de Ceſar, porque naõ lhe tira o titulo de Rey por reſpeito do meſmo Ceſar? Porque aſſim o tinha já eſcrito, e publicado: *Quod ſcripſi, ſcripſi.* O que hum homem de ſciencia, ou preſumpçaõ huma vez eſcreveo, e publicou, naõ o torna a retratar por nenhum reſpeito. Condemnar a meſma innocencia falloha, ſe naõ for recto, por hum reſpeito humano; mas riſcar o que huma vez eſcreveo, e eſtá publico em ſeu nome, naõ o fará

o fará hum sabio presumido por nenhum respeito deste mundo, nem ainda do outro.

937 Ella he intoleravel cegueira do entendimento, intoleravel abuso da razaõ, e intoleravel injuria da justiça, e da verdade, que aquillo, que se naõ devia escrever, se haja de sustentar, só porque se escreveo, e que o ser escrito huma vez, seja consequencia de estar escrito sempre: *Quod scripsi, scripsi.* Mas esta sentença como se fora de melhor Auctor, he a commummente de todos, os que escrevem, e publicaõ seus escritos. Querem que os seus livros sejaõ, como o livro de predestinaçaõ, em que o que está escrito, naõ póde ser riscado: querem que os seus caracteres sejaõ como os dos sacramentos, que huma vez impressos naõ se podem apagar: querem em fim, que o seu escrever seja prescrever: *Quod scripsi, scripsi.* Num. 179.

938 Quantos Julgadores ha, que ou no voto, ou na tençaõ, ou na sentença reputaõ por discredito o retratarse, e seguindo o dictame, ou seita de Pilatos tem por timbre o dizer: *Quod scripsi, scripsi.* E tambem póde ser, que haja algum, o qual sem reparar em que se condemna, naõ se retratando ou pela inveja de que outro votou melhor, ou pela soberba de naõ confessar, que errou, naõ tema acompanhar a Lucifer no castigo, como o imita na contumacia. O retratarse naõ he argumento de naõ saber; mas de saber, que muitas vezes póde acertar o menos douto no que o mais letrado naõ advertio. Que comparaçaõ tinha na sciencia Jetro com Moysés? E com tudo conheceo Moysés, que o dictame de Jetro era mais acertado, e logo retratou o seu, e seguio o alheyo. Num. 200.

939 Naõ

Num. 202. 939 Naõ ha ciencia taõ jubilada, que naõ poſſa deixar de ver o que vê outra de menos annos, e de menor authoridade. O verdadeiro ſaber he de ſaber conhecer a verdade, ainda que ſeja filha de outros olhos, ou de outro entendimento, e naõ ſe cegar com o proprio, como ſe cegou Lucifer.

Num. 180. 940 A razaõ deſte engano deo excellentemente Santo Ambroſio: *Unumquemque fallunt ſua ſcripta, & authorem prætereunt: atque ut filii etiam deformes delectant parentes, ſic etiam ſcriptores indecores quoque ſermones palpant*: A todos os Auctores, diz Ambroſio, enganaõ os ſeus eſcritos, e ainda que tenhaõ erros, ſó elles os naõ vem. E a razaõ deſta cegueira he, porque ſaõ partos do ſeu entendimento. E aſſim como os filhos, poſto que ſejaõ feyos, agradaõ a ſeus pays, e lhe parecem formoſos, aſſim os eſcritos de cada hum, por imperfeitos, errados; e mal compoſtos que ſejaõ, naturalmente liſongeaõ a ſeus Auctores, e lhe parecem bem; porque ſe parecem com elles. Lá diſſe Elifaz, o mais ſabio dos tres amigos de Job, que a juſtiça de Deos, e a perſpicacia dos olhos divinos he taõ pura, que até
Job 4. 18. nos ſeus Anjos achou imperfeiçaõ: *In Angelis ſuis reperit pravitatem.* E naõ eſtá o encarecimento em dizer, que achou imperfeiçaõ nos Anjos, ſendo Anjos, ſenaõ em que achou imperfeiçaõ nos Anjos ſendo ſeus: *In Angelis ſuis.* Se os olhos de Deos foſſem como os dos homens, ainda que os Anjos o naõ foraõ, baſtava que foſſem ſeus, para que lhe pareceſſem Anjos.

Num. 181. 941 A aguia, como diz Ariſtoteles, e ſe ſabe vulgarmente, depois que lhe naſcem os filhos, e lhe dá a primeira creaçaõ indiſtinctamente, tira-os do ninho

ninho, ſuſpende-os nas unhas, e examina-os hum por hum aos rayos do Sol: ſe olhaõ de fito em fito para o Sol ſem peſtanear, reconhece-os, e conſerva os como filhos proprios; mas ſe fechaõ, ou afaſtaõ os olhos, e naõ ſoffrem toda a luz, repudia-os, e lança-os de ſi, como adulterinos. Pergunto: No exame, e prova, que faz de ſeus filhos a aguia, quaes ficaõ mais examinados, e mais qualificados, os olhos da mãy, ou os olhos dos filhos? Naõ ha duvida, que os olhos da mãy; porque os olhos dos filhos naõ ſe cegaraõ com o Sol, os olhos da mãy naõ ſe cegaraõ com os filhos. Naõ ſe cegarem os filhos com o Sol, iſſo he ſerem aguias; mas naõ ſe cegar a aguia com os filhos, iſſo he ſer mãy ſem amor de mãy. Naõ ha amor, que mais facilmente perdoe, e mais benignamente interprete, e diſſimule defeitos, que o amor de pay. Grandes defeitos foraõ os do filho Prodigo, e taõ grandes, que elle meſmo reconhecia, que era indigno de ſer chamado filho de tal pay: *Pater, non ſum dignus vocari filius tuus*; mas o pay nem por iſſo o deſconheceo de filho, ou o lançou de ſi, antes o abraçou apertadiſſimamente, e o ſeu primeiro cuidado foy cubrillo, e veſtillo, e enfeitallo com as melhores, e mais viſtoſas galas: *Cito proferte ſtolam primam.* Iſto he o que fazem todos os Eſcritores ſeveriſſimos com os defeitos alheyos, e benigniſſimos com os proprios, como pays em fim. David, ſendo taõ enormes os erros de ſeu filho Abſalaõ, e elle taõ incapaz de perdaõ, ou deſculpa, lá lhe buſcou, e achou na idade hum motivo, com que o eſcuſar, e ſalvar: *Servate mihi puerum Abſalom.* Pois ſe Joab lhe naõ perdoou, e todo o Reyno entaõ, e hoje todo o mundo o condemna, como lhe perdoa ſó David,

Num. 182. Luc. 15. 21.

Num. 183. 2. Reg. 18. 5.

vid, e o quer ſalvar? Porque era pay, diz Santo Ambroſio. E eſta he a unica, e verdadeira razaõ. Naõ ha opiniaõ taõ errada, naõ ha propoſiçaõ taõ temeraria, e taõ impia como Abſalaõ, que ſeus Auctores, como pays, naõ queiraõ ſalvar, eſcuſar, e defender; porque ainda que partos taõ monſtruoſos, ſaõ partos do proprio entendimento.

Num. 362. 942 Quem naõ he docil, ſenhores, naõ póde ſer douto: antes a meſma docilidade he hum ſynonymo da ſciencia. A ſciencia nenhuma outra couſa he, que o conhecimento claro de muitas verdades, humas em ſi, que ſaõ os principios, e outras, que dellas ſe ſeguem, que ſaõ as concluſoens. E aquelles, que naõ tem docilidade (como ſaõ os tenazes do proprio juizo, e ferrados á ſua opiniaõ) ainda que a verdade ſe lhe repreſente, naõ ſaõ capazes de a receber. Por iſſo eſtes taes cadavez ſabem menos, e todas as vezes Num. 189. que a opiniaõ paſſa a erro, perſeveraõ nelle. No erro ſecreto, em que ſenaõ perde a honra, facilmente ſe ſujeita a propria opiniaõ á verdade; mas no publico, e cenſurado, em que a honra ſe perde, ou ella defende o erro, ou o erro a defende a ella contra a meſma verdade conhecida.

943 Conhecer hum ſabio a ſua ignorancia, ou Num. 356. o ſeu erro he muito facil: naõ fora ſabio, ſe o naõ conhecera. Porém chegar a o confeſſar, e confeſſallo publicamente he o ponto mais arduo, e difficultoſo, a que ſe póde reduzir o brio humano, e tanto mais, quanto mayor for o nome, a opiniaõ, e o gráo, que tiver de douto. Ponderou Nicodemos a doutrina de Chriſto juntamente com a grandeza de ſeus milagres, e veyo a conhecer, que ſó ella era a Joan. 3. 1. 2. verdadeira, e toda a outra falſa: *Scimus quia à Deo*

Deo veniſti magiſter: nemo enim poteſt hæc ſigna facere, quæ tu facis. Deliberaſe a ir buſcar o divino Meſtre, e lançarſe a ſeus pés, para que o enſine: mas como? *Erat homo ex Phariſæis, Nicodemus nomine: hic venit ad Jeſum nocte*: Deſpio a toga, ou a beca, e disfarçado, e deſconhecido foy buſcar ao Senhor de noite. Vede como o argue S. Joaõ Chryſoſtomo: *Scimus, inquit, quia à Deo veniſti magiſter. Quid ergo noctu venis, & clanculum ad eum, qui divina docet, qui à Deo venit? Quid non aperte profiteris?* Se conheceis, que Chriſto he Meſtre vindo do Ceo, ſe conheceis, que a ſua doutrina he divina, e o vindes buſcar, para que vos enſine; porque vindes de noite, e ás eſcondidas, porque naõ confeſſais iſſo meſmo clara, e publicamente? Porque Nicodemos era hum Meſtre de grandiſſima reputaçaõ em Iſrael. Aſſim o declara o texto Grego: *Tu es magiſter ille in Iſrael.* E poſto, que elle já reconhecia os ſeus erros, iſſo era em ſegredo, e das portas do ſeu entendimento para dentro; porém que eſſes meſmos erros, e ignorancias, de que já eſtava convencido, os houveſſe de confeſſar publicamente, de nenhum modo fez, ou ſe atreveo a fazer tal couſa Nicodemos, porque lho naõ conſentia a reputaçaõ, e o credito, e por iſſo vinha de noite. De noite reconhecia, que era morcego, de dia queria oſtentarſe aguia. Oh ſe os livros fallaraõ, quantas ignorancias haviaõ de dizer, que conſultaõ com elles de noite os que de dia ſe publicaõ grandes letrados! Quanto he mais cuſtoſo á preſumpçaõ abater as ſobrancelhas, que queimar as peſtanas! Mas naõ he ſó a capa da noite, a que diſſimulla eſtes defeitos. Quantas vezes reconhece o quináo

Chryſoſt. hom. 23.

Part. 11. Num. 440.

Parr. 3. Num. 357.

na conſciencia o meſmo, que na cadeira o defende á vozes? Pouco ſabe quem naõ conhece a força do argumento, e a fraqueza da ſoluçaõ. Huma couſa he reſponder, outra fallar no cabo. Mas ſendo muy frequentes as contriçoens deſtes peccados lá no ſecreto da conſciencia, chegar com elles a publica confiſſaõ quem tem opiniaõ de ſabio he milagre ſó da graça de ſanta Catharina. Eſta publica confiſſaõ foy o mayor triunfo da victoria de Catharina, mayor contra Democritos, e Diogenes ſem eſpada, que ſe foraõ Scipioens armados. As batalhas mais invenciveis ſaõ as do entendimento; porque onde as feridas naõ tiraõ ſangue, nem a fraqueza ſe vê pela cor, nenhum ſabio ſe confeſſa vencido. Diz S. Paulo que a ſciencia incha: *Scientia inflat.* E naõ ſó he difficil ſem graça muito ſingular ſciencia ſem inchaçaõ, mas ſempre a inchaçaõ he mayor que a ſciencia. A mayor ſciencia, e o mayor entendimento, que Deos creou entre os homens, e Anjos, foy o de Lucifer; mas ainda foy mayor a ſua inchaçaõ, e ſoberba: *Similis ero Altiſſimo.* Contra eſta rebeliaõ ſe deo no Ceo aquella grande batalha de entendimẽtos: *Factum eſt prælium magnum in cælo.* Sahio vencedor Miguel, ficou vencido Lucifer; mas de que modo vencido? Com tal inchaçaõ, e ſoberba do ſeu ſaber, e taõ namorado do meſmo entendimento, que o cegou, que antes quiz cahir do Ceo, que deſcer da ſua opiniaõ. Ha mais de ſeis mil annos, que arde no Inferno Lucifer, e ha de arder por toda a eternidade ſó por naõ admittir hum inſtante, em que confeſſe que errou.

Part. 11. Num. 33.

1. Cor. 8. 1.

Iſai. 14. 14.

Apoc. 12. 7.

DIS-

DISCURSO XC.

Tirado de hum sermaõ da primeira Dominga da Quaresma prégado em Roma.

SACERDOTES.

944 PErmittio Christo Senhor nosso ser tentado do demonio hoje, naõ para se honrar com a victoria, (que era pequeno triunfo) mas para nos ensinar a vencer com seu exemplo. Tentado no deserto com o paõ, e com a fome para exemplo á abstinencia do Monge: tentado no monte com as promessas de todo o mundo para exemplo á cubiça do leigo: e tentado na Cidade santa com o lugar mais alto do templo para exemplo á ambiçaõ do Ecclesiastico. Esta ultima tentaçaõ por ser taõ propria do lugar, e taõ accommodada ao auditorio será hoje o argumento de todo o meu discurso. Veremos nelle hum cortezaõ de Roma, segundo as tres partes do thema, tres vezes, e por tres modos tentado. Tentado quando vem pertender á Cidade santa: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem*: tentado quando consegue o lugar, ou dignidade da Igreja, que pertendia: *Statuit eum super pinnaculum templi*: e tentado com o mesmo lugar depois de conseguido, quando o diabo o instiga a que se precipite: *Mitte te deorsum.* Part. 7. Num. 306.

945 Para hum sujeito ser sublimado ao lugar mais alto da Igreja, que qualidades saõ as que se requerem? Requerse, aindaque menos, a nobreza do nascimento, requerse o exemplo da vida, requer- Num. 307.

se o exercicio das virtudes, requerse o espirito muito provado, e requeremse finalmente as letras naõ só sabidas mas praticadas.

946 Todas estas qualidades entaõ concorriaõ juntas
Num. 308. em Christo, e já reconhecidas pelo mesmo demonio. A nobreza do nascimento: *Si Filius Dei est*, o exemplo da vida: *Ductus est à spiritu in desertum*, o exercicio das virtudes: *Cum jejunasset quadraginta diebus, & quadraginta noctibus*, o espirito provado: *Ut tentaretur à diabolo*, as letras naõ só sabidas, mas praticadas: *Scriptum est enim: Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.* E que sobre todas estas qualidades juntas, sobre toda esta capacidade de merecimentos ainda seja tentaçaõ subir ás alturas do templo! Oh mundo! Oh cabeça do mundo! E que tentaçaõ seria, se o Ecclesiastico tentasse a subida naõ com espirito provado, mas reprovado, naõ com o exemplo, mas com o escandalo, naõ com virtudes, mas com vicios, naõ com letras, mas com ignorancias? Naõ fallo na qualidade do nascimento, porque depois que Christo tirou a Pedro, e a André da barca para a cadeira, ainda que naõ reprovou a grandeza dos appellidos, mostrou, que se era decente para o sujeito, naõ era necessaria para o officio.

947 Em tres partes (como dizia) dividio o demonio a sua tentaçaõ: vir, subir, cahir. Vir á Cida-
Num. 309. de santa.: *Assumpsit eum in sanctam civitatem*, subir ao pinnaculo do templo: *Et statuit eum super pinnaculum templi*, cahir, e arrojarse ao precipicio: *Mitte te deorsum.* Sigamos o tentador pelos mesmos passos.

Num. 310. 948 A primeira parte da tentaçaõ, senhores meus, he

he vir o pertendente á Cidade ſanta. Pois vir á Cidade ſanta, e pertender huma Igreja tambem ſanta póde ſer tentaçaõ do demonio? Sim. Porque quando a eleiçaõ he de Deos, e naõ tentaçaõ do demonio, quando Deos quer, que o Eccleſiaſtico tenha Igreja, e eſpoſa, naõ he elle o que ha de ir á Cidade ſanta, a Cidade ſanta he a que ha de ir a elle. No capitulo penultimo do Apocalypſe conta S. Joaõ o que vio, e diz aſſim: *Vidi civitatem ſanctam Jeruſalem deſcendentem de cœlo à Deo, paratam ſicut ſponſam ornatam viro ſuo*: Vi deſcer do Ceo a Cidade ſanta mandada por Deos, e ornada como eſpoſa para ſe receber com o eſpoſo. Notavel viſaõ! Os homens ſaõ os que vaõ á Cidade, e naõ a Cidade aos homens: o eſpoſo he o que pertende a eſpoſa, e naõ a eſpoſa o eſpoſo. Pois porque vio S. Joaõ tudo ás aveſſas? Porque o vio ás direitas. Vinha a Igreja do Ceo, vinha de Deos: *Deſcendentem de cœlo à Deo*, e quando a Igreja, e a eſpoſa vem pelo Ceo, e por Deos, naõ he o homem o que vay á Cidade ſanta, a Cidade ſanta he a quem vem ao homem. Naõ he o eſpoſo o que vay buſcar a eſpoſa, a eſpoſa he a que o vem buſcar a elle: *Sicut ſponſam ornatam viro ſuo.* E quando iſto naõ he aſſim, ſenaõ ás aveſſas, que ſerá? Naõ he eleiçaõ de Deos, he tentaçaõ do diabo: *Aſſumpſit eum diabolus in ſanctam civitatem.* Apoc. 11. 2.

949 Quanto melhor providas ſeriaõ as Igrejas, quanto mais deſcanſados viviriaõ os que foſſem dignos dellas, e quanto menos occaſiaõ ſe daria ás tentaçoens do demonio na Cidade ſanta, ſe as eſpoſas foſſem buſcar aos eſpoſos, como Rebeca a Iſaac, e naõ os eſpoſos ás eſpoſas como Jacob a Rachel! Em quanto o eſpoſo pertendeo, e requereo dentro da Num. 312. Num. 314.

Cidade ſanta, naõ foy ouvido; mas quando eſtava fóra della, entaõ foy buſcado. Naõ ſois vós o que haveis de buſcar, haõ vos de buſcar a vós, e em tal fórma, que á Igreja ſe dê os parabens de vos haver achado, e que ſeja neceſſaria força, e violencia, para que aceiteis o deſpoſarvos com ella. Aſſim ſe deſpoſou a Igreja de Milaõ com Ambroſio, aſſim a de Magdeburg com Norberto, aſſim a de Cracovia com Eſtanislao, aſſim a univerſal com Gregorio. Huns eſcondiaõſe, outros fugiaõ, e outros reſiſtiaõ, e repugnavaõ, e por iſſo mereciaõ, que Deos por força, e com milagres os ſubiſſe á mayor altura do templo, e os collocaſſe nella. Mas quando eſtes lugares ſe pertendem, e ſe vem buſcar, ainda que ſeja á Cidade ſanta, quem duvida, que póde ſer, como hoje foy, tentaçaõ do diabo? *Aſſumpſit eum diabolus in ſanctam civitatem.*

950 Atéqui o vir, que he couſa canſada: paſſemos ao ſubir, que ainda que ſeja coſta arriba, hé mais
Num. 31. ſuave, e ſubamos quanto he poſſivel. Chegados o tentador, e o tentado á Cidade ſanta, naõ parou o demonio até o pôr no pinnaculo do templo: *Et ſtatuit eum ſuper pinnaculum templi.* Em nenhuma Corte do mundo tem lugar o extremo deſta tentaçaõ, ſenaõ na Corte da Cidade ſanta, onde eſtamos. Em todas as outras Cortes podem os Cortezaõs aſpirar a ſubir, mas naõ ao pinnaculo. Podem aſpirar á grandeza, mas naõ á Mageſtade: ao titulo, mas naõ á Coroa. O fidalgo particular póde aſpirar a Conde, o Conde a Marquez, o Marquez a Duque. E aqui pára o deſejo, porque o ſer Rey eſtá fóra da eſfera da ambiçaõ. Neſta Corte naõ he aſſim. Da ſotana podeis ſubir á murça, da murça ao mantelete, do man-

mantelete á mitra, da mitra á purpura, e da purpura á tiara. Subir ás dignidades póde ser bom, e póde ser mao; mas o que sempre he mao, e nunca póde ser bom, senaõ pessimo, he fazer de huma dignidade degrao para outra, e querer sempre subir sem já mais parar. Naõ se sobe hoje ás dignidades, sobese por ellas. Haviaõ de ser fim, e saõ meyo: haviaõ de ser termo, e saõ degrao. E tal modo, ou tal furia de ambiçaõ naõ he humana, he diabolica, he luciferina. Assim sobe sempre a soberba do demonio, e assim sobe, e está subindo sem aquietar, nem parar já mais a soberba dos que elle tenta, ou dos que sem ser tentados o seguem. A soberba, e ambiçaõ de subir nunca está mais, que sobre hum pé. Tem hum pé no lugar, que possue, e o outro já vay pelo ar para o lugar, que pertende. Isto he subir sempre. Quem sobe, quando firma hum pé num degrao, já levanta o outro para o pôr no que se segue. Assim sobe, e vay subindo sempre (por mais alto que seja o lugar, a que tem subindo) quem for tocado desta tentaçaõ. Num. 318.

951 *Ferculum fecit sibi Rex Salomon: reclinatorium aureum, ascensum purpureum*: Fez Salamaõ hum leito para si, cujo reclinatorio era de ouro, e a subida de purpura. Com licença da sabedoria de Salamaõ eu naõ fizera o leito por esta traça: fizera o reclinatorio de purpura, e a subida de ouro. Para reclinar, e descansar a cabeça o ouro, ainda que seja muito lustroso, he muito duro, e muito frio. Para os degráos era muito decente, e muito authorizado o ouro; porque naõ ha modo de subir mais magestoso, que metendo o ouro debaixo dos pés, e pizando-o. Pelo contrario a purpura era mais accõmodada para o reclinatorio, porque he branda, e Cant. 3. 9. 10. Num. 319.

conſerva o calor. Mas a purpura para os degráos: *Aſcenſum purpureum*? Sim; porque fazia Salamaõ o ſeu leito, naõ como era bem que foſſe, ſenaõ como via, que havia de ſer. Via que das purpuras ſe haviaõ de fazer os degráos para o reclinatorio; porque he tal a tentaçaõ de ſubir, que nem nas purpuras ſe pára, nem nas purpuras ſe deſcanſa: *Aſcenſum purpureum.*

952 Eſtou vendo porém, que me dizem os meus
Num 320. Portuguezes: Ainda que temos o exemplo de S. Damaſo, e de Joaõ XXII. os noſſos penſamentos naõ ſobem ao pinnaculo, nem a taõ alta ſuppoſiçaõ. Com huma Igreja das que vagaõ na noſſa terra, nos contentamos, iſſo he o que ſó pertendemos na Cidade ſanta. Mas tambem ahi póde entrar com igual perigo a tentaçaõ do demonio. Eu naõ ſou muito curial deſtas tentaçoens, e aſſim fallarei por boca de quem tinha grande experiencia, e pratica dellas. O Cardeal Bellarmino paſſando por hum lago deſtes arredores vio hum moço, que eſtava peſcando rans, e a iſca, com que lhes armava, era a pelle de outra rã já morta. Lançava o anzol com aquella pelle da morta, e aſſim peſcava as vivas. Eis aqui, diz Bellarmino, como peſca o diabo aos Eccleſiaſticos. Morreo o Conego, o Prior, o Abbade: e que faz o diabo? Toma a pelle do defunto, que he a murça, ou a ſobrepelliz, e eſtola, mete-a no ſeu anzol, que he a tentaçaõ, e vemſe de Portugal a peſcar a Roma. Quem cuidaſſe tal couſa! Que o diabo ſe vinha a fazer peſcador na barca de S. Pedro! E que fazem as rans, que eſtaõ eſperando no lago, e atroando os ouvidos de todos? Tanto que chega a nova, tanto que vem a pelle da morta, todas a ella com tan-

tanta boca aberta: e se alguma se adianta ás demais, todas a abocanhalla, e a mordella. Eu naõ o vi, mas assim o ouço. Nisto saõ peyores as rans, que os peixes. Os peixes mordem, e callaõ: as rans atroaõ, e naõ ha quem se ouça, nem valha com ellas. Que cada hum pertenda para si, humano he; mas he grande deshumanidade, que homens da mesma patria, da mesma naçaõ, e do mesmo sangue se mordaõ, se maltratem, e se afrontem por introduzir a si, e affastar os outros. O dote da subtileza no Ceo faz, que o lugar, que occupa hum, naõ impida a passagem ao outro: e cá o estudo, e emprego de todas as subtilezas he impedir aos outros para lhe occupar o lugar. Em fim bem, ou mal occupado, que se segue depois disso? A terceira parte da tentaçaõ, e a mais perigosa de todas. Num. 321.

953 Depois de vir, e subir segueſe o cahir: *Mitte te deorsum.* Conseguio o pertendente o seu despacho, expedio as suas bullas, voltou contente para a patria, vese collocado, ou collado na Igreja com superioridade, e authoridade della, e aqui está o fim de toda a tentaçaõ, que he o precipicio: *Mitte te deorsum.* Este precipicio póde ser, como ordinariamente he, ou para a parte da primeira tentaçaõ, ou para a parte da terceira, com que ficará cahindo em todas tres. Na primeira tentaçaõ tentou o demonio a Christo com paõ: *Dic ut lapides isti panes fiant*: na terceira tentou-o com tudo: *Hæc omnia tibi dabo.* Em ambas póde cahir facilmente o tentado, ou por fome, ou por cubiça. Tratavase aqui em Roma de mandar a Portugal contra Viriato, e eraõ pertendentes do posto Sulpicio Galba, e Aurelio Cotta: e como os votos dos Padres Num. 322.

conf-

conſcriptos ſe dividiſſem no Senado, huns por parte do primeiro, outros do ſegundo, diz Valerio Maximo, que Scipiaõ excluio a ambos, e deo a razaõ excellente por eſtas palavras: *Neuter mitti placet, quia alter nihil habet, alteri nihil eſt ſatis*: Naõ convem, que ſe mande a Portugal nem hum, nem outro; porque hum nenhuma couſa tem, a outro nenhuma couſa lhe baſta. Aos que nada tem, tenta-os o diabo com o paõ: aos que nada lhe baſta, tenta-os com tudo: e ſendo taõ perigoſa tentaçaõ a da neceſſidade com a da cubiça, eſtes ſaõ os dous precipicios, em que pode, e coſtuma cahir quem vay
Num. 323. de Roma com deſpacho. Os que de cá vaõ com fome, tenta-os o diabo com paõ, e muito mais apertadamente do que a Chriſto; porque a Chriſto tentou-o o demonio com paõ, que ſe havia de fazer: *Dic ut panes fiant*: mas a eſtes tenta-os com paõ feito. Deos livre a todo o faminto de que o diabo o tente com paõ feito, e preparado. A Heva tentou-a o diabo com a fruta madura, e ſazonada: a Eſau tentou o com as lentilhas coſinhadas, e temperadas. E que ſuccedeo a ambos? Ambos cahiraõ ſem reſiſtencia. Ser tentado com o comer, que ſe ha de fazer, ainda que haja fome, naõ he taõ grande tentaçaõ. Se o pomo eſtivera em flor, e as lentilhas em herva, nem Heva, nem Eſaú ſe haviaõ de tentar, quanto mais cahir. Porém tentar com o paõ, e feito: tentar com o paõ, que outros fizeraõ, e vós o tendes recolhido no voſſo celeiro com obrigaçaõ de o repartir aos pobres, grande tentaçaõ! O Eccleſiaſtico he diſpenſeiro do paõ, e naõ ſenhor; mas he grande tentaçaõ do diſpenſeiro, que podendoſe fazer ſenhor, ſe naõ faça, e podendo comer o paõ, o

naõ

naõ coma. Nesta parte saõ mais venturosas as ovelhas do campo, que as de Christo; porque o paõ das ovelhas do campo naõ o póde comer o pastor, e o das ovelhas de Christo sim. E quando o paõ do gado he de tal qualidade, que o póde comer o pastor, aqui está a tentaçaõ. O filho Prodigo depois de desbaratar todo o patrimonio para remediar a sua necessidade, pozse a pastor, e o mantimento do seu gado era tal, que tambem o pastor o podia comer. Foy porém taõ honrado, e taõ pontual este moço, (como filho de bons pays que era) que até daquelle mantimento rustico, e grosseiro, que se lhe dava para o seu gado, nem huma bolota tomava para si. Mas qual era a sua tentaçaõ? *Cupiebat explere ventrem de siliquis, quas porci manducabant*: toda a sua tentaçaõ, e todo o seu appetite era comer, e encherse daquelle mesmo mantimento, que se lhe dava para o seu gado. E se isto fazia a fome do filho Prodigo, que fará a do Padre avarento? Pastor com fome ha de comer o paõ do gado, qualquer que seja: e mais os que de cá vaõ com fome de tantos annos. Os Prégadores zombaõ do diabo tentar a Christo com paõ de pedras, e naõ reparaõ em que estava o tentado com fome de quarenta dias. Para fome de muitos dias naõ ha paõ duro, quanto mais para fome de tantos annos. Nas grandes fomes, como a de Jerusalem, e Samaria, chegaraõ as mãys a comer os proprios filhos. Haveis de comer o paõ das ovelhas, e haveis de fazer das mesmas ovelhas paõ: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* Num. 324. Psalm. 52.

954 O fundamento, que tenho para assim o temer, e cuidar, he, que quando ouço fallar nos vossos provimentos, ou promoçoens, só se estimaõ os des- Num. 332.

pachos,

pachos, e ſe avaliaõ os lugares pelo que rendem. A hum graõ Principe deſta Italia pedio hum Eccleſiaſtico ſeu vaſſallo, que lhe fizeſſe merce de certa Igreja. E quanto rende eſſa Igreja? perguntou o Principe. Sereniſſimo, reſpondeo o pertendente, rende oitocentos até mil eſcudos. Bem eſtá, naõ he muito o rendimento. E quantos freguezes tem? tornou o Principe a perguntar. E como o pertendente diſſeſſe, que naõ ſabia, o deſpacho com ultima, e ſevera reſoluçaõ foy eſte: E vós ſabeis a conta aos eſcudos, que haveis de comer, e naõ ſabeis o numero das almas, que haveis de curar? Pois naõ ſois digno de ter Igreja, nem de a pertender diante de mim, ide embora. Oh ſe todos os que fazem ſemelhantes provimentos, fizeſſem eſte exame, e ſe ao menos o fizeſſem os que os pertendem, e ſaõ providos! Por iſſo guardaõ os eſcudos, e naõ guardaõ as ovelhas: mercenarios, e naõ paſtores, ou tuſquiadores, que he peyor. Eſtas ſaõ as contas, que fazem, ſem ſe fazer conta da que haõ de dar a Deos, quando a pedir, do preço do ſeu ſangue. Mas aquelles, que ſó ſe governaõ pelo *ardor habendi*, iraõ arder onde elle os leva. Aqui irá parar a alegria dos bons deſpachos, e os falſos parabens dos que os recebem, taõ falſos, como os dos que os daõ.

DIS-

DISCURSO XCI.

Tirado de hum sermaõ do Esposo da Mãy de Deos S. Joseph, prégado na Capella Real no dia dos annos d'ElRey D. Joaõ IV. de glorioſa memoria, no qual o Auctor na paixaõ de huns ciumes fórma a idea de hum Principe perfeito.

SEGREDO.

955 MAterias, em que póde ſer perigoſa a falta do ſegredo, naõ haõ de ſahir do peito do Principe, nem para o mayor valido, nem para o mayor confidente, nem para o mayor amigo. Part. 7. Num. 529. Num. 544.

956 He certo, que perguntou S. Joaõ a Chriſto, quem era o traidor, que o havia de entregar: he certo, que Chriſto lhe reſpondeo: he certo, que dormio reclinado em ſeu peito S. Joaõ; mas naõ he certo, quando adormeceo. Pergunto: Em que ponto adormeceo S. Joaõ? Dizem alguns Doutores, que adormeceo tanto que acabou de perguntar; de maneira, que quando Chriſto reſpondeo, já Saõ Joaõ eſtava dormindo. Fundaõ eſte parecer no texto; porque diz abſolutamente, que nenhum dos que eſtavaõ á meſa, ſoube o que Chriſto diſſe a Judas, quando logo foy executar o meſmo ſegredo: *Hoc autem nemo ſcivit diſcumbentium.* Se nenhum: logo nem S. Joaõ. E ſe Saõ Joaõ, a quem ſe diſſe, o naõ ouvio: logo já eſtava dormindo. Pois que myſterio teve eſte ſono ſubito, que em tal occaſiaõ naõ podia ſer Num. 545. Joan. 13. 28.

aca-

acaſo? Porque adormeceo Saõ Joaõ á reſpoſta de Chriſto Senhor noſſo naquella occaſiaõ conſtrangido a faltar a huma de duas: ou ao reſpeito de amigo, ou á obrigaçaõ de Rey: ſe naõ digo a Joaõ, o que me pergunta, falto aos reſpeitos de amigo: ſe deſcubro hum ſegredo de tanta importancia, falto ás obrigaçoens de Rey; pois que remedio para naõ faltar ao amor, nem ao ſegredo?

957 O remedio foy ordenar Chriſto, que S Joaõ adormeceſſe, tanto que perguntou, para que naõ podeſſe ouvir o meſmo, que lhe reſpondia. E deſta maneira ficou o ſenhor ſatisfazendo juntamente ás obrigaçoens de Rey, e aos reſpeitos de amigo: aos reſpeitos de amigo, porque reſpondeo ao que S. Joaõ lhe perguntara, e ás obrigaçoens de Rey, porque naõ communicou o que convinha encubrirſe. De ſorte que na boca de Chriſto, e nos ouvidos de S. Joaõ eſteve o ſegredo juntamente encuberto, e revelado: revelado na boca de Chriſto, como ſegredo de amigo: encuberto nos ouvidos de Joaõ como ſegredo de Rey. Tanto devem os Principes recatar algum ſegredo ainda dos mayores privados, qual era Joaõ. E ſe naõ, conſideremſe os inconvenientes, que do contrario ſe ſeguiaõ. Se o Senhor deſcobria o ſegredo a Joaõ, Joaõ havia-o de dizer a Pedro, que para iſſo o perguntava: ſe Joaõ o dizia a Pedro, Pedro havia de matar a Judas, que a eſſe fim o queria conhecer: ſe Pedro matava a Judas, naõ ſe executava a venda, e morte de Chriſto: e naõ morrendo Chriſto, ficava impedido o remedio do mundo, o genero humano ſem redempçaõ, e o Imperio do meſmo Chriſto fruſtrado. Ha mayores inconvenientes? De maneira, que de ſe conſervar aquelle ſegredo, que naõ pare-

parecia nada, dependeo a conſervaçaõ do Imperio de Chriſto. Naõ importa menos hum ſegredo, que hum Imperio.

958 Tanto que Chriſto eſpirou, raſgouſe o véo do templo em ſinal de que tambem a ſynagoga eſpirava, e ſe acabava a Monarchia Hebrea. Aſſim o dizem todos os Doutores; mas eu replico. O final ſempre ha de ter proporçaõ com o que ſignifica, e muita, ſe he natural; pois que proporçaõ tinha raſgarſe o véo do templo com ſe haver de acabar o Imperio da ſynagoga? Grande proporçaõ, diz S. Leaõ Papa: *Sacrum illud, myſticumque ſecretum, quod ſolus ſummus Pontifex juſſus fuerat intrare, reſeratum eſt.* Aquelle véo do templo era a cortina, que cobria o Sancta Sanctorum, onde eſtavaõ eſcondidos os ſegredos, e myſterios daquella ley, vedados a todos, e ſó ao ſummo Sacerdote permittidos; e por iſſo tinha grande proporçaõ raſgarſe o véo do templo para ſignificar, que ſe acabava a ſynagoga; porque naõ ha mais proprio final de ſe acabar hum Imperio, huma Monarchia, que romperemſe as cortinas dos ſeus myſterios, e raſgaremſe os véos de ſeus ſegredos. Os Reynos, e as Monarchias ſuſtentaõſe mais do myſterioſo, q̃ do verdadeiro: e ſe ſe manifeſtaõ ſeus myſterios, mal os defendem as ſuas verdades. A opiniaõ he a vida dos Imperios, o ſegredo he a alma da opiniaõ. A prevençaõ ſabida ameaça a huma ſó parte, ſecreta ameaça a todas. Os intentos ignorados ſuſpendem a attençaõ do inimigo, manifeſtos ſaõ a guia mais ſegura dos ſeus acertos. Reyno, cujas reſoluçoens primeiro forem publicas, que executadas, oh que perigoſa conjectura tem de ſua conſervaçaõ! Num. 547.

959 Que

959 Que bem entendia eſta politica ElRey David! Levantouſe Abſalaõ com o Reyno, começou a fazer grandes levas de gente, grandes exercitos contra David: e David que faria contra Abſalaõ? Chamou Chuſay hum grande ſeu Conſelheiro, diſſelhe, que ſe paſſaſſe á confidencia de Abſalaõ, e que como foſſe admittido aos conſelhos, lhe revelaſſe por
2. Reg. 15. 35. vias occultas tudo o que lá paſſaſſe: *Omne verbum, quodcumque audieris de domo Regis, indicabis.* Iſto fez David, e naõ fez mais. Pois, David, ſe vem contra vós taõ numeroſos exercitos de Abſalaõ, porque naõ fazeis tambem exercito? E já que vos deſcuidais deſtas prevençoens, a que fim mandais lá Chuſay? Que ha de fazer hum homem contra Abſalaõ? Obrou David como ſoldado taõ experimentado, e como Rey taõ politico. Querendoſe oppor ao poder de Abſalaõ, tratou ſobre tudo de lhe meter hum confidente ſeu no conſelho; porque entendeo, que mayor guerra fazia a Abſalaõ com hum homem, que lhe rompeſſe os ſeus ſegredos, que com muitos mil homens, que lhe rompeſſem os ſeus exercitos. Hum exercito roto pódeſe refazer; mas hum ſegredo roto, naõ ſe póde remediar. Hum exercito roto, pódeſe refazer com ſoldados: hum ſegredo roto, naõ ſe póde ſoldar com exercitos.

960 Qualquer grande poder ſem ſegredo he fra-
Num. 549 queza, e a meſma fraqueza com ſegredo he grande poder. Em quanto Sanſaõ encubrio o ſegredo de ſeus cabellos, deſtruio exercitos inteiros, como deſcobrio o ſegredo a Dalila, cortaraõlhe os cabellos os Filiſteos, e podéraõ atar aquellas valentes maõs de que tantas vezes foraõ vencidos. Oh grande
Num. 548. exemplo do poder do ſegredo! De maneira, que ſe-

te ca-

te cabellos com segredo faziaõ tremer exercitos armados, e esse mesmo poder, que fazia tremer exercitos armados, sem segredo bastou hum golpe de huma thesoura para os desbaratar. Por isso David contra Absalaõ tratou de lhe conquistar os segredos, e naõ de lhe vencer os exercitos.

DISCURSO XCII.

Tirado de hum sermaõ da santa Cruz prégado na festa dos soldados estando na Bahia a Armada Real com muita da nobreza de ambas as Coroas, em o qual o Auctor no mysterioso nome de Nicodemos, que quer dizer Victor Populi, *descobre tres qualidades, que deve ter hum soldado, para ser valeroso: nobreza de sangue, familiaridade com Deos, e docilidade no juizo: nobreza de sangue para o valor: familiaridade com Deos para o favor do Ceo, e docilidade no juizo para o conselho.*

SOLDADOS.

962 NIcodemos, diz a Glossa ordinaria, quer dizer *Victor populi*: O vencedor do povo. Grande titulo! E se bem repararmos nas qualidades, com que o descreve o Euangelista, grandes partes tinha Nicodemos para vencedor. Primeiramente era naõ só nobre, mas da primeira nobreza: *Princeps Judæorum*: e ser illustre quem vay á guerra, he levar ametade da victoria ganhada. Naõ sabe vencer quem naõ sabe dar o sangue, e mal o póde dar quem o naõ tem. Quando David sahio ao desa- Part. 6. Num. 295.

fio com o Gigante, voltou o roſto ElRey Saul para Abner ſeu Capitaõ General, e perguntoulhe: *Ex qua ſtirpe eſt hic adoleſcens?* De que geraçaõ era aquelle moço? Perguntoulhe pela geraçaõ, dizem os Rabbinos, que refere Abulenſe, porque taõ brioſos alentos, e taõ animoſa reſoluçaõ em hum paſtor, pareceolhe ao Rey, que naõ podia naſcer, ſenaõ de mais altas raizes. Vio-o atreverſe a huma empreza taõ ardua, vio-o arrojarſe intrepidamente a hum perigo taõ manifeſto, e para julgar ſe ſahiria vencedor, quizſe informar, ſe era honrado. Tinhalhe dito David, (apertemos mais o ponto) tinhalhe dito David, que deſpedaçava urſos, e deſqueixava leoens: e naõ ſe aquieta com tudo iſto Saul, perguntalhe pela geraçaõ: *Ex qua ſtirpe eſt hic adoleſcens?* Porque era melhor fiador de haver de levar ao cabo taõ grande empreza o ſangue, que tiveſſe herdado dos pays, que o que derramava das féras.

Part. 7. Num. 507. 963 Já David tinha dito a Saul, que partíra urſos, e deſqueixára leoens: e ſobre tudo iſto perguntalhe ainda o Rey pela geraçaõ; porque era melhor fiador da victoria o ſangue nobre, que tinha, que o ſangue bruto, que derramára. Os homens de inferior condiçaõ, ainda que ſejaõ valeroſos, pelejaõ ſós: o nobre ſempre peleja acompanhado; porque peleja com elle a lembrança de ſeus mayores, que he a melhor companhia. Em Alcanio pelejava Eneas, e Heitor: em Pirrho pelejava Achilles, e Peleo: nos Decios, nos Fabios, nos Scipioens pelejavaõ os famoſos progenitores de ſeus appellidos: e com taõ animoſos lados quem naõ ha de ſer valente? Com os oſſos do grande Afonſo de Albuquerque dizia ElRey D. Joaõ o III. que tinha ſegura a India. E ſe eſtava ſegura a India

dia com os oſſos mortos de hum Capitaõ, quaõ ſeguro eſtará Portugal com o ſangue vivo de tantos? Tanto aproveita o ſangue para os animoſos procedimentos, que naõ eſtá o valor nos braços, eſtá nas veyas.

964 Naõ quero dizer com iſto, que ſeja neceſſario deſcender dos Godos para ſer valente, que iſſo ſeria contradizer a razaõ, e negar a experiencia. A eſpada, que faz a guerra, e dá as victorias, naõ he fabrica do ouro, ſenaõ do ferro, naõ do metal mais reſplandecente, e illuſtre, ſenaõ do mais duro, e forte. Para ſer taõ valeroſo como Alexandre naõ he neceſſario ſer filho de Filippe de Macedonia. O teſtamento, ou morgado de Marte naõ exclue a rudeza dos nomes, nem a vulgaridade dos appellidos. Baſta ſer Gonçalo, e ſer Fernandes para ſer graõ Capitaõ. Honrada couſa he, que a valentia venha por herança, e por continuaçaõ de muitas idades, mas tal vez póde vir de taõ longe, que chegue já mui canſada. Quantos do arado ſubiraõ ao triunfo, e do triunfo tornaraõ outra vez laureados ao arado? As lentilhas deraõ a Roma os Lentulos, e as favas os Fabios. O campo para elles era a campanha, e a agricultura, diz Plinio, a arte, e exercicio militar; porque na ordem, com que diſpunhaõ as plantas, aprendiaõ a ordenar, e governar os exercitos: *Sive illi eadem cura ſemina tractabant, qua bella: eademque diligentia arva diſponebant, qua caſtra.* Paſtor tinha ſido o terror dos meſmos Romanos o noſſo Portuguez Viriato, e tanto que trocou o cajado com o baſtaõ, dos ſeus ſoldados ſoube fazer leoens, e dos ſeus inimigos ovelhas. Aſſim que naõ ſaõ totalmente neceſſarios os altos naſcimentos para ter valeroſos procedimentos.

Part. 6. Num. 297.

Plin. lib. 8. cap. 3.

Num. 298. tos. Mas o que só quero dizer he, que na nobreza está o valor mais certo, e mais seguro. O que naõ he nobre, póde ser valeroso, o nobre tem obrigaçaõ de o ser: e vay muito do que posso por liberdade, ao que devo por natureza. As aguias naõ geraõ pombas, e se alguma vez a natureza produzisse hum tal monstro, a pomba se animaria a ser aguia por naõ degenerar dos que a geraraõ. Naõ ha espora para a ousadia, nem freyo para o temor, como a memoria do proprio nascimento, se he de generosas raizes.

965. Estava temeroso S. Joseph, e temeroso com razaõ, porque era materia de honra: appareceolhe hum Anjo, e disselhe: *Joseph fili David noli timere*: Joseph filho de David naõ temas. A descendencia de David podia estar taõ escurecida na memoria de Joseph, quanto vay do cetro real aos instrumentos mecanicos, que elle manejava; mas quando o Anjo o exhorta a que naõ tema, lembralhe, que he da geraçaõ de David; porque, como diz o douto Palacio, com nenhuma outra consideraçaõ mais efficazmente lhe podia tirar o temor, que com a memoria de que era descendente de hum homem, que nunca

Part. 7. soube temer. Como ha de ter medo no coraçaõ
Num. 507. quem tem a David nas veyas? O mesmo Christo Redemptor nosso quando houve de tirar a capa para entrar naquella ultima batalha, em que venceo a morte, e o inferno, diz o Euangelista S. Joaõ, que

Part. 6. se lembrou primeiro de quem era, e donde vinha:
Num 298. *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit, ponit vestimenta sua.* Lembrouse da geraçaõ altissima, de que procedia, lembrouse de que era filho do Monarca universal de todo o creado, e como entrou com esta lembrança na batalha, ainda que o amor da vida

lhe

lhe fez seus protestos no Horto, por fim pelejou animosamente, e posto que com tanto sangue, triunfou, e venceo.

966 A segunda boa qualidade, e muito melhor que a passada, he a que logo se segue: *Et venit ad Jesum nocte*: Que veyo Nicodemos a tratar com Jesu de noite. Os dias sellos Deos para nós, e as noites para si: os dias para as occupaçoens do corpo, e as noites para os retiros da alma: os dias para o exterior, e visivel, e por isso claros, as noites para o interior, e invisivel, e por isso escuras: assim repartia Nicodemos o tempo. Os dias dava-os ás obrigaçoens do officio como pessoa publica, e para satisfazer ás mesmas obrigaçoens com acerto, e bom successo gastava as noites com Deos. Oh se a nossa milicia, e os cabos mayores, e menores della seguissem este exemplo em parte das noites, que confiadamente me atreveria eu a lhe prometter, que para o felice, e desejado fim de tantas prevençoens, e apparatos bellicos naõ faltaria Deos em lhe dar hum bom dia! Num. 299.

967 Nenhum General teve neste mundo mayor, nem melhor dia, que Josué Governador das armas de Israel na conquista dos Cananeos. Deo batalha aos Madianitas, rotos já, e fugitivos, quando o Sol precipitava a se esconder no Occaso: e para que pódesse proseguir, e acabar a victoria, como se o Sol fora soldado seu, mandoulhe Josué, que parasse, e parou, ou fez alto o Sol. Diz a Historia sagrada, que nem antes, nem depois houve taõ grande dia: *Non fuit antea, nec postea tam longa dies*: grande na duraçaõ, grande na victoria, grande no imperio do General, e mais que grande na obediencia do mesmo Deos á voz de hum homem: *Obediente Deo voci homi-* Num. 300. Josue 10. 14.

hominis. Mas porque deo Deos a Joſué hum tal dia? Porque o tal Joſué dava a Deos as noites. Antes de dar principio a toda aquella conquiſta nos arrebaldes da Cidade de Jerico, ſahio Joſué de noite ao campo a orar, como coſtumava, quando ſubitamente vio diante de ſi hum vulto armado de armas brancas com a eſpada deſembainhada na maõ: *Noſter es, an adverſariorum*? Sois noſſo, ou dos contrarios? perguntou ſem o perturbar a viſaõ: e S. Miguel, que era o armado, reſpondeo: Eu ſou o Principe dos exercitos de Deos, que em ſeu nome vos venho aſſiſtir, e ajudar, para que em tudo, o que emprenderdes, ſejais vencedor. Que muito logo, que Deos déſſe hum dia taõ grande, e tantos outros dias a quem aſſim os partia com Deos? Mayor viſaõ foy a do noſſo primeiro Afonſo na noite daquelle dia, em que amanheceo Rey, pois vio, e ouvio ao Senhor dos Anjos, que de ſua boca lhe deo o titulo, e lhe aſſegurou o Reyno. Mas que fazia entaõ o valeroſo, e devoto Principe? Vigiava, e orava na ſua tenda, e na Hiſtoria ſagrada de Gedeaõ, como em eſpelho, ſe eſtava vendo a ſi, e lendo a ſua meſma victoria.

Num. 301. 968 Que diraõ aqui muitos Capitaens com nome de Chriſtaõs, ou ſejaõ dos menores, ou tambem (que póde ſer) dos mayores? Que dias podem eſperar de Deos, ſe daõ as noites ao diabo? Gaſtar as noites com Dalila, e de dia ſer Sanſaõ, ainda que ſeja levar a victoria pelos cabellos, ſó por milagre

Num. 303. ſerá poſſivel. Naõ nos fiemos em armadas, nem em exercitos, ainda que as armadas foſſem de cinco mil naos, e os exercitos de cinco milhoens de ſoldados, como o de Xerxes, todo eſſe apparato nada importaria, como naõ importou entaõ para ſegurar a empreza.

preza. Deos he o que dá, e tira as victorias, e só as podem esperar com confiança os que pela emenda dos peccados, e observancia de sua ley o tiverem propicio.

969 Ainda tinha outra boa parte Nicodemos, que tantas saõ necessarias para o nome de vencedor. *Et dixit illi*: *Rabbi*: o fim, para que vinha buscar a Christo, era para o consultar, e ouvir como mestre. Mestre era tambem Nicodemos: *Tu magister es in Israel*: e nesta reflexaõ de sendo mestre vir buscar outro mestre consistia o ser bem fundado, e naõ vaõ o nome, que tinha. O mayor perigo, e perdiçaõ da guerra he cuidarem os Doutores desta arte, que sabem tudo. Os sabios em qualquer faculdade mais sabem ouvindo, que discorrendo, e mais acompanhados, que sós. *Meliores æstimantur qui soli non omnia præsumunt*, diz o grande politico Cassiodoro: Que sempre foraõ estimados por melhores os que de si só naõ presumem tudo. Já se a presumpçaõ do saber se ajunta á soberania do poder, como em Nicodemos, que era mestre, e Principe, nestes dous resvaladeiros está certo o precipicio, e a ruina. Para conseguir effeitos grandes, e para levar ao cabo emprezas difficultosas mais seguro he huma ignorancia bem aconselhada, que huma sciencia presumida. A primeira victoria para alcançar outras muitas he sujeitar o juizo proprio quem naõ he sujeito ao mando alheyo. Perguntado Alexandre Magno com que industria, ou com que meyos em taõ breve tempo se fizera senhor do mundo, diz Estobeo, que respondera estas palavras: *Consiliis*, *eloquentia*, *& arte imperatoria*: Com os conselhos, com a eloquencia, e arte de governar exercitos. No Num. 304.

ultimo lugar poz a arte, e no primeiro o conſelho; porque o conſelho he a arte das artes, e a alma, e intelligencia do que ella enſina. A arte preſcreve preceitos em commum, o concelho conſidera as circunſtancias particulares: a arte enſina o que ſe ha de fazer, o conſelho delibera quando, como, e por quem. Vegeſſio diſpoz os ſitios, e batalhas de longe, o conſelheiro tem diante dos olhos o exercito inimigo, e o proprio, os Capitaens, os ſoldados, o numero, a naçaõ, as armas, e até a occaſiaõ do terreno, do Sol, e do vento, que ſe naõ vem, ſenaõ de perto.

970 Os Levitas, que quizeraõ imitar as façanhas dos Machabeos, porque pelejaraõ ſem conſelho, perderaõ em hum dia o que elles com prudente, e bem aconſelhado valor tinhaõ ganhado em muitos. Se algum Capitaõ podéra eſcuſar o conſelho, era o genio de Alexandre, formado pela natureza para conquiſtar, e vencer. Mas nem a ſua arte, nem a ſua fortuna o liſonjeou de maneira, que naõ antepuzeſſe o conſelho a ambas. O que deſigualou o poder, pode o ſupprir a arte: o que errou a meſma arte, pode-o emendar a fortuna, mas o que ſe intentou ſem conſelho, ainda que o favoreça o caſo, nunca he victoria. A que alcançou de ſi meſmo Alexandre, eſſa lhe deo todas as outras; porque ſe ſujeitou a perguntar quem ſabia ſujeitar o mundo, e havendo de dever de algum modo as ſuas victorias, naõ as quiz dever ao ſeu braço, ſenaõ ao ſeu conſelho.

Num. 305. 971 Ouçamos ao homem mais ſabio, o qual ſó logrou perpetua paz, porque entendeo melhor que todos a guerra. No capitulo 20. dos Proverbios dá Salamaõ hum documento militar notavel. Diz que as guerras ſe haõ de governar com os lemes: *Gubernacu-*

naculis tractanda sunt bella. Se fallara das guerras, e batalhas navaes, pouca difficuldade tinha este proverbio; porque naõ ha duvida, que nas victorias do mar grande parte cabe ao leme. Mas fallando de todas as guerras absolutamente, que proporçaõ tem as armadas com os exercitos, os navios com os esquadroens, e os combates do mar com as batalhas da terra, e da campanha? No fundo do original Hebreo lançou Salamaõ a ancora, e escondeo o sentido deste seu proverbio. Onde a nossa Vulgata diz *in gubernaculis*, lê o Hebreo *in consiliis*: e chama Salamaõ aos conselhos lemes da guerra, para que entenda a politica militar dos exercitos, que tanto caso haõ de fazer os Generaes do conselho, como os Pilotos do leme. Se na Capitania, onde vay a bandeira, e o farol, faltou o leme, derrotouse a armada: e se o General descuidado, ou presumido desprezar o conselho, de-se tambem por derrotado, e perdido. Assim como para navegar, e fazer viagem a nao he necessario que vá sempre o leme na maõ já a huma, já a outra parte, accommodandose as vellas ao vento, assim na guerra, em que os accidentes saõ taõ varios, nenhuma cousa se deve intentar, nem seguir, senaõ com maduro conselho. Mas que seria, ou que succederia, se o conselho naõ se ouvisse, ou ouvido se naõ tomasse? Sem consultar as estrellas, se póde prognosticar facilmente. A nao, que naõ dá pelo leme, e toma por davante, muy arriscada vay a encalhar em hum baixo, ou a se romper em hum recife. Livrenos Deos de que naõ seja taõ fatal o nome, como he proprio.

DIS-

DISCURSO XCIII.

Tirado de hum ſermaõ da quarta Dominga da Quareſma, prégado na Capella Real na occaſiaõ, em que o Auctor tendo feito a primeira retirada da Corte para o Maranhaõ, diſpunha a ſegunda, que tambem teve effeito.

SOLEDADE.

Part. 3. Num. 242.

972 NAõ foge huma ſó vez quem foge de coraçaõ. Já o Euangeliſta S. Joaõ tinha dito, que o Senhor, e Salvador dos homens fugira dos meſmos homens huma vez, e agora nos diz, que fugio outra: *Fugit iterum.* Quando Herodes quiz matar a Chriſto, para que naõ foſſe Rey, fugio para o Egypto, agora, que o querem fazer Rey, foge para o monte: *In montem.* Os amigos, e os inimigos todos por ſeu modo perſeguem, e quem conhece, que o amor de huns, e o odio de outros tudo he perſeguiçaõ, foge de todos. Naõ ſó fugio o Senhor hoje das turbas, que o ſeguiaõ, mas tambem dos meſmos diſcipulos, que o acompanhavaõ, e por iſſo fugio ſó: *Ipſe ſolus*: Oh ſe o mundo conhecera quanto ſe tira de hum retiro, e quanto colhe quem ſe acolhe: *Fugit!* A ſobremeſa pois do famoſo banquete de hoje, qual cuidamos que ſeria? Foy o exemplo, com que o Senhor fugio dos meſmos, que lhe queriaõ dar o que elle naõ queria, nem havia miſter: e a doutrina naõ de palavra, mas de obra, com que ſe foy meter ſó comſigo na ſoledade de hum monte: *Fugit in montem ipſe ſolus.* Deixar o povoado pelo deſer-

deserto, trocar as Cidades pelos montes, fugir do trato, e frequencia das gentes para viver com Deos, e comsigo, grande ponto de doutrina em Christo, e grande resoluçaõ de prudencia em quem o imitar.

973 Bem sei que dizem os defensores das Cortes, ou os enfeitiçados dellas, que tambem se póde ser Ermitaõ em Mexico, como respondeo em nossos dias hum varaõ de mui celebrado espirito a quem se queria retirar daquella grande Cidade, e lhe pedia conselho. Mas nem todos os conselhos servem para todos os casos, como nem todas as receitas para todos os enfermos. Bem sei, que dizem, (e por modo de affronta) que o fugir he fraqueza; como se quem foge, se quizera acreditar de valente, e como se naõ fora valor quebrar as cadeas, de que tantos se naõ desataõ. Cataõ com Cesar, e Pompeo á vista dizia: Sei de quem devo fugir, mas naõ sei para onde. E quem sabe, e tem para onde, porque se envergonhará de que lhe chamem fraco, quando foge com Cataõ? Dizem, que a natureza fez ao homem animal sociavel, e que trocar a sociedade, e communicaçaõ dos homens pela solidaõ dos desertos he querer accusar, ou emendar a natureza, e como arrepender-se de ser racional. Mas quem se ri de semelhantes ditos com provar o racional pelo risivel, se exime desta calumnia, e naõ tem por crime emendar a natureza, quando ella está taõ corrupta. Num. 144.

974 Dizem, como disse Aristoteles, que quem gosta de estar só, ou he Deos, ou féra: *Aut Deus, aut bestia.* Mas se elle alcançara, que em Deos ha tres pessoas, naõ havia de suppor, que Deos estava só: e se soubera, que quem se aparta dos homens, he para mais se chegar a Deos, tambem o naõ havia de

pôr

pôr no predicamento das féras, antes, como gentio, no numero dos deoſes. Dizem finalmente, que deixar a Corte, o ſerviço dos Principes, e a benevolencia, e graça dos amigos he falta de juizo, e rematada loucura. Aſſim o digo, porque aſſim lho ouvi dizer.

Num. 245. 975 Mas a eſta cenſura, que mais pertence aos Medicos, que aos Theologos, reſponderá Hippocrates. Democrito aquelle famoſo Filoſofo, que de tudo ſe ria, e fez chorar a Alexandre Magno por dizer, que havia mais mundos, canſado de zombar dos deſpropoſitos deſte, que taõ mal conhecemos, deixou a patria, e todo o povoado, e foyſe meter em hum deſerto. Correo logo fama, que Democrito endoudecera, e compadecidos os ſeus naturaes, que eraõ os Abderitas, mandaraõ rogar por huma embaixada a Hippocrates, que pelo amor, que tinha, e honra, que fazia ás ſciencias, ſe dignaſſe de querer ir curar hum ſujeito taõ notavel, e taõ benemerito dellas. E que vos parece, que reſponderia Hippocrates? Reſpondeo, como refere Laercio, que ſe a enfermidade foſſe outra, elle iria logo curar a Democrito; porém que retirarſe das gentes, e irſe viver nos deſertos, o que elles reputavaõ por doudice, mais era para invejar, que para curar; porque nunca Democrito eſtivera mais ſiſudo, nem tivera o juizo mais taõ, que quando fugia dos homens: *Habere in eo magis, quod ſuſpiciat, quam quod ſanet: & illud ſchema vitæ eſſe ſartam, tectamque animæ ſanitatem: nulloque modo melius ſibi conſuli contra peſtilentem hominum auram, quam recipiendo ſe in tuta ſolitudinum loca.*

Num. 246. 976 Iſto he o que faziaõ, e iſto o que enſinavaõ os

os Filosofos (já que começamos por elles:) e a razaõ, ou razoens, que para isso tiveraõ, dá em varios lugares Seneca, mais venturoso se os imitara. Escreve a seu amigo, e discipulo Lucilio, o qual lhe tinha perguntado de que se havia de guardar para viver quieta, e felizmente: e o primeiro documento, que lhe dá, he, que fuja da multidaõ, e frequencia de gente: *Quid tibi vitandum maxime existimem, quæris? Turbam.* Oh quanto resumio o grande Filosofo em huma só palavra! E a razaõ he, diz elle; porque o trato, e conversaçaõ dos homens he huma especie de contagio, com que sem querer, nem sentir nos pegamos huns a outros cada hum a sua doença: e assim como nos mayores lugares se accende mais a peste, assim nas Cidades mais populosas he mayor o perigo: *Inimica est multorum conversatio: nemo non aliquod nobis vitium, aut commodat, aut imprimit, aut nescientibus allinit. Itaque quo maior est populus, cui commiscemur, periculi plus est.* Já eu daqui poderá inferir, que assim como no tempo da peste deixaõ os que podem as Cidades, e se retiraõ aos campos, assim he prudente cautela em qualquer tempo, pois todo he de peste, fugir para os desertos. Mas sigamos ao nosso Filosofo, e a bandeira da saude, que elle nos levantou: *Sanabimur, si modo separemur à cætu.* Senec. Epist 7. lib. 1.

977 Prova Seneca o seu documento, e allega a Lucilio hum exemplo naõ alheyo, senaõ domestico, e experimentado em si mesmo: *Ego certe confiteor imbellicilitatem meam: nunquam mores, quos extuli, refero. Aliquid ex eo, quod composui, turbatur: aliquid ex his, quæ fugavi, rediit*: Confessote (diz o Estoico) a minha fraqueza: nunca sahi a tratar com Num. 247.

com os homens, que naõ tornaſſe peyor do que fuy. Sempre ſe me deſcompoz alguma das paixoens, que já tinha compoſto, e ſempre tornei a trazer comigo algum dos vicios, que já tinha deſterrado. Cuidarás por ventura, que te hei de dizer, que torno mais avarento, mais ambicioſo, mais incontinente? Pois ſabe, (o que naõ imaginas) que tambem torno mais cruel, e mais deshumano, ſó porque eſtive entre homens: *Immo vero & crudelior, & inhumanior, quoniam inter homines fui.* Naõ ſe podéra mais altamente encarecer o perigo de tratar com homens! Se diſſera, que nos pegavaõ outros achaques, miſeria he de ſeculo taõ enfermo; mas pegarem os homens deshumanidade? A humanidade naõ he a eſſencia de homem? As feras com o trato do homem naõ ſe humanaõ? Aſſim he, ou aſſim era; mas tem degenerado tanto a natureza humana do ſeu proprio ſer, que em lugar de ſe tirar humanidade do trato com os homens, o que ſe bebe deſtas fontes, he deſhumanidade. Ereis humano antes de tratar com elles, depois que os trataſtes, ſem o ſentir, nem ſaber como, achaisvos deshumano: *Et inhumanior, quoniam inter homines fui.* Já ſe naõ contentaõ os homens com fazer deshumanidades, mas chegaõ a fazer deshumanos, que he muito peyor. Fazer deshumanidades he ſer cruel, fazer deshumanos he naõ ſer homem; antes ſer o contrario de homem. Se viſſemos que o Sol, devendo allumiar, eſcurecia, e que o fogo, devendo aquentar, esfriava, e que hum homem em lugar de gerar homens gerava tigres, e ſerpentes, naõ ſeria huma horrenda monſtruoſidade? Pois iſſo he o que fazem os homens: naõ ſó tem deshumanado a ſua, mas deshumanaõ a humanidade daquelles,

les, que os tratáõ. Vede ſe he prudencia fugir dos homens quem quizer conſervar o ſer de homem.

978 A ſegunda razaõ, que dá Seneca para iſto, Num. 248. he ſerem muitos aquelles, de que ſe deve fugir. Nas facçoens, ou parcialidades he muito natural ſeguir o partido dos mais: *Facile tranſitur ad plures.* E como a multidaõ dos homens toda propende para os vicios, que virtude haverá taõ forte, que poſſa reſiſtir ao impeto, e torrente de tantos? *Socrati, Catoni, & Lelio excutere mentem ſuam diſſimilis multitudo potuiſſet: adeo nemo noſtrûm, qui maxime concinnamus ingenium, ferre impetum vitiorum tam magno comitatu venientium poteſt.* Até Socrates, até Cataõ, até Lelio, que entre Gregos, e Romanos foraõ os Atlantes da virtude, ſe naõ poderiaõ ſuſtentar firmes contra o pezo, e bateria dos vicios, acompanhados de taõ numeroſo exercito. E ſe eſtes, perdidas as cores da propria vida, e coſtumes, ſe reveſtiriaõ das contrarias, poſto que taõ diſſemelhantes; quanto mais os que conhecemos a fraqueza da noſſa imperfeiçaõ, e ſó temos o eſtudo de a enfeitar?

979 Forçados pois da violencia, do exemplo commum, e quaſi neceſſitados entre os homens a ſer como elles, que remedio póde haver em partido taõ deſigual, ſenaõ fugir? Aſſim o reſolve o meſmo Seneca com hum argumento muito do ſeu engenho: *Neceſſe eſt, aut imiteris, aut oderis. Utrumque autem vitandum eſt: ne vel ſimilis malis fias, quia multi ſunt: neve inimicus multis, quia diſſimiles ſunt.* Sendo eſta a condiçaõ dos que enchem o mundo, e por ventura tambem a dos que o mandaõ; que póde fazer hum homem entre taes homens? Ou os ha de imitar ſendo taes, ou os ha de aborrecer, porque

ſaõ

saõ taes, e na duvida de os imitar, ou aborrecer nem a imitaçaõ, nem o odio lhe póde estar bem; porque para imitados saõ máos, e para inimigos saõ muitos: *Vel similis malis, vel inimicus multis.* Logo o que convém he fugir, e queira Deos que baste.

Num. 249. 980 A terceira razaõ, e que no mesmo Seneca tinha grande lugar, e o póde ter em outros, declara elle com esta queixa da sua primeira vida: *Omnem operam dedi, ut me multitudini educerem, & aliquam dotem notabilem facerem*: Trabalhei, diz, com todas as minhas forças por me separar do numero dos muitos, e por fazer alguma obra notavel, a qual me servisse de dote para credito, e estimaçaõ do mundo. E que tirei deste meu trabalho? *Quid aliud quam telis me opposui, & malevolentiæ, quod morderet ostendi*: O que tirei foy provocar contra mim, e expôr o peito ás lanças, e dar materia á malevolencia, em que empregasse os dentes, e tivesse que morder. E porque? Dá a razaõ, apontando-a com o dedo: *Vides tu istos qui eloquentiam laudant, qui opes sequuntur, qui gratiæ adulantur, qui potentiam extollunt? Omnes aut sunt hostes, aut (quod in æquo est) esse possunt*: Vês tu estes, que louvaõ a eloquencia, que seguem a cubiça, que adulaõ a graça, que adoraõ a potencia? Pois sabe que todos ou saõ inimigos, ou o pódem ser, que val o mesmo: *Quam magnus mirantium, tam magnus invidentium populus est*: Quaõ grande he o povo dos que te admiraõ, taõ grande he o numero dos que te invejaõ. A admiraçaõ estará por algum tempo suspensa, e muda, com costuma; mas a inveja reconcentrada rebentará com mais força como de mina, e o que foraõ applausos, seraõ estragos.

Seneca l. 1. ep. 2.

981 An-

981 Antes nos tenhaõ inveja, que compaixaõ, ſentença foy naſcida na gentilidade, que depois fez chriſtã S. Gregorio Nazianzeno, mas no meſmo Nazianzeno moſtrou a experiencia, que antes ſe deve eleger o eſtado da compaixaõ, que o da inveja; porque a de ſeus emulos o perſeguio de tal modo (ou taõ ſem modo) que obrigado a ſe lançar ao mar, como Jonas, a meſma inveja lhe veyo a ter compaixaõ. Em quanto ella naõ chega a ſe deſpicar aſſim, naõ deſcanſa. Por iſſo Seneca conclue, que arrependido do primeiro inſtituto da ſua vida, e de ſe ter moſtrado ao mundo tomára por ultimo conſelho recolherſe comſigo dentro em ſi meſmo, e cultivar a propria alma com taes exercicios, que elle ſó os podeſſe ſentir, e nenhum homem os podeſſe ver: *Quin potius quæro aliquid uſu bonum, quod ſentiam, non quod oſtendam.* Num. 250

982 Eſtas foraõ as razoens, porque ſe retiravaõ aos deſertos, e fugiaõ da communicaçaõ dos homens aquelles grandes Filoſofos: hum dos quaes perguntado, que fructo tinha colhido de todos ſeus eſtudos, reſpondeo: Saber viver ſó comigo. Aſſim o refere Eſtobeo, e o qualificou o meſmo Seneca dizendo: *Primum argumentum bene compoſitæ mentis, exiſtimo, poſſe conſiſtere, & ſecum morari*: O primeiro argumento naõ de ſe ter alienado o juizo, como ao principio ſe dizia, mas de eſtar muito em ſeu lugar, e bem compoſto, he ſaber hum homem morar comſigo: *Secum morari.* Mas paſſemos da Filoſofia á chriſtandade, e dos documentos da razaõ ſem fé aos da fé, e razaõ, que ſaõ os dos Santos.

983 Arſenio, aquelle inſigne varaõ em todos os eſtados, pedido pelo Imperador Theodoſio, e no- Num. 251.

meado pelo Papa S. Damaſo para Meſtre de Arcadio, já declarado ſucceſſor do Imperio, era taõ eſtimado do meſmo Imperador, que entrando huma vez a ouvir dar liçaõ a ſeu filho, e vendo que Arſenio eſtava em pé, e Arcadio aſſentado, reprehendeo a ambos daquella, que elles naõ tinhaõ por indecencia, e mandou, que dalli por diante Arſenio enſinaſſe aſſentado, e Arcadio ouviſſe em pé, e com a cabeça deſcuberta. Com eſte credito, e favor de hum taõ grande Monarcha, e com o applauſo de todo o Paço, e Corte, que por reverencia, ou liſonja ſempre ſeguem, ou moſtraõ ſeguir o affecto dos Principes, vivia com tudo inquieto, e deſcontente Arſenio naõ ſe fiando nem do que era, nem do que lhe promettia aquella fortuna. Duvidoſo pois da reſoluçaõ, que devia tomar, naõ pedio conſelho aos amigos de mayor authoridade, e mais fieis, nem menos ſe quiz aconſelhar comſigo, mas recorrendo a Deos, que ſó he o norte ſeguro nas bonanças, ou tempeſtades de hum mar taõ incerto, ouvio huma voz do Ceo, que lhe dizia: *Arſeni, fuge homines, e ſalvus eris*: Arſenio, foge dos homens, e ſalvarteas. Com eſte aviſo, que naõ era neceſſario ſer em voz para ſe entender, ſem pedir licença ao Imperador (porque ſabia, que lha naõ havia de dar) ſe embarcou occultamente Arſenio de Conſtantinopla para o Egypto, e metendoſe pelo mais interior do deſerto, alli eſcolheo para perpetua morada huma cova, na qual porque ſe ſoube enterrar em vida, tanto verificou o Oraculo do Ceo em ſe ſalvar, como o tinha obedecido em fugir dos homens: *Fuge homines, & ſalvus eris.*

Num. 253. 984 Viviaõ no meſmo deſerto naõ juntos, mas apartados, cada hum na ſua cova, ou choupana, outros

tros Anacoretas, e com estes fallava algumas vezes Arsenio, ouvindo os como a Mestres da disciplina monachal, e vida eremitica. E como hum dos mais anciaõs lhe perguntasse, qual fora o motivo daquella sua retirada taõ estranha, a reposta, que deo, foy esta: *Non posse se cum Deo simul, & cum hominibus vivere*: Que o motivo, que tivera para fugir do mundo, fora ter experimentado no mesmo mundo, que viver juntamente com os homens, e mais com Deos naõ he possivel. E declarando a razaõ desta impossibilidade, dizia que era; porque as vontades dos homens raramente se ajustaõ com a vontade de Deos, e porque sendo a vontade de Deos huma só, e sempre a mesma, as dos homens pelo contrario saõ tantas, taõ diversas, e taõ encontradas, quantos saõ os mesmos homens, e seus interesses, e appetites; e porque ainda no mesmo homem naõ dura muito a mesma vontade por ser inconstante, e varia. Assim provava, e concluia a sua razaõ Arsenio, e desta demonstraçaõ infallivel se tira huma de tres conclusoens igualmente certas, ou que os que cuidaõ que vivem com Deos, e com os homens, se enganaõ, ou que os que vivem com os homens, naõ vivem com Deos, ou que quem quizer viver com Deos, ha de deixar os homens.

985 Se o mesmo Deos naõ concorda as vontades dos homens com a sua, como poderá hum homem, por mais que faça, ou se desfaça, concordar as vontades dos homens com a de Deos? De David disse Deos, que tinha achado hum homem confórme seu coraçaõ, o qual faria todas as suas vontades: *Inveni David virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.* E com ser este homem singular Num. 254. Act. 13. 22.

entre todos os homens, e eſte Rey a excepçaõ de todos os Reys, quando elle mandou tirar a vida a Urias, quando o fez portador de ſua propria morte em huma carta aleivoſa, e quando no primeiro acto deſta tragedia lhe mandou roubar a mulher de caſa, ſem ſe lembrar, que o meſmo Urias o eſtava ſervindo na campanha com tanto valor, e lealdade, haveria algum adulador taõ ſabio, ou taõ ſem pejo, que podeſſe concordar eſtas vontades com a de Deos? Mal podiaõ logo caber ſemelhantes concordatas em hum animo taõ amigo da verdade, taõ recto, taõ inteiro, e taõ conſtante, como o de Arſenio. As experiencias, a que elle ſe referia, eraõ as de Roma, e Conſtantinopla, as duas mayores Cortes do mundo, das quaes coſtumava dizer, que os tres mais fortes inimigos, que nellas lhe faziaõ guerra, hum ſe chamava vêr, outro ouvir, outro fallar, e que de todos eſtes o livrara o deſerto, onde ſe naõ vê, nem ouve, nem falla: *Qui ſedet in ſolitudine, quieſcit, & à tribus bellis eripitur, id eſt, auditus, locutionis, & viſus.* E em hum mundo, onde ſe vem tantas couſas, que ſe naõ podem ver, e ſe ouvem as que ſe naõ podem ouvir, e ſe fallaõ, e ſaõ falladas as que ſe naõ podem dizer, como póde viver hum homem, que naõ for cego, ſurdo, nem mudo, ſenaõ fugindo dos homens: *Fuge homines*?

Num. 163. 986 S. Jeronymo como quem taõ experimentado tinha a quietaçaõ do deſerto, e as perturbaçoens do povoado, e gaſtado a vida alternadamente já em Roma, e nas Cidades da Grecia, já nos deſertos da Thebaida, e da Paleſtina, eſcrevendo a Ruſtico dizia: *Mihi oppidum carcer eſt, ſolitudo paradiſus*: Para mim o povoado he carcere, e o deſerto paraiſo.

Livrar-

Livrarse pois de tal carcere, de tal Babylonia, e de tal cativeiro, esta he a primeira prerogativa dos que se deliberaõ a deixar o povoado, e fugir com Christo ao monte: *Fugit in montem.* Diz o Euangelista, que fugio o Senhor para o monte, e naõ diz qual fosse o monte, para que fugio. Mas até o fugir para monte sem nome he circunstancia, que acredita o fugir. Fugio como quem buscava o retiro, e naõ a fama: fugio como quem queria, que naõ soubessem delle, nem onde estava. Assim sepultou Deos a Moysés, sem se saber já mais aonde, e assim se deve enterrar, e esconder quem toma o deserto por sepultura. E porque o nome de sepultura naõ faça horror aos vivos, nem os ecos do deserto aos que naõ sabem viver sós, passemos ao monte Sinai. Num. 261.

987 Cousa notavel, e muito digna de reparar he, que havendo Deos de escrever, e dar ley aos homens, escolhesse para isso hum monte no meyo de hum deserto, qual foy o monte Sinai nos desertos da Arabia. As leys naõ se fizeraõ para os montes, nem para os desertos, senaõ para os povoados, e para as Cidades. Da Cidade de Jerusalem disse o Profeta, que havia da sahir a ley: *De Sion exibit lex, & verbum Domini de Jerusalem.* As partes, de que se compunha a mesma ley, todas se ordenaõ a povo, a Cidade, a congregaçaõ de homens. Porque na parte moral o segundo preceito da primeira taboa, e os sete da segunda todos estaõ fundados na justiça, e caridade do proximo sem lesaõ, nem offensa do trato humano: a parte ceremonial, que pertencia ao culto divino, expiaçoens, e sacrificios, tambem tinha todo o seu exercicio naõ fóra, senaõ dentro da Cidade; porque o templo era hum só, e na Cidade Num. 264. Isai. 2. 3.

de Jeruſalem, e a elle havia de concorrer todo o povo tres vezes no anno: finalmente a parte civil, e forenſe no meſmo nome eſtá dizendo Cidade, Communidade, Republica, Tribunaes, Juizes, Partes. Pois ſe as leys ſe fizeraõ para os povos, porque as dá Deos no deſpovoado? Se para as Cidades, e Republicas, porque as dá em hum monte, e no meyo de hum deſerto? Porque ſó nos montes, e nos deſertos, diz Philo Hebreo, eſtaõ os homens capazes de receber em ſuas almas, como convém, os preceitos,
Num. 265. e dictames da ſabedoria divina: *Quod ad ſacras leges recipiendas animus purificatus requiritur elutis maculis, quæ hærent ex miſcellaniæ turbæ in civitatibus degentis contagio, id vero non eſt poſſibile aliter, quam in deſerto efficere.* Para receber, e perceber a ſantidade, e eſpirito das leys divinas he neceſſario, que os animos eſtejaõ puros, e ſem miſtura, nem mancha dos affectos, e cuidados terrenos, que os deſcompoem, e alteraõ: e eſta pureza, tranquillidade, e ſerenidade de animo naõ a póde haver entre a perturbaçaõ, e tumulto dos povos, e labyrinto das Cidades, ſenaõ no retiro dos montes, e na quietaçaõ, e ſilencio dos deſertos. As leys de Deos ſaõ as regras da vida, os eſpelhos da alma, e as balanças da conſciencia, e no meyo dos embaraços, encontros, e batalhas continuas do povoado as regras perdem a rectidaõ, os eſpelhos a pureza, as balanças a igualdade, e tudo ſe deſcompoem, e perturba, com que naõ he poſſivel (diz Philo) que nem o que Deos manda, ſe perceba, nem o que mal ſe percebe, ſe guarde. E ſe naõ vede-o nas taboas da meſma ley. Em quanto eſtiveraõ no monte, conſervaraõ-ſe inteiras, tanto que Moyſés chegou com ellas ao povo

povo, logo se quebraraõ. E depois de quebradas, que remedio houve para se reformarem? Naõ houve outro remedio, senaõ tornar Moysés a Deos, e ao monte; porque só com Deos em hum monte se guardaõ as suas leys, sem se quebrarem, e só com Deos em hũ monte se reformaõ depois de quebradas. Em fim, quando Deos deo a mesma ley, sendo ley universal para todos, em todos os preceitos della sempre fallou com hum só: *Non occides, non mœchaberis, non furtum facies*: para que entendessemos, que só os que vivem sós as veneraõ, só os que vivem sós, as observaõ, só os que vivem sós, colhem fructo dellas. E estes saõ os que seguindo o nascimento das mesmas leys, do povoado se retiraõ para o deserto, e das Cidades para o monte: *In montem.* Exod. 20. 13.

988 Bem podéra o Senhor escolher outro lugar no povoado, e ainda outro monte (como o de Sion no meyo de Jerusalem) para assentar nelle a sua escola; mas elegeo este taõ distante da mesma Cidade, e taõ apartado do mundo, para nos ensinar com o primeiro exemplo, que a escola da sabedoria do Ceo he a vida solitaria, e do deserto. Assim o diz Saõ Pedro Damiaõ, aquelle, que pelo deserto trocou a Roma, e pelo sayal a purpura: *Solitaria vita cœlestis doctrinæ schola est, & divinarum artium disciplina: illic enim Deus est totum, quod discitur*: A vida solitaria he a escola da doutrina do Ceo, e as artes, que nella se professaõ, todas saõ divinas, porque tudo o que alli se aprende, he Deos: *Illic enim Deus est totum, quod discitur.* Oh quem levantara huma destas cadeiras sem emulaçaõ, nem opposiçaõ em todas as Universidades do mundo! Aqui se graduáraõ os já nomeados Antonios, e Arsenios, aqui os Paulos, Num. 266.

los, os Hilarioens, os Pacomios, e todos aquelles doutiſſimos idiotas laureados na eternidade, que ou de ignorantes ſe fizeraõ ſabios, ou de ſabios ignorantes por Chriſto.

Num. 267. 989 Os livros, por que eſtudavaõ ſem eſpeculaçaõ, e mais com o eſquecimento, que com a memoria, ſaõ aquelles taõ approvados por S. Bernardo, e taõ alheyos de toda a inveja, como de toda a cenſura. Eſcrevia S. Bernardo a hum deſejoſo de ſaber, a quem elle deſejava fazer mais ſabio, e diz aſſim: *Experto crede, aliquid amplius invenies in ſylvis, quam in libris*: Credeme como a experimentado, que mais haveis de aprender nos boſques, que nos livros. Que arvore ha em hum boſque ou mais alta, ou mais humilde, que naõ creſça ſempre para o Ceo? E ſe tanto anhelaõ ao Ceo as que tem raizes na terra; que devem fazer as que naõ tem raizes? As do povoado, e cultivadas dependem da induſtria dos homens, as do deſerto, e ſem cultura dependem ſó do Ceo, e de Deos, e nem por iſſo creſcem, ou duraõ menos. As que deſpe o Inverno, enſinaõ a eſperar pelo Veraõ, e as que veſte, e enriquece o Veraõ, a naõ fiar da preſente fortuna, porque lhe ha de ſucceder o Inverno. As que ſe dobraõ ao vento, enſinaõ a conſervaçaõ propria, e as que antes querem quebrar, que torcer, a rectidaõ, e a conſtancia. Em fim cada arvore he hum livro, cada folha huma liçaõ, cada flor hum deſengano, e cada fructo tres fructos: os verdes ainda naõ ſaõ, os maduros duraõ pouco, e os paſſados já foraõ. Eſta he a eſcola muda do deſerto, em que S. Bernardo eſtudou no ſeu valle: e eſta a que Chriſto aſſentou no meſmo monte, onde

Num. 269. diſſe a voz do Ceo: *Ipſum audite*. Grande razaõ te-

ve

ve o Euangelista em calar o nome proprio do monte, para onde o Senhor hoje se retirou; e por isso tendo já declarado, que era deserto, se contentou com lhe chamar monte: *In montem.*

990 Retirouse o Senhor, ou fugio para o monte, e retirouse elle só: *Ipse solus.* Nesta palavra estaõ recopilados, ou feamente pintados todos os horrores, e medos da soledade. E quantos destes medrosos cobrindo o mesmo medo com apparencias de discretos estaraõ allegando com Salamaõ, e dizendo com elle: *Væ soli*: Ay do só? Sentença foy esta daquelle Rey sapientissimo: e sem lhe perguntarmos a razaõ, elle a deo logo: *Quia cum ceciderit, non habet sublevantem se.* Ay do só; porque quando cahir, naõ terá quem o levante. Mas naõ he necessario ser Salamaõ para refutar este inconveniente. Se o só naõ terá quem o levante, tambem naõ terá quem o derrube. É mayor felicidade he carecer do perigo de quem me derrube, que haver mister o soccorro de quem me levante. Quanto mais, que os que pódem, e costumaõ derrubar, saõ os muitos, e os grandes: e os cahidos, a quem estes derrubaõ, mais facilmente acharáõ huma lisonja, que lhes ponha o pé em cima, que huma amizade constante, e valerosa, que se atréva a lhes dar a maõ. Mas se lhes faltar a maõ dos homens, uaõ lhe faltará a de Deos: *Cum ceciderit, non collidetur, quia Dominus supponit manum suam*, disse melhor, que Salamaõ, seu pay David. Salamaõ doese do só, porque se cahir, naõ terá quem o levante: e David dalhe o parabem, porque se cahir, Deos lhe porá a maõ debaixo, para que nada lhe faça mal. Aquelle só acharseha só, porque lhe faltaráõ os homens; mas este só nunca estará só, porque sem-

Num. 27o

Eccl. 4. 10.

Ps. 36. 24.

ſempre terá comſigo, e por ſi a Deos. Aquelle ſó poderá cahir, ainda que o naõ derrubem : eſte ſó por mais que o queiraõ derrubar, nunca poderá cahir, porque quem cahe ſobre as maõs de Deos, a meſma queda o levanta.

Num. 271. 991 Daqui ſe ſegue, que na ſoledade tomada por Deos o ſó nunca eſtá ſó. O ſó na ſoledade nunca eſtá ſó, porque Deos eſtá com elle, e elle com Deos. Por iſſo dizia S. Bernardo : *Nunquam minus ſolus, quam ſolus*: Nunca eſtou menos ſó, que quando eſtou ſó ; porque quando naõ eſtou ſó, eſtou com os homens, e quando eſtou ſó, eſtou com Deos. E he demonſtraçaõ evidente, que quem eſtá com Deos, eſtá menos ſó, que quem eſtá com os homens ; porque a companhia dos homens, ainda que ſejaõ muitos, he limitada, e a companhia de Deos, ainda que ſeja hum ſó, he immenſa.

Num. 272. 992 Oh ſe acabaſſem de entender os homens quanto perdem de ſi, e de tudo em naõ ſaberem eſtar ſós com Deos, e comſigo! Em quanto Adaõ eſteve ſó, conſervouſe no Paraiſo, na graça de Deos, e na Monarchia do mundo : depois que eſteve acompanhado, perdeo o Paraiſo, perdeo a graça, perdeo o Imperio, perdeoſe a ſi, perdeonos a nós, perdeo tudo. E porque naõ pareça que ponho a felicidade

Num. 273. da ſolidaõ em revelaçoens interiores, occultas aos ſentidos humanos, outras viſoens tem os ſolitarios manifeſtas, e que todas vem, ſendo elles porém mais ditoſos que todos, porque as vem de longe, e em lugar ſeguro. Neſta meſma occaſiaõ, em que Chriſto Senhor noſſo ſe retirou ao monte, os diſcipulos, que ſe tinhaõ embarcado, padeceraõ huma terrivel tempeſtade, na qual já deſconfiados de remedio, faltou

pou-

pouco que o mar os naõ comeſſe : e no meſmo tempo nota o Euangeliſta, que o Senhor eſtava ſó em terra : *Et ipſe ſolus in terra.* O meſmo ſuccede a quem vive ſó no ſeu deſerto. Os outros, que andaõ no mar deſte mundo, lutaõ com os ventos, e com as ondas : huns ſe perdem, e ſe affogaõ, outros ſe ſalvaõ mal a nado, e todos correm fortuna : e ſó o ſó vê tudo iſto de longe, porque eſtá em terra : *Et ipſe ſolus in terra.* Arde o mundo em guerras, huns vencem, outros ſaõ vencidos, combatemſe Cidades, conquiſtaõſe Reinos, morrem os homens a milhares, e ſó o ſó, ſe lá lhe chegaõ os ecos, tudo iſto ouve ſem ſem temor, porque a ſua paz he ſegura : *Et ipſe ſolus in terra.* Voltaſe o meſmo mundo em perpetua roda, a huns derruba, a outros levanta, huns creſcem até ás nuvens, outros deſcem até aos abyſmos, e ſó o ſó, que eſtá fóra da juriſdiçaõ da fortun a, nem á proſpera tem inveja, nem da adverſa tem medo, porque ſó o ſeu eſtado he incapaz de mudança : *Et ipſe ſolus in terra.* Alli ſe quebraõ as azas á vaidade, alli ſe dá em terra com a ſoberba, alli ſe atalhaõ os paſſos á cubiça, alli ſe cortaõ as maõs á vingança, alli cahe em ſi a injuſtiça, e a ſem razaõ, alli morre, e ſe deſfaz eſcumando a ira, e todos os outros monſtros da intemperança poderoſa, e ſem freyo ou ſe mataõ, ou ſe affugentaõ, ou ſe domaõ.

a Matc. 6. 47.

Num. 27.

DIS-

DISCURSO XCIV.

Tirado da prefaçaõ, que o Auctor fez aos panegyricos dos tres ſonhos, que myſterioſamente ſonhou S. Franciſco Xavier.

SONHO.

Part. 8. fol. 6.

993 O Sono he huma morte breve; por onde Seneca ſabiamente chamou á morte morte longa para a diſtinguir do ſono. Se o ſono he imagem da morte, os ſonhos de que ſeraõ imagem? O ſono he imagem da morte, os ſonhos ſaõ imagem da vida. Cada hum ſonha como vive: *Ea maxime ſomniamus, quæ agimus, aut acturi ſumus, aut volumus.* Os ſonhos ſaõ huma pintura muda, em que a imaginaçaõ a portas fechadas, e ás eſcuras retrata a vida, e a alma de cada hum com as cores das ſuas acçoens, dos ſeus propoſitos, e dos ſeus deſejos. Faraó, como providente Principe, ſonhava com a fome, e com a fartura do povo: o ſeu copeiro mór, e o outro miniſtro da meſa real (que naõ tem nome, nem officio nas noſſas Cortes) hum ſonhava com a taça, outro com as iguarias: o ſoldado Madianita ſonhava com a eſpada de Gedeaõ: Nabucodonoſor ſonhava com Imperios, e Monarchias, cada hum em fim ſonhava de noite com o que exercitava de dia. Galeno, para conhecer os humores do enfermo, manda obſervar os ſonhos, e tambem ſe podem obſervar para conhecer os affectos, que ſaõ os humores da alma. O melancolico ſonha couſas triſtes, e tragicas, o ſanguinho ſonha felicidades, e feſtas, o cole-

colerico ſonha guerras, e batalhas, o fleumatico creyo, que naõ ſonha, porque naõ vive. Até no eſtado da innocencia reconheceo Santo Agoſtinho, que havia ſonhos; mas logo advertio, que eraõ ſemelhantes á vida: *Tam felicia erant ſomnia dormientium, quam vita vigilantium*: Eraõ taõ felices os ſonhos, quando dormiaõ, como era felice a vida, quando vigiavaõ. Porque o dormir he conſequencia do viver, e o ſonhar do modo, com que ſe vive.

994 A razaõ deſta Filoſofia he, porque os ſonhos ſaõ filhos dos cuidados, como muitos cuidados filhos dos ſonhos: *De his enim* (conclue o Eſtagirita) *maxime cogitationes, imaginationesque obveniunt. Et qui inſtructi virtutibus ſunt, meliora ſomnia vident, quod etiam vigilantes meliora animadvertunt.* Quando Nabucodonoſor ſonhou toda a hiſtoria famoſa, e ſucceſſos daquella prodigioſa eſtatua, antes de Daniel declarar o myſterio, começou a contar o ſonho deſta maneira: *Tu, Rex, cogitare cœpiſti inſtrato tuo*: Vós Rey começaſtes a cuidar no voſſo leito. Tende maõ Daniel: ElRey naõ vos pergunta o que fazia, quando eſtava acordado, perguntavos o que ſonhou quando dormia. Aſſim he, diz Daniel; mas eu quero, e devo contar o caſo deſde ſua primeira origem, e a origem do ſonho de Nabuco foraõ os ſeus cuidados: *Tu, Rex, cogitare cœpiſti.* Cuidava no que ſeria, e por iſſo ſonhou o que havia de ſer. Cuidou deſperto, e ſonhou dormindo, e naõ ſonhou outra couſa, ſenaõ aquella meſma, que tinha cuidado; porque aquillo, em que cada hum cuida, e lhe dá mayor cuidado, quando vigia, iſſo he o em que ſonha, quando dorme. Se Nabuco ſe lembrara do que cuidava, elle ſe lembraria tambem do que

Dan. 2. 29.

que ſonhou; mas o eſquecimento, que lhe roubou a memoria do cuidado, eſſe lhe levou tambem a lembrança do ſonho pela grande connexaõ, que tem os ſonhos, e os cuidados. Em fim ſonhou em Reynos, e Monarchias futuras, porque os Reynos, as Monarchias, e os futuros era a materia, (digna verdadeiramente de hum Rey) em que elle eſtava cuidando: *Tu, Rex, cogitare cœpiſti, quid futurum eſſet poſt hæc.*

995 He verdade, que o ſonho de Nabuco, teve muito de profecia; mas os cuidados ſaõ como as cordas da cithara, que mandou tocar Samuel, quando quiz profetizar. Ainda para os ſonhos divinos ſaõ diſpoſiçaõ natural os cuidados. Sonhou o Rey com os ſeus cuidados, porque adormeceo ao ſom de ſeus penſamentos. Sonho divino foy aquelle, em que o Anjo revelou a S. Joſeph o ſegredo da Incarnaçaõ do Verbo nas entranhas de ſua Eſpoſa. E quando teve eſte ſonho Joſeph? Quando eſtava cuidando na meſma materia: *Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in ſomnis ei.* Mas ſe Joſeph eſtava dormindo: *In ſomnis*, como eſtava juntamente cuidando: *Hæc autem eo cogitante*? Porque dormia Joſeph; mas naõ dormia o ſeu cuidado. Sonhava de noite com o que cuidava de dia. Entre o cuidado, e o ſonho de Joſeph ſó havia eſta differença, que o cuidado era cuidado de Joſeph deſperto, o ſonho, era cuidado de Joſeph dormindo. Por iſſo Joſeph, e Nabuco ſonharaõ, e tiveraõ revelaçaõ do que lhes dava cuidado, naõ antes, nem depois, ſenaõ quando cuidavaõ: *Tu, Rex, cogitare cœpiſti: Hæc autem eo cogitante.*

Matth. 1. 20.

DIS-

DISCURSO XCV.

Tirado de hum sermaõ de Santo Antonio, tendose publicado as Cortes para o dia seguinte, no qual tomou o Auctor por thema: Vos estis sal terræ. Matth. 5.

TRIBUTOS.

996 AS primeiras Cortes foraõ de boas vontades, estas segundas podem ser de bons entendimentos. Nas primeiras tratouse de remediar o Reyno: nestas tratase de remediar os remedios. Para se curar huma enfermidade vê-se em que peca a enfermidade: para se curarem os remedios vejase em que peccaraõ os remedios. Os remedios, como diz a queixa publica, peccaraõ na violencia, muitos arbitrios, mas violentos muito. Pois moderese a violencia com a suavidade, ficaráõ os remedios remediados. Foraõ inefficazes os tributos por violentos, sejaõ suaves, e seraõ effectivos. *Vos estis sal terræ*: Duas propriedades tem o sal, diz aqui Santo Hilario: conserva, e mais tempera: he o antidoto da corrupçaõ, e lisonja do gosto: he o preservativo dos preservativos, e o sabor dos sabores: *Sal incorruptionem corporibus, quibus fuerit aspersus, impertit, & ad omnem sensum conditi saporis aptissimus est.* Taes como isto devem ser os remedios, com que se haõ de conservar as Respublicas. Conservativos sim, mas desabridos naõ. Obrar a conservaçaõ, e saborear, ou ao menos naõ offender o gosto he o primor dos remedios. Naõ tem bons effeitos o sal, quan-

Part. 11. Num. 143.

Num. 144.

quando aquillo, que ſe ſalga, fica ſentido. De tal maneira ſe ha de conſeguir a conſervaçaõ, que ſe eſcuſe, quanto for poſſivel, o ſentimento. Tirou Deos huma coſta a Adaõ para a fabrica de Heva; mas como a tirou? *Immiſit Deus ſoporem in Adam*, diz o texto ſagrado: Fez Deos adormecer a Adaõ, e aſſim dormindo lhe tirou a coſta.

Geneſ. 2. 21.

997 Pois porque razaõ dormindo, e naõ acordado? Diſſe-o advertidamente o noſſo Portuguez Oleaſtro, e he penſamento taõ tirado da coſta de Adaõ, como das entranhas dos Portuguezes: *Oſtendit, quam difficile ſit ab homine auferre, quod etiam in ejus cedit utilitatem: quamobrem opus eſt ab eo ſurripere, quod ipſe concedere negligit.* A coſta, de que ſe havia de formar Heva, tirou-a Deos de Adaõ dormindo, e naõ acordado, para moſtrar quaõ difficultoſamente ſe tira aos homens, e com quanta ſuavidade ſe deve tirar ainda o que he para ſeu proveito. Da creaçaõ, e fabrica de Heva dependia naõ menos, que a conſervaçaõ, e propagaçaõ do genero humano; mas repugnaõ tanto os homens a deixar arrancar de ſi aquillo, que ſe lhe tem convertido em carne, e ſangue, ainda que ſeja para bem da ſua caſa, e de ſeus filhos; que por iſſo traçou Deos tirar a coſta a Adaõ, naõ acordado, ſenaõ dormindo: adormeceolhe os ſentidos para lhe eſcuſar o ſentimento. Com tanta ſuavidade como iſto ſe ha de tirar aos homens o que he neceſſario para a ſua conſervaçaõ. Se he neceſſario para a conſervaçaõ da patria, tireſe a carne, tireſe o ſangue, tiremſe os oſſos, que aſſim he razaõ que ſeja; mas tireſe com tal modo, com tal induſtria, com tal ſuavidade, que os homẽs naõ o ſintaõ, nem quaſi o vejaõ. Deos tirou a coſta a

Num. 145.

Adaõ,

Adaõ, mas elle naõ o vio, nem o sentio; e se o soube, foy por revelaçaõ. Assim aconteceo aos bem governados vassallos do Imperador Theodorico, dos quaes por grande gloria sua dizia elle: *Sentimus auctas illationes, vos addita tributa nescitis*: Eu sei que ha tributos; porque vejo as minhas rendas acrescentadas: vós naõ sabeis, se os ha; porque naõ sentis as vossas diminuidas. Razaõ he, que por todas as vias se acuda á conservaçaõ, mas como somos compostos de carne, e sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Taõ asperos pódem ser os remedios, que seja menos feya a morte, que a saude. Que me importa a mim sarar do remedio, se hei de morrer do tormento?

998 Divina doutrina nos deixou Christo desta moderaçaõ na sujeita materia dos tributos. Mandou Christo a S. Pedro, que pagasse o tributo a Cesar, e disselhe, que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe acharia huma moeda de prata, com que pagasse. Se Deos naõ faz milagres sem necessidade, porque o fez Christo nesta occasiaõ sendo ao parecer superfluo? Podéra o Senhor dizer a Pedro, que fosse pescar, e que do preço do que pescasse, pagaria o tributo. Pois porque dispoem, que se pague o tributo naõ do preço, senaõ da moeda, que se achar na boca do peixe? Quiz o Senhor, que pagasse S. Pedro o tributo, e mais que lhe ficasse em casa o fruto de seu trabalho, que isto he o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim, mas seja com tal suavidade, e com taõ pouco dispendio seu, que satisfazendo as obrigaçoens de tributario, naõ perca os interesses de pescador. Coma o seu peixe, como d'antes comia, e mais pague o tributo, que d'antes Num. 146.

naõ pagava. Por iſſo tira a moeda naõ do preço, ſenaõ da boca do peixe : *Aperto ore ejus, invenies ſtaterem. Aperto ore* : notay. Da boca do peixe ſe tirou o dinheiro do tributo; porque he bem, que para o tributo ſe tire da boca. Mas eſta differença ha entre os tributos ſuaves, e os violentos: que os ſuaves tiraõſe da boca do peixe; os violentos da boca do peſcador. Haõſe de tirar os tributos com tal traça, com tal induſtria, com tal invençaõ: *Invenies ſtaterem*, que pareça o dinheiro achado, e naõ perdido, dado por mercé da ventura, e naõ tirado á força da violencia. Aſſim o fez com Adaõ, e aſſim o fez Chriſto com S. Pedro; e para que naõ diga alguem, que ſaõ milagres a nós impoſſiveis, aſſim o fez Theodorico com ſeus vaſſallos. A boa induſtria he ſupplemento da omnipotencia, e o que faz Deos por todo poderoſo, fazem os homens por muito induſtrioſos.

Matth. 17. 26.

999 Sim. Mas que induſtria poderá haver, para que os tributos ſe naõ ſintaõ, para que ſejaõ ſuaves, e faceis de levar? Que induſtria? *Vos eſtis ſal terræ*. Nota aqui Saõ Joaõ Chryſoſtomo a generalidade, com que fallou Chriſto aos diſcipulos. Naõ lhes chamou ſal de huma caſa, ou de huma familia, ou de huma Cidade, ou de huma naçaõ, ſenaõ ſal de todo o mundo, ſem exceptuar a ninguem: *Vos eſtis ſal terræ, non pro una gente, ſed pro univerſo mundo*, commenta o ſanto Padre. Queremos, ſenhores, que o ſal, qualquer que for, naõ ſeja deſabrido? Queremos, que os meyos da conſervaçaõ pareçaõ ſuaves? *Non pro una gente, ſed pro univerſo mundo*. Naõ ſejaõ os remedios particulares, ſejaõ univerſaes: naõ carreguem os tributos ſómente ſobre huns, carreguem ſobre todos. Naõ ſe trate de

Num. 148.

ſal-

salgar só hum genero de gente: *Non pro una gente*: repartase, e alcance o sal a terra: *Vos estis sal terræ.*

1000 O mayor jugo de hum Reyno, a mais pezada carga de huma Republica saõ os immoderados tributos. Se queremos, que sejaõ leves, se queremos, que sejaõ suaves, repartaõse por todos. Naõ ha tributo mais pezado, que o da morte, e com tudo todos o pagaõ, e ninguem se queixa; porque he tributo de todos. Se huns homens morreraõ, e outros naõ, quem levára em paciencia esta rigorosa pensaõ da mortalidade? Mas a mesma razaõ, que a estende, a facilita; e porque naõ ha privilegiados, naõ ha queixosos. Imitem as resoluçoens politicas o governo natural do Creador: *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super justos, & injustos.* Se amanhece o Sol, a todos aquenta, e se chove o Ceo, a todos molha. Se toda a luz cahira a huma parte, e toda a tempestade a outra, quem o sofréra? Mas naõ sei, que injusta condiçaõ he a deste elemento grosseiro, em que vivemos, que as mesmas igualdades do Ceo em chegando á terra logo se desigualaõ. Chove o Ceo com aquella igualdade distributiva, que vemos; mas em a agua chegando á terra, os montes ficaõ enxutos, e os valles afogandose: os montes escoaõ o pezo da agua de si, e toda a força da corrente desce a alagar os valles: e queira Deos, que naõ seja theatro de recreaçaõ para os que estaõ olhando do alto vêr nadar as cabanas dos pastores sobre os diluvios de suas ruinas. Ora guardemonos de algum diluvio universal, que quando Deos iguala desigualdades, até os mais altos montes ficaõ debaixo da agua. O que importa he, que os montes se igualem com os valles, pois os mon-

Num. 150.

Math. 5. 45.

tes saõ a quem principalmente ameaçaõ os rayos: e repartaſe por todos o pezo, para que fique leve a todos. Os meſmos animaes de carga, ſe lha deitaõ toda a huma parte, cahem com ella: e a muitos navios meteo nas maõs dos piratas a carga, naõ por muita, mas por deſcompaſſada. Se ſe repartir o pezo com igualdade de juſtiça, todos o levaráõ com igualdade de animo: *Nullus enim gravanter obtulit, quod cum æquitate perſolvitur*: Porque ninguem toma pezadamente o pezo, que ſe diſtribuio com igualdade, diſſe o politico Caſſiodoro.

DISCURSO XCVI.

Tirado de hum ſermaõ da quarta Dominga depois da Paſchoa.

TRISTEZA.

Part. 7. Num. 386. 1001 SE houveſſe huma arte, ou remedio univerſal, que totalmente nos livraſſe de triſtezas, e que em nenhum caſo houveſſemos, ou podeſſemos eſtar triſtes, naõ ſeria muito para deſejar, e para todos a quererem aprender? Pois iſto he o que hoje pertendo enſinar com a divina graça. Determino enſinar hoje a todo o homem em qualquer fortuna huma arte muito certa, muito util, muito agradavel, e muito breve, que he a arte de naõ eſtar triſte.

Num. 387. 1002 A enfermidade mais univerſal, que padece neſte mundo a fraqueza humana, e naõ ſó a mais contraria á ſaude dos corpos, ſenaõ tambem a mais perigoſa para a ſalvaçaõ das almas, qual cuidais que ſerá?

será? He a tristeza. Primeiramente he enfermidade universal de todos os homens, e universal igualmente de todas as terras; porque nenhuma ha taõ sadia, e de ares taõ benignos, e puros, que esteja isenta deste contagio, e nenhum homem ha taõ bem acomplexionado de todos os humores, que quasi habitualmente naõ esteja sujeito aos tristes accidentes de melancolia. O primeiro, e infallivel prognostico, e tambem universal desta doença, quando ainda naõ sabemos dearticular vozes, he entrarmos neste mundo todos chorando. Entramos todos chorando, diz Salamaõ, (metendose tambem elle na conta) porque assim confessamos esta miseria natural, e começamos nos primeiros passos da vida a pagar este tributo á tristeza, a que havemos de estar sujeitos em toda ella. A tristeza (se buscarmos a razaõ deste tributo) naõ he filha da natureza, senaõ da culpa. Do primeiro peccado do genero humano nasceo hum taõ negro, e feissimo monstro: e como todos somos filhos de Adaõ, todos herdamos delle este triste patrimonio. Nenhum filho daquelle pay foy taõ privilegiado da natureza, nem taõ mimoso da fortuna, nem taõ lisonjeado da vida, nem taõ esquecido da morte, que antes della naõ padecesse muitas tristezas, que lhe fizessem desagradaveis essas mesmas felicidades.

1003 Este mundo, em que vivemos, todo he valle de lagrimas, nome, com que o bautizou David ainda para depois de Christo: *In valle lacrymarum in loco, quem posuit.* Em todo este valle ninguem póde melhorar, ou altear de lugar, ainda que o ponha onde quizer: *In loco, quem posuit*: e ninguem se póde isentar de tristezas, porque todo o mundo he valle, e Ps. 83. 7.

todo o valle he de lagrimas: *In valle lacrymarum.* Só eſte valle he valle ſem montes: e poſto, que alguns quizeraõ levantar montes neſte valle, e parece, que o conſeguiraõ, todos eſſes montes por altos, e altiſſimos que ſejaõ, naõ eſcapaõ do diluvio da triſteza. Os Reys, os Principes, os Monarchas, os Imperadores, os Papas, por mais que o ſeu eſtado os tenha levantado tanto ſobre os outros homens, nem por iſſo deixaõ de chegar lá os nublados, e chuveiros continuos das triſtezas. He verdade, que as triſtezas dos Principes andaõ ſobredouradas com os reſplandores dos cetros, e das coroas; mas por iſſo meſmo ſaõ mayores, e mais pezadas: porque ſaõ mais interiores. As triſtezas, que correm pelos olhos, naõ ſaõ as mais triſtes: as que ſe afogaõ no coraçaõ, e as que o afogaõ, eſſas ſaõ as mais ſenſiveis, e penetrantes. Aquelles meſmos reſplandores, que cá ſe admiraõ por fóra, ſaõ os relampagos das grandes tempeſtades, que lá ſe occultaõ, e devoraõ por dentro. Aſſim que a triſteza he hum mal, e enfermidade univerſal, de que ninguem eſcapa.

Num. 389. 1004 He tambem, como dizia, a doença mais contraria á ſaude dos corpos, porque mais, ou menos aguda ſempre he mortal. Naõ o hei de provar com aforiſmos de Hippocrates, ou Galeno, mas com textos expreſſos todos do Eſpirito Santo. No cap. 17. dos Proverbios diz o Eſpirito Santo por boca de Salamaõ, que a triſteza ſéca os oſſos: *Spiritus triſtis exſiccat oſſa.* Se diſſera, que murcha, e ſéca a cor, a pelle, as veyas, a carne, muito dizia; mas os oſſos, que ſaõ as partes mais interiores, mais ſolidas, mais duras, mais fortes, com que ſe ſuſtenta eſta fabrica do edificio humano? Aſſim o diz a ſabedoria daquel-

Prov. 17. 22.

les

lés olhos, que penetraõ dentro em nós o que nós naõ podemos vêr. De sorte que he a tristeza hum gusano negro, (á differença dos brancos, que roem o bronze) o qual nos está sempre comendo, e carcomendo por dentro, e bebendo, e secando o humido daquellas raizes, em que se sustenta o calor da vida, até que elle se apaga, e ella morre.

1005 Mas este *até que* quanto tardará? Naõ muito tempo, nem com passos vagarosos; porque aquelle Cavalleiro do Apocalypse, que montado sobre hum cavallo pallido tinha por nome Morte, esporeado da tristeza corre a toda a pressa. O mesmo Espirito Santo o diz no cap. 38. do Ecclesiastico: *A' tristitia festinat mors.* Para huns homens parece, que vem a morte a pé, para outros a cavallo, para huns andando, para outros correndo; porque huns morrem de vagar, outros depressa; mas a Parca, que sempre antes de tempo corta os fios á vida, he a tristeza. Vereis a hum destes, quando ainda se conta no numero dos vivos, descorado, pallido, macilento, mirrado, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas cahidas, a cabeça derrubada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse ver dentro da casa, ou sepultura, onde vive como encantado, velohieis fugindo da gente, e escondendose á luz, fechando as portas aos amigos, e as janellas ao Sol, com tedio, e fastio universal a tudo, o que visto, ouvido, ou imaginado póde dar gosto. E estes effeitos taõ deshumanos cujos saõ, e de que procedem? Sem duvida da melancolia venenosa, e occulta, que a passos apressados leva o triste á morte: *A' tristia festinat mors.* Num. 390. Eccles. 38. 19.

1006 Para prova desta funesta verdade bastava Num. 391

hum ſó, e ſobejavaõ os dous textos referidos do Eſpirito Santo; mas ſobre elles accreſcentou a meſma ſabedoria o terceiro taõ admiravel, e encarecido, que ſe naõ fora da boca divina, podéra parecer incrivel: *Omnis plaga triſtitia cordis eſt*: A triſteza do coraçaõ naõ he huma ſó chaga, ou huma ſó ferida, ſenaõ todas. Sendo chaga, e ferida do coraçaõ baſtaria ſer huma ſó para ſer morral; mas como no coraçaõ depoſitou a natureza todo o theſouro da vida, aſſim no meſmo coraçaõ deſcarregou a triſteza toda a aljava das ſuas ſetas. Dalli ſahem todos os eſpiritos vitaes, que ſe repartem pelos membros do corpo, e dalli, ſe o coraçaõ he triſte, todos os venenos mortaes, que o laſtimaõ, e ferem. Ferem a cabeça, e perturbando o cerebro lhe confundem o juizo: ferem os ouvidos, e lhe fazem diſſonante a armonia das vozes: ferem o goſto, e lhe tornaõ amargoſa a doçura dos ſabores: ferem os olhos, e lhe eſcurecem a viſta: ferem a lingua, e lhe emudecem a falla: ferem os braços, e os quebrantaõ: ferem as maõs, e os pés, e os entropecem: e ferindo hum por hum todos os membros do corpo, nenhum ha, que naõ adoeça daquelle mal, que mayor moleſtia lhe póde cauſar, e mayor pena. Conſideraime hum cadaver vivo, morto, e inſenſivel para o goſto, vivo, e ſenſitivo para a dor, e ferido, e laſtimado, chagado, e laſtimoſo, cercado por todas as partes de penas, de moleſtias, de affliçoens, de anguſtias, imaginando todo o mal, e naõ admittindo penſamento de bem, aborrecido de tudo, e muito mais de ſi meſmo, ſem alivio, ſem conſolaçaõ, ſem remedio, e ſem eſperança de o ter, nem animo ainda para o deſejar: iſto he hum triſte de coraçaõ. Os outros venenos em chegando

Eccleſ. 25. 17.

gando ao coraçaõ mataõ; mas este como nasce, e se cria no mesmo coraçaõ, vay mais de vagar em matar, mas naõ póde tardar muito.

1007 Fosse embora taõ contraria á vida, e saude dos corpos a enfermidade da tristeza, mas o peyor mal deste mal he ser igualmente perigosa, e nociva á salvaçaõ das almas. Neste sentido se haõ de entender humas palavras do grande Doutor da Igreja S. Basilio, as quaes parece, que dizem mais: *Nimia tristitia author peccati esse solet, cum mœror mentem submergat, & consilii inopia vertiginem afferat*: A grande tristeza, diz S. Basilio, costuma ser a authora, e causa dos peccados; porque esta fortissima, e escurissima paixaõ affoga à alma, e assim como os que padecem vertigens na cabeça, cahem, assim ella por falta de juizo, e conselho faz, que cayaõ os homens no peccado. Num. 394

1008 Tal he o estado de hum triste, quando a força da sua mesma melancolia o mete no profundo, e escurissimo abysmo da desconsolaçaõ. Assim como ao Egypcio naõ lhe valia contra as suas trevas nem a luz do Sol, nem a do fogo, assim naõ lhe basta a hum triste nem o lume da fé, nem o lume da razaõ para vencer as suas, que só lhe saõ palpaveis. E assim como o Egypcio com aquella cadeya sem ferro, mais dura porém que o mesmo ferro, estava atado de pés, e maõs, assim o triste, prezo sem grilhoens, nem algemas á cadeya de sua propria tristeza, (contandolhe sempre os fuzís, a que naõ acha numero) nem tem pés para fugir, nem maõs para resistir ás tentaçoens do demonio; e por isso está sempre exposto, e quasi rendido ao peccado. Disse, quasi rendido, e disse muito menos do que devéra; porque se o de- Num. 395

o demonio he o que tenta, e vence, a força, ou fraqueza, que lhe dá a victoria, he a da triſteza. Ouçamos a mais eloquente voz da Igreja Catholica, e feche nos o diſcuro Chryſoſtomo com chave de ouro: *Omni diabolica actione potentior ad nocendum eſt mœroris ſpiritus; dæmon enim quoſcumque fere ſuperat, per mœrorem ſuperat. Eum ſi auferas, nemo à dæmone lædi poterit.* E porque eſte teſtimunho taõ notavel naõ pareça ſingular, o meſmo diz S. Bernardo, affirmando, que entre todos os eſpiritos malignos o peſſimo, e mais nocivo de todos he a triſteza:
Num. 395. *Certe triſtitia ſæcularis omnium malorum ſpirituũ eſt peſſimus.* De ſorte que o demonio ajudado da triſteza naõ he hum ſó demonio, ſenaõ dous, e a triſteza peyor, e mais diabolica, que o meſmo demonio. E ſe me perguntardes como concorre a triſteza za com o demonio para o peccado, poſto que bem creyo, que o terá cada hum experimentado em ſi, eu o direi facilmente.

1009 He muito natural aos triſtes deſejar o alivio, e procurar o remedio á ſua triſteza: e quando a triſte alma chega a eſtes pontos, entaõ entra a tentaçaõ, e o demonio, e os alivios, e remedios, que lhe offerece, ſaõ taes como elle. Se a triſteza he por ambiçaõ, e deſejo de ſer mais, perſuadelhe, que naõ faGeneſ. 3. ça caſo da ley de Deos como Adaõ, e Heva, que por ſerem como Deos a quebraraõ. Se a triſteza he por Joſue 7. pobreza, perſuadelhe que furte, como a Achan ſoldado illuſtre, mas pobre, que furtou ſacrilegamente a purpura, e regra de ouro nos deſpojos de Jericó. Se a triſteza he por amor, perſuadelhe a que vença por força, e violencia o que naõ póde por vonta2. Reg. 13. de, como Amnon a Thamar, ſem reparar na dobrada

infa-

infamia em ambos, e igualmente sua. Se a tristeza he por appettite do superfluo, como a d'ElRey Achab, persuadelhe, que ao dominio universal da coroa accrescente a vinha de Naboth, e com testimunho falso jurado, se naõ houver outra causa. 3.Reg. 21. Se a tristeza he por afronta, persuadelhe a que a vingue ainda que seja por traiçaõ, como Absalaõ, que contra as obrigaçoẽs do sangue, e leys da hospitalidade matou aleivosamente a Amnon. 2.Reg. 13. 29. Se a tristeza he por inveja, persuadelhe, que derrube o invejado, posto que innocente, e benemerito, como Aman valido d'ElRey Assuero ao fidelissimo Mardocheo. Esth. 6.

1010 Se a tristeza he por saudades, persuadelhe a que dos retratos do ausente faça idolos, como deraõ principio á idolatria de todo o mundo as saudades de Belo. Num. 396. Gen. 10. Se a tristeza he por falta de filhos, e succeſſaõ, como a da outra Thamar mais antiga, persuadelhe, que se lhos naõ ha de dar Sela seu esposo, os busque em quem lhos pode dar, como ella fez em Juda, posto que adultera, e incestuosamente. Gen. 38. Se a tristeza he por odio, como a de Saul a David, persuadelhe, que ingrato ás cordas da sua harpa, com o ferro da propria lança o pregue a huma parede. 1.Reg. 18. Se a tristeza he por falta de saude, persuadelhe que troque as receitas da medicina pelos feitiços da arte magica, como depois de Jeroboam fizeraõ todos os Reys de Israel, aos quaes, e ao mesmo Reyno sepultou Deos vivos, e esses saõ os ossos já entaõ secos, e myrrados, que vio Ezechiel ha mais de dous mil annos. 2.Reg. 1. Ezech. 37. Infinita materia fora, se houveramos de discorrer por todos os peccados, com que o demonio ajudado da tristeza mata as almas. A Caim triste por se vêr menos favorecido persuadiolhe o demonio, que Gen. 4.

mata-

mataſſe a ſeu irmaõ, e matou-o. A Achitofel triſte, porque Abſalaõ naõ ſeguira o ſeu voto, perſuadiolhe, que ſe mataſſe a ſi meſmo, e matouſe. A Judas triſte pelo que tinha feito contra ſeu Meſtre, perſuadiolhe, que ſe enforcaſſe; mas antes que lhe impediſſe a reſpiraçaõ o aperto do laço, a meſma triſteza, què naõ cabia dentro, lhe fez eſtalar o coraçaõ, e por iſſo rebentou pelo meyo: *Crepuit medius.*

Act. 1. 18.

1011 Eſtes ſaõ os effeitos da triſteza, (doença, de que ninguem eſcapa neſta vida, e muito mais os mais entendidos) e eſte, que ultimamente declarei, he o modo, com que a meſma triſteza naõ ſó chega a matar os corpos, ſenaõ tambem as almas. Reſta agora neſte ſegundo diſcurſo menos melancolico tratar do remedio deſta peſte do genero humano, e enſinar, como prometti, a arte de nunca eſtar triſte.

Num. 397.

1012 Nas breves palavras, que propuz, temos huma, e outra couſa, iſto he, a triſteza, e mais o remedio. A triſteza: *Quia hæc locutus ſum vobis, triſtitia implevit cor veſtrum.* O remedio: *Nemo ex vobis interrogat me, quo vadis*: Porque vos diſſe, que me auſento, encheo a triſteza os voſſos coraçoens, e nenhum de vós me pergunta para onde vou. Neſtas duas palavras: *Quo vadis*, (accommodando-as a nós) neſta pergunta taõ breve, e neſta unica maxima, ou preceito conſiſte toda a arte, que prometti, de nunca eſtar triſte. Homem triſte, ſe a triſteza te naõ tirou ainda o uſo da razaõ, perguntate a ti meſmo para onde vás: *Quo vadis?* E eſta conſideraçaõ em qualquer caſo, ou eſtado da vida, por triſte que ſeja, naõ ſó te ſervirá de conſolaçaõ, de alivio, e de remedio, mas te livrará para ſempre de toda a triſteza.

Num. 398.

1013 Iſto

1013 Isto he o que digo. E isto supposto, saiba- Num. 399.
mos agora para onde imos todos, e cada hum de nós? Sendo cousa muito sabida, posto que em parte a vemos, e em parte naõ, o Espirito Santo no la mandou advertir por boca de Salamaõ no cap. 12. do Ecclesiastes: *Revertatur pulvis in terram suam*, Eccles. 12.
unde erat, & spiritus redeat ad Deum, qui dedit 7.
illum. Nesta vida andaõ unidas no homem aquellas duas partes, que depois se haõ de dividir, e tornar cada huma para dónde veyo, a terra para a terra, a alma para o Ceo.

1014 Pergunte agora o homem a seu corpo: Cor- Num. 400.
po meu, para onde vás? *Quo vadis*? Pergunte o homem á sua alma: Alma minha, para onde vás? *Quo vadis*? E como o corpo com a evidencia dos olhos ha de responder, que vay para a sepultura, e a alma com a certeza da fé ha de confessar, que vay para o Ceo; á luz deste conhecimento taõ claro, e taõ forte naõ haverá nuvem de tristeza taõ espessa, e taõ escura, que totalmente se naõ desfaça, e desvaneça. Naõ dissemos pouco ha no primeiro discurso, que a tristeza naõ só atormenta, e mata o corpo, senaõ tambem a alma? Pois este he o antidoto invencivel, que o corpo, e a alma tem contra aquelle veneno duas vezes mortal, e esta a arte facil, e breve, com que o homem se livrará infallivelmente de toda a tristeza só com perguntar ao mesmo corpo, e á mesma alma para onde vaõ: *Quo vadis*?

1015 E começando pelo corpo, se o homem lhe Num. 401.
perguntar para onde vay: *Quo vadis*? e elle responder, que vay para a sepultura; que homem haverá taõ cego, que havendo de cahir o mesmo corpo naquella cova, naõ caya elle em si, e naõ caya na razaõ,

que

Num. 404. que tem para naõ eſtar triſte? Oh quantas lagrimas ſe choraõ, e quantas lamentaçoens ſe ouvem, porque naõ ha quem ponha os olhos neſte caminho inevitavel, e ſe pergunte: *Quo vadis*? A huns come por dentro a triſteza, porque ſe vem pobres: a outros roe a inveja, porque poem, ou lhe leva os olhos a abundancia dos ricos, e ſe huns, e outros tiveraõ juizo, e ſe perguntaraõ para onde vaõ, taõ pouco haviaõ de chorar huns o que lhes falta, como eſtimar outros o que lhes ſobeja.

Num. 407. 1016 Se bem conſiderarmos as cauſas, (que lhe naõ quero chamar razoens) porque os queixoſos da ſua fortuna vivem triſtes, e ſe lhe faz triſte a vida, acharemos, que principalmente ſaõ naõ poderem goſar os dous mais ſaboroſos fructos das meſmas riquezas. O comer, e o veſtir ſaõ duas couſas, ſem as quaes ſe naõ póde viver, em que tem grande batalha no homem a moderaçaõ do neceſſario, e a intemperança do ſuperfluo.

Num. 411. 1017 Ao que póde entriſtecer o corpo por ſe ver menos nobremente trajado, que diremos? Que ſe lembre bem do *Quo vadis*: e ſeja pela boca de Job: *Nudus egreſſus ſum de utero matris meæ, & nudus revertar illuc.* Mas naõ vamos buſcar eſte deſengano á terra de Hus.

Num. 412. 1018 Adoeceraõ na noſſa terra ou hum mancebo taõ prezado da gentileza como Abſalaõ, ou huma dama de taõ celebrada formoſura como Rachel, e taõ requeſtada por ella como Helena: e chegados ambos á ultima deſconfiança da vida, na primeira clauſula do teſtamento depois da proteſtaçaõ da fé, diz cada hum, que ſeu corpo ſeja ſepultado no habito de S. Franciſco. Iſto, que pelo coſtume ſe naõ eſtranha,

tranha, verdadeiramente he digno de grande admiraçaõ. Naõ ereis vós (hum, e outra) os que tanto vos prezaveis das galas, os que gastaveis as telas, os que inventaveis os bordados, os que empregaveis em huma joya quanto tinheis, e tal vez o que naõ tinheis? Pois como agora vos mandais vestir com tanta differença, e vos contentais com hum habito de burel, e esse remendado? Porque agora imos para a sepultura. Agora dizem, e dizem o que cuidavaõ; porque dantes naõ sabiaõ para onde hiaõ. Oh miseria! Oh cegueira! Oh engano da vida, e ignorancia humana! Cuidamos, que só imos para a sepultura quando em hombros alheyos somos levados a ella, e naõ acabamos de entender, que desde a hora, em que nascemos, começamos este mesmo caminho. Se a hum recem nascido, quando sahe do ventre da mãy, lhe perguntassemos: *Quo vadis*? Minino, que agora entrastes no mundo, para onde ides? he sem duvida, que se elle tivesse já uso da razaõ, e falla para responder, responderia com as palavras de Job: *De utero ad tumulum*: Desde a hora de meu nascimento vou caminhando para a sepultura, e estas faixas saõ a minha primeira mortalha. Desenganemonos os mortaes, que todo este, que chamamos curso da vida, naõ he outra cousa, senaõ o enterro de cada hum: por final, que quanto mais pompa, mais cruzes. Job. 10. 19.

1019 Pois se estas haõ de ser as galas da ultima jornada da vida, porque naõ nos contentaremos, que sejaõ menos vans as de toda ella? Gloriaõse tanto das galas os perdidos por esta vaidade, que até o mesmo Christo fallando das de Salamaõ, lhe chamou a sua gloria: *Nec Salomon in omni gloria sua.* E esta gloria Num. 433. Matth. 6. 29.

gloria ha de descer com elles á sepultura? Naõ: *Quo-*
Ps. 48. 18. *niam cum interierit, non sumet omnia, nec descendet cum eo gloria ejus.* Pois porque nos ha de levar tanto apoz si o que cá ha de ficar, e naõ nos accommodaremos desde logo ao que só havemos de levar comnosco? Aquelle grande Soldaõ do Egypto, o famoso Saladino, estando para morrer, mandou levar por todo o seu exercito a mortalha, em que havia de ser sepultado, na ponta de huma lança com hum pregaõ, que dizia: De tudo quanto adquirio Saladino, isto he o que só ha de levar deste mundo. Ditosos os soldados, que entaõ se resolvessem a despir a cota, e militar debaixo daquella bandeira! O Imperador Carlos V. anticipando o mesmo desengano, trazia sempre comsigo a sua mortalha. Por isso tomou aquella valente resoluçaõ, mayor que todas suas victorias, de se sepultar em Juste, e acabar a vida antes da morte. Melhor o fazem ainda os que todos os dias quando se vestem, de tal modo se compoem do pé até á cabeça com o espelho da sepultura diante dos olhos, como se o vestido fora a mortalha, com que haõ de ser levados a ella. Este he o trajo dos desertos, e claustros religiosos, em que todos os que professamos servir a Deos, o mesmo habito, que vestimos, he a mortalha, em que havemos de ser sepultados. O mundo errado julga este trajo por triste; mas nós em confiança delle nunca tristes, e sempre
2. Cor. 6. 10. contentes: *Quasi tristes, semper autem gaudentes.*

Num. 414. 1020 Se a consideraçaõ da sepultura, e a nossa pergunta *Quo vadis* he taõ efficaz para persuadir sem tristeza a forçosa pobreza das roupas, para a fazer toleravel na mais sensivel da mesa naõ he menor a sua efficacia. Queixase da sua fortuna o pobre, porque sendo

sendo taõ liberal com os ricos, com elle seja taõ avara, que apenas para comer lhe conceda com o suor de seu rosto hum pedaço de paõ. Eu antes de passar ao nosso remedio, naõ só quero reparar no paõ, senaõ no mesmo pedaço, que o faz queixoso, e triste. Perto de cem annos havia, que o primeiro Ermitaõ S. Paulo vivia em huma cova, quando nella o visitou o grande Antonio, a quem nós para significar a sua mesma grandeza chamamos Antaõ. Depois de se saudarem sós, chegou hum corvo com hum paõ no bico, e o poz entre os dous. Admirouse o hospede, e o habitador da cova lhe disse: Has de saber, irmaõ Antonio, que de muitos annos a esta parte, depois que me foraõ desfalecendo as primeiras forças, por este corvo me manda Deos todos os dias meyo paõ, e agora, porque somos dous, dobrou o Senhor a raçaõ a seus servos, e por isso nos mandou o paõ inteiro. Quem naõ pasmará, que este jantar para os dous mayores homens, que Deos tinha no mundo, fosse mandado da sua mesa? He possivel, que a providencia, a grandeza, a magnificencia de Deos a Paulo sustenta cada dia com meyo paõ, e a Paulo, e Antonio com hum paõ! E he possivel, que hum homem com fé naõ estime, e se glorie muito de que ás duas ametades de paõ de Paulo, e Antonio se ajunte tambem o pedaço do seu, sendo elle em tal companhia o terceiro convidado de Deos! Naõ ha duvida, que se es Christaõ, nunca a tua ambiçaõ, e cubiça podia aspirar a mayor fortuna, que esta, a que te tem levantado a tua propria pobreza igualandote naõ aos Principes das cento e desasete Provincias no banquete de Assuero, mas aos dous mayores amigos, e favorecidos, que tem no mundo o supremo Senhor de

todo elle. Vê agora quaõ enganoſa he a tua triſteza, e tu quaõ enganadamente queixoſo da tua fortuna.

Num. 415. 1021 Mas porque naõ cuides, que te quero conſolar por outro caminho, reſpondeme: Para onde vás: *Quo vadis*? Vás para a ſepultura? Sim: e todos os mais ricos, e abundantes do mundo para onde vaõ? Para a ſepultura tambem. Dá pois muitas graças á eſtreiteza da tua meſa, e ao teu pouco paõ; porque ſendo certo, que todos haõ de chegar á ſepultura ſem nenhum remedio, ſó tu por comeres menos, chegarás á ſepultura mais tarde, e ſó tu por comeres menos, ferás nella menos comido. A natureza fez o comer para o viver, e a gula fez o comer muito para o viver pouco. De certos homens da caſta daquelles, de quem dizia Socrates, que naõ comiaõ para viver, mas ſó viviaõ para comer, conta a ſagrada Eſcritura, que exhortandoſe de commum conſentimento diziaõ: *Comedamus, & bibamus, cras enim moriemur*: Comamos, e bebamos, porque á manhã havemos de morrer. A conſequencia era taõ bárbara, e brutal, como quem a inferia. Mas que fundamento tinhaõ eſtes homens, ou eſtes brutos para prognoſticar, que ao outro dia haviaõ de morrer? O meſmo que elles diziaõ: *Comedamus, & bibamus*. Das demaſias da ſua gula inferiaõ a brevidade da ſua vida. O dia dos banquetes era a veſpera do dia da morte. A gula havia de cantar as veſperas hoje, e a morte as havia de chorar á manhã: *Cras enim moriemur*. Naõ allego Hippocrates, nem Galenos, que aſſim definem eſta brevidade; porque naõ ſaõ neceſſarios os aforiſmos da ſua arte, onde temos os da noſſa experiencia. Das intemperanças do comer, por mais que o tempere a gula, naſcem as cruezas, das

Iſai. 22. 13.

crue-

cruezas a confuſaõ, e diſcordia dos humores, dos humores diſcordes, e deſcompoſtos as doenças, e das doenças a morte. Suppoſto pois que todos havemos de morrer, e todos imos para a ſepultura, o mayor favor, que Deos póde conceder a hum mortal, he que morra, e chegue lá mais tarde. E eſte he o primeiro privilegio dos pobres, a quem a providencia divina quanto nega de abundancia, e regalo, tanto accreſcenta de vida.

1022 Ouçaõ os abundantes, e regalados o que ſobre iſto enſina a verdade daquelle Senhor, que o he da vida, e da morte: *Omnis potentatus vita brevis.* Porque os ricos, e poderoſos daõ muita materia á gula, os pobres, ainda que queiraõ, naõ podem. Santo Agoſtinho dava graças a Deos por lhe haver enſinado, que uſaſſe dos alimentos, como das medicinas: *Hoc me docuiſti, ut quemadmodum ad medicamenta, ſic ad alimenta ſumpturus accederem.* De ſorte que aquillo, ſem que naõ podemos viver, he o meſmo, que nos mata, tomado ſem medida. E como o alimento tomado ſem medida he o veneno da vida, e com medida o medicamento della, eſta he a deſgraça naõ conhecida dos ricos, e a ventura tambem mal entendida dos pobres. A vida, e a via de huns, e outros igualmente caminha para o meſmo termo, que he a ſepultura; mas os paſſos naõ ſaõ iguaes. Porque como a abundancia, e gula dos ricos he o ſeu veneno, e a eſtreiteza, e abſtinencia dos pobres o ſeu medicamento, os ricos chegaõ á ſepultura, como S. Joaõ á de Chriſto, primeiro, e mais depreſſa, e os pobres, como S. Pedro, mais de vagar, e mais tarde.

Num. 416.

Eccleſ. 10. 11.

Auguſt. Confeſſ. cap. 31.

1023 E depois de chegados huns, e outros á ſe-

Num. 417.

pultura, tem tambem dentro nella alguma differença? Sim, e muito grande, que he o ſegundo privilegio dos pobres. A gula aſſim como ceva as aves, para que as comaõ os homens, aſſim ceva os homens, para que os comaõ os bichos. Miſeravel condiçaõ da noſſa carne, comer para ſer comida! Por iſſo diz hum proverbio dos Hebreos: *Qui multiplicat carnes, multiplicat vermes.* Os corpos dos ricos cheyos, e anafados ſaõ o banquete dos bichos, os dos pobres ſecos, e poſtos nos oſſos ſaõ o ſeu jejum. Que bem ſe vio iſto naquelle, em que o pobre Lazaro, e o rico Avarento foraõ á ſepultura! O rico em ſepulcro de marmores banqueteando eſplendidamente os bichos, como elle coſtumava comſigo: e o pobre, que nem as migalhas, que lhe cahiaõ da meſa, tinha para ſe ſuſtentar, ſepultado na terra nua; mas naõ tendo a meſma terra que comer nelle.

Num. 418. 1024 Os regalos exquiſitos trazidos de taõ longe com tantos perigos, comprados com tanto preço, guiſados com tantos artificios ſaõ para o ventre do homem: e eſſe ventre aſſim regalado, aſſim mimoſo, e aſſim cuſtoſo para quem he? Para o comerem os bichos. Eſte he o paradeiro das ſuperfluidades dos ricos. Conſidere pois o rico, e o pobre para onde vay: *Quo vadis?* Para que o rico modere a ſua abundancia, e o pobre ſe componha com a ſua moderaçaõ. E porque o pobre, e o rico (e o rico mais apreſſadamente, que o pobre) todos imos parar alli, lamentemſe os ricos da ſua riqueza, e das ſuas galas, e regalos: ſejaõ os pobres os contentes, e elles os triſtes. *Habentes alimenta, & quibus tegamur, his contenti ſumus*: Com que tenhamos o que baſte para ſuſtentar, e cobrir o corpo, teremos tambem o

1. Timot. 6. 8.

Num. 410.

que

que basta para estar contentes, escreve o Apostolo a Timotheo. E S. Jeronymo commentando este texto, e contrapondo a largueza, e abundancia dos ricos á estreiteza, e moderaçaõ dos pobres no mesmo vestir, e comer, filosofa assim elegantemente: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus, & propter quæ divitiæ comparantur, vilibus mutare cibis, & crassiore tunica compensare*: Naõ cuidem as galas, e gulas dos ricos, diz o Doutor Maximo, que carecem os pobres do que elles gosaõ; porque tudo o que elles alardeaõ com largueza no seu muito, lograõ compensado os pobres, e abbreviado no seu pouco: os ricos, e vaõs nas galas, elles no vestido grosseiro: os ricos, e vaõs nos regalos, elles no mantimento vil. E que se segue daqui? Segue-se, que o contentamento, e alegria, que a riqueza, e vaidade pertende, só a pobreza sizuda o alcança, e muito mayor: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus.* Deixo de ponderar estas ultimas palavras; só digo; que para quem caminha para a sepultura levar o mundo debaixo dos pés, mais he triunfo, que enterro, posto que mal banqueteado, e mal vestido.

1025 Já perguntámos ao corpo: *Quo vadis?* para onde hia? e nos respondeo por boca do Espirito Santo, que para a sepultura. Agora faremos á alma a mesma pergunta, e responderá por boca do mesmo Oraculo divino, como tambem vimos, que vai para o Ceo. Pois assim como o corpo achou remedio da sua tristeza no seu *Quo vadis*: assim, e muito melhor achará a alma o remedio das suas no seu, quanto vai do Ceo á terra. Num. 419

DISCURSO XCVII.

Tirado de hum ſermaõ da terceira quarta feira da Quareſma prégado na Capella Real ſobre as palavras do Euangelho: Dic, ut ſedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam, & unus ad ſiniſtram in regno tuo. Math 20.

VALIDOS.

Part. 3. Num. 115. 1026 ESta foy a petiçaõ da mãy dos Zebedeos a Chriſto, tantas vezes ouvida neſte Real auditorio, como variamente ponderada deſte ſagrado lugar. Mas porque o ſoberano Senhor reſpondeo aos filhos, para que o entendeſſe a mãy; eu determino hoje reſponder á mãy, para que me entendaõ os filhos, e os que naõ ſaõ filhos tambem. Com huma ſó hei de fallar; mas para todos hei de dizer. Começando pois a fallar com a mãy dos Zebedeos, o que lhe digo, (ou diſſera) he deſta maneira.

Num. 116. 1027 Viſto, ſenhora, eſte voſſo memorial, (o qual conſidero, antes que ſe preſentaſſe a Chriſto) poſto que eu naõ tenha authoridade para o emendar, nem ainda confiança para o arguir, a muita devoçaõ, que profeſſo com voſſos filhos, e o grande reſpeito, que por elles, e por voſſa veneravel peſſoa vos he devido, excita, perſuade, e ainda obriga o meu zelo a que repare, e advirta por vos ſervir o que neſta petiçaõ me faz duvida. E para que ſeja com diſtinçaõ, clareza, e brevidade, examinando huma por huma todas as palavras della, direi ſobre cada

cada huma o que eu noto, mas naõ condemno, poſto que outros o pódem eſtranhar.

1028 A primeira couſa pois, em que a minha conſideraçaõ repara neſte memorial, he a primeira palavra delle: *Dic*: Dizei. Naõ he eſte o eſtylo por onde começaõ, nem devem começar as petiçoens. As petiçoens começaõ por Diz, e naõ por Dizei. Mas como vós, Salomé, ſois mãy do valido, parece-me que o valimento vos ditou a petiçaõ. Os outros nas ſuas petiçoens começaõ: Diz fulano: os validos naõ dizem: Diz, dizem: Dizei. Tal eſtylo de pedir naõ he pedir, he enſinar, ou mandar. O Principe, que aſſim deſpacha, naõ concede, obedece: naõ dá a mercé, dá a liçaõ Chriſto he Meſtre, e Senhor: *Vos vocatis me Magiſter, & Domine*: e nem como Senhor deve ſer mandado, nem como Meſtre enſinado. Num. 117. Joan. 13. 15.

1029 Se o que pedis, que diga: *Dic*, he que os voſſos filhos tenhaõ os dous lugares do lado, como quereis, que vos deſpache Chriſto logo, e em huma palavra? Taõ leve negocio he a eleiçaõ de hum primeiro Miniſtro, e muito mais a de dous Miniſtros, ambos primeiros, que por huma ſimples petiçaõ ſem mais conſulta, nem conſelho ſe haja de conceder? Se o pedira todo o Reyno, ainda havia muito que duvidar; porque naõ cuidaſſem os vaſſallos, que juntos, nem divididos podiaõ ter acçaõ, ou impulſo nas reſoluçoens ſoberanas. Quanto mais, que ſemelhantes lugares naõ ſe daõ a quem os deſeja, e os pede; antes quando os deſejaõ, entaõ começaõ a os deſmerecer, e quando ſe atrevem a os pedir, entaõ os deſmerecem de todo. O pedir, e o deſpedir em taes caſos haõ de ſer correlativos. Oh quanto melhor tiveNum. 118.

raõ negociado os voſſos dous pertendentes, ſe quando Chriſto os eſtremava dos outros para lhes fiar os caſos de mayor importancia, elles ſe retiraſſem com modeſtia, e com diſcreta reſiſtencia ſe eſcuſaſſem! Quando Moyſés ſe eſcuſou de primeiro Miniſtro de Deos ſobre o Egypto, entaõ o levantou Deos ao ſeu lado, e lhe delegou o ſeu poder, e mais o ſeu nome: *Conſtitui te Deum Pharaonis.* Paſſemos á ſegunda palavra.

Num. 124.

Num. 125. 1030 *Ut ſedeant.* Que ſe aſſentem. Tambem eſte termo naõ he curial, antes muito improprio, e ainda indecente. Que ſejaõ, Salomé, voſſos filhos muito aſſentados, iſſo procurai vós; mas que eſtejaõ aſſentados he implicaçaõ do q̃ pedis. Pedis o lado, e dizeis, que ſe aſſentem? Naõ ſabeis, que em palacio aſſim como naõ ha mais que hum ſó docel, ha tambem huma ſó cadeira? Naõ ſabeis que os grandes alli, ſe canſaõ de eſtar em pé, ſó deſcanſaõ de joelhos, arrimados quando muito a huma credencia daquelles idolatrados altares? Baſtava para iſto ſer Chriſto Rey, quanto mais ſendo Rey, e Deos juntamente: *Tu es ipſe Rex meus,* Pſ. 43. 6. *& Deus meus.* O throno de Deos no templo he o Propiciatorio, donde ouve, e reſponde: e poſto que nem vós, nem voſſos filhos entraſſeis naquelle ſagrado, porque he vedado a todos, bem deveis de ter ouvido, que ao lado direito do Propiciatorio eſtá hum Cherubim, e ao lado eſquerdo outro, mas ambos em pé. Logo ſe quereis, que os voſſos dous filhos ſuccedaõ no lugar deſtes Cherubins, e que occupem hum, e outro lado do throno de Chriſto, como pedis, que ſe aſſentem: *Ut ſedeant?* Os Cherubins eſtaõ em pé, e os filhos do Zebedeo haõ de eſtar aſſentados?

Num. 129. 1031 *Hi.* A palavra he muito breve, mas naõ digna

gna de menor reparo. Vós dizies: *Hi*: Eſtes. E quem naõ dirá: Quem ſaõ eſtes? Muito he de crer ſe embaraçaráõ logo com as redes, e com a barca; mas eu taõ longe eſtou de encalhar neſte baixo, (poſto que o ſeja) que antes o exercicio de peſcadores me parece o melhor noviciado, que eſtes Apoſtolos podiaõ ter para a profiſſaõ de primeiros Miniſtros. Que he huma barca, ſenaõ huma Republica pequena? E que he huma Monarchia, ſenaõ huma barca grande? Nas experiencias de huma ſe aprende a pratica da outra. Saber deitar o leme a hum, e a outro bordo, e cerrallo de pancada, quando convem: ſaber vogar, quando ſe ha de ir adiante, e ſeyar, quando ſe ha de dar volta, e ſuſpender, ou fincar o remo, quando ſe ha de ter firme: ſaber eſperar as marés, e conhecer as conjunçoens, e obſervar o cariz do Ceo: ſaber temperar as vellas confórme os ventos, largar a eſcota, ou carregar a bolina, ferrar o pano na tempeſtade, e na bonança iſſar até os topes. Taõ politica como iſto he a arte do peſcador na mareaçaõ, e mais ainda nas induſtrias da peſca. Saber tecer a malha, e ſegurar o nó: ſaber pezar o chumbo, e a cortiça: ſaber cercar o mar para prover, e ſuſtentar a terra: ſaber eſtorvar o anzol, para que o peixe o naõ corte, e encubrillo, para que o naõ veja: ſaber largar a ſedela, ou tella em tezo: ſaber aproveitar a iſca, e eſperdiçar o engodo. Só hum defeito reconheço no peſcador para os lugares do lado, que he o exercicio de puxar para ſi. E eſte he, ſenhora, o que naõ ſó ſe argue, mas ſe prova do meſmo, que voſſos filhos pertendem, e vós pedís.

1032 *Duo.* Ainda eſte *Duo* tem mayor diſſonancia. Pertendeis o valimento do Rey, e quereis que Num. 133

os

os validos ſejaõ dous: *Duo*? Se convém, que os Reys tenhaõ valido, ou naõ, he problema, que ainda naõ eſtá decidido entre os politicos. Mas dous validos ninguem ha, que tal diſſeſſe, nem imaginaſſe. Se os voſſos filhos tiveraõ lido as hiſtorias ſagradas, e profanas deſde o principio do mundo até hoje, naõ lhe havia de paſſar tal couſa pelo penſamento. Creou Deos a Adaõ no ſexto dia do mundo, para que no governo delle foſſe ſua imagem, e logo no dia ſeguinte ſe diz, que deſcanſou Deos; porque os ſupremos Principes he bem, que tenhaõ huma cauſa ſegunda, que os repreſente, e ſobre quem deſcanſem. Mas eſte homem (que ſe ſuppoem ſer em tudo o primeiro homem) ha de ſer hum, e naõ dous. Por iſſo fez Deos hum Adaõ, e naõ dous Adoens. Entre os Chaldeos foy primeiro Miniſtro de Nabucodonoſor Daniel; mas ſó Daniel: entre os Egypcios Joſeph de Faraó, mas ſó Joſeph: entre os Gregos Heſeſtiaõ de Alexandre, mas ſó Heſeſtiaõ: entre os Perſas Aman, e Mardocheo de Aſſuero, mas naõ juntos, ſenaõ em diverſos tempos, e ſempre hum ſó. Se algum exemplo houve de dous juntamente, foy para ruina do Rey, e perdiçaõ da coroa. Nenhum Rey teve a ſeu lado mayor, e melhor Miniſtro, que Abſalaõ, quando começou a reynar; porque teve a Achitofel, cujos conſelhos por teſtimunho da meſma Eſcritura ſagrada eraõ como oraculos de Deos. E porque David quiz tirar a coroa a Abſalaõ, como a Rey intruſo, e rebelado, que fez? A traça, de que uſou, como taõ prudente, foy meterlhe do outro lado outro Miniſtro, que foy Chuſay: e aſſim ſuccedeo. Encontraraõſe os dous Miniſtros nos pareceres, ſeguio Abſalaõ o de Chuſay, e naõ o de Achitofel: e ſendo que com

com este se conservara sem duvida, como diz o mesmo texto, porque teve dous, se perdeo.

1033 A razaõ natural deste inconveniente he, porque onde ha dous entendimentos, duas vontades, duas naturezas, e duas pessoas differentes, naõ póde haver uniaõ. A uniaõ hypostatica em Christo (que foy o mayor milagre da sabedoria, e omnipotencia divina) unio duas naturezas, dous entendimentos, e duas vontades. Mas notay, que neste mesmo composto com ser milagroso as pessoas naõ saõ duas, senaõ huma só. Em huma pessoa por milagre podem estar unidas duas naturezas, dous entendimentos, e duas vontades; mas em duas pessoas differentes (como dous homens: *Duo*) he milagre, que nem Deos fez já mais, nem fará. Na Santissima Trindade ha tambem uniaõ deste genero por outro modo ainda mais admiravel. As pessoas saõ tres realmente distinctas, e todas entendem o mesmo, e querem o mesmo. Mas ainda que as pessoas saõ tres, as naturezas, os entendimentos, e as vontades naõ saõ tres, senaõ huma só natureza, hum só entendimento, e huma só vontade. Vêde agora, se em dous homens, em que as naturezas, os entendimentos, as vontades, e as pessoaa saõ diversas, e em taõ diversas materias, como saõ as que concorrem numa Monarchia, poderá haver uniaõ, nem concordia? Num. 134.

1034 *Filii mei.* Em dizer, que saõ vossos filhos, estou vendo, Salomé, que desprezais todo este meu discurso, imaginando como mulher, e mãy, que todos os inconvenientes, e temores de discordia se seguraõ com serem irmaõs, posto que sejaõ dous. Saõ irmaõs, e irmaõs inteiros, filhos do mesmo pay, e da mesma mãy, segura está logo, e estará sempre nel- Num. 137.

les

les a uniaõ, e concordia. Ah ſenhora, que mal ſabeis, quaõ fraca ſignificaçaõ he a deſte eſpecioſo nome, que entre os homens ſe chama irmandade? Baſta ſer fundado em carne, e ſangue para naõ ter ſubſiſtencia, nem firmeza. Differente poder he o da ambiçaõ, da cubiça, da emulaçaõ, da inveja, e de todas as outras peſtes da uniaõ, e ſociedade humana, com que os mais ſagrados vinculos da natureza ſe profanaõ, e rompem. E como a má ſemente deſtes vicios naſce, e ſe dá melhor entre iguaes, por iſſo entre os que naſceraõ dos meſmos pays, he mais natural a diſcordia. Da meſma fonte naſcem os rios do Paraiſo, e nenhum faz companhia com outro, cada hum ſegue differente carreira, naõ ſó divididos, mas oppoſtos. E ſe iſto ſe acha na fineza da agua, que ſerá no calor do ſangue? Diga-o o de Abel derramado por Caim, e o de Remo por Romulo. Se dous irmaõs fundadores daquella portentoſa Cidade, que hoje naõ cabe no mundo, naõ couberaõ juntos na meſma Cidade: ſe dous irmaõs primogenitos da natureza para propagaçaõ do genero humano naõ couberaõ em toda a terra, onde naõ havia outros; como caberáõ os voſſos dous, e como eſtaraõ conformes em hum gavinete, onde cada memorial, cada conſulta, e cada requerimento he huma maçã da diſcordia? Agora ſaõ amigos, agora conformes, agora verdadeiramente irmaõs, e ſó deſejaõ ſer companheiros; mas aſſim como agora ſe unem para ſubir, aſſim ſe dividiráõ depois para ſe derrubar. Quantos ſe uníraõ para a batalha, que depois ſe matáraõ ſobre os deſpojos? A ambiçaõ, que agora os une, eſſa meſma os ha de apartar depois, e de hum lado contra outro lado, como de dous montes oppoſtos,

Num. 138.

ſe

se haõ de combater, e fazer a guerra.

1035 Se vós soubereis, que cousa he hum Reyno, e o pezo delle, e mais quando carrega sobre causas segundas, eu vos prometto, que vos benzereis de tal pensamento, quanto mais desejallo para os filhos, a quem tanto bem quereis. Que Hercules he Joaõ, ou que Atlante Jacobo para tomarem sobre seus hombros huma Monarchia? Em que Cortes se creáraõ, que terras viraõ, que historias leraõ, que negocios manejáraõ? Ide a Jerusalem, entrai, se vo lo permittirem as guardas, ou no palacio profano de Herodes, ou no sagrado de Caifaz, e naquelle tropel, e concurso de pertendentes esfaimados (que todos procuraõ comer, e todos se comem) vereis, se entre tanto tumulto póde haver quietaçaõ, entre tanta perturbaçaõ socego, entre tanta variedade firmeza, entre tanta mentira verdade, entre tanta negociaçaõ justiça, entre tanto respeito inteireza, entre tanta inveja paz, entre tanta adulaçaõ, e adoraçaõ modestia, temperança, nem ainda fé. Vede sobre tudo, se tanta sede de ambiçaõ, e cubiça insaciavel pode ter satisfaçaõ, que a farte, ou modere: e se a pódem dar vossos filhos a tantos, que pertendem, e batalhaõ sobre a mesma cousa, que ou se deve negar a todos, ou concederse a hum só? Daqui se seguem os descontentamentos, as queixas, as murmuraçoens do governo, as arrogancias dos grandes, as lagrimas, e lamentaçoens dos pequenos, as dissensoens, as parcialidades, os odios, sendo o alvo de todas estas settas avenenadas os que assistem mais chegados ao throno do supremo poder, os que respondem em seu nome, os que declaraõ seus oraculos, os que distribuem seus decretos. E se isto he o que

Num. 145.

Num. 147.

o que ſe experimenta, e padece naõ em Babylonia, ou Ninive, ſenaõ em Jeruſalem: nem no Imperio dos Aſſyrios, Perſas, Gregos, ou Romanos, ſenaõ em huma Republica taõ arruinada hoje, e taõ limitada como a de Judea, que ſerá no Reyno univerſal de Chriſto: *In Regno tuo?*

Num. 148. 1036 *Tuo.* Dizeis, ſem advertir, ou ſaber o que encerra eſta breve palavra. O Profeta David diz, que o Reyno de Chriſto dominará de mar a mar, e deſde o rio Jordaõ até os fins da terra: o Profeta Iſaias, que ſe lhe ſujeitaráõ, e o viráõ a adorar os do Oriente, e os do Occidente, os do Setentriaõ, e os do Meyo dia: o Profeta Daniel, que todas as gentes, todos os povos, todas as linguas o confeſſaráõ, e que ſerá obedecido, e ſervido de todos os Reys, e Monarchas do mundo. Eſta he a grandeza do Reyno. E que capacidade, que talentos vos parece, que ſaõ neceſſarios para mover com proporçaõ, e ſuſtentar os dous polos de huma machina taõ immenſa? Baſtará o voſſo Joaõ, e o voſſo Jacobo, que nunca tomaraõ o compaſſo na maõ, nem viraõ carta para conhecer as regioens, e as gentes, para perceber, e entender as linguas, para comprehender os negocios de eſtado, e de tantos eſtados, para reſponder ás embaixadas, para aceitar as obediencias, para capitular as condiçoens, para eſtabelecer as pareas, para ajuſtar os tratamentos, em fim para concordar as vontades, e compor os intereſſes de todos os Reys, e Principes do univerſo? O certo he, que ou naõ conheceis voſſos filhos, ou naõ tomaſtes bem as medidas aos poſtos, aonde os quereis levantar.

1037 Joſeph, e Daniel, dous ſujeitos de tamanha eſfera, toda ella empregaraõ cada hum em hum

ſó

só Reyno: Joseph no do Egypto, Daniel no de Babylonia. E que proporçaõ tem huma Babylonia, nem cem Babylonias, hum Egypto, nem mil Egyptos com o Reyno, e Monarchia de Christo? Dentro em casa temos ainda mayor exemplo. Moysés aquelle homem, que no nome trazia a divindade, e na maõ a omnipotencia, quantas vezes se queixou a Deos de naõ poder com o pezo de hum só povo, e povo da sua ley, da sua naçaõ, e da sua lingua? Aceitoulhe Deos a escusa, substituiolhe o lugar, mas com quem, e com quantos? Naõ com menos, que com setenta anciaõs do mesmo povo, escolhidos dos mayores, e melhores de todo elle. Se para o pezo de hum Reyno, que ainda entaõ o naõ era, foraõ necessarias setenta columnas taõ fortes; como quereis vós, que sobre duas taõ fracas se sustente aquelle immenso edificio, que ha de recolher dentro em si tudo quanto rodeaõ, e cobrem as abobadas do firmamento.

1038 Dirmeheis, que no Reyno de Christo por seu: *In Regno tuo*, naõ haverá tantos perigos, e difficuldades, como nos outros, quanto vai de tal Rey aos outros Reys. No que toca á pessoa, justiça, e bondade do Rey, tendes razaõ. A mayor desgraça dos privados dos Reys do mundo, e o mayor precipicio das mesmas privanças he serem elles naõ só Ministros do seu governo, senaõ de suas paixoẽs, aduladores de seus appetites, e cumplices de seus vicios. Assim desprezaõ, e perdem a graça de Deos por naõ arriscar a dos Reys, ou por mais se insinuar, e conservar nella. Chegado Abrahaõ a Egypto, acompanhado de Sara mulher sua, mas com nome de irmã, as novas, que logo levaraõ ao Rey os do seu lado, naõ foraõ, que era chegado á Corte hum ho- Num. 149.

homem ſanto, ſenaõ huma mulher dotada daquellas prendas, que eſtimaõ, e idolatraõ os que naõ ſaõ ſantos. Se ElRey Herodes quer a Herodias, ou ElRey David a Betſabé, os privados ſaõ os que facilitaõ os adulterios, e os que por ſi, e por outros approvaõ os homicidios. Se alguma vez na antecamera de David (onde elle o naõ ouviſſe) ſe tocou no ſeu peccado, o que os palacianos diſcorriaõ, era deſta maneira: Que o amor de Betſabé fora hum galanteyo de Principe ſoldado, que o caſarſe com ella fora hũa honrada reſtituiçaõ de ſua fama, que o matar a Urias fora hum conſelho neceſſario, prudente, e generoſo: generoſo; porque o fez morrer nobremente na guerra: prudente; porque pareceo acaſo o que foy induſtria: e neceſſario; porque o modo mais ſeguro de ſepultar o aggravo he meter debaixo da terra o aggravado. Taõ levemente ſe fallava em hum caſo mais, que eſcandaloſo, atroz, chamando ao adulterio galanteyo, ao homicidio neceſſidade, e á aleivoſia, prudencia. Compunhaõſe poemas á ſoberba, panegyricos á cubiça, hymnos á ambiçaõ. Eis aqui quem ſaõ os aduladores, gente, que mente com a verdade, e afronta com a cortezia. Iſto haviaõ de eſcrever os politicos no ſeu livro do duello, que mais afronta huma miſura de hum adulador, que huma bofetada de hum inimigo. Por iſſo Chriſto, que nas bofetadas ſe moſtrou taõ ſofrido, quando ouvio as adulaçoens, parece, que perdeo a paciencia.

Part. 4. Num. 260.

Part. 14. Num. 143.

Part. 7. Num. 244.

1039 Se o Rey he avarento, como Roboaõ, ou vaõ como Aſſuero, elles ſaõ os que aconſelhaõ os tributos, elles os que louvaõ as prodigalidades, e celebraõ as oſtentaçoens. Em fim elles ſaõ os adoradores da eſtatua de Nabuco, e os que ſervem de lançar

Part. 3. Num. 149.

çar lenha, e assoprar as fornalhas de Babylonia, ou procurando, ou naõ fazendo escrupulo de que nellas se abrazem os innocentes. Isto naõ haverá no reinado de Christo, porque da parte do Rey tudo será igualdade, justiça, modestia, temperança. Nem os que assistirem a seu lado, se atreveráõ a abusar, ou exceder do poder, que lhes for commettido, que só será o justo, e necessario. Naõ se vingará Aman com a maõ real dos aggravos de Mardocheo, nem as invejas de Doeg com a lança de Saul, nem os odios de Joab com a dissimulaçaõ de David. Mas ainda que da parte do Rey estaraõ os que estiverem ao lado de Christo seguros destes perigos, da parte dos subditos, e das leys naõ deixaráõ de ter grandes difficuldades, que vencer, e grandes repugnancias, que contrastar.

1040 Está profetizado, que no Reynado de Christo tudo será novo: *Ecce nova facio omnia*, e novidades, ainda que sejaõ uteis, bem vedes quaõ difficultosas saõ de introduzir. Se se ha de fundir de novo o mundo, he força, que se desfaça, e derreta primeiro, e isto naõ póde ser sem fogo o mais violento de todos os elementos. Está profetizado, (e assim o publicou em nossos dias o Precursor do mesmo Christo) que os valles se encheráõ, e os montes, e outeiros seraõ abatidos, e naõ alguns, senaõ todos: *Omnis vallis implebitur, & omnis mons, & collis humiliabitur*. E abater os grandes, e levantar os pequenos em tanta desigualdade de nascimento, e de fortunas, e fazer, que pequenos, e grandes todos sejaõ iguaes, quem será taõ valente, e animoso, que tome sobre si esta conquista? Se os cavadores da vinha naõ soffreraõ, que os igualassem, sem lhe tira-

Num. 150. Apoc. 21. 5.

Luc. 3. 5.

rem nada do que lhe deviaõ; quem reduzirá a eſta moderaçaõ a arrogancia, a ſoberba, e a inchaçaõ dos grandes do mundo, que cuidaõ, que tudo lhe he devido, e a ninguem daõ o que ſe lhe deve?

1041 Eſtá profetizado, que no meſmo reynado o lobo morará com o cordeiro, e que o leaõ, como o boy, comerá palha: *Habitabit lupus cum agno, & leo quaſi bos comedet paleas.* Mas quem poderá conter a voracidade do lobo a que obſerve eſta abſtinencia, e a ferocidade, e gula real do leaõ a que ſe ſuſtente como o boy da eira, e naõ da montaria, e do boſque? A ley naõ póde ſer mais juſta, nem mais benigna; porque aſſaz indulgencia, e favor ſe faz ao leaõ, que paſſea, e naõ trabalha, em que coma igualmente á cuſta do boy o que elle puchando pelo arado, pela grade, pelo carro, e pela trilha, começou, e acabou com tanto trabalho. Mas como eſte máo foro eſtá taõ introduzido pelo coſtume, e taõ canonizado pelo tempo; que zelo, que força, e que reſoluçaõ haverá de Miniſtros taõ intrepidos, e conſtantes, que contra taõ poderoſos contrarios a pratique, a eſtabeleça, e a defenda? Aſſim que, ſenhora, deixando o muito, que ainda podéra dizer, e reſumindo o que tenho dito, nem ao credito do Rey, nem ao bem do Reyno, nem a vós, nem a voſſos filhos convém, que os lugares, que para elles pedis, ſe lhe concedaõ, e ainda que lhos deſſem ſem os pedir, os aceitem. Pelo que ſe o pezo de todas eſtas razoens tém comvoſco alguma authoridade, o meu conſelho, e parecer he, que vós meſma vos deſpacheis com o mais breve, mais facil, e mais ſeguro deſpacho, que he naõ deſejar, nem pertender, nem pedir.

Iſai. 11. 6. 7.

DIS-

DISCURSO XCVIII.

Tirado de hum sermaõ de S. Joaõ Euangelista prégado na Capella Real na festa do Principe D. Theodosio.

VALIDOS.

1042 CUidava eu, que só dos que seguem ao mundo, havia venturosos, e desgraçados. Part. 5. Num. 370. Tambem na santidade ha fortuna. S. Joaõ Bautista foy desgraçado com Reys. S. Joaõ Euangelista foy venturoso com Principes.

1043 A primeira boa parte, que eu reconheço em S. Joaõ para valido, he ser Euangelista. Os validos haõ de ser Euangelistas. O officio dos Euangelistas he dizer verdade, e os validos haõ de ter o dizer verdade por officio. Alguns homens tem havido Euangelistas, muitos homens tem havido validos; mas valido, e Euangelista juntamente só S. Joaõ o foy. A razaõ, ou semrazaõ disto he; porque os que saõ validos, naõ querem ser Euangelistas: e os que saõ Euangelistas, naõ chegaõ a ser validos. Só em S. Joaõ se ajuntaraõ estas duas propriedades, das quaes se compoem a mayor prerogativa sua. Sabeis qual he a mais singular prerogativa do Euangelista amado? He ser amado sendo Euangelista. Ordinariamente nas Cortes dos Principes os que contrafazem a verdade saõ os que grangeaõ o amor. Na Corte de Christo naõ he assim: os que tem por profissaõ ser verdadeiros, saõ os que tem por premio ser amados. O que importa, Senhor, he, que seja sempre assim. Num. 376.

Os amados ſejaõ ſó os Euangeliſtas : e quem naõ for Euangeliſta naõ ſeja amado.

Num 377. 1044 E qual he a razaõ porque os Euangeliſtas devem ſer os amados ? A razaõ he evidente ; porque o mayor merecimento para ſer amado he amar, e a mayor prova do amar he fallar verdade. Perguntou Dalila a Sanſaõ por tres vezes em que parte tinha vinculada ſua fortaleza , e que remedio podia haver para ſer vencido. Reſpondeo Sanſaõ a primeira vez, que ſe o ataſſem fortemente com nervos : a ſegunda vez, que ſe o ataſſem com cordas: a terceira vez, que ſe o ataſſem com os cabellos ; mas de todas as tres vezes rompeo elle com facilidade as ataduras. E que faria Dalila vendoſe aſſim enganada ? Queixouſe muito de Sanſaõ : diſſe que ſabia de certo, que a naõ amava , e fezlhe eſte argumento : *Quomodo dicis , quod amas me ? Per tres vices mentitus es mihi* :

Judic. 16. 15. Como dizes tu , Sanſaõ , que me amas , ſe me mentiſte tres vezes ? Bem tirada conſequencia : mentiſteme , logo naõ me amas. A conſequencia he clara ; porque amar he entregar o coraçaõ , mentir he encobrillo: bem ſe ſegue logo, que quem naõ falla verdade , naõ ama ; porque como ha de entregar o coraçaõ quem o encobre ? De maneira , que da verdade de cada hum pode julgar o Principe o ſeu amor ; com advertencia porém , que naõ deve eſperar como Dalila pela terceira mentira : *Per tres vices mentitus es mihi.* Pela primeira falſidade , em que o vaſſallo for achado , ha de cahir logo da graça do Principe, e cahir para ſempre. Parece demaſiado rigor ; porque a graça de Deos naõ ſe perde por qualquer mentira: bem pode hum homem naõ fallar verdade , e mais ficar em graça de Deos. Com tudo no Principe naõ he bem

bem que seja assim. Porque? Porque para Deos, que conhece os coraçoens, bem póde haver mentiras veniaes; mas para quem os naõ conhece, todas he bem que sejaõ mortaes, e que por todas se perca a graça. A graça consiste no amor: quem naõ falla verdade, naõ ama: logo onde se prova o desamor, bem he que se perca a graça. Percase a graça onde se provar o desamor, que he a mentira: ganhese a graça, onde se provar o amor, que he a verdade: e andem juntos como em Saõ Joaõ o titulo de Euangelista com o de amado.

1044 Naõ sou amigo de deixar duvidas na minha doutrina. Todos me estaõ pondo contra esta huma grande instancia. S. Mattheus, S. Marcos, S. Lucas tambem foraõ Euangelistas; com tudo naõ alcançaraõ privilegio de amados: logo S. Joaõ naõ foy amado por ser Euangelista: e se foy amado por Euangelista, qual he a mayor razaõ? A mayor razaõ he esta; porque S. Joaõ Euangelista, como notou S. Jeronymo, disse no seu Euangelho muitas cousas, que os outros Euangelistas deixaraõ de dizer: e dizer as verdades, que os outros dizem, naõ he acçaõ, que mereça singular amor; mas dizer as verdades, que os outros deixaõ de dizer, quem isto faz, merece ser singularmente amado. As verdades, que disse Saõ Mattheus, disse-as Saõ Marcos, disse-as Saõ Lucas: as verdades, que disse S. Marcos, disse-as S. Lucas, disse-as S. Mattheus: as verdades, que disse S. Lucas, disse-as Saõ Mattheus, disse-as Saõ Marcos. Mas muitas verdades, que disse S. Joaõ, naõ as disse S. Mattheus, nem S. Marcos, nem S. Lucas: elle só as disse. E quem sabe dizer as verdades, que todos os outros callaõ, elle só merece ser mais amado, que todos. Num. 378.

dos. Naõ ha de ſer o amado quem calla as verdades, que os outros dizem, ſenaõ quem diz as verdades, que os outros callaõ. Aſſim o fez Saõ Joaõ, e por iſſo foy o ſingularmente amado: *Diſcipulum, quem diligebat.*

Num. 379. 1045 A ſegunda qualidade de valido, que teve S. Joaõ, e a que admiro muito neſte grande Santo, he ſer hum valido, que ficou aſſim: *Sic eum volo manere.* Eſta he a meu ver huma das grandes excellencias do Euangeliſta, ſer hum valido, que ficou aſſim. Ser valido, e ficar logo de outra maneira, iſſo acontece a todos; mas ſer valido, e ficar aſſim como d'antes he ſingularidade de S. Joaõ.

1046 Huma das circunſtancias, em que reparo muito na creaçaõ do mundo, he formar Deos a Heva

Num. 380. do lado de Adaõ: naõ a podéra formar da cabeça para que fora entendida? Naõ a podéra formar das maõs, para que fora executiva? Naõ a podéra formar dos pés, para que fora diligente? Pois porque a fórma do lado? Porque o lado de Adaõ era a parte mais accommodada para o que Deos pertendia. Deos de huma pequena parte de Adaõ queria fazer ſubitamente huma Heva, que foſſe taõ grande como elle. Pois por iſſo a formou do lado, e naõ doutra parte; porque he propriedade dos lados creſcer muito em pouco tempo. Ainda agora coſta, e já Heva? Ainda agora huma parte taõ pequena do lado de Adaõ, e já taõ grande como o meſmo todo, de que era parte? Sim; porque a coſta era parte do lado de Adaõ. Adaõ era Principe univerſal de todo o creado: e naõ ha couſa, que mais creſça, nem mais depreſſa, que os lados dos Principes. Vejaſe em Joſeph com ElRey Faraó: vejaſe em Aman com ElRey Aſſuero,

ſuero: vejaſe em Daniel com ElRey Dario. E que ſendo taõ natural o creſcer nos lados dos Principes, que S. Joaõ, que era o lado do mayor Principe do mundo, naõ trataſſe de accreſcentamento, e ſe deixaſſe ficar aſſim: *Sic eum volo manere*? Grande excellencia do Euangeliſta!

1047 Tres couſas ha neſte mundo, que ſempre creſcem, e nunca ficaõ aſſim: huma faz a natureza, outra faz a graça, outra faz a fortuna. A natureza as palmas: a graça os Santos: a fortuna os validos. Eſta he a eſtatura das palmas alentadas pela natureza: eſta he a eſtatura dos Santos inſpirados pela graça: e eſta he a eſtatura dos validos aſſoprados pela fortuna. Eſtatura, que por mais creſcida, e por mais remontada até ás nuvens que a vejamos, ſempre creſce mais, e mais. E ſe naõ lembraivos dos tres, que agora dizia. Deo Jacob por bençaõ a Joſeph, que creſceſſe ſempre: *Filius accreſcens Joſeph, filius accreſcens.* E onde ſe cumprio eſta bençaõ? Na privança, e valimento de Faraó. Aman, graõ privado de Aſſuero, até o dia, em que acabou, creſceo; e porque naõ teve mais para onde creſcer, acabou. Pareceo deſgraça, e foy natureza, qae aſſim acontece á palma, ou creſcer, ou acabar. Daniel na privança de Dario tendo ſubido a ſer hum dos tres ſupremos Principes de toda a Monarchia, ainda o Rey queria que creſceſſe mais, e que foſſe elle ſó ſobre todos. *Porro Rex cogitabat conſtituere eum ſuper omne Regnum.*

Num. 381.

Genes. 6. 4.

Daniel. 4.

1048 Naõ ſei que influencias tem o lado do Principe, que em todo eſte elemento, em que vivemos, naõ ha parte taõ fertil, e taõ fecunda, como aquelles dous pés de terra: tudo alli ſe dá, tudo alli medra, tudo alli creſce. Creſcem os parentes, os amigos,

gos, os criados: creſcem as honras, os poſtos, os titulos: creſce a caſa, a fazenda, o regalo: creſce o poder, o dominio, o reſpeito, a adoraçaõ, e ſobre tudo creſce a eſtatura dos meſmos adorados. Hontem pygmeos, hoje homens, á manhã gigantes, o outro dia coloſſos. Peza-me deſta ultima comparaçaõ; porque quando lhe acreſcentei a grandeza, lhe tirei a alma. Naõ aſſim o mayor valido do mayor Principe S. Joaõ: *Sic eum volo manere.*

Num. 383. 1049 A terceira qualidade admiravel, que reſplandece no Euangeliſta, foy ſer hum valido, que fez do ſegredo ignorancia. Hum dos argumentos de ſeu valimento, que S. Joaõ allega neſte Euangelho, foy perguntar a Chriſto: *Quis eſt qui tradet te?* Quem era o traidor, que o havia de entregar? Reſpondeolhe o Senhor, que era Judas: e accreſcenta o Euangeliſta: *Hoc autem nemo ſcivit diſcumbentium*: Que iſto ninguem o ſoube dos que eſtavaõ á meſa: logo naõ o ſoube o meſmo Joaõ, que era hum dos que eſtavaõ a ella? He conſequencia de Santo Agoſtinho. Pois ſe Chriſto o diſſe a S. Joaõ, como he poſſivel, que S. Joaõ o naõ ſoubeſſe? Claro eſtá que o ſoube: pois ſe o ſoube Saõ Joaõ, como diz, que o naõ ſoube? *Hoc autem nemo ſcivit.* A razaõ he eſta; porque o que Chriſto diſſe a Saõ Joaõ, diſſelho em ſegredo, e S. Joaõ o que ſabe em ſegredo, naõ o ſabe. Nos outros homens o ſaber em ſegredo he ſaber, em Saõ Joaõ o ſaber em ſegredo he ignorar: *Nemo ſcivit.* Nenhum ſegredo he ſegredo perfeito, ſenaõ o que paſſa a ſer ignorancia; porque o ſegredo, que ſe ſabe, pódeſe dizer; o que ſe ignora, naõ ſe póde manifeſtar. Eſta he a cauſa de os homens commummente naõ ſaberem guardar ſegredos; por-

Jo. n. 2. v. 20.

Joan. 13. 28.

porque encommendaõ o ſegredo á memoria, ſendo que o haviaõ de encommendar ao eſquecimento. O ſegredo encommendado á memoria corre perigo: o ſegredo encommendado ao eſquecimento eſtá ſeguro. A razaõ he; porque o ſegredo encommendado á memoria he cautela, e o que ſe guarda com cautela, podeſe perder: o ſegredo encommendado ao eſquecimento he ignorancia, e o que ſe ignora totalmente, naõ ſe pode manifeſtar: logo o perfeito ſegredo he ſó o que chega a ſer ignorancia. E tal era o de Saõ Joaõ: *Hoc autem nemo ſcivit diſcumbentium.*

1049 Ainda naõ eſtá encarecido o fino do ſegredo de S. Joaõ. Foy taõ eſcrupuloſo valido em materias de ſegredo, que nem quiz dizer os ſegredos, que lhe diſſeraõ, nem quiz dizer, que lhe diſſeraõ ſegredos. Que os perguntara, ſim, que lhos diſſeraõ, naõ. Naõ dizer hum homem o ſegredo, que ſabe, he muito; mas naõ dizer, que ſabe o ſegredo, he muito mais. Porque? Porque naõ dizer o ſegredo, que ſabe, he guardar ſegredo ás couſas; mas naõ dizer, que ſabe o ſegredo, he guardar ſegredo ao ſegredo. S. Joaõ guardou ſegredo ás couſas, porque naõ diſſe, quem era o traidor, e guardou ſegredo ao ſegredo, porque naõ diſſe, que lhe deſcobriraõ quem era. Que muito logo, que ſendo taõ ſecretario S. Joaõ, foſſe taõ valido! *Diſcipulum, quem diligebat Jeſus.* Num. 385.

1050 A quarta, e ultima boa parte, que admiro em Saõ Joaõ, he ſer valido, que quiz a graça por amor da graça. Logo me explicarei mais. No Sacramento da Euchariſtia deixou Chriſto as fontes de ſua graça; mas he muito de reparar, que naõ quiz Chriſto, que ficaſſe alli a ſubſtancia do paõ. Fundo o re- Num. 386.

o reparo. Menos milagres eraõ neceſſarios para eſtar o corpo de Chriſto, e a ſubſtancia de paõ juntamente, que para eſtar o corpo de Chriſto ſem a ſubſtancia de paõ. Pois ſe com menos milagres ſe podia fazer cabalmente o myſterio, Deos, que ſempre acurta milagres, porque naõ quiz, que ficaſſe a ſubſtancia do paõ no Sacramento? Eu naõ vos direi a verdadeira razaõ, mas dirvoshei huma moralidade muito verdadeira. Todos os Sacramentos ſaõ inſtrumentos da graça, e eſte de mais graça que todos: e naõ quiz Chriſto, que a graça ſe déſſe junta com o paõ, nem que o paõ andaſſe junto com a graça. O mayor abuſo, e o mayor riſco, que tem a graça dos Principes, he andarem o paõ, e a graça juntos. Se no altar ſe dera o paõ a moyos, ainda que naõ fora conſagrado, muitas communhoens ſe haviaõ de fazer por amor do paõ, que ſenaõ fazem por amor da graça. Querer a graça por amor da graça he devoçaõ, querer a graça por amor do paõ he fome. Por iſſo ha tantos famintos, ou tantos esfaimados da graça. Todos querem ſer cheyos de graça; mas naõ de graça vazia: *Gratia Dei in me vacua non fuit*, dizia S. Paulo em bem mais honrado ſentido.

1. Cor. 14. 10.

1051 A graça ha de ſer para vós encheres as obrigaçoens da graça, e naõ para a graça vos encher a vós, ou vós vos encheres com ella. Entaõ ſeria a graça menos cuſtoſa a quem a dá, e mais bem avaliada em quem a logra. Por iſſo Chriſto naõ quiz, que o paõ andaſſe junto com a graça. Mas porque os omnipotentes do mundo naõ fazem eſta ſeparaçaõ, como poderaõ ſem grande milagre, chegou a graça a tranſubſtanciarſe tanto no paõ, que ninguem buſca já a graça por amor da graça, ſenaõ a graça por amor do paõ,

paõ, e pela medida do paõ, ou pelo paõ sem medida se avalia a graça. Porque tem hoje mais paõ, que todos, quem hontem naõ tinha hum paõ? Porque está mais na graça, que todos. Oh que grosseria taõ grande! Mas que bem acudio Christo a este inconveniente. No mesmo Sacramento ainda que naõ está paõ quanto á substancia, está paõ quanto aos accidentes; porém a graça naõ se mede com o paõ. Muitas vezes quem communga huma hostia muito grande, leva pouca graça, e quem communga huma particula muito pequena, leva muita graça: para que entendaõ os homens, que a graça naõ se deve medir com o paõ.

1052 Oh que bem governado andaria o mundo se vissemos pobres de paõ os que vemos ricos da graça! Quem conquista a graça pela graça, contentase com o coraçaõ. Vejase no nosso Euangelista. Conquistou a graça de Christo, e veyese a rematar a conquista em que? Em lhe render Christo o coraçaõ: *Recubuit supra pectus ejus.* Muito estimou S. Joaõ o coraçaõ do seu Principe; mas estimou-o, porque se lhe rendeo, e naõ porque lhe rendia. O coraçaõ do Principe hase de estimar pelo rendimento, e naõ pelas rendas: hase de estimar nelle o rendido, e naõ o rendoso. Só Saõ Joaõ soube estimar a graça do Principe, como se ha de estimar: a graça por amor da graça, e nada mais. E como em S. Joaõ havia tantas qualidades de amante, e taõ grandes partes de valido, que muito que o amasse tanto o Principe da gloria Christo! *Discipulum, quem diligebat, qui recubuit supra pectus Domini.* Num. 387. Num. 391.

DIS-

DISCURSO XCIX.

Tirado de hũ ſermaõ do Santiſſimo Sacramento prégado em Santa Engracia á Nobreza de Portugal no tempo, em que eſte Reyno tinha guerra com Caſtella, ſendo mayor a que fazia ao meſmo Reyno a diſcordia, que neſſa occaſiaõ havia entre os Fidalgos.

UNIAM.

Part. 7. Num. 111.

1051 AS obras da natureza, e as da arte todas ſe conſervaõ, e permanecem na ũniaõ, e todas na deſuniaõ ſe desfazem, ſe deſtruem, e ſe acabaõ. Eſta machina taõ bem compoſta do mundo com ſer obra do braço omnipotente, que he o que a ſuſtenta, e a conſerva, ſenaõ a perpetua, e a conſtante uniaõ de ſuas partes? Naõ vemos o cuidado vigilantiſſimo, com que a natureza anda ſempre em vella ſobre eſte ponto principal de ſua conſervaçaõ, violentandoſe a ſi meſma, (ſe he neceſſario) e fazendo ſubir os corpos pezados, e deſcer os leves ſó para impedir os damnos daquella deſuniaõ, a que os Filoſofos chamaõ vacuo? Seis mil annos ha que dura o univerſo ſem ſe ſentir, nem ver nelle o menor final de deſuniaõ, e por iſſo dura tanto: e quando finalmente chegar ſeu fim, a falta, ou a rotura deſta uniaõ ſerá o ultimo paroxiſmo, de que ha de morrer o mundo. Eſſe foy o penſamento do graõ Principe da Igreja S. Pedro, o qual chamou ao fim do mundo deſuniaõ do univerſo: e para dizer, que

que todas as cousas se haõ de acabar, disse que todas se haõ de desunir: *Cum igitur hæc omnia dissolvenda sint.* Toda a vida (ainda das cousas, que naõ tem vida) naõ he mais que huma uniaõ. Huma uniaõ de pedras he edificio: huma uniaõ de taboas he navio: huma uniaõ de homens he exercito, e sem esta uniaõ tudo perde o nome, e mais o ser. O edificio sem uniaõ he ruina: o navio sem uniaõ he naufragio: o exercito sem uniaõ he despojo. Até o homem (cuja vida consiste na uniaõ da alma, e corpo) com uniaõ he homem, sem uniaõ he cadaver. A mayor obra da sabedoria, e da omnipotencia divina, que foy o composto ineffavel de Christo, consistia em duas unioens: huma uniaõ entre o corpo, e a alma, e outra uniaõ entre a humanidade, e o Verbo. Quando perdeo a primeira uniaõ, deixou de ser homem; se perdera a segunda, deixara de ser Deos. Oh Deos! Oh homens! que só a vossa uniaõ vos ha de conservar, e só a vossa desuniaõ vos póde perder. Petr. 2. 3. 11.

1054 Perdeose a nossa estatua de Nabuco, (que bem lhe podemos chamar nossa, pois nos servimos tanto della) vejamos quem a perdeo. Estava ella em pé, robusta, ufana, e soberba, promettendose duraçaõ eterna na riqueza, na formosura, e na dureza dos metaes, de que era composta: arrancase huma pedra do monte, tocalhe nos pés de repente, e no mesmo ponto cahio a estatua, desappareceraõ os metaes, e naõ ficaraõ della, e delles mais que o lugar e as cinzas. Notavel caso; mas mais notavel o tiro! Sei eu, que a pedra de David foy direita a cabeça do Gigante. Pois se a pedra do Gigante tirou á cabeça, a da estatua porque tira aos pés? Naõ vos lembra, que nos pés da estatua estava a desuniaõ entre o bar- Num. 112.

barro, e o ferro? Pois por iſſo o tiro ſe encaminhou aos pés, e naõ a outra parte, porque aonde havia a deſuniaõ, alli eſtava certa a ruina. Nos corpos inteiros, e unidos, como era o Gigante, o melhor tiro he a cabeça; mas em corpos, onde ha deſuniaõ, como era o da eſtatua, o mais ſeguro tiro he ao deſunido, ainda que ſejaõ os pés.

Num. 113. 1055 E adverti, que naõ ſaõ neceſſarias muitas deſunioens para huma total ruina. Unido eſtava o ouro, unida eſtava a prata, unido eſtava o bronze, e ainda o meſmo ferro em parte eſtava unido; mas baſtou huma ſó deſuniaõ para dar com tudo em terra. Faça cada hum muito eſcrupulo da ſua deſuniaõ, porque póde ſer, que della dependa ou a ruina, ou a conſervaçaõ da eſtatua. Cuida a providencia politica, que os Reynos ſe conſervaõ com ferro, e com bronze, e ſobre tudo com ouro, e com prata, e he engano. O que ſuſtenta, e conſerva os Reynos, he a uniaõ. Muito ferro, e muito bronze, muito ouro, e muita prata tinha a eſtatua, mas porque lhe faltou a uniaõ, naõ lhe ſerviraõ de mais todos eſſes metaes bellicos, e ricos, que de accreſcentar mayor pezo para a cahida. Ainda naõ tenho dito a mayor admiraçaõ. O ouro, e a cabeça ſignificavaõ o Imperio dos Aſſyrios: a prata, o peito, e os braços ſignificavaõ o Imperio dos Perſas: o bronze da cintura até o joelho ſignificava o Imperio dos Gregos: o ferro do joelho até os pés ſignificava o Imperio dos Romanos, e baſtou huma ſó deſuniaõ para derrubar, e desfazer quatro Imperios dos mais valentes, dos mais poderoſos, dos mais ſabios, e dos mais bem governados homens do mundo. Se quatro Imperios com huma ſó deſuniaõ ſe arruinaõ, e acabaõ, hum Reyno, e naõ

naõ muito grande, dividido em muitas desunioens, que se póde temer delle?

1056 Ainda falta, que ponderar, e he a coroa de tudo. A pedra, que fez aquelle tiro fatal, com que de hum golpe obrou tamanho estrago, que maõ, e que impulso foy o que a atirou? Oh caso estupendo, e inaudito! *Abscisus est lapis sine manibus*. Ninguem poz a maõ na pedra, ella por si se despegou, cahio, e rodou do monte, e desfez o que desfez. Aqui vereis quaõ facil he a ruina, e quaõ aparelhada está onde ha desuniaõ. Para derrubar hum Reyno, e muitos Reynos, onde ha desuniaõ, naõ saõ necessarias batarias, naõ saõ necessarios canhoens, naõ saõ necessarios trabucos, naõ saõ necessarias balas, nem polvora; basta huma pedra: *Lapis*. Num. 1143. Dan. 2. 45.

1057 Para derrubar hum Reyno, e muitos Reynos, onde falta uniaõ, naõ saõ necessarios exercitos, naõ saõ necessarias campanhas, naõ saõ necessarias batalhas, naõ saõ necessarios cavallos, naõ saõ necessarios homens, nem hum homem, nem hum braço, nem huma maõ: *Sine manibus*. Nós temos muito boas maõs, e o sabem muito bem nossos competidores; mas se naõ tivermos uniaõ, nem elles haveraõ mister maõs para nós, nem a nós nos haõ de valer as nossas.

1058 Imperando Galerio Maximiano em Roma, e conhecendo por muitas experiencias, que huma Monarchia taõ vasta naõ podia ser governada por hum só homem, (o que já tinha anteviſto o mesmo Julio Cesar seu fundador, quando lhe definio certos limites) determinou dividilla em duas partes, e duas cabeças, como com effeito a dividio em dous Imperadores, e dous Imperios, hum chamado Occidental, Part. 11. Num. 45.

tal, de que continuou a ſer cabeça Roma, outro chamado Oriental, de que começou a ſer cabeça Conſtantinopla: e foraõ os dous novos Imperadores, do Occidente Severo, e do Oriente Maximino.

Num. 46. 1059 Por eſta occaſiaõ a Aguia inſignia das bandeiras Romanas, que até entaõ tinha huma ſó cabeça, começou a apparecer com duas, como hoje a vemos, poſto que he mais facil copiar o pintado, que reſtaurar o verdadeiro. E como a diviſaõ em todas as communidades de homens, e de coroas he indicio fatal de declinaçaõ, e ruina, aſſim o foy no Imperio, e Aguia Romana a diviſaõ daquellas duas cabeças.

1060 Já o Profeta Daniel o tinha moſtrado na meſma diviſaõ naõ das cabeças da Aguia, ſenaõ dos pés da eſtatua. Na eſtatua de Nabucodonoſor formada das quatro Monarchias, ou Imperios, que ſucceſſivamente haviaõ de florecer no mundo, a cabeça de ouro ſignificava o Imperio dos Aſſyrios, o peito de prata o Imperio dos Perſas, o ventre de bronze o Imperio dos Gregos, e o reſto de ferro até os pés o Imperio dos Romanos. E porque baſtou, que tocaſſe os meſmos pés huma pedra arrancada do monte ſem maõs, para que cahiſſe toda a eſtatua, e o meſmo Imperio Romano, e as outras Monarchias, que nelle por ſucceſſaõ ſe continuavaõ, ficaſſem convertidas em pó? Porque naquelles dous pés divididos entre ſi, e cada pé dividido em cinco dedos, e cada dedo dividido em ferro, e barro, teve o ſeu ultimo complemento a diviſaõ do Imperio Romano. E aſſim como nas duas cabeças da Aguia, em que começou a diviſaõ do meſmo Imperio, começou a ſua declinaçaõ, aſſim na diviſaõ dos dous pés da eſtatua, em que teve o ultimo complemento a ſua diviſaõ, teve tam-

tambem o ultimo fim a sua ruina. De sorte que a roda da fortuna do Imperio Romano na divisaõ das duas cabeças da Aguia começou a voltar, e na divisaõ dos dous pés da estatua acabou a volta.

DISCURSO C.

Tirado de hum sermaõ de S. Gonçalo.

VELHICE.

1061 AS cans, que no sacerdocio saõ os esmaltes da coroa, e na prelazia o ornamento da dignidade, naõ poucas vezes desmentem o que as mesmas cans significaõ. Saõ como as neves, de que sempre está cuberto o monte Etna, debaixo das quaes se ocultaõ volcoens, e incendios: saõ como as que o divino Mestre chamou sepulturas cayadas: *Sepulchra dealbata*: brancas por fóra, e corrupçaõ por dentro. As verdadeiras cans, diz o Espirito Santo, saõ o juizo sizudo, e naõ consiste a velhice na cor dos cabellos, senaõ na pureza da vida: *Cani autem sunt sensus hominis, & ætas senectutis vita immaculata.* Os melhores cabellos, e a peyor cabeça, que nunca houve, foy a de Absalaõ: os cabellos vendiaõse a pezo de ouro, e a cabeça nenhum pezo tinha. Mais lhe tomara eu o chumbo na testa, que o ouro na gadelha. Tambem ha cabellos, que parecem de ouro, e saõ de prata sobredourada, e isto he o peyor, que tem as cans, poderemse tingir. Naõ assim os cabellos negros, que naõ admittem outra cor. Por isso a pastora das Eclogas de Salamaõ o que louvou nos cabellos de seu pastor, foy serem da cor do corvo: Part. 5. Num. 267. Matth. 23. 27. Sap. 4. 8. 9

Cant. 11. *Comæ ejus ſicut elatæ palmarum, nigræ quaſi corvus.*

1062 As arvores, que naõ mudaõ a folha, taõ verdes ſaõ de poucos annos, como de muitos; mas quanto com mayor indecencia ſe devem eſtranhar nos velhos as verduras, tanto he digna de mayor veneraçaõ nos moços a madureza. As batalhas da razaõ com os annos he huma guerra, em que reſiſtem mais os poucos, que os muitos. Deixaremſe vencer da razaõ os muitos annos naõ he muito; mas deixaremſe vencer, e convencer os poucos grande poder da razaõ! Seguiremſe aos annos os deſenganos he fazer o tempo o que faz o tempo; mas anticiparemſe os deſenganos aos annos he fazer a razaõ o que o tempo havia de fazer.

Num. 489

Num. 488.

1063 Queixavaſe Marco Tullio, que ſendo os homens racionaes, podéſſe mais com elles o decurſo do tempo, que o diſcurſo da razaõ. Que naõ baſtaſſem noventa annos para dar ſizo a Heli, e que baſtaſſem deſoito annos para fazer ſizudo a Samuel? O que grande victoria da razaõ contra a ſemrazaõ do tempo! Huma velhice enganada he a mayor ſemrazaõ do tempo: huma mocidade deſenganada he a mayor victoria da razaõ. Que naõ corte os cabellos Sara depois de pentear deſenganos, e que os cabellos de Abſalaõ na idade de ouro ſintaõ os rigores do ferro! Que enxugue a Magdalena as lagrimas dos pés de Chriſto com os cabellos, mas que os naõ corte, e que haja outra Maria, que ponha aos pés de Chriſto os cabellos cortados com os olhos enxutos! Que Jacob na primavera dos annos enterre a ſua Rachel he inconſtancia da vida; mas que Rachel na primavera da vida ſe ſepulte a ſi meſmo: grande valor da razaõ!

1. Reg. 31

1064 A

1064 A velhice he o horizonte da vida, e da morte, o horizonte, onde ſe ajunta a terra com o Ceo, e o tempo com a eternidade, que reſoluçaõ póde haver mais bem aconſelhada, e mais digna da madureza de humas cans, que dedicar á contemplaçaõ da meſma eternidade aquelles poucos dias, e incertos, que póde durar a vida? Notou judicioſamente Seneca, que de todos os outros generos de morte, ſendo tantos, e taõ varios, póde haver eſperança de eſcapar, ſó a morte, que traz comſigo, ou apoz de ſi a velhice, he morte ſem eſperança. Mata a doença, mata o incendio, mata o naufragio, mata a eſpada, mata a ſeta ou deſcuberta, ou atraiçoada; mas de todos eſtes generos de morte muitos eſcaparaõ, ſó da morte da velhice ninguem eſcapou: *Alia genera mortis ſpei miſta ſunt, nihil habet quod ſperet quem ſenectus ducit ad mortem.* E ſendo taõ deſeſperada eſta eſperança, mais dignas ſaõ para mim de admiraçaõ as noſſas velhices, pois nos naõ deſenganamos com ellas. Quanto mais temos vivido neſte mundo, tanto mais amamos o meſmo mundo, e a meſma vida, e quanto mais ſaõ os annos, que contamos, tanto mais ſaõ as raizes, com que eſtamos pegados á terra. Num. 283.

FINIS. LAUS DEO.

69-580
Rosenthal
Jan. '69

CA-746
V658v
v. 2